

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA

DEIZE CRESPIM PEREIRA

**Variação e mudança no uso dos pronomes reflexivos no português
popular da capital paulista: Uma abordagem funcionalista e
cognitivista**

São Paulo
2007

DEIZE CRESPIM PEREIRA

Variação e mudança no uso dos pronomes reflexivos no português popular da capital paulista: Uma abordagem funcionalista e cognitivista

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Angela Cecília de Souza Rodrigues

São Paulo
2007

FOLHA DE APROVAÇÃO

Deize Crespim Pereira

Variação e mudança no uso dos pronomes reflexivos no português popular da capital paulista:
Uma abordagem funcionalista e cognitivista

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo, para obtenção do título de Doutor
em Letras.

Área de Concentração: Filologia e Língua
Portuguesa

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

A Rui Evangelista, com amor, pelo apoio e incentivo que me deu para a concretização desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Angela Cecília de Souza Rodrigues, com carinho, pela orientação, atenção, dedicação e incentivo.

Ao grupo de estudo sobre Linguística Funcional e Linguística Cognitiva, aplicadas ao estudo da língua portuguesa, popularmente conhecido como “grupo dos duvidosos”, do qual tive a honra de participar (Celso Massato Kobashi, Dayane Cristina Pal, José Simões, Verena Kewitz, Alessandra Castilho Ferreira da Costa).

A todas as pessoas que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização desta pesquisa.

RESUMO

PEREIRA, D. C. **Variação e mudança no uso dos pronomes reflexivos no português popular da capital paulista: Uma abordagem funcionalista e cognitivista.** 2007. 350f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

A presente pesquisa tem por objetivo uma análise dos pronomes reflexivos no português popular falado na cidade de São Paulo. Partimos da hipótese principal de que estes pronomes, de uso variável no português popular, encontram-se em pleno processo de mudança, em direção ao seu desaparecimento. Procuraremos, sobretudo, observar as maneiras pelas quais esta provável mudança se processa, e identificar os fatores lingüísticos, cognitivos e sociais que favorecem ou desfavorecem seu desenvolvimento, tomando por base os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolingüística Variacionista Laboviana, da Lingüística Funcional e da Lingüística Cognitiva.

Palavras-chave: Pronomes reflexivos. Variação lingüística. Português Popular. Sociolingüística. Lingüística Funcional. Lingüística Cognitiva.

ABSTRACT

PEREIRA, D. C. Variation and change in the use of reflexive pronouns in Popular Portuguese spoken in the city of São Paulo: A functionalist and cognitivist approach.

2007. 350f. Thesis (Doctoral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

This research presents an analysis of reflexive pronouns in Popular Portuguese spoken in the city of São Paulo. Our main hypothesis is that these pronouns, which show variable use in Popular Portuguese, are in a process of change towards its extinction. Our goal is to observe the ways in which this probable change takes place, and identify the linguistic, cognitive, and social factors that favor or disfavor its development, using the theoretic and methodological tools of Labovian Variationist Sociolinguistics, Functional Linguistics, and Cognitive Linguistics.

Keywords: Reflexive pronouns. Linguistic variation. Popular Portuguese. Sociolinguistics. Functional Linguistics. Cognitive Linguistics.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Padrões de mudança do indivíduo e da comunidade (LABOV, 1994).....	48
Quadro 2: Funções semânticas do 1º, 2º e 3º argumentos (DIK, 1989).....	72
Quadro 3: Sistemas e Categorias Esquemáticas usadas na presente pesquisa (TALMY, 2003a,b).....	111
Quadro 4: Relações entre os níveis semântico e superficial (i.e. tipos de lexicalização) (TALMY, 2003b).....	112
Quadro 5: Atributos do Subject e do Self (LAKOFF, 1996).....	159
Quadro 6: Índice de supressão de clíticos anafóricos (NUNES, 1995).....	187
Quadro 7: Classes verbais semanticamente médias (KEMMER,1993).....	200
Quadro 8: Parâmetros de transitividade (HOPPER; THOMPSON, 1980).....	215
Quadro 9: Propriedades que determinam o grau de individuação do objeto (HOPPER; THOMPSON, 1980).....	217
Quadro 10: Fatores selecionados como significativos pelo programa estatístico.....	244

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Índice geral de realização/não realização do pronome.....	238
Tabela 2: Número de ocorrências conforme a forma da anáfora.....	239
Tabela 3: Presença x ausência de generalização de <i>se</i>	242
Tabela 4: Frequência de realização de acordo com o tipo de pronome reflexivo.....	253
Tabela 5: Frequência e peso relativo de realização de acordo com o tipo de pronome reflexivo (<i>corpus</i> de 1986-7).....	254
Tabela 6: Frequência e peso relativo de realização de acordo com o tipo de pronome reflexivo (<i>corpus</i> de 1997-2001).....	255
Tabela 7: Frequência e peso relativo de realização segundo a classe semântica do verbo.....	267
Tabela 8: Frequência e peso relativo de realização de acordo com o tipo de evento causativo (<i>corpus</i> de 1986-7).....	277
Tabela 9: Frequência e peso relativo de realização de acordo com o tipo de evento causativo (<i>corpus</i> de 1997-2001)	277
Tabela 10: Frequência e peso relativo de realização conforme a presença/ausência da metáfora da divisão da psique	279
Tabela 11: Frequência e peso relativo de realização conforme a presença/ausência de dinâmica de força.....	288
Tabela 12: Frequência e peso relativo de realização de acordo com a natureza do evento.....	293
Tabela 13: Frequência e peso relativo de realização conforme o domínio do evento.....	297
Tabela 14: Frequência e peso relativo de realização conforme a função sintática da forma anafórica (<i>corpus</i> de 1986-7).....	304

Tabela 15: Frequência e peso relativo de realização conforme a função sintática da forma anafórica (<i>corpus</i> de 1997-2001).....	304
Tabela 16: Frequência e peso relativo de realização de acordo com o estatuto gramatical do pronome (BORBA, 1991)	311
Tabela 17: Frequência e peso relativo de realização conforme o paralelismo (<i>corpus</i> de 1986-7).....	316
Tabela 18: Frequência e peso relativo de realização conforme o paralelismo (<i>corpus</i> de 1997-2001).....	316
Tabela 19: Frequência e peso relativo de realização segundo a pessoa do discurso.....	318
Tabela 20: Frequência e peso relativo de realização segundo a polaridade.....	320
Tabela 21: Frequência e peso relativo de realização de acordo com o status informacional.....	330
Tabela 22: Frequência e peso relativo de realização segundo a procedência do informante (<i>corpus</i> de 1986-7).....	331
Tabela 23: Frequência de realização segundo a procedência do informante (<i>corpus</i> de 1997-2001)	332
Tabela 24: Frequência e peso relativo de realização segundo a escolaridade do informante (<i>corpus</i> de 1986-7)	333
Tabela 25: Frequência e peso relativo de realização segundo a favela onde reside o informante (<i>corpus</i> de 1986-7)	334
Tabela 26: Frequência e peso relativo de realização segundo a favela onde reside o informante (<i>corpus</i> de 1997-2001)	335
Tabela 27: Frequência de realização conforme a idade do informante.....	337

SUMÁRIO

0. INTRODUÇÃO.....	14
1. A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA LABOVIANA.....	18
1.1 Conceitos Iniciais.....	18
1.2 Teoria sociolingüística ou teoria da mudança.....	20
1.3 Questões gerais para o estudo da mudança lingüística	21
1.4 Os estágios da mudança lingüística	24
1.5 Causas da mudança.....	27
1.6 A origem e a difusão da mudança: fatores externos.....	28
1.7 Fatores internos: estruturais e mecânicos x funcionais.....	37
1.8 Presente & passado: Princípio da Uniformidade.....	44
1.9 Metodologia para o estudo da mudança lingüística em progresso: análise quantitativa em tempo real e em tempo aparente.....	46
2. A GRAMÁTICA FUNCIONAL DE DIK (1989, 1997).....	52
2.1 Pressupostos gerais.....	52
2.2 Termos, predicados e estruturas de predicados.....	56
2.3 Formação de predicados.....	59
2.4 Funções semânticas, sintáticas e pragmáticas.....	65
2.4.1 Funções semânticas.....	66
2.4.2 Funções sintáticas	73
2.4.3 Funções pragmáticas.....	78
2.4.3.1 Tópicos.....	79

2.4.3.2 Foco e Focalidade.....	82
2.5. Referência, anáfora e pronomes pessoais.....	83
2.5.1 Referência.....	83
2.5.2 Anáfora.....	86
2.5.3 Pronomes pessoais.....	95
2.6 Gramática e cognição.....	98
3. A LINGÜÍSTICA COGNITIVA.....	105
3.1 Conceitos iniciais.....	105
3.2 Estrutura Configuracional: Partição da cena e Personalização.....	117
3.3 Distribuição de atenção: Figura/Fundo, Frame, Valência e Voz	127
3.4 Causação: Agente, Autor, Instrumento e “Undergoer”.....	137
3.5 Dinâmica de força: “Agonist”/Antagonista e a metáfora da divisão da psique.....	149
4. O PRONOME REFLEXIVO NA LITERATURA LINGÜÍSTICA.....	172
4.1 Observações preliminares	172
4.2 Funções semânticas e sintáticas do pronome reflexivo no português e percurso diacrônico.....	173
4.3 Tendências de mudança.....	183
4.4 Fatores lingüísticos e sociais condicionantes da variação.....	192
4.4.1 Tipo de <i>se</i>	193
4.4.2 Tipo de verbo, grade temática do verbo, item lexical e papel semântico do sujeito.....	209
4.4.3 Estatuto gramatical do pronome e transitividade.....	211
4.4.4 Preservação da informação	218
4.4.5 Escolaridade, Idade, Sexo e Local de residência do informante	222

5. O CORPUS SOB ANÁLISE.....	224
5.1 Caracterização social dos informantes.....	224
5.2 Metodologia empregada na coleta de dados.....	225
5.3 O português popular: aspectos históricos e sociais	227
6. ANÁLISE DOS DADOS.....	231
6.1 Critérios para a seleção de ocorrências.....	231
6.2 Primeiras observações sobre os dados.....	238
6.3 FATORES SEMÂNTICOS.....	245
6.3.1 Tipo de pronome reflexivo (Rodrigues; Pereira, 2006).....	245
6.3.2 Classe semântica do verbo (Kemmer, 1993)	256
6.4 FATORES SEMÂNTICO-COGNITIVOS.....	270
6.4.1 Tipo de evento causativo (Talmy, 2003a,b).....	270
6.4.2 Divisão da psique (Lakoff, 1996)	279
6.4.3 Dinâmica de força (Talmy, 2003a,b).....	286
6.4.4 Natureza do evento conforme o número de participantes.....	289
6.4.5 Domínio do evento.....	295
6.5 FATORES SINTÁTICOS.....	298
6.5.1 Função sintática da forma anafórica.....	298
6.5.2 Estatuto gramatical do pronome (Borba, 1991)	308
6.5.3 Paralelismo.....	313
6.5.4 Pessoa do discurso.....	317
6.5.5 Polaridade.....	320
6.6 FATORES DISCURSIVOS.....	324
6.6.1 Status informacional do referente	324

6.7 FATORES SOCIAIS.....	331
6.7.1 Procedência.....	331
6.7.2 Escolaridade.....	333
6.7.3 Favela.....	334
6.7.4 Idade	337
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	339
REFERÊNCIAS.....	342

0. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é estudar a variação e possível mudança em curso no uso dos pronomes reflexivos no português popular falado na cidade de São Paulo. Trata-se de um estudo sociolinguístico, funcionalista e cognitivista que busca comprovar, ou refutar, a tese de mudança, bem como identificar os fatores linguísticos, cognitivos e sociais que favorecem ou desfavorecem seu desenvolvimento.

As hipóteses de partida que orientam o presente estudo são as seguintes:

- (i) os falantes da variedade popular tenderiam a não utilizar sistematicamente o pronome reflexivo, nos contextos em que a gramática normativa o prescreve;
- (ii) a variação entre realização x não-realização do pronome não seria aleatória, mas condicionada por fatores linguísticos, cognitivos e sociais;
- (iii) a análise da variação entre realização x não-realização do pronome, em tempo real e em tempo aparente, evidenciaria uma tendência de mudança que levaria ao seu desaparecimento na gramática destes falantes;

- (iv) a generalização do pronome *se* para todas as pessoas do discurso, já apontada por outros estudos, tenderia a ocorrer mais fortemente na 1ª pessoa do plural do que na 1ª pessoa do singular (cf. RODRIGUES; PEREIRA, 2004, 2006);
- (v) haveria instâncias de hipercorreção nas estruturas utilizadas pelo falante popular;
- (vi) os falantes empregariam outras estratégias, além do uso do pronome reflexivo *se*, para veicular a noção de reflexividade, reciprocidade ou passividade.

O trabalho está dividido em sete partes. Os três primeiros capítulos discorrem sobre os pressupostos teórico-metodológicos, os quais são fornecidos pela Sociolinguística Variacionista Laboviana, Linguística Funcional e Linguística Cognitiva¹. Estas perspectivas são complementares e foram escolhidas com base no objeto de estudo.

Na medida em que nos propomos a analisar a variação, e possível mudança, que atinge os pronomes reflexivos, na variedade popular falada na cidade de São Paulo, procurando identificar os fatores lingüísticos e sociais condicionantes desta variação, os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista Laboviana se mostram essenciais. Tais pressupostos são apresentados no capítulo 1, que contém uma exposição geral do estudo da variação, e principalmente da mudança, sob a perspectiva sociolinguística.

¹ Dada a grande quantidade de informações de cada um dos modelos teóricos utilizados na análise, optamos por apresentá-los em capítulos separados, para facilitar a leitura.

No capítulo 2, são apresentados os fundamentos da Linguística Funcional utilizados na análise. Adotamos o modelo de Gramática Funcional de S. C. Dik, o qual nos motivou a examinar os pronomes reflexivos, bem como as construções em que são usados, em três níveis: semântico, sintático e discursivo.

O capítulo 3 versa sobre a Linguística Cognitiva, principalmente a Semântica Cognitiva de Leonard Talmy e a teoria das Metáforas de George Lakoff. Neste capítulo, apresentamos as categorias semântico-cognitivas utilizadas para analisar a variação no uso dos pronomes reflexivos, sob a perspectiva conceptual.

Estas três teorias compartilham alguns pressupostos teórico-metodológicos, adotados na presente pesquisa, sejam eles: (i) é o uso linguístico que molda a gramática, isto é, que guia os processos de mudança; (ii) é o uso efetivo que deve ser o objeto de estudo linguístico; (iii) a análise deve levar em conta o contexto (situacional, social, histórico, cultural) em que as expressões são usadas.

Os procedimentos metodológicos próprios de cada teoria serão aqui utilizados de forma complementar. A Linguística Cognitiva, como veremos no capítulo 3, propõe o uso da introspecção e a análise de *corpora*, para investigar como se constroem os sentidos. O método proposto por Labov, apresentado no capítulo 1, é de natureza quantitativa: o pacote de programas computacionais Goldvarb será usado para o tratamento estatístico dos dados, efetuando cálculos de frequência de realização/não-realização dos pronomes reflexivos, e calculando o peso relativo de cada fator condicionante desta variação.

Após a apresentação dos pressupostos teórico-metodológicos, fazemos, no capítulo 4, a revisão de trabalhos sobre os pronomes reflexivos, não só no português do Brasil, como em várias línguas. Neste capítulo, examinamos os fatores condicionantes

da variação no uso destes pronomes, seu percurso diacrônico no português brasileiro e suas tendências de mudança.

No capítulo 5, há uma breve apresentação do *corpus* sob análise, das características sociais dos informantes e de algumas questões históricas e sociais relativas ao português popular.

O capítulo 6 corresponde à parte nuclear da tese, abrangendo a descrição, análise e interpretação dos resultados. Tomando por base os cálculos fornecidos pelo pacote de programas estatísticos Goldvarb, discorreremos, neste capítulo, sobre os diversos fatores que favorecem, ou desfavorecem, a realização dos pronomes reflexivos no português popular de São Paulo.

Em Considerações Finais, fazemos algumas observações sobre os resultados mais relevantes da pesquisa e lançamos hipóteses e sugestões para estudos futuros.

1. A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA LABOVIANA

1.1 Conceitos iniciais

Para analisar os padrões de variação e mudança no uso dos pronomes reflexivos, no português popular de São Paulo, valemo-nos dos conceitos teóricos e das ferramentas metodológicas da Sociolinguística Variacionista de William Labov. Neste capítulo, esclarecemos os pressupostos sociolinguísticos que norteiam nosso estudo.

Uma das principais contribuições de Labov para os estudos linguísticos é o estabelecimento da tradição de pesquisa empírica. Já no texto inaugural, que estabelece as diretrizes para uma teoria de mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (1968) postulam que o objeto primeiro de investigação linguística é a produção real dos falantes de uma comunidade linguística particular. Investiga-se a língua no seio da sociedade, levando em conta as relações entre a estrutura linguística e o contexto histórico-social.

A *comunidade linguística* é vista como um grupo de pessoas que compartilham um conjunto de normas e atitudes com respeito à linguagem, mas não como um grupo de pessoas que falam do mesmo modo (LABOV, 1972/1991, 2001). Embora partilhem uma *variedade de língua*² e sua fala exiba os recursos linguísticos disponíveis em sua comunidade, elas podem apresentar grande diferenciação entre si, quando consideramos sua performance objetiva.

² Rodrigues (1987:77) define variedade de língua como “um conjunto de itens linguísticos com distribuição social semelhante”.

E aqui temos outra contribuição da Sociolinguística Variacionista Laboviana: mostrar que a heterogeneidade e a variação são intrínsecas à língua, inerentes ao sistema. Não são, no entanto, caóticas e aleatórias, mas sim governadas por regras e passíveis de sistematização.

A fundamentação empírica para uma teoria de mudança linguística tem, portanto, que incluir a capacidade de lidar com a *heterogeneidade ordenada*, já que esta é uma característica fundamental da linguagem (LABOV, 1994):

The key to a rational conception of language change – indeed, of language itself – is the possibility of describing orderly differentiation in a language serving a community. We will argue that nativelike command of heterogeneous structures is not a matter of multidialectalism or ‘mere’ performance, but is part of unilingual linguistic competence. One of the corollaries of our approach is that in a language serving a complex (i.e. real) community, it is **absence** of structured heterogeneity that would be dysfunctional. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968:101)

Labov vai justamente fornecer os instrumentos teóricos e metodológicos necessários para tornar esta análise possível. De acordo com o autor, o sistema linguístico abrange não só regras ou elementos *categoricos*, isto é, regras que sempre se aplicam, ou elementos que sempre são realizados de uma determinada maneira, mas também aqueles que se encontram em variação. Estes últimos recebem o nome de *variáveis linguísticas*, as quais podem abranger duas ou mais *variantes*.

As *variantes linguísticas* são definidas como maneiras alternativas de se dizer a mesma coisa, num mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. Elas têm, portanto, idêntico significado referencial, embora possam diferir quanto ao seu valor social (LABOV, 1972/1991).

A alternância entre uso x não-uso do pronome reflexivo no português popular brasileiro é um caso de variação, ao qual estas noções podem ser aplicadas. Na

nomenclatura de Labov, este pronome constitui uma variável lingüística, que abrange duas variantes: a realização e a não-realização de *se*.

Na perspectiva laboviana, esta variação é sistemática, não-aleatória, na medida em que é condicionada tanto por *fatores internos* ao sistema lingüístico, como por *fatores externos*, de natureza social³. Na presente pesquisa, estes últimos abrangem não só características individuais dos falantes (i.e. faixa etária, sexo, escolaridade, etc.), como aspectos relacionados à história, à cultura e ao sistema de organização política, econômica, social e geográfica da cidade de São Paulo.

A Sociolingüística Variacionista Laboviana assume que a variação e a mudança lingüística (doravante ML) estão estreitamente relacionadas. Os processos de ML que se verificam em uma comunidade de fala se atualizam na variação observada em cada momento nos padrões de comportamento lingüístico dos falantes. A ML implica, portanto, a existência de variação, mas a variação não implica necessariamente a ML (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968).

1.2 Teoria sociolingüística ou teoria da mudança

A Sociolingüística não pode ser vista apenas como uma metodologia, na medida em que desenvolve também conceitos teóricos para tornar possível a análise do processo de mudança.

A ML não é um fenômeno fácil de explicar. Isto porque ela não é uma constante: pode interromper-se, mudar sua direção, completar-se, ou abranger longos períodos sem

³ Os fatores condicionantes são também denominados *variáveis independentes*, em oposição à *variável dependente*, que constitui o fenômeno lingüístico sob análise.

chegar a um termo. Ela constitui assim um processo cujos resultados nem sempre podem ser preditos. Labov (1994) vai mais longe:

The phenomenon we are studying is irrational, violent, and unpredictable. To develop principles of linguistic change might therefore seem a quixotic undertaking, as many students of change have concluded. (LABOV, 1994:10)

Ainda assim, o pesquisador pode, com base em dados empíricos, identificar padrões de ML, seus estágios e os fatores que favorecem ou desfavorecem seu desenvolvimento na língua.

1.3 Questões gerais para o estudo da mudança lingüística

Weinreich, Labov e Herzog (1968) (conferir também: LABOV, 1972/1991, 1994) levantam as questões gerais, que devem ser contempladas pelos lingüistas que estudam a mudança:

- 1) *Restrições* (“Constraints”): descobrir os fatores lingüísticos que condicionam a forma, a direção e o caráter estrutural da ML⁴;
- 2) *Transição* (“Transition”): descrever os caminhos pelos quais a língua muda, ou seja, os estágios intermediários da mudança;
- 3) *Encaixamento* (“Embedding”): correlacionar as variáveis lingüísticas entre si, com outros elementos do sistema lingüístico e com aspectos do contexto social;

⁴ A extensão desse programa é investigar os princípios universais que subjazem à ML.

4) *Avaliação* (“Evaluation”): investigar como os membros da comunidade de fala avaliam a mudança e quais valores sociais as variantes veiculam;

5) *Implementação* (“Actuation”): analisar os motivos pelos quais uma mudança ocorre num momento e num lugar particulares, ou seja, descobrir quais eventos lingüísticos ou sociais que são os gatilhos da mudança.

A presente pesquisa procura contemplar praticamente todas estas questões, ainda que não em igual profundidade.

A questão da *restrição* será examinada levando em conta os fatores lingüísticos que favorecem, ou desfavorecem, o desenvolvimento da possível mudança que atinge os pronomes reflexivos.

Na medida em que dispomos de dois conjuntos de dados de tempo real (inquéritos gravados em: 1986-1987 x 1997-2001), poderemos descrever dois estágios de língua e verificar a direção e a velocidade desta mudança, analisando assim a questão da *transição*.

O *encaixamento*, como nota Labov (1994), inclui dois aspectos. De um lado, “*qualquer mudança está encaixada na matriz estrutural das formas lingüísticas que estão mais intimamente relacionadas a ela; e a mudança vai ser refreada, restringida, redirecionada, ou acelerada, conforme sua relação com outras formas*” (LABOV, 1994: 2-3) (tradução nossa). De outro lado, a mudança também está encaixada na estrutura social da comunidade, cabendo ao lingüista descobrir as correlações entre os elementos lingüísticos variáveis e os fatores de natureza extralingüística⁵.

⁵ Weinreich, Labov e Herzog (1968) estabelecem que o encaixamento lingüístico consiste em descobrir que outras mudanças estão relacionadas de uma maneira não-acidental com a ML sob análise. Já o encaixamento social deve analisar, entre outras questões, a possível relação entre a mudança e a história da comunidade envolvida.

Examinando o encaixamento lingüístico da variável pronome reflexivo, vem logo à nossa mente a omissão do objeto, e particularmente dos clíticos, que atinge o português brasileiro. Embora nossa análise se restrinja à variação no uso dos pronomes reflexivos, não ignoraremos a possível relação entre esta variação e a tendência de omissão do objeto (ver capítulo 4).

No que se refere ao encaixamento social, procuraremos examinar o efeito de fatores externos no uso variável do pronome, tais como sexo, idade, procedência e escolaridade do falante. Nosso estudo se restringe aos dados de língua falada de um só grupo social: os moradores de favelas da cidade de São Paulo (cuja história social é brevemente contemplada no capítulo 5), mas algumas questões sobre a variação do pronome reflexivo em diferentes grupos sociais e em diferentes variedades do português brasileiro serão levantadas no capítulo 4.

A questão da *avaliação* da variação no uso do pronome reflexivo não será investigada no presente estudo. Observações gerais sobre a avaliação da variedade lingüística popular serão feitas no capítulo 5. Já no capítulo 4, serão lançadas algumas hipóteses sobre a avaliação da variável pronome reflexivo, mas estas são baseadas em estudos que examinaram a produção real, e não a interpretação que os falantes fazem da variação.

Por fim, a *implementação* da mudança que atinge o pronome reflexivo não será estudada diretamente, mas algumas questões a ela relacionadas serão contempladas no capítulo 4 – onde procuraremos traçar, a partir dos estudos já existentes sobre o fenômeno, o histórico desta variação – e no capítulo 5 – onde abordaremos, entre outros assuntos, o contato lingüístico ocorrido no contexto histórico-social brasileiro e particularmente na cidade de São Paulo, o qual pode ser visto como o gatilho social que

deu origem a diversas mudanças lingüísticas e à variedade de língua que denominamos português popular⁶.

Em estudo relativamente recente, Labov (2001) adiciona novas questões para o estudo da mudança, além das cinco mencionadas anteriormente; são elas:

6) *Transmissão* (“Transmission”): analisar os mecanismos através dos quais a variação e a mudança, bem como os fatores que as condicionam, são adquiridos e transmitidos através de gerações e entre grupos sociais e comunidades⁷;

7) *Incremento* (“Incrementation”): estudar as contribuições cumulativas de cada geração para o avanço da mudança lingüística;

8) *Continuação* (“Continuation”): analisar quais são os fatores lingüísticos ou sociais que levam à continuação da mudança por longos períodos, sem que ela chegue a um termo.

Com exceção da transmissão, estas questões serão contempladas no capítulo 6, que contém a análise dos dados da presente pesquisa.

1.4 Os estágios da mudança lingüística

Em sua obra *Sociolinguistic Patterns*, Labov (1972/1991) descreve três estágios para a ML: origem, propagação e conclusão:

⁶ O termo “português popular” é utilizado por Rodrigues (1987) para referir à variedade falada por pessoas de baixa ou nula escolaridade, que não têm na língua escrita um possível modelo de realização oral.

⁷ A habilidade dos falantes de perceber e reproduzir frequências (ver “probability matching” no item 1.7) seria um dos mecanismos que explicaria como são transmitidas as variações estáveis e as MLs de longa duração, que mantêm uma mesma direção por várias gerações de falantes (LABOV, 2001).

In the '*origin*' of a change, it is one of innumerable variations confined to the use of a few people. In the '*propagation*' of the change, it is adopted by such large number of speakers that it stands in contrast to the older form along a broad front of social interaction. In the '*completion*' of the change, it attains regularity by the elimination of competing variants. (LABOV, 1972/1991:123)

Em seus estudos mais recentes, Labov (1994, 2001) faz uma distinção entre mudanças:

- a) incipientes (“incipient changes”),
- b) novas e vigorosas (“new and vigorous changes”),
- c) na metade de seu curso (“mid-range changes”),
- d) perto de completar-se (“nearly completed changes”),
- e) completas (“completed changes”).

Para determinar estes estágios, ele utiliza registros históricos e a combinação de dados de tempo real e de tempo aparente.

Segundo o autor, quanto à sua velocidade, as mudanças são:

- (i) vagarosas, quando quase completas,
- (ii) rápidas, quando novas e vigorosas.

Um outro padrão proposto, feito com base em mudanças fonéticas, é o “*S-shaped curve*”⁸: as mudanças se iniciam com uma velocidade lenta, progredem rápido na

⁸ Dada a dificuldade de se traduzir todos os termos retirados das três teorias lingüísticas adotadas em nossa pesquisa (Sociolingüística, Lingüística Funcional, e Lingüística Cognitiva), manteremos o nome de alguns em inglês.

metade de seu curso, e diminuem a marcha nos últimos estágios (LABOV, 1994, 2001; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968)⁹.

Já o nível de percepção das variáveis envolvidas em processo de mudança tende a ser:

- (i) máximo para mudanças quase completas,
- (ii) mínimo para mudanças novas e vigorosas (LABOV, 1994).

O autor nota que, nos estágios iniciais, as mudanças dificilmente recebem uma avaliação social ou um reconhecimento, e nem todas as mudanças se tornam objeto de atenção consciente mesmo se estiverem em um estágio avançado (LABOV, 1972/1991). Mas a tendência é elas adquirirem um valor social, conforme o processo de mudança avança.

Labov (1972/1991, 1994, 2001) classifica os elementos lingüísticos envolvidos no processo de mudança, conforme seu valor social em:

- (i) *indicadores* – apresentam diferenciação social, mas não estilística, e nunca são comentados ou reconhecidos pelos falantes da comunidade;
- (ii) *marcadores* – apresentam diferenciação social e estilística e se refletem de forma mais ou menos consciente no julgamento dos falantes;
- (iii) *estereótipos* – formas socialmente estigmatizadas pela sociedade, que são tópicos de comentário e podem ser submetidas à correção e à hipercorreção¹⁰.

⁹ Conforme Labov (2001), na primeira geração a mudança lingüística é tão vagarosa que pode não ser detectada, e por isto, pode ser difícil distingui-la da variação estável.

¹⁰ A hipercorreção é definida como a ocorrência de uma forma em contexto inapropriado (LABOV, 1994).

1.5 Causas da mudança

Para explicar a ML e também identificar suas causas, a lingüística do século XX esteve polarizada entre duas posições, que tomavam como proeminentes: fatores internos, limitados à estrutura lingüística, ou fatores externos, de natureza social (LABOV, 2001).

Weinreich, Labov e Herzog (1968) reconhecem a predominância de: fatores internos, nas questões relacionadas à restrição e à transição; e fatores externos, na avaliação e implementação da mudança. Cabe notar, porém, que esta última também pode ser explicada por um gatilho lingüístico. O encaixamento, como vimos, envolve os dois aspectos, lingüístico e social.

Como nota Labov (1994, 2001), é improvável que a explicação da mudança possa ser retirada somente da estrutura lingüística, isto é, de princípios e fatores internos. Sob uma perspectiva histórica e social, como a adotada na presente pesquisa, explicar um achado sobre uma ML vai significar também procurar suas causas em um domínio fora da lingüística: capacidades perceptuais e cognitivas, sociologia, história-social, relações sociais, etc.

Cabe ao pesquisador identificar quais variações são devidas a fatores sociais (sexo, classe social, rede social, procedência, etc.), as devidas a fatores internos, ou a ambos, e saber quais envolvem mudança em curso (LABOV, 1994).

1.6 A origem e a difusão da mudança: fatores externos

A ML se inicia como um padrão local característico de um grupo social particular, situado no interior da hierarquia social.

Muitos estudos tomam o grupo localizado na posição mais baixa da hierarquia social como o grupo prototípico onde as mudanças têm origem (cf. KROCH, 1978¹¹ apud LABOV, 2001). Estas são atribuídas à pouca escolaridade destas pessoas, à sua falta de acesso à norma padrão, ou a um tipo de *prestígio encoberto* (“covert prestige”), que atribui valor positivo às formas não-padrão da língua utilizadas na vida diária¹².

Labov (1994) faz uma distinção entre “*mudanças de cima*” (“changes from above”) e “*de baixo*” (“changes from below”), tomando como parâmetros dois aspectos: o nível de percepção social das variantes e a posição dos grupos que as utilizam na hierarquia social. As mudanças de cima são introduzidas pela classe social dominante, com total reconhecimento público. Já as de baixo são mudanças sistemáticas, não conscientes, que podem ser introduzidas por qualquer grupo social, apresentando-se geralmente como resultado da operação de fatores internos.

Referindo-se às mudanças inconscientes (“*mudanças de baixo*”), o autor nota que novas formas lingüísticas geralmente não surgem no grupo social mais alto, mas também não é freqüente que se espalhem tendo origem no grupo social mais baixo (LABOV 1975, 2001).

¹¹ Kroch, Anthony (1978). Toward a theory of social dialect variation. *Language in Society* 7:17-36.

¹² O *prestígio encoberto* (“covert prestige”: “opposing set of covert values”) pressupõe que a mudança lingüística é um desvio de normas aceitas e explícitas (“overt norms”); um tipo de não conformismo com os padrões dominantes da sociedade (LABOV, 2001:24). Uma idéia comum, entre sociólogos, é que a classe baixa trabalhadora é o lugar primeiro da não conformidade em comunidades urbanas (LABOV, 2001).

Seus estudos recentes, em comunidades lingüísticas americanas, levantam a hipótese de que o principal grupo difusor das mudanças é o centralmente localizado na hierarquia sócio-econômica, aquele que potencialmente tem um maior grau de interação com pessoas de diferentes grupos sociais (cf. “*padrão curvilíneo*”; LABOV, 2001). Mas este modelo, segundo o próprio autor, somente pode ser aplicado a sociedades que mostram mobilidade social¹³. Já numa sociedade com pouca mobilidade, os líderes da ML permanecem na classe social mais baixa, e a mudança tende a se espalhar a partir deste ponto (OLIVEIRA, 1983¹⁴ apud LABOV, 2001).

Levando em conta o seu padrão de distribuição social, a variável lingüística pode apresentar uma *estratificação brusca* (i.e. grande diferença na freqüência de uso conforme o grupo social considerado) ou *gradual* (sem descontinuidade na freqüência de uso entre os vários grupos sociais) (LABOV, 1972/1991, 2001).

Conforme a mudança lingüística se generaliza no grupo onde se originou, ela pode ser associada com os valores sociais atribuídos a este grupo. Se ele é um grupo de prestígio, a mudança lingüística pode acelerar-se; se o grupo é excluído, por outro lado, a nova forma lingüística pode ser corrigida, estigmatizada, ou até ser extinta, interrompendo o curso de mudança (LABOV, 1972/1991, 1994).

Quando a ML é consciente, isto é, quando os falantes são capazes de perceber as novas formas empregadas, ela pode se propagar para outras comunidades próximas, que tomam o grupo original (onde a ML se originou) como um grupo de referência (LABOV, 1975). Este modelo de implementação social da ML – proposto por

¹³ O padrão curvilíneo também não pode ser aplicado a casos em que a freqüência da forma lingüística em processo de mudança é maior entre as pessoas das posições mais baixas na hierarquia social. Isto acontece, por exemplo, com as mudanças fonéticas estudadas por Labov (2001) na comunidade da Filadélfia, o que mostra que mesmo em sociedades que permitem mobilidade, a classe baixa trabalhadora também pode ser fonte de inovação lingüística.

¹⁴ Oliveira, Marco de (1983). *Phonological Variation in Brazilian Portuguese*. Unpublished University of Pennsylvania Dissertation.

Sturtevant (1947¹⁵ apud LABOV, 2001), para línguas crioulas, e desenvolvido por Le Page e Tabouret-Keller (1985¹⁶ apud LABOV, 2001) –, que sugere que o indivíduo guia o seu comportamento verbal de modo a se aproximar dos padrões lingüísticos do grupo ou grupos com os quais ele deseja identificar-se, pressupõe algumas condições, sejam elas:

- a) o indivíduo é capaz de identificar estes grupos;
- b) seus motivos são fortes e estão suficientemente delineados;
- c) “suas *oportunidades para aprender são adequadas*”;
- d) sua habilidade de aprender, isto é, mudar seus hábitos lingüísticos quando necessário, permanece intacta ao longo de sua vida.

(LE PAGE; TABOURET-KELLER, 1985 apud LABOV, 2001:505) (tradução nossa)

Mesmo que todas estas condições sejam satisfeitas, Labov (1972/1991, 2001), em seus estudos mais recentes, questiona a idéia de que a difusão da ML seja governada pela noção de grupo de referência. Isto porque muitas MLs não são associadas a um grupo social particular e raramente estão confinadas a um só grupo. Além disso, há um grande número de MLs que são inconscientes e não são portadoras de significado social, seja prestígio, ou estigma. Labov (2001) ressalta que MLs novas, e das quais os falantes não têm consciência, não são nem inibidas nem promovidas, seja pelo grupo social mais alto, ou mais baixo; seja por pessoas escolarizadas, ou não-escolarizadas. Ainda assim, fatores sociais, tais como escolaridade, classe social, ocupação, sexo, procedência, idade, etc., são mais capazes de explicar a ML do que o conceito de grupo de referência proposto por Sturtevant (1947 apud LABOV, 2001). Estes fatores dão

¹⁵ Sturtevant, Edgar (1947). *An Introduction to Linguistic Science*. New Haven: Yale University Press.

¹⁶ Le Page, Robert B.; Tabouret-Keller, Andree (1985). *Acts of Identity: Creole Based Approaches to Language and Ethnicity*. Cambridge, Cambridge University Press.

conta de como MLs podem se dar na mesma direção por longos períodos e em comunidades de fala distintas.

Assim, em vez de tomar a ML como decisão consciente do falante de assumir uma certa identidade social e identificar-se a um grupo particular, Labov (2001) propõe considerar primeiro a visão mais simples de que a estrutura social afeta o output lingüístico através de mudanças na frequência de *interação*.

É importante notar aqui que Labov (1975, 1994) e Weinreich, Labov e Herzog (1968) optam por não fazer uma distinção rígida entre *origem* e *difusão* da mudança. Para estes autores, estes dois processos acontecem simultaneamente. Em outras palavras, o indivíduo pode usar expressões que desviam de um padrão muitas vezes, sem influenciar a língua. A mudança só acontece quando outros falantes adotam a nova forma e a usam convencionalmente para comunicar certos sentidos. Apesar de a inovação ter necessariamente de iniciar-se a partir de um indivíduo, “não é o ato de inovação que muda a língua, mas o ato de influência” (LABOV, 1994:311) (tradução nossa).

In these descriptions of change, it should be clear that we do not distinguish on principle between the *origin* and the *propagation* of a change. For if we take seriously the view of language as a form of social communication, then language can only be said to change when a new form is transmitted from one speaker to another, and accepted as an arbitrary social convention for conveying meaning. (LABOV, 1975: 829)

Labov (1994, 2001) vai atribuir um papel central à interação no processo de difusão da ML. Segundo o autor, o grau de avanço da mudança frequentemente está correlacionado com o uso da variável na interação social. Isto acontece mesmo nos estágios iniciais, em que os falantes geralmente não têm consciência da ML (“mudanças de baixo”).

Esta crença de que a interação tem um papel importante na difusão de novas formas está presente em muitos estudos lingüísticos. Bloomfield (1933, apud LABOV, 2001:19), por exemplo, já utiliza o “princípio da densidade”, para explicar a diferenciação dos dialetos europeus:

The reason for this intense local differentiation is evidently to be sought in the principle of density. Every speaker is constantly adapting his speech-habits to those of his interlocutors; he gives-up forms he has been using, adopts new ones, and perhaps oftenest of all, changes the frequency of speech forms without entirely abandoning any old ones or accepting any that are really new to him. The inhabitants of a settlement, village, or town, however, talk much more to each other than the persons who live elsewhere. When any innovation in the way of speaking spreads over a district, the limit of this spread is sure to be along some lines of weakness in the network of oral communication, and these lines of weakness, in so far as they are topographical lines, are the boundaries between towns, villages, and settlements. (BLOOMFIELD, 1933¹⁷ apud LABOV, 2001:19).

Sturtevant (1947¹⁸, apud LABOV,1994) sugere que, no início da ML, quando duas formas em competição são associadas aos valores sociais característicos dos grupos que as utilizam, os falantes da forma velha raramente são expostos à forma nova, então poucas transferências podem se dar. Segundo o modelo deste autor, a velocidade da ML vai ser maior quando o contato entre os falantes das duas formas for maior (*“the rate of the change will be greatest, when contact betwwen speakers is greatest”*; LABOV,1994:66).

Sob uma perspectiva funcionalista, Castilho (2001a) igualmente hipotetiza que um dos momentos decisivos da ML estaria na interação conversacional. A avaliação das identidades lingüísticas envolvidas no ato de fala, a busca do ajuste entre o “eu” e o “outro”, visando à cooperação conversacional, e os contatos inter e intralingüísticos atuariam como gatilhos discursivos da mudança.

¹⁷ Bloomfield, Leonard (1933). *Language*. New York: Henry Holt.

¹⁸ Sturtevant, Edgar (1947). *An Introduction to Linguistic Science*. New Haven: Yale University Press.

A interação face a face seria, portanto, o lugar por excelência da ML. De acordo com as idéias sugeridas pelos autores mencionados, as redes de interação diária tornam possível o contato das pessoas com a nova forma lingüística, na mesma proporção da distância que separa essas pessoas do grupo onde a ML se originou: quanto maior sua proximidade e seu contato com ele, maior a possibilidade de ouvir a nova forma e adotá-la.

Esta distância pode ser entendida tanto num sentido meramente geográfico, como num sentido social. O próprio Bloomfield já dá conta deste fato e reformula seu princípio da densidade – originariamente formulado para dar conta da diferenciação geográfica – para abranger também a diferenciação social de uma comunidade lingüística:

We believe that the differences in density of communication within a speech community are not only personal and individual, but that the community is divided into various systems of sub-groups such that the persons within a sub-group speak much more to each other than to persons outside their sub-group. The lines of weakness and, accordingly, the differences of speech within a speech community, are local – due to mere geographic separation – and non-local, or as we usually say, social. (BLOOMFIELD, 1933 apud LABOV, 2001:24)

Os estudos sociolingüísticos da mudança em progresso em comunidades urbanas de fato confirmam que a distância geográfica não é uma condição necessária para a diferenciação lingüística: *“pessoas que moram na mesma cidade, freqüentam as mesmas escolas e são expostas à mesma mídia, podem ser afetadas diferentemente pela ML, de modo que ao longo do tempo as formas lingüísticas vão se tornando cada vez mais diferenciadas”* (LABOV, 1994:9-10) (tradução nossa).

Instead of horizontal, spatial differentiation, we have a vertical cross-section which does not presuppose isolation of the linguistic strata. On the contrary, groups living in close contact may participate in rapid linguistic changes which lead to increased diversity, rather than uniformity. (LABOV, 1972/1991:143)

Segundo Labov (1994), há boa razão para pensar que as cidades sempre foram os centros de inovação lingüística. Elas constituem o espaço geográfico e social em que os falantes trocam influências lingüísticas mútuas, através de uma série de interações diárias. Grandes metrópoles, como São Paulo, permitem que estas interações se dêem entre falantes de procedência diversa e de diferentes grupos sociais.

Os estudos sociolingüísticos têm constatado dois aspectos importantes em relação à variação e à ML presentes em grandes cidades ou metrópoles:

- (i) a diferenciação que atinge as cidades é uma diferenciação ordenada – a variação na comunidade lingüística urbana não é resultado caótico de uma mistura de dialetos ou variedades, mas sim um padrão governado por regras que determinam o comportamento lingüístico dos falantes;
- (ii) a diferenciação que ocorre nas cidades não é de natureza geográfica, mas sim social. Apesar da crença popular que grandes cidades abrangeriam diferenciação geográfica, os estudos sociolingüísticos de Labov (2001) têm constatado que metrópoles de mais de 1 milhão de habitantes são lingüisticamente uniformes dentro de seus limites geográficos, mas fortemente diferenciadas pela classe social, sexo, ocupação e demais características sociais dos falante¹⁹.

A uniformidade geográfica das grandes cidades metropolitanas poderia ser um resultado da rápida difusão de novas formas lingüísticas através do contato e interação entre as pessoas. Estes seriam os canais através dos quais a ML se espalharia entre os

¹⁹ Labov (2001:38) realiza estudos sistemáticos de populações urbanas nos Estados Unidos. Em sua pesquisa com falantes da cidade de Nova York, o autor conclui: “Like London and Paris, the New York City dialect region was a single geographic unit, and traditional geographic labels like ‘Bronx’ or ‘Brooklyn’ dialect turned out to be descriptions of social class patterns”.

falantes de redes sociais locais, entre comunidades, para afetar potencialmente todos os cidadãos de uma grande metrópole (LABOV, 2001).

Callary (1975²⁰ apud LABOV, 1994) hipotetiza que o grau de avanço da ML estaria relacionado ao tamanho da comunidade lingüística: quanto maior a comunidade, mais avançada a mudança. Labov (2001), por sua vez, faz uma distinção entre mudanças de pequena e de grande escala:

Within a large metropolis, there may be an indefinite number of *small-scale changes* which diffuse in local neighborhoods and are arrested at their natural boundaries. *Large-scale changes* expand to the limits of the speech community. (LABOV, 2001:227)

Para Labov (2001), pode haver práticas sociais que influenciam toda uma metrópole, mas não está claro como uma ML de grande escala pode afetar até mesmo um continente inteiro. Como uma tentativa de encontrar uma explicação para isto, o autor lança a hipótese do *efeito cascata*: um fenômeno urbano que segue um padrão de difusão, que procede das grandes cidades para as grandes cidades vizinhas e assim por diante (TRUDGILL, 1974²¹; CALLARY, 1975 apud LABOV, 2001).

Cabe notar que se a ML em questão foi engatilhada por uma ML anterior, ela pode realmente atingir toda a metrópole, e até mesmo uma grande área territorial, como um país, na medida em que é condicionada por fatores internos, intra-sistêmicos, que já estavam presentes na língua. Se, por outro lado, o fator inicial, gatilho da ML, “*foi uma influência externa, na forma de um aumento de contato com falantes de outros dialetos, a ML geograficamente uniforme depende de contatos geograficamente uniformes*” (LABOV, 2001:227) (tradução nossa).

²⁰ Callary, R. E. (1975). Phonological change and the development of an urban dialect in Illinois. *Language in Society* 4:155-70.

²¹ Trudgill, Peter (1974). Linguistic Change and diffusion: description and explanation in sociolinguistic dialect geography. *Language in Society* 3:215-46.

Dois conceitos retirados da Geologia são úteis para descrever estes dois gatilhos iniciais da ML; são eles: gradualismo e catastrofismo²² (LABOV, 1994). Segundo Martinet (1955²³ apud LABOV, 1994), fatores externos são do tipo catastrófico e tendem a provocar MLs abruptas; enquanto fatores internos, estruturais, tendem a estar relacionados com mudanças graduais (cf. deriva).

Como Labov (1994) enfatiza, sabemos que eventos catastróficos têm um papel importante na história de todas as línguas, principalmente na forma de deslocamentos de populações: invasões, conquistas e, principalmente, migrações.

Muitas comunidades urbanas passaram por mudanças em sua composição demográfica, provocadas por ondas de migração, e isto se aplica particularmente à cidade de São Paulo, como veremos no capítulo 5. Retomando aqui a idéia de que a interação seria o lugar da ML, tais mudanças na composição da sociedade paulista tenderiam a provocar novas mudanças na estrutura lingüística, na medida em que a cidade passa a ser o lugar onde se dá o contato entre falantes de diferentes variedades (contato intralingüístico), ou diferentes línguas (contato interlingüístico). Às vezes, porém, os efeitos dessas ondas de migração são mais sutis, eles apenas aceleram ou modificam o curso de MLs que já estavam em progresso na comunidade (LABOV, 2001).

Uma questão importante para os socio lingüistas é analisar se os migrantes e seus descendentes percebem as dimensões sociais associadas à ML em progresso, e se tentam ou se são capazes de modificar o seu vernáculo, em direção ao padrão da cidade que os acolheu. Voltaremos a tratar desta questão no capítulo 5.

²² O gradualismo assume que o estado atual da terra é o resultado de pequenos efeitos contínuos de erosão, sedimentação, metamorfose e orogenia, que atuam por longos períodos e podem ser observados à nossa volta. O catastrofismo, por outro lado, vê as formações atuais da terra como um produto de eventos únicos e violentos que ocorreram no passado.

²³ Martinet, André (1955). *Economie des changements phonétiques*. Berne : Francke.

1.7 Fatores internos: estruturais e mecânicos x funcionais

Como notamos anteriormente, a ML pode ser socialmente e/ou lingüisticamente motivada. A ML não está confinada a áreas que receberam migrações de larga escala de outras regiões; e ela pode também afetar milhões de pessoas em cidades distantes e que não têm conexão umas com as outras (LABOV, 2001). Quando uma ML atinge uma grande área e não pode ser explicada por fatores externos, como os padrões de interação e contato, fatores internos devem ser examinados como sua possível causa.

O estudo da ML em progresso é contra a visão de uma gramática como um produto terminado. As mudanças parecem afetar grande parte das estruturas lingüísticas; são transformações que atingem tudo, menos um esqueleto de relações abstratas (LABOV, 2001). Deste modo, não haveria uma gramática fixa, mas sim o processo que Hopper (1988²⁴ apud CASTILHO, 1997) descreve como *Gramática Emergente* (i.e. a negociação constante de formas lingüísticas pelos falantes) ou, nos termos de Castilho (1997:31), a *gramaticalização* (i.e. “a cristalização das formas discursivas mais produtivas”).

Tomando como base a distinção significante x significado de Saussure, Labov (1994:9) nota que “*a ML envolve uma perturbação na relação forma/sentido, de maneira que as pessoas afetadas pela mudança não mais veiculam o significado do mesmo modo que aquelas não afetadas*” (tradução nossa) – i.e. pessoas mais velhas na mesma comunidade, ou pessoas de outras comunidades. Para Labov, o resultado disto podem ser prejuízos na comunicação entre falantes de variedades dialetais e, por fim, a ininteligibilidade.

²⁴ Hopper, P. J. (1988). Emergent grammar and the a priori grammar postulate. In: Tannen, D. (ed.). *Linguistics in Context: connecting observation and understanding*. Norwood NJ, Ablex.

É importante notar aqui que há uma avaliação negativa quase consensual das MLs em geral. Como nota Labov (2001), tudo que é novo em várias áreas do conhecimento humano é apreciado, mas é difícil ouvir alguém elogiar uma ML. Há uma visão entre os tradicionalistas de que a língua está indo de mal a pior (cf. MATTOS E SILVA, 2004), e muitos cidadãos ficam irritados com as novas formas lingüísticas que surgem. Mas mesmo os jornalistas e educadores mais eloqüentes não conseguirão cortar os laços que unem estas formas a seus usuários, para os quais elas parecem naturais e não defeituosas. Segundo Labov, as reações que são suscitadas por formas gramaticais são mais temperadas do que as suscitadas por fonológicas, quando finalmente prestamos atenção a elas. As comunidades diferem quanto ao seu grau de estigmatização das novas formas, mas quando os falantes tomam consciência da ML, eles tendem a reagir negativamente.

Deixando estas posições ideológicas de lado, poderíamos admitir a possibilidade de que esta renovação continuada não é consistente com a forma com que nós funcionalistas concebemos a língua. Como nota Labov (2001), se a língua é um instrumento de comunicação, seria melhor que fosse estável e que não se encontrasse em processo de mudança contínua, fazendo com que as pessoas tenham que comunicar-se com falantes de um sistema ou padrão que diverge do seu.

Por outro lado, pode-se pensar também que a língua muda justamente para satisfazer melhor as necessidades comunicativas dos falantes. Esta constitui uma explicação funcional da ML, a qual pode ser encontrada nos estudos de muitos autores, como Halliday (1987, 1994), por exemplo:

Language is as it is because of the functions it has evolved to serve in people's lives, it is to be expected that linguistic structures could be understood in functional terms. (HALLIDAY, 1987:4)

Labov (1994) dedica dois capítulos de *Principles of Linguistic Change: Internal Factors* à análise do peso dos fatores funcionais na explicação da variação e da mudança. Os fatores de natureza funcional são entendidos como aqueles que têm o efeito de preservar a informação. Estes são contrapostos a fatores internos de natureza mecânica e estrutural (condicionamento fonético, paralelismo, etc.). O autor se mostra cético quanto à possibilidade de explicar a ML com argumentos funcionais.

Em consonância com a forma como vêm a língua, os funcionalistas hipotetizam, portanto, que a variação e a ML são controladas pela função comunicativa da linguagem. Em outras palavras, o uso da língua é governado por processos racionais que otimizam sua performance como um meio de comunicar informação referencial, e há uma tendência geral de evitar a perda de informação (LABOV, 1994).

Estas explicações funcionais da ML pressupõem que os falantes, quando formulam as expressões, levam em conta a informação pragmática do ouvinte (cf. modelo de interação verbal de DIK, 1989, no capítulo 2) e, se houver a possibilidade de escolha entre duas formas alternativas, eles favorecem aquela que transmite o sentido da forma mais eficiente e efetiva²⁵.

Labov (1994) vai se mostrar totalmente contra esta suposição. Para ele, isto significa basicamente atribuir uma intenção ao falante. Mesmo que a escolha entre duas variantes seja governada pelo desejo do falante de se comunicar, o autor argumenta que os lingüistas não têm acesso aos estados de mente do falante e a suas motivações, não tendo, pois, como verificar se suas conjecturas estão corretas.

Uma outra hipótese formulada pelos funcionalistas é que a ML pode ser barrada nos contextos em que implica perda da informação:

²⁵ É óbvio que esta escolha só ocorre, se as duas formas fizerem parte da gramática do falante em questão.

[T]here is a tendency for semantically relevant information to be retained in surface structure...It characteristically originates as a blocking of rules in environments in which their free application would wipe out morphological distinctions on the surface (KIPARSKY, 1982²⁶ apud LABOV, 1994:554)

Uma posição funcionalista extrema, adotada por muitos lingüistas, é que nenhuma informação é completamente perdida, uma vez que sempre há informação redundante. Segue-se que a supressão de um elemento seria condicionada pela quantidade de informação presente não só nos outros elementos da expressão (contexto lingüístico), como também no contexto situacional.

Investigadores da tradição variacionista tentaram verificar a validade desta hipótese, adicionando em sua análise todas as fontes de informação possível (lexical, morfológica, sintática, pragmática, cultural) que poderiam compensar a supressão de um elemento (cf. POPLACK, 1980²⁷ apud LABOV, 1994).

Segundo Labov, tais estudos não comprovaram a hipótese funcionalista. Há muitas mudanças fonéticas que apagam flexões, levando à perda de distinções e a um aumento concomitante da homonímia. Sua opinião, portanto, é que a necessidade de comunicar não governaria a variação e a ML. Estas podem, ainda segundo Labov, ser explicadas pela atuação de fatores estruturais e mecânicos.

Para embasar sua posição, Labov cita estudos de variação sincrônica no âmbito fonológico e morfológico, como por exemplo:

- a variação entre realização e não-realização de /s/ morfema de plural em sintagmas nominais (SN), no espanhol porto-riquenho da Filadélfia (POPLACK, 1980 apud

²⁶ Kiparsky, Paul (1982). *Explanation in Phonology*. Dordrecht: Foris.

²⁷ Poplack, Shana (1980). The notion of the plural in Puerto Rican Spanish: Competing constraints on /s/ deletion. In: Labov, W (ed.). *Locating Language in Time and Space*. New York: Academic Press.

LABOV, 1994), que constituiria uma variação causada por um fator fonético²⁸, que opera de um modo mecânico, cego para as necessidades comunicativas dos falantes.

- a variação da concordância verbal no português do Brasil (SCHERRE; NARO, 1993), que se mostra governada pelo princípio mecânico do paralelismo (verbos marcados tendem a ser seguidos por verbos marcados, verbos não-marcados tendem a ser seguidos por verbos não-marcados). Segundo Labov (1994), neste caso, a flexão do verbo é omitida quando necessária, e utilizada quando redundante.

Cabe notar que muitos achados interpretados por Labov como antifuncionais podem ser questionados. Em Pereira (2004), mostro que o falante do português popular tende a preservar o /s/, morfema de plural, no primeiro elemento do sintagma nominal (fato que também é constatado no espanhol por POPLACK, 1980 apud LABOV, 1994), e que o paralelismo, que governa a concordância verbal, não é antifuncional e não compromete a informação, na medida em que, numa seqüência de verbos não-marcados, o falante tende a expressar o sujeito na primeira oração, o qual passa a ser Tópico dado, isto é, informação conhecida pelo interlocutor.

Não é que Labov negue totalmente a ação de fatores funcionais, mas para ele estes podem ser anulados pela ação de fatores mecânicos. Em sua visão, os argumentos funcionais não podem explicar os *processos* de variação e ML e as suas *causas*. Os fatores funcionais só surgiriam como *conseqüências* da ML, quando ela já se completou:

²⁸ Labov (2001) nota que as mudanças fonéticas são geralmente as forças que estão por trás da mudança gramatical. O que é uma mudança fonética, independente da gramática, pode se transformar numa tendência de redução da morfologia, independente da mudança fonética; e a erosão do sistema flexional, por seu turno, pode ocasionar outras alterações compensatórias na sintaxe.

When language changes, its information carrying capacity is often threatened; but in the long run, most languages do preserve their means of conveying information, more or less, by one route or another. Though speakers may not behave wisely and thoughtfully as they choose one variant or the other, somehow the system does react. (LABOV, 1994:568)

It is important to note that in the course of language evolution, change does go to completion, and variable rules become invariant. When this happens, there is inevitably some other structural change to compensate for the loss of information involved. (LABOV, 1972/1991:223)

Principle of structural compensation: when the rate of deletion of a meaningful feature of a language increases, the frequency of features that redundantly carry this meaning will increase. (LABOV, 1994:604)²⁹

Vemos que o autor admite que, quando a ML se completa, o sistema tende a reajustar-se de modo a preservar a informação. Em outras palavras: novas mudanças podem aparecer como conseqüências mecânicas de MLs anteriores (LABOV, 1994, 2001). Este reajuste do sistema é explicado a partir do conceito de “*probability matching*”: mecanismo de aprendizagem que postula que os indivíduos são capazes de perceber as formas lingüísticas mais freqüentes, empregando-as em sua fala. Para o autor, portanto, é o sistema que se reajusta. Isto se faz através dos falantes, é claro, mas de forma inconsciente, de maneira que Labov interpreta este reajuste como uma ML de natureza mecânica.

O aumento na freqüência de uso de um determinado elemento, para compensar a perda de informação ocasionada pela supressão de outro, pode ser um resultado do aumento na freqüência de casos de incompreensão ocasionados pela ML (cf. KROCH, 1989³⁰ apud LABOV, 1994). Isto é, os falantes não se entendem e inconscientemente passam a empregar formas que veiculam a informação referencial suprimida pela ML.

Na visão de Labov (1994), os desentendimentos são freqüentes na comunicação diária entre os usuários de uma língua. Mas eles passam despercebidos, e só são

²⁹ Um exemplo deste reajuste funcional citado pelo autor é o aumento na freqüência de preenchimento do sujeito por pronomes, para compensar a perda de flexão no paradigma verbal (HOCHBERG, 1986 apud LABOV, 1994). Hochberg, Judith (1986). *s/* deletion and pronoun use in Puerto Rican Spanish. In: Sankoff, D. (ed.). *Diachrony and Diversity*. New York, Academic Press.

³⁰ Kroch, Anthony (1989). Function and grammar in the history of English periphrastic “do”. In: Fasold, R.; Schiffrin (eds.). *Language Variation and Change*. Orlando, Harcourt Brace Jovanovich, 133-72.

detectados quando o modo como o ouvinte entendeu a expressão não se encaixa com a situação pragmática.

Os contextos que geram incompreensão na comunicação diária seriam, segundo Labov, os mesmos que levam os lingüistas à interpretação e à codificação equivocada dos dados. Estas são apontadas como uma das principais causas de ter-se superestimado os argumentos funcionais.

Um exemplo utilizado para ilustrar este fato é o estudo de Poplack (1980 apud LABOV, 1994). A autora constata que a supressão do –s, morfema de plural, nunca ocorre quando não há informação desambiguadora nos contextos lingüístico ou situacional. Mas, segundo Guy (1981) e Labov (1994), este achado não pode ser tomado como argumento a favor da hipótese funcionalista, porque casos totalmente não-marcados (i.e. em que não há marca formal de plural em nenhum elemento do SN, nem informação contextual que indique que se trata de uma forma de plural) podem ter passado despercebidos pelo lingüista. Vale repetir que uma posição funcionalista extrema não vai sequer admitir esta possibilidade. O funcionalista assume que se o falante quis expressar o plural, ele vai necessariamente explicitar esta informação de algum modo.

O problema surge quando Labov (1994), analisando os resultados do estudo de Guy (1981) sobre a concordância verbal, começa a fazer estimativas acerca do número de instâncias nas quais o falante pretendia dizer plural, mas realizou as estruturas no singular. Embora estes sejam cálculos matemáticos, não podemos evitar a conclusão de que uma formulação como esta certamente envolve o ato de atribuir uma intenção ao falante, ato este severamente criticado pelo próprio Labov³¹.

³¹ Somente comprovamos uma hipótese deste tipo se há informação contextual que confirme que se trata de uma forma no plural. A estimativa de Labov incide, no entanto, sobre o possível número de ocorrências de plural não-marcadas que não foram percebidas pelo analista, justamente por não estarem acompanhadas desta informação contextual.

É importante destacarmos aqui nossa própria visão das questões levantadas pelo autor. Na presente pesquisa, não adotamos uma posição funcionalista radical, mas a crença de que a função comunicativa da língua governa o seu uso é difícil de ser evitada para um funcionalista. O próprio Labov (2001) admite que os falantes conscientemente querem transmitir para o ouvinte o conteúdo proposicional do que eles estão dizendo, e ficam irritados e confusos quando isto não acontece. Embora postule a idéia de um sistema mecânico, ele mesmo reconhece ser estranho que não sejamos livres para ajustar o sistema e maximizar a eficiência em transmitir informações (LABOV, 1994).

As idéias expostas neste item nos interessam principalmente por duas razões. A primeira é que casos de incompreensão causados pela supressão do pronome reflexivo já foram constatados pela literatura lingüística (cf. capítulo 4). A segunda e mais importante razão é que uma de nossas hipóteses estabelece que a supressão do pronome reflexivo tenderá a ser evitada justamente nos contextos em que sua ausência prejudica a informação (cf. capítulo 6).

1.8 Presente & passado: Princípio da Uniformidade

O estudo da mudança lingüística em progresso, proposto na presente pesquisa, também tem por objetivo contribuir para um melhor entendimento das mudanças lingüísticas que se deram no passado do português do Brasil. Adotamos uma perspectiva histórica e social para a análise da variação no uso do pronome reflexivo no português popular de São Paulo (ver capítulo 5).

Conforme Labov (1994), o estudo da ML em progresso é recente, e não é uma estratégia comum, fato que o autor atribui à relutância dos pesquisadores em entrar na comunidade e estudar a linguagem do dia-a-dia.

Há também uma tendência, entre lingüistas, de achar que as mudanças são coisas do passado, isto é, somente podem ser estudadas sob uma perspectiva diacrônica, observando a língua em longos períodos de tempo. Mas, como nota Labov (2001:3), “*language change governs not only our history but also our immediate change*”.

Se é verdade que o passado era governado pelos mesmos princípios que operam hoje, como proposto no “*princípio da uniformidade*”³²:

The same mechanisms which operated to produce the large-scale changes of the past may be observed operating in the current changes taking place around us. (LABOV, 1972/1991:161)

Knowledge of processes that operated in the past can be inferred by observing ongoing processes in the present. (CHRISTY, 1983³³ apud LABOV, 1994:21)

The factors that produced changes in human speech five thousand or ten thousand years ago cannot have been essentially different from those which are now operating to transform living languages. (BRUGMANN, 1897³⁴ (referindo-se a WHITNEY, 1867³⁵), apud CHRISTY, 1983 apud LABOV, 1994:22)

Então, pode-se usar o presente para iluminar o passado, assim como usamos o passado para entender o presente. Estudando, pois, a ML em progresso, para reconstruir seu mecanismo e identificar os fatores que a governam, poderemos obter uma visão mais clara não só da ML, como da própria língua e de sua história.

³² Este princípio foi originariamente formulado por geólogos (LYELL, 1833 *Principles of Geology* apud LABOV, 1994) e filólogos (WHITNEY, 1867 apud LABOV, 1994) do século XIX.

³³ Christy, Craig (1983). *Uniformitarianism in Linguistics*. Amsterdam and Philadelphia, John Benjamins.

³⁴ Brugmann, Karl (1897). *The Nature and Origin of the Noun Genders in the Indo-European languages*. New York, Charles Scribner's Son.

³⁵ Whitney, William Dwight (1867). *Language and the Study of Language*. New York, Charles Scribner & Co.

1.9 Metodologia para o estudo da mudança lingüística em progresso: análise quantitativa em tempo real e em tempo aparente

A presente pesquisa toma como hipótese principal a de que os pronomes reflexivos estariam passando por um processo de ML, que levaria ao seu desaparecimento, na gramática dos falantes da variedade popular do português da cidade de São Paulo. Neste item, esclarecemos as ferramentas que serão usadas para comprovar ou refutar esta tese. É importante destacar aqui as palavras de Labov (2001):

The first step in a considered study of linguistic change is not the examination of change, but rather an investigation of the sociolinguistic patterns in the particular speech community in question, in order to interpret the variable data of a suspected change in progress and differentiate it from stable sociolinguistic variables. (LABOV, 2001:74)

O autor comprova a existência de casos de variações estáveis, que são transmitidas através de gerações, estendendo-se por longos períodos, sem envolver ML³⁶.

O estudo de dados de tempo aparente e de tempo real permite comprovar se uma variável está ou não em processo de mudança (LABOV, 1994)³⁷.

A análise da distribuição da variável nas várias faixas etárias da população (*tempo aparente*), combinada com a análise do uso da variável na comunidade

³⁶ Um exemplo de variação estável citado pelo autor é a alternância morfológica entre *-ing* e *-in'* nos verbos do inglês, que está presente na língua por pelo menos um milênio (HOUSTON, 1985 apud LABOV, 2001). Houston, Anne (1985). *Continuity and Change in English morphology: the variable (ING)*. In: Trudgill, P; Chambers, J. (eds.). *Dialects of English: Studies in Grammatical Variation*. Singapore: Longman Singapore.

³⁷ Para diferenciar a variação estável da ML em progresso, Labov (2001) frequentemente se vale também da distribuição da variável entre as classes sociais. Uma variável estável tenderia a mostrar uma estratificação brusca (quanto mais alta a classe social, menos freqüente o uso da forma não-padrão). Já a ML estaria relacionada a uma estratificação gradual.

lingüística em dois pontos discretos no tempo (*tempo real*), torna possível identificar quatro padrões de variação e mudança, nos quais se leva em conta dois parâmetros: (i) presença/ausência de mudança no comportamento lingüístico do indivíduo durante sua vida e (ii) presença/ausência de mudança nos padrões lingüísticos da comunidade ao longo do tempo (LABOV, 1994:83-85):

- (1) estabilidade (“stability”),
- (2) gradação etária (“age-grading”),
- (3) mudança na geração (“generational change”),
- (4) mudança na comunidade (“communal change”).

	Indivíduo	Comunidade	Indício de Mudança em tempo aparente	Mudança em tempo real	Descrição
1. Estabilidade	estável	estável	NÃO	NÃO	Situação estável, homogênea, não havendo variação para analisar. O comportamento lingüístico do indivíduo é estável durante sua vida, e o padrão lingüístico da comunidade como um todo permanece no mesmo nível ao longo do tempo.
2. Gradação etária	NÃO estável	estável	SIM	NÃO	Os indivíduos mudam seu comportamento lingüístico durante sua vida, mas a comunidade como um todo não muda. O mesmo padrão de distribuição por faixas etárias encontrado em uma geração se repete na próxima geração.
3. Mudança na geração	estável	NÃO estável	NÃO	SIM	Os falantes individuais entram na comunidade com uma frequência característica para uma variável particular, que se mantém ao longo de sua vida, mas aumentos regulares nos valores adotados pelos indivíduos, muitas vezes incrementados por gerações, levam à mudança lingüística para a comunidade como um todo.
4. Mudança na comunidade	NÃO estável	NÃO estável	SIM	SIM	Todos os membros da comunidade alteram sua frequência juntos ou adquirem novas formas simultaneamente.

Quadro 1: padrões de mudança do indivíduo e da comunidade (LABOV, 1994:83)³⁸

³⁸ As colunas que indicam ausência/presença de indicação de ML em tempo aparente e em tempo real são uma tentativa nossa de sistematização dos padrões de variação e de mudança formulados por Labov.

Para identificarmos estes padrões, teremos necessariamente de dispor de dois conjuntos de dados de tempo aparente e de tempo real.

Uma análise em *tempo aparente* pode nos informar se há ou não uma correlação entre idade e variável lingüística (i.e. se o indivíduo muda ou não muda seu comportamento lingüístico ao longo de sua vida). Caso essa relação exista e seja significativa, ainda teremos que verificar se esta indicação de mudança em tempo aparente corresponde realmente a uma ML em progresso (mudança na comunidade), ou se é apenas uma alteração no comportamento lingüístico conforme a idade, que se repete a cada geração (gradação etária), o que caracterizaria um caso de variação estável (LABOV,1994, 2001). Só poderemos obter uma resposta para esta questão, se examinarmos dados de *tempo real*, isto é, observarmos uma comunidade lingüística em dois pontos discretos no tempo.

Os dados de tempo real se tornam ainda mais necessários se estivermos lidando com o terceiro padrão proposto por Labov (mudança na geração). Este mostra que, mesmo que não tivermos indicação de mudança em tempo aparente (i.e. diferenças significativas na distribuição da variável por idade), isto não quer dizer que não possa estar havendo uma mudança em tempo real, que atinge a comunidade como um todo, aumentando ou diminuindo a frequência de uso da variável em todas as faixas etárias.

Labov nota, contudo, que estes modelos não devem ser aplicados de uma forma mecânica aos dados. Seus próprios estudos em tempo real mostraram que pode haver uma relação entre gradação etária e mudanças em tempo real (caindo por terra a nossa tentativa de descrição de gradação etária, no quadro 1: indício de mudança em tempo aparente e ausência de mudança em tempo real). Em outras palavras, o fato de o padrão de distribuição da variável por faixas etárias se manter semelhante na próxima geração não implica necessariamente ausência de ML. Analisando um caso de variação em que sucessivas gerações apresentam o mesmo padrão de variação em tempo aparente, Labov (1994:95-97)

nota que há também um aumento de 10-15% na frequência da variável em quase todas as faixas etárias em tempo real, o que evidencia uma ML em curso. O autor conclui então que, ao tentar descobrir qual modelo é o correto para um dado processo, talvez tenha formulado uma falsa oposição entre gradação etária e mudança na geração, e que é possível que a primeira também envolva mudança em tempo real.

Projeções matemáticas são utilizadas por Labov (1994) para aplicar estes padrões a casos de variação e mudança. No modelo “gradação etária”, simplesmente hipotetiza-se que os mesmos valores encontrados nas diversas faixas etárias de um tempo real t_1 se repetirão em outro ponto de tempo real t_2 , isto é, a distribuição em tempo aparente é idêntica em dois momentos discretos de tempo real. O modelo “mudança na geração” já é mais complexo. Tomando como exemplo os dados de tempo real da presente pesquisa: o indivíduo que tinha 30 anos em 1987, terá 40 anos em 1997. Então, assumindo-se que o indivíduo não muda, projeta-se os valores do grupo de 30 anos dos dados de 1987 no grupo de 40 anos dos dados de 1997.

Nosso estudo utiliza estes métodos sugeridos por Labov. Poderemos assim, interpretando os dados de tempo aparente à luz dos dados de tempo real, verificar se o pronome reflexivo corresponde realmente a uma ML em progresso, ou se é, ao contrário, uma variável estável, na comunidade dos falantes do português popular de São Paulo. Observando sua distribuição nas várias faixas etárias e em dois momentos discretos no tempo, será possível também examinar a direção desta possível mudança, isto é, se ela se dá em direção à supressão dos pronomes, ou em direção à sua aquisição.

Para obtermos medidas objetivas dos processos de variação e mudança e identificar as regularidades que os governam, nos valem também da metodologia quantitativa, conforme proposto por Labov. O pacote de programas computacionais Goldvarb (versão modificada do programa Varbrul, de David Rend e David Sankoff) é usado para o tratamento estatístico dos

dados, efetuando cálculos de frequência de realização/não-realização do pronome reflexivo, avaliando o peso relativo de cada fator lingüístico ou extralingüístico que condiciona esta variação e realizando o cruzamento dos fatores.

Com relação à questão da interação entre fatores, cabe notar que Labov (1994, 2001), em seus textos mais recentes, admite uma segregação relativa entre os aspectos lingüístico e social, enfatizando que: (i) fatores lingüísticos são independentes de fatores sociais; (ii) fatores sociais são independentes de fatores lingüísticos (LABOV, 1994); (iii) enquanto fatores internos são normalmente independentes uns dos outros, os fatores sociais são interativos. Qualquer que seja o padrão de interação entre fatores encontrado, Labov (1994, 2001) faz uma ressalva: os fatores internos e externos não podem estar totalmente isolados, cabendo ao analista incorporar ambos na mesma análise e considerar a possível relação entre eles.

O programa Goldvarb é capaz de medir o efeito simultâneo de diversos fatores em um determinado contexto, mas foi projetado para lidar com fatores independentes uns dos outros. A independência de fatores internos depende da habilidade do analista de formulá-los de forma a evitar enviesamentos, o que nem sempre é possível. Já os fatores externos são baseados em categorias pré-existentes em nossa sociedade, como escolaridade, classe social, ocupação, lugar de residência, etc. No caso específico da comunidade que fornecerá os dados para a presente pesquisa, os fatores externos estão fortemente interligados (ver capítulo 5), em consonância, portanto, com a hipótese (iii) formulada por Labov e descrita acima.

2. A GRAMÁTICA FUNCIONAL DE DIK (1989, 1997)

2.1 Pressupostos gerais

No presente capítulo, são apresentados os fundamentos da Linguística Funcional utilizados na análise. Adotamos o modelo de Gramática Funcional de S. C. Dik, o qual nos motivou a examinar os pronomes reflexivos e as construções em que são usados, sob o ponto de vista semântico, sintático e discursivo.

A Gramática Funcional de Dik (1989, 1997) é sustentada pela análise da organização gramatical de línguas naturais. Uma vez que Dik (1989) vê a língua como um instrumento de interação social cuja função primária é a comunicação, seu objetivo principal é saber como um usuário de uma língua natural atua, isto é, como falantes e ouvintes conseguem comunicar-se através das expressões linguísticas; como é possível para eles se fazerem entender e influenciar o estoque de informação um do outro?

Para isto, o autor propõe um modelo de gramática funcional que tem por objetivo abranger três tipos de *adequação*: *pragmática*, *psicológica* e *tipológica*.

Para alcançar a *adequação pragmática*, uma gramática funcional não deve limitar-se a descrever as regras e os princípios que subjazem à construção das expressões linguísticas, mas também explicá-los em termos de sua funcionalidade, relacionando-os à maneira como estas expressões são usadas.

Uma gramática definida deste modo é uma gramática relevante para falante e ouvinte, e não um objeto formal separado de seus usuários. Dik (1989) entende que além da adequação pragmática, a gramática funcional também tem de ser *psicologicamente adequada*, isto é, tem

de dar conta das capacidades de produção e interpretação dos usuários de uma língua natural. Os *modelos de produção* definem como o falante constrói e formula as expressões lingüísticas. Os *modelos de interpretação* especificam o modo como o ouvinte processa e interpreta estas expressões.

A *adequação tipológica*, por fim, tem como objetivo providenciar uma gramática que permita analisar qualquer tipo de língua.

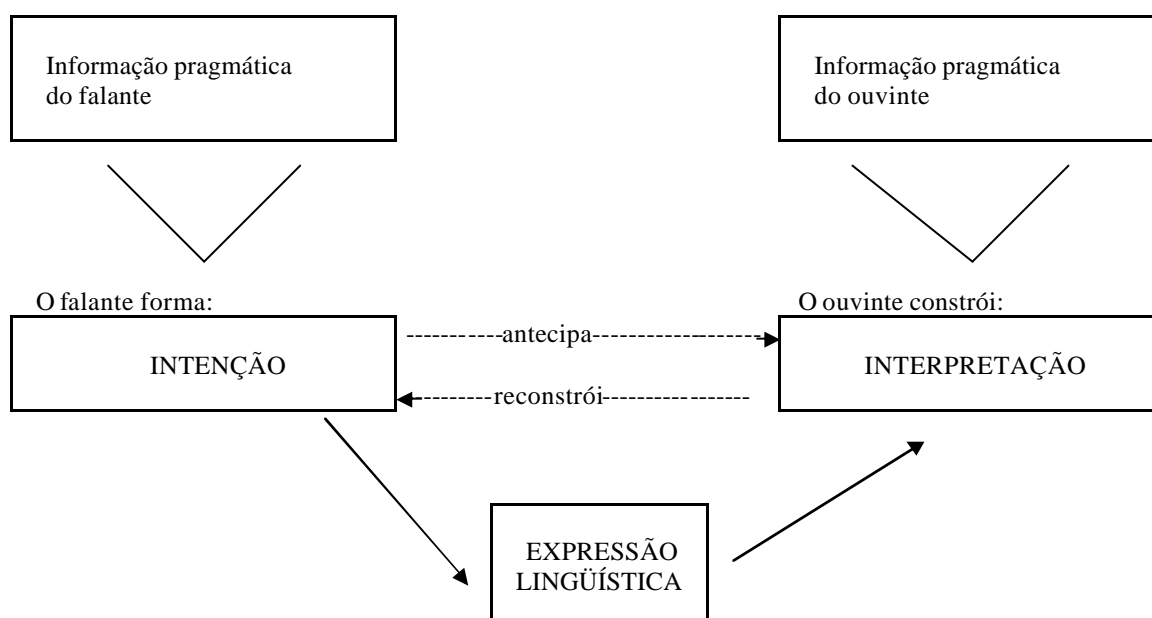
As expressões lingüísticas só podem ser plenamente compreendidas quando consideradas em seu contexto de uso. Assim, a Gramática Funcional tem que necessariamente lidar com dois tipos de *sistemas de regras*: (i) “*as regras que governam a constituição das expressões lingüísticas (regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas)*”; (ii) “*as regras que governam os padrões de interação verbal em que as expressões lingüísticas são usadas (regras pragmáticas)*” (DIK, 1989:3) (tradução nossa).

As regras de (i) são vistas como instrumentais com respeito aos propósitos do sistema de regras (ii). A Pragmática é vista por Dik (1989) como o quadro geral dentro do qual a Semântica e a Sintaxe devem ser estudadas. A Sintaxe é instrumental com respeito à Semântica, e a Semântica é instrumental com respeito à Pragmática.

Na presente pesquisa, partimos da hipótese central de que o uso e as funções da língua influenciam decisivamente a sua estrutura. Todavia, não postulamos uma relação de hierarquia entre Pragmática, Semântica e Gramática. Preferimos adotar aqui a proposta de Castilho (2006), segundo a qual a língua tem uma natureza multissistêmica, abrangendo Léxico, Semântica, Discurso e Gramática. Castilho (2006) estabelece que “*qualquer expressão lingüística exhibe simultaneamente propriedades lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais, variando o grau de saliência entre elas*”, e que “*nossa mente opera simultaneamente sobre o conjunto de categorias recolhidas nesses sistemas*”.

Dik propõe que as expressões lingüísticas sejam descritas e explicadas em termos do quadro geral do sistema pragmático de interação verbal. A *interação verbal* é definida como uma interação social por meio da língua; uma atividade estruturada, porque governada por normas e convenções, e uma atividade cooperativa, que necessita da participação de pelo menos duas pessoas. O autor formula o seguinte modelo de interação verbal:

Modelo de interação verbal (DIK, 1989:8)



De acordo com este esquema, a expressão lingüística é uma função da intenção do falante, de sua informação pragmática e de sua antecipação da interpretação que fará o ouvinte. A interpretação por parte do ouvinte, por sua vez, é uma função da expressão lingüística, da informação pragmática do ouvinte e de sua conjectura sobre o que pode ter sido a intenção comunicativa do falante.

Dik ressalta que a relação entre a intenção do falante e a interpretação do ouvinte é mediada, e não estabelecida, pela expressão lingüística. Do ponto de vista do ouvinte, isto quer dizer que a interpretação vai ser baseada não somente na informação (semântica, sintática, etc.) contida na expressão lingüística, mas também na informação (pragmática,

cultural, etc.) que o ouvinte já tem, e à luz da qual ele interpreta a informação lingüística. “Do ponto de vista do falante, isto significa que a expressão lingüística não necessita ser uma verbalização plena da sua intenção”. Dado o conhecimento que o falante tem sobre a informação que o ouvinte já possui no momento da fala, “uma verbalização parcial normalmente será suficiente” (DIK,1989:9) (tradução nossa).

Dik (1989, 1997) sugere que, através da comparação entre intenção do falante e expressão lingüística, podemos estabelecer um grau de explicitação desta expressão. O autor chama atenção para o fato de que grande parte de nossa comunicação diária é relativamente implícita, demandando uma atividade interpretativa constante por parte do ouvinte, para que possa reconstruir a intenção comunicativa de seu interlocutor.

Pelo esquema de interação verbal de Dik, depreende-se que a gramática funcional parte do pressuposto de que as propriedades formais e semânticas das expressões lingüísticas são determinadas pelas informações pragmáticas disponíveis para falante e ouvinte.

A *informação pragmática* é definida como o conjunto de conhecimentos, crenças, suposições, opiniões e sentimentos disponíveis a um indivíduo em qualquer ponto da interação verbal. Ela se compõe de:

- (i) *informação geral* (“general information”): “*informação de longo termo concernente ao mundo, suas características naturais e culturais, e outros mundos possíveis ou imaginários*”;
- (ii) *informação situacional* (“situational information”): “*informação derivada do que os participantes podem perceber ou experienciar na situação em que a interação toma lugar*”;
- (iii) *informação contextual* (“contextual information”): “*informação derivada das expressões lingüísticas que são trocadas antes ou depois de qualquer ponto da interação verbal*” (DIK, 1989:9) (tradução nossa).

A informação pragmática compreende, portanto, não só o conhecimento lingüístico e não-lingüístico de que os interlocutores dispunham antes do evento comunicativo (“long-term knowledge”), como o conhecimento derivado da própria comunicação e da situação em que esta toma lugar (“short-term knowledge”). Falante e ouvinte constroem um *modelo mental dinâmico*³⁹, continuamente atualizado, do que está sendo transmitido no discurso, que vai ser decisivo para sua produção e interpretação (DIK, 1997).

Dik propõe que os interlocutores podem estimar a informação pragmática um do outro e distinguir a informação compartilhada da não compartilhada. Mais do que isto, o autor estabelece que os falantes necessariamente levam isto em conta para formular as expressões lingüísticas. É sobre estas idéias que incidem as críticas de Labov (1994) aos funcionalistas, como vimos no capítulo 1.

Para ser tipologicamente adequada, as regras e princípios da Gramática Funcional são formulados em um nível de abstração. Dik adota um nível subjacente de estruturas (“underlying structures”), em termos do qual as expressões lingüísticas são analisadas. Concentraremos nossa exposição nas noções que serão utilizadas para examinar as construções com pronomes reflexivos.

2.2 Termos, predicados e estruturas de predicados

Dik (1989, 1997) estabelece que o léxico de uma língua abrange *predicados* e *termos*. Os *termos* são expressões usadas para referir a entidades. Os *predicados* designam propriedades ou relações entre estas entidades.

³⁹ Este modelo mental nunca é idêntico à realidade objetiva, porque envolve conceptualização do mundo externo. Além disto, o mundo em questão também pode ser um mundo hipotético, ou imaginário (DIK, 1997).

Inserindo termos (*John, the book, the librarian*) nos lugares de um predicado (*give*) construímos uma *predicação*, que designa um estado de coisas, isto é, algo que pode ocorrer em um mundo real ou imaginário. Exemplo:

- (1) John gave the book to the librarian. (DIK, 1989:47)
 “John deu o livro ao bibliotecário.”

Os predicados não são considerados elementos isolados, e sim *estruturas de predicado* (“*predicate frames*”), as quais contêm um esquema, uma planta das predicações em que podem ser usados (DIK, 1989). Estas estruturas indicam:

- (i) a forma do predicado (ex.: *give-gave-given*);
- (ii) sua categoria sintática (verbal, nominal, adjetival);
- (iii) sua valência quantitativa – número de argumentos (i.e. termos requeridos pela semântica do predicado) com os quais o predicado pode combinar;
- (iv) sua valência qualitativa (funções e traços semânticos desses argumentos).

Os “*predicate frames*” definem, portanto, as combinações sintáticas e semânticas dos predicados (DIK, 1989,1997).

A estrutura do predicado *give* (‘dar’) é apresentada abaixo a título de ilustração:

Give v (x1: <animado> (x1)) Agente (x2) Paciente (x3: <animado> (x3)) Recipiente

Esta estrutura determina que o predicado verbal *dar* tem três posições argumentais (x1, x2, x3), com as respectivas funções semânticas de Agente, Paciente e Recipiente, sendo que o primeiro e o terceiro argumentos têm de ser [+animados] (DIK,1989:54).

A ordem do predicado e de seus argumentos nesta estrutura subjacente não tem relação necessária com a ordem linear que estes constituintes vão tomar na expressão. A ordem dos argumentos (x1, x2, x3) reflete a hierarquia das funções semânticas proposta por Dik (1989): argumentos Agentes são mais centrais na predicação do que Pacientes, e estes mais do que Recipientes. Em termos destas funções semânticas, o autor faz uma distinção entre: *primeiro argumento* (como Agente), *segundo argumento* (como Paciente) e *terceiro argumento* (como Recipiente).

Há *predicações fechadas* (“*closed predication*”: quando todas as posições argumentais já foram preenchidas com termos) e *abertas* (“*open predication*”: quando há pelo menos um lugar não ocupado). As estruturas de predicado são abertas por definição (DIK, 1989, 1997).

Os *argumentos* são vistos como termos requeridos por um predicado para formar uma predicação nuclear completa. Ao contrário dos *satélites* (termos acessórios, que proporcionam informação adicional), os argumentos são essenciais para a integridade do estado de coisas designado pela estrutura do predicado. Uma mesma expressão pode ser argumento ou satélite conforme a estrutura do predicado em que ela figura. Exemplos:

- (2) John lives *in Amsterdam*. (argumento) (DIK, 1989:73)
“John mora *em Amsterdã*.”
- (3) John bought a car *in Amsterdam*. (satélite)
“John comprou um carro *em Amsterdã*.”

Dik nota que um teste, para determinar se um termo é argumento ou satélite, é extrair o termo; se for um satélite, sua ausência não afeta a gramaticalidade ou o sentido da construção. Mas, como o próprio autor observa, este teste nem sempre funciona, por duas razões: (i) argumentos podem não ser especificados e (ii) os predicados podem sofrer redução de valência.

Se os contextos discursivo e situacional são suficientemente especificados, os argumentos podem não ser mencionados, sem que sua ausência comprometa a gramaticalidade da oração ou prejudique a informação. No exemplo mencionado por Dik:

- (4) What shall we do? Buy or sell? (DIK,1989:74)
 “O que devemos fazer? Comprar ou vender?”

comprar e *vender* não são predicados de zero lugar (i.e. sem posições argumentais). Isto quer dizer que os argumentos não precisam necessariamente ser expressos, contanto que possam ser reconstruídos a partir da cena (“setting”) em que a expressão é usada.

Os predicados também podem sofrer um processo de redução de valência, isto é, redução de posições argumentais, de que trataremos no item a seguir.

2.3 Formação de predicados

Os predicados podem ser *básicos* (contidos no léxico) ou *derivados*, isto é, formados por um sistema de regras produtivas através das quais novos predicados podem ser derivados de predicados existentes (DIK, 1997):

If property/relation A is designated by predicate frame B, then property/relation A' may be designated by predicate frame B', where B' can be derived from B by a predicate formation rule, the meaning specification of which systematically relates A to A'. (DIK, 1997:19)

Isto pode ser assim representado:

input predicate frame (+ Predicate formation rules) > output derived predicate frame

Qualquer propriedade do predicado input (forma, estatuto categorial, e/ou valência) pode ser modificada através destas regras. Alguns tipos de regras de formação de predicados podem ocasionar mudanças na valência quantitativa e qualitativa do *input predicate frame*, como reduzir ou ampliar o número de seus argumentos, ou modificar as funções e traços semânticos das posições argumentais. Em outras palavras: a valência quantitativa e qualitativa dos predicados está disponível tanto no input quanto no output. Com isto, o autor torna possível formular regras de formação de predicados, as quais são dependentes da valência do predicado input, e especificar os efeitos que estas regras têm na valência do predicado output. (DIK, 1989, 1997)⁴⁰.

A *valência quantitativa* pode ser afetada pelas regras de formação de predicados de duas maneiras:

(i) *ampliação de valência*: a estrutura do predicado input é ampliada em uma posição argumental. Isto se dá, por exemplo, quando um predicado intransitivo é convertido em um predicado transitivo. Exemplo:

- (5) The soldiers marched to the camp. (DIK, 1997:8)
“Os soldados marcharam para o campo.”
- (5a) The corporal marched the soldiers to the camp.
“O cabo marchou os soldados para o campo.”

⁴⁰ De acordo com Dik (1989, 1997), o alicerce da língua (“Fund”) contém termos e predicados, sejam eles básicos ou derivados. O léxico, por sua vez, abrange apenas termos e predicados básicos. O autor postula que um predicado derivado pode se tornar um predicado básico, contido no léxico. Mas Dik não se detém sobre este processo que ele denomina “lexicalização”.

(ii) *redução de valência*: a valência quantitativa do predicado input é reduzida em pelo menos uma posição argumental. Exemplos:

- (6) Mary is washing. (DIK, 1997:10)
 “A Maria está (se) lavando.”
 (7) These clothes don’t wash.
 “Estas roupas não (se) lava(m).”

Em (6), há um verbo de dois lugares, mas somente o primeiro argumento é expresso. Para Dik (1997), se esta construção só pudesse ser interpretada como ‘Mary is washing something’, poderíamos dizer que o segundo argumento não foi especificado, podendo ser recuperado no contexto. Mas isto não nos levaria à interpretação reflexiva, que também é possível (‘Mary is washing herself’).

A construção (7) apresenta o mesmo predicado (*wash*), diferindo em que agora temos só o segundo argumento expresso. Esta é interpretada por Dik como uma construção pseudo-passiva, através da qual uma propriedade é assinalada às roupas: a impossibilidade de lavá-las.

A estrutura pseudo-passiva em (7) exemplifica a *redução do primeiro argumento*; e a estrutura reflexiva em (6), a *redução do segundo argumento*.

A estrutura subjacente dos predicados input e output é assim representada (DIK,1997:12-13):

(i) com redução do primeiro argumento:

Input: pred [V] (**x1**) (x2) ... (xn) [n≥1]
 Output: {**R** pred} [V] (- -) (x2)... (xn)

(ii) com redução do segundo argumento:

Input: pred [V] (x1) (**x2**) ... (xn) [$n \geq 2$]

Output: {**R** pred} [V] (x1) (- -)... (xn)

R representa uma marca de redução que pode ser expressa por um afixo verbal, por uma partícula, ou por zero. Um exemplo desta marca redutora, citado pelo autor, é o pronome reflexivo *se*, nas línguas românicas.

No predicado output de (i), a identidade do primeiro argumento seria irrelevante. Dik cita outros exemplos que ilustram a *redução do primeiro argumento*:

- (8) John catches butterflies. (DIK, 1997: 12-13)
“John prende borboletas.”
- (8a) (It) catches-*R* butterflies.
“Prende(m)-(se) borboletas.”
- (8b) Butterflies catch-*R*.
“Borboletas (se) prendem.”

Estas construções podem ser ilustradas em português com os seguintes exemplos retirados de Borba (1991):

- (9) Os bandeirantes alargaram nossas fronteiras. (BORBA, 1991:75)
- (9a) Alargaram-se as trilhas.

Um equivalente de (8b), atestado no português popular, é (9b) (retirado de PEREIRA, 2006):

- (9b) A senhora não vê a avenida São João como alargô? (PEREIRA, 2006:549)

De acordo com Dik (1997), na construção (8a), não há Agente envolvido, de modo que ela só pode ser interpretada num sentido geral: “uma captura de borboletas está

ocorrendo”. Neste uso, o argumento Paciente retém a expressão típica para Paciente na língua em questão – como ilustrado em (8a) e (9a), em que os argumentos “borboletas” e “as trilhas” se pospõem ao verbo, ocupando a posição típica para o segundo argumento Paciente no português. Mas a construção pode ainda ser submetida a um outro processo, através do qual o segundo argumento “usurpa os direitos do primeiro argumento” (“*argument shift*”) (DIK,1997:13), como ocorre em (8b) e (9b), em que o segundo argumento passa a ocupar a posição do primeiro.

Com relação ao predicado output de (ii), com *redução do segundo argumento*, Dik (1997) nos coloca a seguinte questão: como um predicado transitivo pode ser interpretado como não se aplicando a um argumento Paciente? Vejamos o exemplo a seguir citado pelo autor:

- (10) Real men do not wash-R. (DIK, 1997:14)
“Homens de verdade não (se) lavam.”
- (10a) interpretação não-específica: ‘real men do not engage in the activity of washing (anything, whatever it is)’;
- (10b) interpretação reflexiva: ‘real men do not wash themselves’;
- (10c) interpretação recíproca: ‘real men do not wash each other’.

Neste trecho, ele não resolve a questão de como determinar qual dessas interpretações é a correta, apenas encerra dizendo que, em muitas línguas, achamos essas mesmas possibilidades de interpretação para predicados derivados, que podem ser entendidos em termos de redução do segundo argumento⁴¹.

Vale ressaltar que, se pelo contexto discursivo ou situacional fosse possível depreender o segundo argumento – permitindo, por exemplo, que a construção (10) pudesse ser interpretada como (10d) ‘real men do not wash (dishes)’ – esta construção não seria

⁴¹ Em outras passagens de sua obra, Dik (1997) sugere que nos casos de ambigüidade e/ou naqueles em que não há indicação explícita do argumento, a interpretação de seu referente depende da consideração de um número de fatores, sejam eles: referentes disponíveis no contexto lingüístico, ou situacional; plausibilidade semântica e pragmática; restrições de seleção do predicado em questão; regras de prioridades ou hierarquias (conferir item 2.6); etc.

considerada por Dik (1989, 1997) um caso de redução de argumento, e sim de argumento não-especificado.

A redução de valência significa, portanto, que o predicado original de n-lugares passou a ter n-1 argumentos. O predicado derivado tem uma valência aberta. Na interpretação reflexiva, esta valência é satisfeita conectando o predicado duas vezes ao mesmo argumento; o mesmo se aplica à interpretação recíproca. É só quando o argumento é completamente não-especificado – na redução do 1º argumento, exemplificada nas construções passivas 8a, 8b, 9a e 9b, e na redução do 2º argumento com uma interpretação não-específica, ilustrada em 10a – que há uma tendência a *de-actualization* (i.e. predicados derivados designando uma propriedade geral, habitual, potencial); exemplo:

- (11) These glasses break-R. (DIK, 1997:15)
 “Estes copos (se) quebra(m).”

Vemos, portanto, que, seguindo a proposta de Dik (1997), é possível caracterizar as *construções reflexivas* (recíprocas ou não) da língua portuguesa como estruturas que sofreram *redução do segundo argumento*, e as *passivas reflexas* como estruturas que tiveram *redução do primeiro argumento*, conforme ilustrado nos exemplos (12) e (13), respectivamente:

- (12) Com a chegada da polícia, os manifestantes esparramaram-se. (BORBA, 1991:687)
 (13) bagagens se esparramando pelo chão.

É importante ressaltar aqui que o pronome *se* é interpretado por Dik (1997) como uma marca de redução de valência em ambos os casos.

Note-se que as regras de formação do predicado podem afetar não apenas a valência quantitativa, mas também a *valência qualitativa* do predicado input. Isto acontece quando as funções semânticas e/ou as restrições de seleção quanto aos traços semânticos dos argumentos são modificadas.

A mudança de função semântica pode se dar quando um argumento originariamente Paciente assume o papel de primeiro argumento e recebe a função de “Processed” (se uma interpretação como processo é assinalada pelo predicado derivado), como em (8b), ou “Zero” (se o predicado indica o estado de ter alguma propriedade), como em (11):

- (8b) Butterflies catch-R.. (DIK, 1997:13,15)
 “Borboletas (se) prendem.”
- (11) These glasses break-R.
 “Estes copos (se) quebra(m).”

Da mesma forma, há regras de formação de predicados que alteram as restrições de seleção, quando, por exemplo, o predicado input requer um argumento [+animado], mas o output seleciona um argumento [-animado].

2.4 Funções semânticas, sintáticas e pragmáticas

Uma mesma categoria pode exercer diferentes funções. A Gramática Funcional adota três níveis de relações funcionais:

- (1) funções semânticas: especificam o papel que os referentes dos termos têm no estado de coisas designado pela predicação na qual estes termos ocorrem (exs.: Agente, Paciente, Recipiente, etc.);
- (2) funções sintáticas: especificam a perspectiva, ou ponto de vista, através do qual um estado de coisas é apresentado na expressão lingüística (exs.: sujeito e objeto);
- (3) funções pragmáticas: especificam o estatuto informacional de um constituinte no contexto comunicativo em que ocorre (exs.:Tema, Tópico, Foco, etc.).

Estes três tipos de função determinam aspectos cruciais do conteúdo e da forma das expressões lingüísticas (DIK, 1989).

2.4.1 Funções semânticas

Dik (1989) propõe uma tipologia de estado de coisas, ou tipologia de predicados, e um conjunto relacionado de funções semânticas dos argumentos dos predicados. Tais funções são relevantes para explicar as propriedades sintáticas e semânticas das expressões. Um mesmo predicado pode ocorrer em diferentes predicacões, que designam diferentes estados de coisas. Por este motivo, a natureza semântica da predicacão como um todo é determinada pela combinação das características semânticas dos argumentos e do predicado.

Os parâmetros ou traços semânticos que são usados para estabelecer a tipologia de estado de coisas são: [+/-dinâmico], [+/-télico], [+/-momentâneo], [+/-controlado], [+/-experiencial]. Na análise dos pronomes reflexivos, interessa-nos analisar os parâmetros dinamicidade, controle e experiência, os quais são definidos a seguir.

a) *Dinamicidade*:

[-dinâmico] – estado de coisas que não envolve mudança; as entidades envolvidas permanecem as mesmas. Exemplos:

- (14) The substance was red. (DIK, 1989:91)
“A substância era vermelha.”
- (15) John was sitting in his father’s chair.
“John estava sentado na cadeira de seu pai.”

[+dinâmico] – estado de coisas que necessariamente envolve algum tipo de mudança, ou dinamismo. Exemplos:

- (16) The substance reddened. (DIK, 1989:91)
 “A substância se avermelhou.”
 (17) John opened the door.
 “John abriu a porta.”

Se o estado de coisas é [- dinâmico], ele é denominado SITUAÇÃO; se é [+dinâmico], é denominado EVENTO⁴².

b) *Controle*:

[+controlado] – o estado de coisas é controlado se o primeiro argumento tem o poder de determinar se este estado de coisas vai ou não acontecer. Neste caso, a entidade que representa o primeiro argumento é a controladora do estado de coisas. Exemplos:

- (18) John opened the door. (DIK, 1989:96)
 “John abriu a porta.”
 (19) John was sitting in the garden.
 “John estava sentado no jardim.”

[-controlado] – diz-se que o estado de coisas é [controlado] quando dele tomam parte participantes não-controladores. Exemplos:

- (20) The substance was red. (DIK, 1989:96)
 “A substância era vermelha.”
 (21) The tree fell down.
 “A árvore caiu.”

⁴² Para determinar se o estado de coisas é um Evento ou uma Situação, Dik (1989:91-92) sugere adicionar um satélite que expressa velocidade. Só os estados de coisa [+dinâmicos] vão admitir este tipo de satélite (exs.: The substance reddened quickly; *The substance was red quickly).

c) *Experiência*:

O estado de coisas pode ser [+ experiencial] ou [-experiencial]. O traço [+experiencial] se aplica a estados de coisas que envolvem as faculdades sensoriais ou mentais de um ser animado. Isto se dá com predicados como *perceber*, *sentir*, *querer*, *conceber* e *experienciar*. Exemplos:

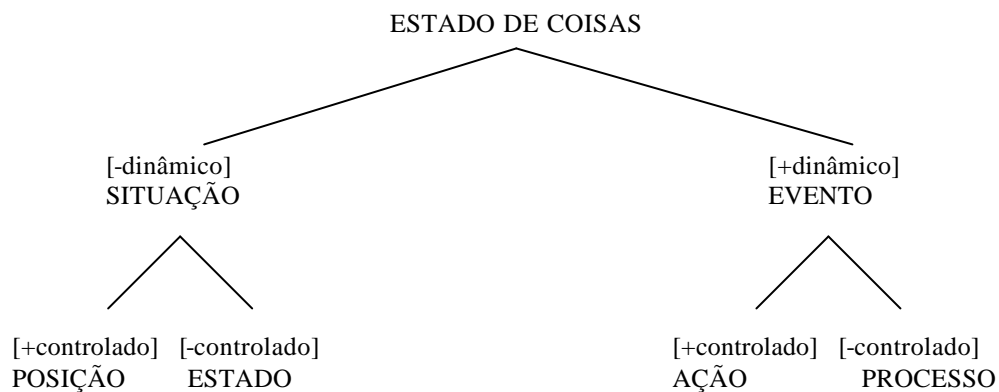
[+experiencial]:

- (22) John did not believe the story. (DIK, 1989:99)
 “John não acreditou na história.”

[-experiencial]:

- (23) John did not wait for his friend. (DIK, 1989:99)
 “John não esperou por seu amigo.”

Combinando os traços semânticos [dinamicidade] e [controle], obtêm-se uma tipologia de estado de coisas, formada pelas seguintes categorias: Situação de Posição, Situação de Estado, Evento de Ação e Evento de Processo (DIK, 1989:98).



Exemplos:

Situação de POSIÇÃO [- dinâmico + controlado]:

- (24) John kept his money in an old sock. (DIK, 1989:97)
 “John manteve seu dinheiro numa meia velha.”

Situação de ESTADO [- dinâmico – controlado]:

- (25) John’s money is in and old sock. (DIK, 1989:97)
 “O dinheiro de John está numa meia velha.”

Evento de AÇÃO [+ dinâmico + controlado]:

- (26) John ran the marathon in three hours. (DIK, 1989:97)
 “John correu a maratona em três horas.”

Evento de PROCESSO [+ dinâmico – controlado]:

- (27) The apple fell from the tree. (DIK, 1989:97)
 “A maçã caiu da árvore.”

A partir desta tipologia de estado de coisas, ou tipologia de predicados, Dik vai enumerar as funções semânticas que podem ser exercidas pelos argumentos (e satélites) que se combinam com estes predicados.

O *primeiro argumento* de uma estrutura de predicado – isto é, o argumento único de um predicado de uma posição argumental, ou o argumento mais central de um predicado com várias posições argumentais – pode ter uma das seguintes *funções semânticas*:

a) *Agente*: a entidade controlando uma AÇÃO.

- (28) *John was reading a book.* (DIK, 1989:101)
 “*John estava lendo um livro.*”

b) *Posicionador*: a entidade controlando uma POSIÇÃO.

- (29) *John kept his money in an old sock.* (DIK, 1989:101, 104)
 “*John matinha seu dinheiro numa meia velha.*”
 (30) *John lives in London.*
 “*John mora em Londres.*”

c) *Força*: a entidade não-controladora que desencadeia um PROCESSO.

- (31) *The earthquake moved the rock.* (DIK, 1989:101, 104)
 “*O terremoto moveu a pedra.*”
 (32) *The heat suffocated John.*
 “*O calor sufocou John.*”

d) “*Processed*”: a entidade que sofre um PROCESSO.

- (33) *The rock moved.* (DIK, 1989:101)
 “*A pedra se moveu.*”

e) *Zero*: a entidade envolvida em um ESTADO.

- (34) *The cup was on the table.* (DIK, 1989:101,104)
 “*A xícara estava sobre a mesa.*”
 (35) *The boy resembles his father.*
 “*O garoto se parece com seu pai.*”

As *funções semânticas* que podem ser exercidas pelo *segundo e terceiro argumentos* são as seguintes:

f) *Paciente*: a entidade afetada pela operação de algum controlador (Agente ou Posicionador) ou não-controlador (Força).

- (36) The earthquake moved *the rock*. (DIK, 1989:101,103-4)
“O terremoto moveu *a pedra*.”
- (37) The heat suffocated *John*.
“O calor sufocou *John*.”
- (38) John scared *Mary*.
“John assustou *Mary*.”
- (39) John impressed *Mary*.
“John impressionou *Mary*.”
- (40) John kissed *Mary*.
“John beijou *Mary*.”
- (41) John gave *the book* to *Mary*.
“John deu *o livro* a *Mary*.”

g) *Recipiente*: a entidade para cuja posseção algo é transferido.

- (42) John gave the book to *Mary*. (DIK, 1989:103-4)
“John deu o livro a *Mary*.”
- (43) John apologized to *Peter*.
“John se desculpou com *Peter*.”

h) *Locativo*: o lugar em que algo é localizado.

- (44) John landed on *Mars*. (DIK, 1989:104)
“John aterrissou em *Marte*.”

i) *Direção*: a entidade em direção a qual algo se move ou é movido.

- (45) John drove to *London*. (DIK, 1989:104)
“John dirigiu até *Londres*.”

j) *Origem*: a entidade, ou ponto de origem, a partir da qual algo se move ou é movido.

- (46) John jumped from *the table*. (DIK, 1989:104)
 “John pulou da *mesa*.”

k) *Referência*: o segundo ou terceiro termo de uma relação com referência ao qual a relação se dá.

- (47) The boy resembles *his father*. (DIK, 1989:104)
 “O garoto se parece com *seu pai*.”
 (48) John taught the children *mathematics*.
 “John ensinou *matemática* para as crianças.”

Além de ser portador de uma dessas funções, os argumentos podem também ter a função de Experienciador, como em (37), (38), (39) e (43).

O quadro abaixo mostra a relação estabelecida por Dik (1989) entre argumentos e suas funções semânticas:

[1]	[2a]	[2b]
a) Agente b) Posicionador c) Força d) Processed [Experienciador] e) Zero [Experienciador]	f) Paciente [Experienciador]	g) Recipiente [Experienciador] h) Locativo i) Direção j) Origem k) Referência

Quadro 2: Funções semânticas do 1º, 2º e 3º argumentos (DIK, 1989:103)

Em todas as estruturas de predicado, o primeiro argumento terá uma das funções listadas em (1); se a estrutura do predicado tiver dois lugares, o segundo argumento terá uma das funções listadas em (2a) e (2b); se tiver três lugares, o segundo argumento terá a função de Paciente, e o terceiro argumento terá uma das funções enumeradas em (2b).

É importante notar que Dik (1989) distingue dois tipos de Processo: os *instigados* e os *não-instigados*. Nestes últimos, o argumento único apresenta a função de *Processed*, como em (49). O autor reserva a função semântica de *Paciente* para argumentos afetados por um processo instigado, que implica necessariamente uma Força, como em (50). O argumento *Paciente* pode ser também aquele afetado pela ação de um *Agente*, como em (51).

- (49) *The rock* (Processed) moved. (DIK, 1989:101, 105)
“A *pedra* se moveu.”
- (50) The earthquake (Força) moved *the rock* (Paciente).
“O terremoto moveu *a pedra*.”
- (51) John (Agente) moved *the rock* (Paciente).
“John moveu *a pedra*.”

Na classificação de Borba (1991), o argumento afetado “a pedra” é sempre *Paciente*, seja em (49), (50) ou (51). A construção (49) é descrita como um Processo; já as estruturas (50) e (51) são indistintamente descritas como uma Ação-Processo, diferindo apenas em que (50) ilustra uma causação levada a efeito por um sujeito *Causativo*, ao passo que em (51) há uma ação realizada por um sujeito *Agente*. Na análise das construções com pronomes reflexivos, levaremos em conta estas duas propostas de classificação semântica.

2.4.2 Funções sintáticas

As funções sintáticas especificam as diferentes perspectivas através das quais o estado de coisas é apresentado. Para Dik, assinalar a um termo a função de sujeito ou objeto é equivalente a assinalar um ponto de vista. Exemplos:

- (52a) John gave the book to Peter. (DIK, 1989:209)
 “John deu o livro ao Peter.”
- (52b) The book was given to Peter by John.
 “O livro foi dado a Peter por John.”
- (52c) Peter was given the book by John.
 “Ao Peter foi dado o livro pelo John.”

Nos exemplos enumerados em (52), o estado de coisas é apresentado, respectivamente, sob a perspectiva de John, do livro e de Peter.

Dik (1989) interpreta o sujeito como o ponto de vista primário (“primary vantage-point”), e o objeto como o ponto de vista secundário (“second vantage-point”). A estrutura do predicado, a partir da qual a predicação é formada, especifica uma perspectiva básica sobre o estado de coisas que ela designa. A perspectiva básica parte do primeiro argumento (A1), para o segundo (A2) e o terceiro (A3).

No exemplo (52a), o estado de coisas é apresentado sob o ponto de vista do primeiro argumento, de acordo com a perspectiva básica da estrutura do predicado *dar*, em (52b) e (52c), em que figura o ponto de vista do segundo e terceiro argumentos, há a inversão da perspectiva básica de *dar*.

Para Dik (1989), pode haver diferentes razões para apresentar o estado de coisas de um ponto de vista diferente do que é determinado na estrutura subjacente do predicado:

- 1) o falante tem mais empatia com a entidade que representa o segundo/terceiro argumento do que com a entidade equivalente ao primeiro argumento;
- 2) o segundo argumento corresponde a um Tópico Dado, enquanto o primeiro argumento é um Tópico Novo (de acordo com Dik, a informação nova tende a ocupar uma posição não-inicial na sentença);
- 3) a entidade que corresponde ao primeiro argumento não é suficientemente identificável ou conhecida, ou não é importante, ou o falante escolhe não identificá-la.

O autor também propõe algumas hierarquias (conferir também item 2.6), que governariam a escolha da perspectiva (DIK,1989:236):

- (i) definido > específico > não-específico
- (ii) 1ª e 2ª pessoas > 3ª pessoa
- (iii) singular > plural
- (iv) humano > animado > inanimado
- (v) entidades concretas > entidades abstratas
- (vi) termos da predicação principal > termos da predicação subordinada

Estas hierarquias estabelecem que se um argumento é definido, humano, correspondente a 1ª ou a 2ª pessoa, etc., ele será mais proeminente e tenderá a ser escolhido como ponto de vista primário (sujeito) ou secundário (objeto).

A atribuição do ponto de vista vai ter conseqüências na voz verbal. Ao descrever a estrutura passiva, Dik (1989) postula que uma propriedade necessária desta construção é que ela possa ser expressa como ativa, isto é, a valência do predicado tem que ser a mesma da estrutura ativa. Exemplos:

- (53) John opened the door. (DIK, 1989:220)
“John abriu a porta.”
- (54) The door was opened by John.
“A porta foi aberta por John.”
- (55) The door was opened.
“A porta foi aberta.”

Em construções como (55), há a possibilidade de se inserir um Agente, sem mudar o sentido ou afetar a gramaticalidade. Em casos como este, o autor observa que, ainda que o Agente não seja mencionado, ele pode ser subentendido.

Já construções como (56), a seguir, não pressupõem um Agente (i.e. a porta pode ter-se aberto “sozinha” sem a intervenção de um Agente ou Força):

- (56a) The door opened. (DIK, 1989:220)
 “A porta (se) abriu.”
 (56b) The door opened (*by John).
 “A porta (se) abriu (*por John).”

Dik (1989,1997) então considera esta construção como um predicado intransitivo, que se formou a partir da redução de valência, não havendo lugar para um Agente na estrutura subjacente. É por este motivo que o autor a interpreta como uma estrutura pseudo-passiva, na qual o primeiro argumento não exerce a função de Paciente, mas de “Processed”. Como veremos adiante (cf. capítulo 4), Said Ali (1966) igualmente estabelece que a construção passiva implica necessariamente a existência de um Agente ou Causativo, do contrário não pode ser considerada passiva. Estas formulações serão consideradas na análise das estruturas de passiva reflexa encontradas no *corpus*.

Vimos, no item 2.3, que Dik (1997) interpreta o pronome reflexivo *se* nas línguas românicas como uma marca de redução de valência do predicado. Isto vale tanto para as construções de passiva reflexa, quanto para as estruturas reflexivas propriamente ditas. Nas estruturas de língua inglesa que ele utiliza para exemplificar a redução do primeiro e segundo argumentos (respectivamente, exemplos (7) e (6) reproduzidos abaixo), o instrumento gramatical que assinala tal redução é expresso por zero.

- (6) Mary is washing. (DIK, 1997:10)
 “A Maria está (se) lavando.”
 (7) These clothes don’t wash.
 “Estas roupas não (se) lava(m).”

Cabe notar, contudo, que quando o autor cita exemplos de construções reflexivas no inglês, com a utilização do pronome explícito, ele as analisa de uma forma diferente. Vejamos o exemplo a seguir:

- (57) John looked at himself. (DIK, 1989:160)
 “John se olhou/ olhou para si/ para si mesmo/ para ele mesmo.”

Estrutura subjacente:

Look-at v (dIxi:John N (xi)) Agente (A xi) Paciente

Nesta instância, Dik não considera que houve redução de valência: o pronome reflexivo *himself* tem o status de um argumento, exercendo a função sintática de objeto e a função semântica de Paciente.

O mesmo ocorre em um outro exemplo de reflexivo com o pronome *se*, no latim, citado pelo autor:

- (58) Se venturum esse promisit (DIK, 1997:147-148)
 Himself coming to be he promised
 Acusativo futuro
 ‘He promised himself to come’.
 “Ele prometeu que ele virá.”

Estrutura subjacente:

promittere [V] (dIxi:p3)Agente/Sujeito (Post e: [venire [V] (Axi) Agente/Sujeito])Paciente

Em (58), o pronome reflexivo igualmente tem o status de argumento e recebe função semântica.

Esta aparente contradição na análise de Dik sugere as seguintes questões: haveria construções em que o pronome reflexivo figuraria como objeto, como em *matar-se*, por exemplo, ou este pronome poderia ser interpretado em todos os contextos como um instrumento gramatical que marca a redução de um dos argumentos do predicado? A função sintática dependeria da forma pronominal, isto é, o pronome tônico combinado com o item

lexical *mesmo* (*ele matou ele mesmo*) poderia ser considerado um argumento, enquanto o pronome clítico *se* estaria mais próximo de um afixo gramatical? Voltaremos a estas questões, nos capítulos 4 e 6.

2.4.3 Funções pragmáticas

As funções pragmáticas especificam o status informacional de diferentes constituintes da oração, em relação à situação comunicativa em que ocorrem e à informação pragmática do falante e do ouvinte no momento do uso.

De acordo com o esquema de interação verbal proposto por Dik, quando o falante organiza sua expressão, ele também faz uma estimativa da informação pragmática do ouvinte. O falante deseja efetuar alguma modificação na informação pragmática de seu interlocutor. Para isto, ele geralmente inicia com uma informação que presume que o ouvinte já tenha, para depois transmitir a informação nova (“given-new contract”; DIK, 1989). A expressão lingüística tipicamente se constitui, portanto, de informações dadas e novas. Esta distinção *Dado x Novo* corresponde parcialmente às noções de *Topicalidade* e *Focalidade*.

A *Topicalidade* se refere às entidades sobre as quais falamos, sobre as quais alguma informação é veiculada no discurso. As funções tópicas só podem ser assinaladas a termos. Os termos podem ser introduzidos como Tópicos Novos, ou como Tópicos Dados, Subtópicos e Tópicos Resumidos.

A *Focalidade* abrange os constituintes da sentença que, de um ponto de vista comunicativo, são os mais importantes ou salientes. Funções focais podem ser assinaladas a qualquer parte da estrutura da oração, não só a termos. As funções focais recaem sobre os

constituintes em que uma ênfase especial é colocada, ou que são apresentados como contrastantes com outras informações explicitamente mencionadas ou subentendidas através do contexto (DIK, 1989).

Nas línguas em que a Topicalidade/Focalidade é assinalada a elementos através da forma, ordem e/ou prosódia, estes elementos recebem a função pragmática de *Tópico* ou *Foco*.

2.4.3.1 Tópicos

O discurso (tomado como qualquer tipo de texto coerente: história, monólogo, diálogo, conferência, etc.) é sobre certas entidades. Os *Tópicos Discursivos* constituem as entidades sobre as quais o discurso discorre. Um discurso pode ter vários *Tópicos Discursivos* e na medida em que alguns são mais centrais para o discurso do que outros, eles podem ser hierarquicamente organizados. A noção de *Tópico Discursivo* deve ser interpretada com relação ao trecho do discurso (parágrafo, oração, etc.) que se considera. Alguns *Tópicos* desaparecem rapidamente, outros se mantêm por mais tempo no discurso (DIK, 1989).

Quando o *Tópico Discursivo* é introduzido no discurso pela primeira vez, ele constitui um *Tópico Novo*. Exemplo:

- (59) In the circus we saw *an elephant called Jumbo*. (DIK, 1989: 268)
 “No circo vimos *um elefante chamado Jumbo*.”

Há muitos meios de se introduzir um *Tópico Novo* no discurso. Isto pode ser feito, por exemplo, através de construções existenciais (*there was an elephant...*), metalingüísticas (*I'm*

going to tell you a story about an elephant...), uma posição especial na sentença, como o lugar ocupado pelo objeto ou segundo argumento, etc.

Tópicos Novos combinam propriedades de Topicalidade e Focalidade: são Tópicos porque introduzem *entidades tópicas* no discurso, e são focais porque *introduzem* estas entidades. Geralmente são indefinidos, como no exemplo (59), mas podem também ser definidos, como em (60), se o falante assume que a identidade do Tópico Novo é conhecida pelo interlocutor. O autor nota ainda que em muitas línguas ele tende a ocupar uma posição não-inicial ou mais ao final da sentença. Exemplo:

- (60) Yesterday in the pub I met *your sister Mary*. (DIK, 1989:269)
 “Ontem no bar eu encontrei *a sua irmã Mary*.”

Uma vez que o Tópico foi introduzido no discurso, ele pode ser tratado como *Tópico Dado* no discurso que segue. Mas ele tem que ser mantido “vivo” através de repetidas referências nas predicções subseqüentes. Estas referências sucessivas podem ser chamadas de *cadeia tópica* (“topic chain”). Se a cadeia tópica é quebrada pela intromissão de outro Tópico, ou quando a última referência ao Tópico em questão está muito distante, o Tópico Dado pode ter de ser restabelecido, revivido no discurso (DIK, 1989).

Entre os meios gramaticais que as línguas usam para manter a continuidade tópica, Dik (1989) menciona, entre outros, a referência anafórica (cf. item 2.5.2) e o paralelismo sintático. Este requer que o Tópico Dado reapareça em posições sintáticas similares nas predicções subseqüentes.

Vries (1985⁴³ apud DIK, 1989) nota que é comum que as funções de Tópico Dado e sujeito recaiam em um único elemento. O Tópico, segundo ele, determina a perspectiva

⁴³ Vries, Lourens de (1985). Topic and Focus in Wambon discourse. In: Bolkestein et al., (eds.). *Syntax and Pragmatics in Functional Grammar*. Dordrecht, Foris.

contextual a partir da qual o discurso é organizado; o sujeito determina a perspectiva a partir da qual o estado de coisas é apresentado, e estas perspectivas tendem a coincidir.

Além de Tópico Novo e Dado, Dik propõe ainda as funções de *Subtópico* e *Tópico Resumido*.

A partir do momento em que a entidade foi introduzida no discurso como um Tópico Novo, podemos tratar como Tópico Dado não só ela, mas também as entidades que podem ser inferidas (entidade $x >$ entidade y). No exemplo a seguir, *a música* é um *Subtópico*, relacionado ao Tópico Dado (*uma festa*).

- (61) John gave *a party* last week, but *the music* was awful. (DIK, 1989:275)
 “John deu *uma festa* semana passada, mas *a música* era horrível.”

Quando uma entidade foi introduzida no discurso, mas não foi mencionada por algum tempo, ela pode ter de ser restabelecida na forma de um *Tópico Resumido* (Tópico “revivido” no discurso). Assim, por exemplo, se um discurso é sobre os Tópicos *a* e *b*, e falou-se durante algum tempo somente de *a*, para mudar para *b*, há a necessidade de alguma estratégia para trazer de volta *b* para o palco do discurso. Entre os recursos utilizados para este fim, Dik (1989) cita: (i) alguma indicação de que há uma mudança de um Tópico Dado para outro; (ii) uma forma forte de anáfora (GRIMES, 1975⁴⁴ apud DIK, 1989); (iii) uma indicação explícita de que a entidade já foi mencionada antes. Retornaremos a esta questão no item 2.5.2, quando tratarmos da anáfora.

⁴⁴ Grimes, Joseph H. (1975). *The thread of discourse*. The Hague, Mouton.

2.4.3.2 Foco e Focalidade

A informação focal é a mais importante, a mais saliente numa situação comunicativa. Ela geralmente coincide com a informação que é apresentada como Nova para o ouvinte. Isto, todavia, não é uma regra: o falante pode escolher apresentar a informação já mencionada como focal, se quiser, por exemplo, expressar um contraste:

- (62) John and Bill came to see me. JOHN was NICE but BILL was rather BORing.
(DIK, 1989:278)
“John e Bill vieram me ver. JOHN foi LEGAL mas BILL foi muito CHAto.”

Como mostra o exemplo (62), o Foco pode recair em diferentes constituintes, ou parte dos constituintes que integram a oração.

As estratégias utilizadas para a focalização são: proeminência prosódica (acento enfático), ordem especial, marcadores de Foco (partículas) e construções especiais (como, por exemplo, a clivada).

Dik (1989) utiliza as *q-word questions* (*What? Who? Where? When?*) para ilustrar a focalização. Segundo o autor, estas construções assinalam a lacuna (“gap”), ou seja, exatamente o elemento que está faltando na informação pragmática do ouvinte. Lima-Hernandes (2004) cita um exemplo em que a questão recai sobre a identidade do objeto:

- (63) DOC. Alaga a rua toda! O senhor não tem vontade de mudar um dia?
INF. Como assim? Mudar o que? Mudar em que? (LIMA-HERNANDES, 2004)

Numa possível resposta para esta pergunta, o Foco recairia sobre a forma reflexiva (*mudar-se o senhor mesmo para outro lugar*).

Groppi (2004) estabelece que quando há intenção de salientar o referente de construções reflexivas, deve ser empregado o pronome forte, porque o clítico não pode sustentar o acento de Foco. Contudo, Dik (1989) observa que não há correlação necessária entre Foco e proeminência tônica, porque as funções pragmáticas podem ser expressas por várias maneiras, não somente pela prosódia.

Além disto, o acento pode recair em constituintes tópicos, não somente em focais. Um Tópico Novo geralmente é um constituinte que tem acento proeminente na expressão. O Tópico Dado pode ter a forma de zero anáfora, ou ser expresso por um pronome clítico (que por definição não é acentuado). O Tópico Dado não carrega, portanto, proeminência tônica, a não ser que seja contrastante com outro Tópico Dado. O Subtópico pode ter algum grau de proeminência acentual. O mesmo acontece com o Tópico Resumido, já que ele é um lembrete para o ouvinte das entidades que, apesar de mencionadas antes, podem estar escondidas no plano de fundo de sua informação pragmática.

2.5. Referência, anáfora e pronomes pessoais

2.5.1 Referência

Dik (1989:111) vê a *referência* como uma ação pragmática e cooperativa do falante, que consiste em apontar uma entidade sobre a qual algo pode ser predicado:

O FALANTE se refere a uma ENTIDADE por meio de um TERMO

O termo é, portanto, uma expressão usada para referir a entidades, sejam elas de um mundo real ou imaginário. Há os referentes potenciais de um termo e os referentes objetivos de um termo num uso particular. A informação veiculada no termo deve ser suficiente para que o ouvinte possa identificar, em meio aos vários referentes disponíveis na situação de comunicação, aquele que o falante tem em mente.

The amount of descriptive information to be given in a term is thus dependent upon speaker's estimate of addressee's already existing capacities for identifying the intended referent, and these capacities depend on the current state of addressee's pragmatic information (...) If the intended referent is something about which speaker and addressee have been talking for some time, or relates to something which is immediately available in the situation, a minimum of descriptive information will suffice. If, on the other hand, the referent is quite new to the ongoing discourse, then speaker will have to provide more information in order for addressee to arrive at correct identification. (DIK, 1989: 112)

Neste trecho, Dik está se referindo à quantidade de informação descritiva de um termo, como ilustrado no exemplo a seguir:

- (64) Give *it* to me. (Give me *the pen which I forgot at your place...*) (DIK,1989:112)
 “Me dá ela aí. (Me dá a caneta que eu esqueci na sua casa...)”

Mas estas formulações podem ser utilizadas para explicar a presença x ausência do pronome reflexivo. Se o falante não der informação suficiente para a identificação do objeto, o ouvinte pode pedir clarificação – como ocorre no exemplo (63) – o que, para Dik, constitui uma prova de que a referência é uma atividade cooperativa.

Partindo do pressuposto de que entidades são constructos mentais (entidades não são coisas da realidade, mas coisas da mente, isto é, representações mentais que podem ou não corresponder a coisas da realidade), Dik (1989, 1997) estabelece que há duas formas de referir:

- 1) *Construir um referente*: o falante utiliza um termo para que o ouvinte *construa* uma entidade referencial para este termo e assim introduz a entidade no modelo mental do ouvinte;
- 2) *Identificar um referente*: o falante usa um termo para que o ouvinte *identifique* a entidade referencial, que já está de algum modo disponível para ele.

O referente em questão pode estar disponível para o ouvinte por meio de:

- (i) sua informação pragmática geral de longa duração; exemplo:
 - (65) I was great impressed by *the Empire State Building*. (DIK, 1989:140)
 “Eu fiquei muito impressionada com *o prédio do Empire State*.”
- (ii) a informação pragmática contextual (derivada da comunicação), nos casos em que a entidade já foi introduzida no discurso precedente; exemplo:
 - (66) Yesterday I met an old friend of mine. *He* did not even recognize me! (DIK, 1989:140)
 “Ontem eu encontrei um velho amigo meu. *Ele* nem mesmo me reconheceu!”
- (iii) a informação pragmática situacional, isto é, perceptualmente disponível na situação de comunicação; exemplo:
 - (67) Do you see *the man with the yellow sweater*? (DIK, 1989:140)
 “Você está vendo *o homem com o suéter amarelo*?”
- (iv) a inferência da identidade do referente a partir de uma combinação das informações descritas em (i-iii); exemplo:
 - (68) I wanted to open the door, but I could not find *the key*. (DIK, 1989:115)
 “Eu queria abrir a porta, mas não consegui achar *a chave*.”

Dik (1989) estabelece uma relação entre definido/indefinido e os dois tipos de referência propostos. Segundo o autor, termos indefinidos são tipicamente usados para *construir* um referente, ao passo que termos definidos são geralmente utilizados para *identificar* um referente (cf. exemplo 66). Mas, como já mencionamos anteriormente, Tópicos Novos também podem ser definidos, quando sua identidade é conhecida pelos interlocutores (cf. exemplos 65 e 67).

2.5.2 Anáfora

Para Dik (1997), a *anáfora* ocorre quando um elemento da estrutura subjacente da oração se refere a uma entidade que já foi estabelecida direta ou indiretamente no discurso precedente (“*discourse anaphora*”)⁴⁵ ou na mesma oração (“*sentence anaphora*”). O elemento anafórico pode ser um *termo anafórico*, se tem o status de um termo. A expressão anterior à qual o elemento anafórico remete é denominada *antecedente* (o autor mantém esta designação nos casos de catáfora, em que o elemento anafórico precede o “antecedente”). A relação entre o antecedente e a anáfora é chamada *relação anafórica*.

As implicações desta definição de anáfora são, segundo Dik (1997), as seguintes:

? Expressões como “elementos anafóricos referem ao antecedente” devem ser evitadas, porque expressões não se referem, pessoas se referem por meio de expressões lingüísticas

⁴⁵ Ao utilizar os pressupostos de Dik (1997), faremos uma análise em dois níveis: o da oração e o do texto. Muitos fatores, como, por exemplo, o status informacional do referente, só podem ser analisados, quando se considera uma unidade maior do que a oração, isto é, o discurso.

(LYONS, 1987); e os falantes geralmente não se referem anafóricamente a antecedentes, mas a entidades que foram estabelecidas pelos antecedentes⁴⁶.

? Todos os elementos anafóricos têm antecedente no discurso. O antecedente não é usado anafóricamente, mas serve para estabelecer uma entidade no discurso (i.e. construir um referente).

? Apesar de os termos anafóricos serem geralmente definidos, nem todos os termos definidos são anafóricos. Termos definidos são usados não anafóricamente quando, por exemplo, a base para sua identificação está na informação geral (cf. exemplo 65) ou situacional (cf. exemplo 67), e não na informação contextual (i.e. derivada das expressões lingüísticas).

? Elementos anafóricos formam uma cadeia no discurso: a *cadeia anafórica*, a qual se compõe do antecedente mais todas as outras referências anafóricas subseqüentes à entidade estabelecida pelo antecedente – conferir também “topic chains” de Dixon (1972)⁴⁷, “identification spans” de Grimes (1975)⁴⁸, “anaphorical chains” de Chastain (1975)⁴⁹, (apud DIK, 1997).

Na gramática funcional, a relação anafórica é abstraída de sua expressão formal. As posições dos termos anafóricos (incluindo os correferências e particularmente o reflexivo) são marcadas na estrutura subjacente com o *operador* (i.e. instrumento gramatical) *anafórico* “A”. Exemplo:

- (57) John looked at himself. (DIK,1989:160)
 “John olhou para si/ para si mesmo/ para ele mesmo.”

Estrutura subjacente:
Look-at v (dIxi:John N (xi)) Agente (A xi) Paciente

⁴⁶ Há, contudo, casos em que o falante pode se referir anafóricamente ao antecedente. Exemplo.: *a man big is wrong it is ungrammatical* (DIK, 1997:218).

⁴⁷ Dixon, Robert M. W. (ed.1972). *The Dyirbal language of North Queensland*. Cambridge, Cambridge University Press.

⁴⁸ Grimes, Joseph H. (1975). *The thread of discourse*. The Hague, Mouton.

⁴⁹ Chastain, C. (1975). Reference and context. In: Gunderson (ed.). *Language, mind and knowledge*. Minneapolis, University of Minnesota.

Segundo Dik, esta estrutura é útil para verificar não só se um termo é acessível a A, isto é, pode ser anafórico com relação a outro termo, mas também para especificar as *regras de expressão* que determinam como a anáfora será realizada⁵⁰.

A forma do elemento anafórico varia conforme o tipo de relação anafórica. Dik (1997) observa que:

(i) certos tipos de relação podem ser expressos por termos nominais; exemplo:

- (69) When *the suspect* was brought in the lady recognized *the man* immediately.
(DIK, 1997:220)
“Quando *o suspeito* foi trazido, a mulher reconheceu *o homem* imediatamente.”

(ii) quando o elemento anafórico e o antecedente estão próximos na estrutura subjacente da oração, é obrigatória a expressão por um pronome reflexivo; exemplo:

- (70) John saw *himself* / **him*. (DIK, 1997:220)
“John *se* viu / viu a *si mesmo* / viu *ele mesmo* / *viu *ele*.”

(iii) quando estão mais distantes, o elemento anafórico pode ser expresso por um pronome pessoal; exemplo:

- (71) John wanted Mary to see *him* / **himself*. (DIK, 1997:220)
“John queria que Mary *o* visse / visse *ele* / **se* visse.”

(iv) em outras circunstâncias, o elemento anafórico pode ser zero; exemplo:

- (72) John wanted \emptyset / **himself* / **him* to see Mary. (DIK, 1997:220)
“John queria ver Mary.”

⁵⁰ A estrutura subjacente da oração só contém itens lexicais e combinações de itens lexicais. Todos os elementos “gramaticais” das expressões lingüísticas (como afixos flexionais, partículas, etc.) vão ser realizados (mapeados em material lingüístico concreto) pelas regras de expressão, como resultado da aplicação de operadores e funções (semânticas, sintáticas e pragmáticas) aos predicados (DIK, 1989). As regras de expressão determinam como a estrutura subjacente vai ser expressa, quanto à forma dos seus constituintes, ordem e contorno prosódico.

O autor não explicita como entende distância. Mas levando em conta a ordem dos argumentos proposta na estrutura subjacente do predicado, ele provavelmente está considerando critérios semânticos e sintáticos.

O elemento anafórico pode, portanto, assumir uma das seguintes formas: nominal, pronominal, flexional e anáfora zero. Conforme Dik (1997: 221), estas formas podem ser ordenadas numa *escala de explicitação*:

Termo nominal > Demonstrativos > Pronome pessoal forte > Pronome pessoal fraco > zero

Quando o elemento anafórico e o antecedente são usados para referir à mesma entidade, eles são *correferências* (DIK, 1997). O autor dá exemplos de casos em que ocorre a anáfora, mas não a correferencialidade:

- (73) On a bench in the park he saw *an elderly couple...the man...the woman...*
(DIK, 1997:216)
“Em um banco no parque ele viu *um casal de idade...o homem... a mulher...*”

Quando há anáfora e correferência, pode haver a reflexivização, como ocorre nos exemplos (57) e (58) reproduzidos abaixo:

- (57) John looked at himself. (DIK, 1989:160)
“John olhou para si/ para si mesmo/ para ele mesmo.”

Estrutura subjacente:

Look-at v (dIxi:John N (xi)) Agente (A xi) Paciente

- (58) Se venturum esse promisit (DIK, 1997:147-148)
Himself coming to be he promised
Acusativo futuro
‘He promised himself to come’.
“Ele prometeu que ele virá.”

Estrutura subjacente:

promittere [V] (dIxi:p3)Agente/Sujeito (Post e: [venire [V] (Axi) Agente/Sujeito])Paciente

Nestas representações da estrutura subjacente, Dik especifica que os verbos *olhar* e *prometer* abrangem um argumento Agente mais um argumento Paciente que é anaforicamente relacionado ao sujeito. O operador anafórico foi expresso, respectivamente, pelos pronomes reflexivos *himself* e *se*, por causa da relação de correferência.

O autor nota que, em certos contextos, como em construções infinitivas, por exemplo, é mais comum o operador anafórico não ser explicitado (*anáfora zero*). É o que ocorre no exemplo (74), que ilustra um caso de predicação aberta: não há um elemento expresso representando o sujeito da oração encaixada, o qual é correferente do sujeito da oração principal. A construção (75) é vista como marcada, porque menos freqüente, sendo usada quando o Foco é o sujeito da oração encaixada, e a relação de correferência com o sujeito da oração principal é enfatizada, conforme ilustrado em (76):

- (74) He wanted \emptyset to be rich. (DIK, 1997:148)⁵¹
 “Ele queria ser rico.”
- (75) He wanted himself to be rich.
 “Ele queria que ele fosse rico.”
- (76) I don’t care about everybody else being rich. I want MYSELF to be rich.
 “Eu não ligo se os outros são ricos. Eu quero EU MESMO ser rico.”

Sob a perspectiva da Gramática Gerativa, as construções (74) e (75) seriam analisadas como (77):

- (77) John wanted John to be rich. (DIK, 1997:148)
 “John queria que John fosse rico.”

⁵¹ A estrutura subjacente de (74) e (75) é idêntica. Nestes exemplos, Dik (1997) igualmente considera que o termo anafórico tem o status de um argumento, não importando se ele é expresso por um pronome reflexivo, ou não expresso (anáfora zero).

Mas a análise proposta pela gramática funcional difere desta, porque o sujeito da oração encaixada sempre tem o status de uma variável anafórica (*anaphorical variable*: (Ax)), que em condições diferentes pode ser expressa de formas diferentes⁵².

Além do operador anafórico, ou variável anafórica Ax, Dik (1997) propõe um *operador genérico* (Gx), que é utilizado nos casos de referência indeterminada, como em (78). Nesta construção, o sujeito não tem valor anafórico, porque não há antecedente ao qual a variável possa estar ligada.

- (78) It's dangerous to swim in the lake. (DIK, 1997:149)
 “É perigoso (se) nadar no lago.”

Estrutura subjacente:

Decl E:X:Pres ei: dangerous A

(ei: [swim [V] (Gxj) Agente Sujeito (that lake)Locativo])ØSujeito

O operador genérico (Gx), assim como o operador anafórico (Ax), podem ser mapeados na oração como zero, ou serem expressos por outro recurso. Eles devem ser interpretados do seguinte modo (DIK, 1997):

? (Axi): o referente deste termo é idêntico ao de outro termo (xi) (antecedente) no contexto precedente;

? (Gxi): como referente deste termo, escolha qualquer entidade que satisfaça as restrições de seleção impostas para esta posição argumental.

Os operadores anafórico (A) e genérico (G) (operadores do termo) e o marcador de redução dos argumentos (R) (operador auxiliar) constituem instrumentos gramaticais (DIK,

⁵² Linguistas gerativistas fazem uma distinção entre pronome (livre na sua categoria de regência) e anáfora (presa na sua categoria de regência). Assim, para Galves (1986,2001) e Lemle (1985), a forma “ele”, em *João viu ele (mesmo) no espelho*, constitui uma anáfora, e não um pronome (o que só aconteceria se *João* e *ele* tivessem referência distinta). Como notado acima, não seguiremos, aqui, esta distinção.

1989, 1997). Aplicando esta classificação ao pronome reflexivo *se* no português, teríamos: *se* anafórico (A e R) e *se* indeterminador (G e R).

Além de contemplar seu aspecto formal, Dik (1997) também analisa a anáfora sob a perspectiva discursiva. De acordo com o autor, cada contribuição para o desenvolvimento do discurso deve estar ancorada no cenário construído pelo discurso precedente. No início do discurso, quando ainda não foi estabelecido nenhum *antecedente*, o cenário inicial é definido pelos parâmetros do *centro dêitico*.

Nosso mundo cognitivo, como é revelado na linguagem, é organizado em torno de um centro dêitico, definido pelos parâmetros básicos da situação de fala. Estes parâmetros se constituem dos participantes (falante e ouvinte), do lugar e do momento da fala. Alguns itens estão próximos a este centro e, por isto, são mais facilmente acessíveis; outros estão mais distantes, sendo mais difíceis de acessar. A distância é aqui entendida em um sentido cognitivo: ela é maior na medida em que um item é cognitivamente menos familiar aos participantes. Este fator, denominado “*distância no espaço pragmático*”, pode variar conforme a cultura e exerce influência na realização de estruturas morfossintáticas, incluindo aí as formas que são utilizadas para expressar o elemento anafórico (DIK, 1989).

A referência anafórica constitui um dos principais meios gramaticais que as línguas usam para a *continuidade tópica*. O autor nota que um Tópico Dado pode ser mantido no discurso através de referências anafóricas repetidas em predicções sucessivas. Exemplo:

(79) *Yesterday* I got a phone call from *the tax inspector* (Tópico Novo). *He/The man/The joker* wanted me to come to *his* office, and *he / Ø* gave me the impression that I was in for some trouble. (DIK, 1989:271)

“*Ontem* eu recebi um telefonema do *inspetor fiscal*. *Ele/ o homem/ o piadista* queria que eu fosse ao *seu* escritório, e *ele/Ø* me deu a impressão de que eu estava lá por causa de algum problema.”

Neste exemplo, a referência anafórica é estabelecida através de: pronome pessoal anafórico (*he/ele*), pronome possessivo (*his/seu*), um termo que especifica a classe à qual o tópico pertence (*the man/o homem*), um epíteto (*the joker/o piadista*) e a anáfora zero (\emptyset).

Grimes (1975⁵³ apud DIK, 1989) sugere que estes tipos de referência anafórica podem ser ordenados numa escala que vai da *anáfora mais forte* (mais explícita) até a *anáfora mais fraca* (menos explícita). O autor usa esta escala para definir a noção de “*identification span*” (i.e. uma série de referências a um mesmo participante, em que nenhuma referência é mais forte do que a anterior). Conforme nota Dik, de acordo com esta visão, se o exemplo (79) continuar assim:

- (80) Now, *this inspector* happens to be a good friend of my sister’s... (DIK, 1989:271)
 “Agora, acontece que *este inspetor* é um grande amigo de minha irmã...”

esta é por definição o começo de uma nova “*identification span*”.

A expressão anafórica mais forte pode ser também uma maneira de retornar a um Tópico Dado, depois que outros Tópicos já foram mencionados no discurso. Esta estratégia é constatada no *corpus* estudado por Brown e Yule (1983⁵⁴ apud DIK, 1989). Os autores mostram que a expressão formal do Tópico depende da distância da sua última menção: diferentes estratégias são usadas para referir-se ao Tópico, conforme ele corresponda ao último Tópico mencionado ou a Tópicos introduzidos anteriormente no discurso.

Givón (1983⁵⁵ apud DIK, 1997) igualmente hipotetiza que o grau de explicitação de um elemento anafórico é inversamente correlacionado ao grau de continuidade do referente no discurso. A continuidade é medida em termos de:

⁵³ Grimes, Joseph H. (1975). *The thread of discourse*. The Hague, Mouton.

⁵⁴ Brown, G.; Yule, G. (1983). *Discourse Analysis*. Cambridge, Cambridge University Press.

⁵⁵ Givón, T. (ed.1983). *Topic continuity in discourse: a quantitative cross-language study*. Amsterdam, Benjamins.

- (i) distância do antecedente (número de orações intervenientes entre o elemento anafórico e o antecedente);
- (ii) persistência do referente em questão no discurso subsequente;
- (iii) possível ambigüidade na interpretação do referente (número de antecedentes alternativos disponíveis).

Há muitas outras correlações, como esta, que determinam a expressão formal do elemento anafórico. Dik (1997:221) cita ainda os estudos de Grift (1987)⁵⁶ e Bolkestein e Grift (1994)⁵⁷, que examinam os fatores pragmáticos que condicionam a forma das expressões anafóricas do sujeito no latim:

- (I) continuidade tópica: distância do antecedente, persistência e ambigüidade – os autores fazem um cruzamento entre estes parâmetros e examinam qual a forma mais usada;
- (II) posição na cadeia anafórica (posição 1: antecedente [Tópico Novo ou Tópico Resumido]; posição 2: primeiro termo anafórico da cadeia; posição n: qualquer posição subsequente na cadeia);
- (III) mudança de referente do sujeito (mesmo referente da oração anterior x referente diferente).
- (IV) estatuto pragmático do antecedente (Tópico Dado, Tópico Novo, Foco).

Os autores constatam que a cadeia anafórica contribui para a continuidade, a coerência e a estruturação do discurso, e que fatores pragmáticos têm um papel decisivo na escolha da expressão formal da anáfora:

⁵⁶ Grift, Michel Van de (1987). *Zero, is, hic, ille: pragmatic constraints on the use of Latin subject expressions*. M.A. Thesis in Latin, University of Amsterdam.

⁵⁷ Bolkestein, A. M. ; Grift, Michel Van de (1994). Participant tracking in Latin discourse. In: Herman, J. (ed.). *Linguistic Studies on Latin*. Amsterdam, Benjamins.

- termo nominal: usado para introduzir Tópicos Novos no discurso, ou para fazer referência anafórica quando há mudança de sujeito ou de Tópico, entre antecedente e anáfora, e perigo de ambigüidade;
- *ille* (demonstrativo remoto): usado quando há ambigüidade/mudança de sujeito; assinala distância longa do antecedente no discurso precedente e persistência do referente no discurso subsequente;
- *hic* (demonstrativo próximo): usado para confirmar um Tópico Novo mencionado à curta distância no discurso precedente;
- *is* (demonstrativo discursivo): usado para confirmar Tópicos Novos;
- \emptyset (anáfora zero): usada em uma cadeia de referências anafóricas sucessivas e próximas, sem mudança de sujeito e perigo de ambigüidade (GRIFT, 1987; BOLKESTEIN; GRIFT, 1994 apud DIK, 1997).

Na presente pesquisa, levaremos em conta esta possível relação entre expressão formal da anáfora e fatores de ordem pragmática.

2.5.3 Pronomes pessoais

As posições dos termos, como vimos, podem ser ocupadas por pronomes pessoais. Ilari, Franchi e Neves (1996) propõem quatro funções dos pronomes pessoais:

- 1) “*representar na sentença os papéis do discurso (é a função que remete à situação de fala e que (...) tem sido chamada de dêitica ou exofórica)*”;
- 2) “*garantir a continuidade do texto, remetendo reiteradamente aos mesmos argumentos (é a função que remete ao próprio texto, genericamente chamada endofórica, sendo a anáfora sua representação por excelência)*”;
- 3) “*anáfora ligada*”, ou seja, marcação da identidade ou diferença dos referentes do discurso no interior do período gramatical (*coindexação interna estrutural*);
- 4) “*explicitar a função temática do referente, o que os pronomes fariam mediante um resquício de declinação*” (ILARI; FRANCHI; NEVES, 1996:81).

Os autores ressaltam a relação entre função sintática e papel semântico:

O papel semântico de qualquer SN é reconhecido através da função que desempenha na sintaxe superficial da oração, e os pronomes não escapam a essa regra. (ILARI; FRANCHI; NEVES, 1996:151)

Mais do que a preservação de uma declinação, os pronomes combinam, de forma complicada, o uso dos diferentes recursos que a língua portuguesa utiliza para explicitar o tipo de relação semântica que os SNs ‘argumentais’, isto é, exigidos pelo verbo, mantêm com este último.
(ILARI; FRANCHI; NEVES, 1996:155)

Para Dik (1989), os *termos pronominais* têm algumas características que os distinguem de outros termos:

- 1) eles têm um mínimo de valor descritivo e chegam perto de ser simples indicadores dêíticos de seus referentes;
- 2) eles formam uma classe fechada;

- 3) podem ser descritos em termos de algumas distinções básicas que envolvem as características dos participantes: [+ falante] (1ª pessoa); [+ouvinte] (2ª pessoa); [-falante,-ouvinte] (não participante, 3ª pessoa). Além disto, podem ter mais distinções (número, gênero e polidez);
- 4) nas línguas que têm distinção de casos, eles serão tipicamente marcados com caso;
- 5) eles têm definitude intrínseca – pronomes pessoais, pelo menos de 1ª e 2ª pessoas, não têm contraparte indefinida. Para Dik, isto é natural, uma vez que estes pronomes são usados para referir a participantes da interação verbal, que são presumivelmente disponíveis e identificáveis em qualquer circunstância.

Examinando os pronomes pessoais no português, vemos que algumas dessas formulações podem ser questionadas.

A reorganização do quadro de nosso sistema pronominal (desaparecimento das formas de 2ª pessoa *tu* e *vós*, desaparecimento dos clíticos acusativos de 3ª pessoa, inserção de *você* e *a gente*, etc.) nos leva a rever a noção de pronomes como uma classe “fechada”. Nossa própria pesquisa vai contra esta idéia, na medida em que se baseia justamente na hipótese da existência de uma mudança no uso dos pronomes reflexivos, que levaria ao seu desaparecimento.

Também a suposição de que pronomes de 1ª e 2ª pessoas não têm contraparte indefinida não pode ser aplicada ao português. Como veremos no capítulo 4, pronomes como *nós* e *você* podem ser utilizados com valor indefinido, para expressar a noção de sujeito indeterminado.

2.6 Gramática e cognição

Segundo Dik (1997), a gramática não é incompatível com as estratégias de percepção: mecanismos perceptuais podem explicar por que as regras de gramática são do jeito que são – ainda que ele mesmo não o explique.

Assim como as entidades/referentes são interpretadas por Dik (1989) como construtos mentais, os estados de coisas também são vistos como interpretações da realidade, isto é, eles apresentam uma visão codificada da realidade, e não uma representação direta.

Alguns tipos de evento do mundo real são tão claramente delineados que acabam por “forçar” uma representação determinada em uma língua, mas outros eventos da realidade são menos delineados e podem receber diversas interpretações em línguas diferentes. Dik cita dois exemplos:

- (81) A man hit a dog. (DIK, 1989:107)
“Um homem bateu num cachorro.”
- (82) John was very much afraid of the dog.
“John estava com muito medo do cachorro.”

O autor postula que qualquer língua provavelmente expressará a relação contida em (81) através de um predicado de dois lugares (*bater*) em que o homem é Agente, e o cachorro é Paciente. Já a relação exemplificada em (82) pode ser vista e expressa de várias maneiras, isto é, o medo pode receber diferentes conceptualizações. Exemplos:

- (82a) John was very scared of the dog. (DIK, 1989:107)
“John estava muito assustado com o cachorro.”
- (82b) John scared enormously because of the dog.
“John (se) assustou muito por causa do cachorro.”
- (82c) John had great fear for the dog.
“John tinha muito medo do cachorro.”

- (82d) The dog scared John enormously.
 “O cachorro assustou John enormemente.”
- (82e) The dog made great fear in John.
 “O cachorro causou muito medo em John.”

A nosso ver, isto acontece porque em (81) temos um ato físico, concreto, já em (82) há uma relação menos delineada, mais abstrata.

Dik (1989) não interpreta estas instâncias como expressões alternativas da mesma estrutura subjacente: cada uma contém um tipo diferente de predicação, que representa uma mesma relação de um determinado modo. O autor defende que as estruturas do predicado dependem da língua particular que é objeto de estudo, uma vez que ele parte do pressuposto de que línguas diferentes podem emoldurar uma mesma relação em diferentes estruturas de predicado.

A idéia de que as estruturas do predicado constituem uma interpretação e não um mapeamento direto da “realidade” contém um elemento do relativismo lingüístico (hipótese Sapir-Whorf), de acordo com o qual a organização gramatical da linguagem inclui a visão de mundo dos falantes. Dik (1989) acredita que deve haver alguma verdade nesta hipótese, mas com reservas: (i) há aspectos da realidade que são tão claramente delineados que acabam recebendo a mesma interpretação em línguas diferentes; (ii) a interpretação contida na estrutura do predicado é um processo que se desenvolveu historicamente no tempo, e os falantes de hoje poderiam, em tese, não ver o mundo da maneira como está codificado na expressão.

Quando Dik postula que a estrutura do predicado tem uma perspectiva básica, codificada no léxico, a qual especifica o número e as funções semânticas de seus argumentos, e que esta estrutura é dependente da língua que está sendo estudada, ele certamente está entrando no campo da cognição⁵⁸.

⁵⁸ Dik (1989) não usa o termo “cognição”, ou “conceptualização”, mas fala de alternativas de interpretação e representação da “realidade”.

A questão central aqui é: como determinar a estrutura básica de um predicado de nossa língua? Seria isto possível pelo método introspectivo, sugerido pela Linguística Cognitiva, ou através da utilização de dicionários que especifiquem qual a construção mais comum no português? Borba (1991), por exemplo, adota a convenção de descrever primeiramente os verbos de Ação-processo, justificando-se pelo fato de que estes são os mais numerosos em português. As construções que indicam Processo são, segundo o autor, em geral derivadas das que indicam Ação-processo.

Há, contudo, verbos cujo uso mais comum é o de Processo, como em (84), e não o de Ação-processo, como em (83):

(83) Ele nos lembrou de que era dia de pagamento. (BORBA, 1991:876)

(84) Era dele que eu me lembrava.

A freqüência de uso certamente constitui um critério válido para determinar a estrutura básica dos predicados em português. Dik (1989) também leva este critério em conta quando distingue construções *marcadas x não-marcadas*. Segundo o autor, uma construção é marcada no sentido de que ela é menos esperada, chamando, por isto mesmo, mais atenção quando ela ocorre e tendo assim um maior valor expressivo. A freqüência é vista como um parâmetro para determinar se uma construção é marcada: quanto mais freqüente menos marcada, quanto menos freqüente mais marcada. O papel do linguista é identificar os fatores que determinam por que a construção marcada, e não a não-marcada, ocorre em um determinado contexto⁵⁹.

O valor marcado de uma construção não é fixo, pode variar conforme o contexto em que ela é usada, e conforme a freqüência com que ocorre. Em outras palavras, a mesma construção pode ser marcada num contexto, e não-marcada em outro.

⁵⁹ A distinção marcada x não-marcada também é empregada pelo autor para se referir à presença x ausência de uma marca formal (DIK, 1989).

Se há uso freqüente de uma forma marcada, ela gradualmente perde seu valor marcado. Quando isto ocorre, pode haver o que Dik denomina “*markedness shift*”: um processo histórico através do qual a construção perde seu caráter marcado, e então dá espaço para o surgimento de uma nova forma marcada.

Aplicando estas noções ao estudo dos pronomes reflexivos, poderíamos levantar as seguintes hipóteses:

(1) se consideramos que o padrão predominante no português popular é a não realização dos pronomes, interpretaríamos como “marcada” a construção com o pronome reflexivo explícito, e caberia identificar os fatores que determinam a escolha desta construção;

2) uma construção como *ele viu ele mesmo* corresponderia a uma forma ainda mais marcada e com maior valor expressivo, que substituiria o pronome reflexivo em determinados contextos – mas isto não corresponde exatamente ao processo de *markedness shift* descrito por Dik. No modelo dele, teríamos que ter a construção *Ele se viu* usada em 100% dos casos, o que tornaria esta construção não-marcada, necessitando então de uma nova forma para assinalar a correferência;

(3) a distinção marcada x não-marcada dependeria decisivamente do tipo de predicado.

A hipótese (3) sugere que uma estrutura reflexiva como *Ele se matou* seria:

- (i) do ponto de vista da estrutura do predicado: marcada, porque o uso mais freqüente é não-correferencial (matar alguém e não a si mesmo);

- (ii) do ponto de vista da realização/ausência do pronome: se houver alta frequência de casos com a utilização do pronome explícito, a *não-realização* de *se* é que seria marcada.

Já uma construção como *Eu me sentei* seria:

- (i) do ponto de vista da estrutura do predicado: não-marcada, porque o uso mais comum é o reflexivo (sentar-se), e não o transitivo (sentar ele) – forma atestada no português popular (cf. PEREIRA, 2006, e capítulos 3 e 4);
- (ii) do ponto de vista da realização/ausência do pronome: se houver alta frequência de casos sem o uso de pronome, a *realização* de *se* é que seria marcada⁶⁰.

A presente pesquisa, contudo, não inclui a análise de construções não-reflexivas, que seriam decisivas para determinar se o uso mais comum de determinado verbo é o transitivo ou o reflexivo. Voltaríamos aqui à questão de como determinar qual é a estrutura básica do predicado.

Talvez possamos fazer isto com o auxílio das *hierarquias* sugeridas por Dik (1989). Segundo o autor, uma hierarquia é uma seqüência de propriedades, que pode ter validade estatística ou absoluta. Ela é útil para explicar as diferenças entre línguas, os universais lingüísticos e muitos processos gramaticais (por exemplo: voz verbal, ordem, etc.). A gramática funcional propõe as seguintes hierarquias:

⁶⁰ Podemos igualmente aplicar estas hipóteses a outros verbos, como *operar-se* por exemplo, que envolve um agente subentendido (o médico).

a) PESSOA⁶¹:

{1^a, 2^a} > 3^a, ou participante da interação > não-participante

b) ANIMACIDADE

Humano > animado>inanimado

c) GÊNERO

Masculino > Feminino > outro

d) DEFINITUDE

Definido> outro específico > não-específico

e) FUNÇÃO SINTÁTICA

Sujeito>objeto>outra função

f) FUNÇÃO PRAGMÁTICA

Tópico>não-tópico

Foco>não-foco

(DIK, 1989:34)

g) FUNÇÃO SEMÂNTICA

Argumento 1>Paciente>Recipiente>Beneficiário>Instrumento>Locativo

(DIK, 1997:365)

Estas hierarquias não são independentes uma das outras. Assim temos:

⁶¹ A hierarquia de pessoa é explicada em termos da natureza egocêntrica da comunicação lingüística: quanto mais próximo estiver o falante de uma entidade, mais importante ela será e mais prioridade vai ter. Falante e ouvinte ocupam posição central no universo pragmático e têm prioridade sobre não-participantes da interação verbal (DIK, 1989).

h) PESSOA & ANIMACIDADE

{1^a, 2^a } > 3^a humana > animada > inanimada

i) PESSOA & DEFINITUDE

{1^a, 2^a } > 3^a definida > outro específico > não-específico

j) FUNÇÃO SINTÁTICA & FUNÇÃO SEMÂNTICA

	Agente		Paciente		Recipiente		Beneficiário		Instrumento		Locativo		Tempo	
Sujeito	+	>	+	>	+	>	+	>	+	>	+	>	+	>
Objeto		>	+	>	+	>	+	>	+	>	+	>	+	>

(DIK, 1989:35, 226)

As hierarquias acima, bem como as funções semânticas (Agente, Processado, etc.), sintáticas (marca redutora de argumento, objeto) e pragmáticas (Tópico, Foco, Dado, Novo) expostas neste capítulo, serão utilizadas como possíveis fatores condicionantes da variação no uso dos pronomes reflexivos.

Como vimos neste item, Dik (1989) toca em questões cognitivas, mas não se estende sobre este assunto. No capítulo seguinte, que discorre sobre a Linguística Cognitiva, examinaremos com maior profundidade a relação entre cognição e gramática, que norteará nossa análise das construções reflexivas no português popular, sob a perspectiva conceptual.

3. A LINGÜÍSTICA COGNITIVA

3.1 Conceitos iniciais

Na presente pesquisa, um de nossos objetivos centrais será o de investigar os fatores cognitivos que determinam a realização/não-realização dos pronomes reflexivos, procurando estabelecer uma relação entre os níveis conceitual e formal. Os pressupostos que nortearão esta análise, expostos neste capítulo, são baseados principalmente na Semântica Cognitiva (TALMY, 2003a,b) e na teoria da Metáfora (LAKOFF, 1996; LAKOFF; JOHNSON, 1980).

A Linguística Cognitiva – juntamente com a Filosofia, a Psicologia, a Antropologia, a Inteligência Artificial e a Neurociência – integra as Ciências Cognitivas. Trata-se de um conjunto de disciplinas que têm como objetivo o estudo de questões a respeito do conhecimento e da natureza da mente humana (GARDNER, 1995)⁶².

Como bem nota Castilho (2001b), “cognição” é uma palavra abrangente. Os sistemas cognitivos humanos constituem uma multiplicidade de capacidades, que incluem não só a linguagem, mas a percepção visual, a percepção auditiva, a compreensão, o raciocínio, a cultura, a memória, o controle motor, etc. (TALMY, 2003a). As Ciências Cognitivas vão justamente tentar explicar a grande variedade de atividades cognitivas que executamos no nosso dia a dia, tais como reconhecer a voz de um amigo no telefone, ler um romance, pular de pedra em pedra em um riacho, explicar uma idéia a um aluno, compreender uma história, lembrar o caminho do trabalho para casa, escolher uma profissão, etc. (OSHERSON, 1995).

⁶² Gardner (1995) indica o ano de 1956 como a data da fundação das Ciências Cognitivas. Castilho (2001b) nota que seu desenvolvimento se deu a partir de 1980, na Rússia, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Para Silva (2004), a Linguística Cognitiva, em particular, só se estabeleceu institucionalmente como paradigma científico há uma década e meia, tendo como seus fundadores: George Lakoff, Ronald Langacker e Leonard Talmy.

Entre o conjunto de ciências citado, a Lingüística tem um papel privilegiado. Muitos cientistas cognitivistas (cf. CASTILHO, 2001b; FAUCONNIER, 1997; FAUCONNIER; SWEETSER, 1996; LABOV, 1995) acreditam que a linguagem é o acesso mais direto que temos à cognição humana. A Lingüística Cognitiva vai dar primazia à Semântica, analisando como se constroem os significados em uma determinada língua.

Um dos pressupostos principais desta teoria é o de que as expressões lingüísticas não refletem diretamente os eventos e as situações objetivas ou imaginárias: a percepção e a conceptualização funcionam como um filtro, a partir do qual as significações são estruturadas:

E se a função categorizadora da linguagem impõe estruturas e formas ao conhecimento do mundo, então este não é objetivamente refletido na linguagem: em vez de o espelhar, a linguagem é um meio de o interpretar e construir, de organizar conhecimentos que refletem as necessidades, os interesses e as experiências dos indivíduos e das culturas. (SILVA, 2004:3-4)

Deste pressuposto resulta o postulado teórico-metodológico de que, ao discutirmos atividades cognitivas humanas, é necessário falar de um nível de análise separado, denominado *nível de representação mental* (GARDNER, 1995). Quando trabalha neste nível, o cientista/lingüista cognitivista trafega por *estruturas conceptuais* ou *construções cognitivas abstratas*, tais como: símbolos, idéias, conceitos, imagens, espaços mentais, esquemas, “frames”, roteiros, etc. Tais estruturas não são meramente um instrumento de análise do investigador: conjetura-se que elas emergem de nossa interação com o mundo a nossa volta e nos permitem compreender a nossa experiência.

Uma mesma cena pode ser estruturada por meio de diferentes conceptualizações, ou “imagens”. O falante pode selecionar uma delas como aquela que ele vai usar para representar o complexo ideacional que quer comunicar. Talmy (2003a) menciona o “*princípio da opção conceptual*” (“conceptual alternativity”), Langacker (1987) usa o termo “*imagética*” (“imagery”), ambos para se referir a esta idéia de que há a possibilidade de uma escolha

sistemática entre várias alternativas de conceptualização. Este processo de esquematização da cena envolve a idealização e a abstração, além da seleção sistemática de aspectos particulares da cena para serem representados pelas expressões lingüísticas (TALMY, 2003a). Langacker (1987) ressalta que nossa habilidade de impor estruturas alternativas em uma cena é fundamental para a variação lexical e gramatical. Castilho (2001b:84) igualmente observa que, *“ao visualizar uma cena e seus participantes, valemo-nos de diferentes dimensões para sua conceptualização e conseqüente representação na gramática da língua”*.

Talmy (2003a) nota que os fatores que determinam a escolha de uma esquematização particular para uma cena, bem como o grau de consciência do falante neste processo, ainda estão por serem investigados. Nesta seleção, o falante pode estar respondendo a preferências de ênfase, ao ponto de vista e a aspectos salientes de uma cena particular.

Por outro lado, não podemos desconsiderar a hipótese de que, em alguns casos, a cultura e a língua requeiram uma maneira particular de olhar para a cena (hipótese Sapir-Whorf)⁶³. Langacker (1987) afirma categoricamente que a estrutura semântica e a gramatical não são universais, uma vez que são baseadas na imagética convencional, e esta varia conforme a comunidade lingüística. Na visão deste autor, línguas diferentes empregam diferentes imagens para estruturar o mesmo conteúdo conceptual.

Para Talmy (2003a), é difícil determinar se esta pré-seleção do modo de conceptualizar a cena é puramente um aspecto formal do sistema de regras da língua, ou se ela se deve originariamente a alguma exigência psicológico-cultural que se tornou convencionalizada no uso lingüístico. Há realmente muitos paralelos que podem ser estabelecidos entre a estrutura conceptual manifestada no sistema gramatical de uma determinada língua e aquela presente na cultura das pessoas que falam essa língua (TALMY, 2003b). Há, por outro lado, elementos semânticos e gramaticais que são universais e, portanto, independentes da cultura.

⁶³ De acordo com Lyons (1987:276), a hipótese Sapir-Whorf combina determinismo lingüístico (“a linguagem determina o pensamento”) com relatividade lingüística (“não há limites para a diversidade estrutural das línguas”).

Talmy vê a língua e a cultura como dois sistemas cognitivos independentes (cada um com seu próprio sistema de organização conceptual), que, não obstante, co-evoluíram e desenvolveram suas propriedades em interação.

A Semântica Cognitiva trata destes processos de esquematização/ conceptualização da cena tanto do ponto de vista do falante (processos de elaboração), quanto do ponto de vista do ouvinte (processos de construção de imagens) (TALMY, 2003a,b). Neste sentido, ela se coaduna com o modelo de interação verbal proposto por Dik (1989), que igualmente trata das expressões lingüísticas sob o ponto de vista de sua produção por parte do falante, e de sua interpretação por parte do ouvinte.

A sentença, ou qualquer trecho do discurso de um falante, evoca no ouvinte um tipo particular de complexo experiencial, denominado “*representação cognitiva*”, na terminologia de Talmy (2003a), ou “*espaços mentais*”, na nomenclatura de Fauconnier (1997). O termo “evocar” é utilizado para ressaltar que as formas lingüísticas são instruções parciais, incompletas, para a construção dessas representações. Em outras palavras, o ouvinte leva em conta não só os significados dos elementos da sentença, mas também sua compreensão da situação de comunicação, seu conhecimento do mundo, suas pressuposições, deduções, expectativas e estruturas conceptuais. Tais operações cognitivas levam à formação de uma imagem detalhada, tomada como a mais próxima da que o falante pretendia expressar. Assim como Dik (1989), Talmy (2003a) e Fauconnier (1997; FAUCCONNIER; SWEETSER, 1996) ressaltam que esta imagem contém, portanto, mais especificações do que as referências lingüísticas explícitas tomadas isoladamente.

Talmy (2003a) vê a língua como composta de dois subsistemas: *o lexical (classe aberta)* e *o gramatical (classe fechada)*. Uma classe é considerada aberta se é relativamente grande e pode ser ampliada. Já a classe fechada compreende um conjunto de categorias gramaticais relativamente pequeno e resistente a adições. Talmy ressalva, contudo, que o fato

de uma categoria gramatical ser uma classe fechada é um padrão a ser observado na língua sob estudo, e não algo estabelecido à priori. Esta observação se encaixa com o questionamento de Langacker (1987:19): “*It is doubtful that any class, even personal pronouns, is ever definitively closed*”.

A classe aberta compreende a raiz de nomes, verbos e adjetivos. A classe fechada inclui todas as outras formas lingüísticas gramaticais, como por exemplo: flexões; clíticos; conjunções; preposições; categorias gramaticais (nome, verbo); relações gramaticais (sujeito, objeto direto); categoria zero; etc. Incluídos na classe fechada estão também os *complexos gramaticais* (i.e. construções gramaticais, estruturas sintáticas, combinações de formas da classe fechada), como a construção, objeto de estudo da presente pesquisa, *Sujeito + reflexivo + verbo* (TALMY, 2003a).

Na perspectiva de Talmy, estes dois subsistemas têm funções distintas: enquanto os elementos lexicais contribuem para o *conteúdo* da representação cognitiva, os elementos gramaticais *estruturam* este conteúdo conceptual. Parte-se do pressuposto de que formas gramaticais engatilham operações cognitivas que manipulam estruturas conceptuais.

Com esta divisão, não quer dizer o autor que as formas gramaticais sejam vazias de sentido. Ao contrário disto, os elementos gramaticais são analisados justamente sob a perspectiva semântica (cf. “semantics of grammar”; TALMY, 2003a:14). Ele critica os estudos sobre gramaticalização (particularmente a noção de desbotamento semântico), justamente por não analisarem as significações que resultam deste processo. Segundo o autor, as formas gramaticais também comportam material conceptual, mas são mais limitadas do que as formas lexicais, já que se restringem à representação de algumas categorias, como espaço, tempo, perspectiva, distribuição de atenção, relações de força, etc.

Apesar de não aceitar a separação entre elementos lexicais e gramaticais, Langacker (1987) utiliza esta terminologia em sua obra e estabelece, assim como Talmy (2003a), que a

função destes últimos é estruturar o conteúdo conceptual. O autor observa que muitos, senão todos, morfemas gramaticais são portadores de significado, sendo muitas vezes tão elaborados, do ponto de vista semântico, quanto são as palavras lexicais.

As especificações fornecidas pelos elementos gramaticais estabelecem os delineamentos principais de uma cena. Talmy (2003a) propõe quatro *sistemas esquemáticos* (i.e. sistemas de estruturação conceptual), através dos quais os falantes organizam a cena de referência, ou a cena do evento de comunicação:

- (1) *estrutura configuracional*: sistema através do qual certos elementos da sentença especificam, para uma cena, uma estrutura espacial e temporal particular;
- (2) *localização da perspectiva*: ponto da cena no qual alguém localiza seus “olhos mentais” para observar a cena;
- (3) *distribuição de atenção*: permite padrões alternativos de atenção (primária, secundária, etc.) a diferentes elementos da mesma cena. Este é o sistema a partir do qual selecionamos os objetos da cena que serão representados por meio das expressões lingüísticas e atribuímos a eles os papéis de Figura, Fundo, etc.;
- (4) *dinâmica de força e causação*: sistema que se refere às forças que os elementos da cena exercem uns sobre os outros.

Certas formas lingüísticas, presentes em uma porção do discurso, organizam a cena em termos da *estrutura configuracional* (i.e. em termos das categorias de espaço e tempo, e outros domínios qualitativos). Outras formas lingüísticas especificam a particular *distribuição de atenção* que alguém dirige sobre os elementos da cena, a partir de uma *perspectiva* adotada. A *dinâmica de força e causação*, por fim, se referem à representação lingüística das interações entre forças e relações causais entre as entidades presentes.

Cada um destes *sistemas esquemáticos* é composto de várias *categorias esquemáticas*. Nos itens subseqüentes, concentraremos a exposição em três sistemas esquemáticos (1, 3 e 4) e nas categorias esquemáticas (correspondentes a estes sistemas) que serão usadas na análise dos pronomes reflexivos, as quais são enumeradas no quadro a seguir:

Sistema Esquemático	Categoria Esquemática/Semântica/Conceptual
3.2 Estrutura Configuracional	Partição da cena Personalização
3.3 Distribuição de atenção	Figura/Fundo “Frame” Valência Voz
3.4 Causação	Agente, Autor, Instrumento e “Undergoer”
3.5 Dinâmica de força	“Agonist” e Antagonista Metáfora da divisão da psique

Quadro 3: Sistemas e Categorias Esquemáticas usadas na presente pesquisa (TALMY, 2003a,b)

Estas categorias esquemáticas são utilizadas para investigar os padrões em que o conteúdo conceptual é estruturado na linguagem. Para estudar as associações entre forma e sentido, o autor propõe analisar: quais categorias semânticas são representadas por quais constituintes gramaticais da superfície e a frequência com que isto acontece (TALMY, 2003a,b). Antes, porém, de introduzirmos estas categorias, cabe esclarecer uma noção, que terá um papel importante em nossa análise: a de lexicalização.

Talmy (2003b) utiliza o termo “*lexicalização*” para se referir à associação direta de certos componentes semânticos com um morfema particular; trata-se portanto do conjunto de significações inter-relacionadas associadas a um morfema. O autor esquematiza as relações que podem ocorrer entre o nível semântico e o superficial:

NÍVEL SEMÂNTICO	NÍVEL SUPERFICIAL
A) nenhum conteúdo semântico	1) nenhum elemento superficial
B) um elemento semântico	2) um morfema
C) combinação de elementos semânticos	3) combinação de morfemas

COMBINAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE O NÍVEL SEMÂNTICO E O NÍVEL SUPERFICIAL	ESTRUTURA DA SUPERFÍCIE (CORRESPONDENTE A ESTA COMBINAÇÃO)
A-2, A-3	Elemento dummy
B-1, C-1	Zero ou forma subjacente apagada/omitida
B-2	Morfema simples
B-3	Expressão idiomática
C-2, C-3	Combinação

Quadro 4: Relações entre os níveis semântico e superficial (i.e. tipos de lexicalização) (TALMY, 2003b:169)

O que nos interessa particularmente neste quadro são as combinações que hipoteticamente podem ser utilizadas para a análise dos pronomes reflexivos:

? B2: um elemento semântico x um morfema na estrutura superficial

? C2: combinação de elementos semânticos x um morfema na estrutura superficial

? B1: um elemento semântico x zero na estrutura superficial

? C1: combinação de elementos semânticos x zero na estrutura superficial

Conforme o autor, um sentido pode ser considerado associado a uma forma da superfície através de três processos: (i) *lexicalização*, (ii) *supressão* (categoria zero) e (iii) *interpretação*. Vejamos os exemplos a seguir:

- (85) I cut John. (TALMY, 2003b:136)
 “Eu cortei/feri o John.”
- (86) I shaved John.
 “Eu barbeei o John.”
- (87) I cut myself.
 “Eu me cortei.”
- (88) I shaved myself.
 “Eu me barbeei.”
- (89) * I cut.
 “Eu cortei.”
- (90) I shaved.
 “Eu barbeei/fiz a barba.”

Estes exemplos podem ser dispostos num continuum que leva em conta o número de participantes da cena:

2 participantes ?	1 participante (uso do pronome reflexivo) ?	1 participante (zero)
(85) I cut John.	(87) I cut myself.	(89) * I cut.
(86) I shaved John.	(88) I shaved myself.	(90) I shaved.

Para Talmy (2003b), podemos postular que há um componente de sentido reflexivo presente na construção (90), devido a qualquer um dos três processos mencionados anteriormente:

- (i) *lexicalização*: o componente de sentido reflexivo foi lexicalizado no verbo;
- (ii) *supressão*: o componente de sentido reflexivo foi omitido da sentença;
- (iii) *interpretação*: o componente de sentido reflexivo pode ser inferido pelos contextos pragmático e semântico e pelo conhecimento do mundo.

Vale ressaltar aqui que, na análise das construções do *corpus* da presente pesquisa, temos necessariamente que levar em conta critérios como estes. A própria noção de que o uso do pronome reflexivo, no português, constitui um caso de variação pressupõe a hipótese de um *se* subjacente, que está presente na significação da expressão, mas que ora é realizado pelo falante, ora não é representado na estrutura superficial.

Talmy (2003b), contudo, vai questionar esta interpretação. Segundo ele, só precisamos assumir que um sentido reflexivo está presente no exemplo (90) (*I shaved*), se considerarmos que este uso é derivado de (86) (*I shaved John*) e (88) (*I shaved myself*). Uma outra possibilidade de análise seria concluir que houve um processo de re-segmentação semântica: a cena de referência é conceptualizada sob uma perspectiva alternativa; e o uso exemplificado

em (90) é visto como o básico, referindo diretamente a um padrão de ação particular envolvendo uma só pessoa, sem um sentido reflexivo⁶⁴.

Vemos que Talmy reconhece a existência de uma categoria zero na superfície, desde que corresponda a um elemento semântico na estrutura subjacente. No exemplo (90) (*John shaved*), o autor assume que não há um pronome reflexivo que foi omitido da sentença, simplesmente porque não considera que há um sentido reflexivo na construção.

Estas análises, no entanto, dependem decisivamente da língua que é o objeto de estudo, como veremos adiante. Para determinarmos os padrões de lexicalização de cada verbo no português, temos que examinar as estruturas efetivamente usadas pelos falantes e a frequência com que ocorrem.

A hipótese central da presente pesquisa é a de que os pronomes reflexivos estão sendo suprimidos da gramática dos falantes do português popular. Se esta hipótese for verdadeira, se o reflexivo está mesmo desaparecendo, em algum momento ele não vai mais estar presente também na estrutura subjacente.

Conforme visto no capítulo 1, um dos grandes problemas da análise da variação lingüística é a interpretação da categoria zero: a ausência de substância fonética em uma posição onde normalmente esperamos ouvir algo. Como nota Labov (1995), o trabalho científico depende de inferências sobre elementos inaudíveis e invisíveis, e, mais do que qualquer outro campo, a ciência e a lingüística cognitivas estão diretamente envolvidas com este processo.

Estas observações mostram que, diante da categoria zero, o lingüista tem de inferir: (i) se o pronome está presente na gramática subjacente do falante, (ii) se é realmente portador de informação semântica e (iii) se está presente na conceptualização/representação mental do falante.

⁶⁴ Note-se que a construção (89) não admite a supressão do pronome reflexivo. Voltaremos a esta questão quando tratarmos da personalização, no item 3.2.

Labov (1972/1991) propõe uma possível solução para a primeira questão: analisar o discurso de cada falante separadamente. Se um falante apresentar variação no uso dos pronomes reflexivos, estes podem ser assumidos como presentes em sua gramática. O mesmo não ocorre, se o falante não apresentar nenhuma instância de uso do pronome reflexivo.

Para responder à segunda e terceira questões, temos que examinar, entre outros fatores, se a variação é condicionada pelos itens lexicais (i.e. verbo e argumentos) utilizados pelo falante. É possível que a tendência de supressão não atinja uniformemente todos os verbos de uso reflexivo. Se houver contextos em que a sua omissão é categórica, podemos aceitar a hipótese mencionada por Talmy, segundo a qual o falante passou a conceptualizar a cena de forma diferente, de modo que desapareceu não só a forma superficial, mas também o sentido reflexivo subjacente.

É importante notar que a Lingüística Cognitiva compartilha com a Sociolingüística e com a Lingüística Funcional a idéia de que é o uso lingüístico que molda a gramática e guia os processos de mudança da língua (CASTILHO, 2001b, 2006; LANGACKER, 1987; TALMY, 2003a,b). Esta é concebida de um ponto de vista dinâmico: seus padrões são mantidos ou reformulados constantemente pelas escolhas realizadas pelos falantes.

Além deste pressuposto, estas três teorias têm em comum alguns procedimentos teórico-metodológicos. Se é o uso da língua que molda o sistema, então é justamente o uso efetivo que constitui o objeto de análise da lingüística (LANGACKER, 1987; TALMY, 2003a). Assim como a Lingüística Funcional e a Sociolingüística, a Lingüística Cognitiva também propõe considerar o contexto (situacional, social, histórico, cultural) em que as expressões são usadas (FAUCONNIER, 1997; FAUCONNIER; SWEETSER, 1996; LANGACKER, 1987).

Como bem observa Langacker (1997⁶⁵ apud SILVA, 2004:8): “*despite its mental focus, cognitive linguistics can also be described as social, cultural and contextual linguistics*”. Justamente por se propor estudar os padrões e os processos através dos quais o conteúdo conceptual é estruturado na linguagem, a Lingüística Cognitiva vai adotar um procedimento metodológico adicional, não presente na Lingüística Funcional e na Sociolingüística: a introspecção. Talmy (2003a:5-6) justifica o seu uso nos seguintes termos: “*if one’s area of scientific study is linguistic meaning, one must go where meaning is located. And meaning is located in conscious experience*”.

Esta ferramenta de análise pode ser útil para responder questões como (ii) e (iii). Há, no entanto, um obstáculo para o uso da introspecção: os elementos do sistema semântico diferem em seu grau de acessibilidade à análise consciente. Os pronomes reflexivos, como veremos, envolvem muitas vezes a conceptualização de uma pessoa como composta de duas partes, mas isto parece ter passado despercebido em grande parte dos estudos que se ocupam da análise desses pronomes. Para investigar estes aspectos menos conscientes do sistema conceptual, Talmy propõe que a análise introspectiva inclua o exame de *corpora*, e que os resultados obtidos através da introspecção sejam comparados aos fornecidos por outras metodologias, como a comparação e a abstração. É isto que propõe a presente pesquisa: usar três perspectivas teóricas e metodológicas complementares para uma análise mais apurada da variação no uso dos pronomes reflexivos.

⁶⁵ Langacker, R. W. (1997). The contextual basis of cognitive semantics. In: Nuyts, Jan; Pederson, Eric (eds.). *Language and Conceptualization*. Cambridge, Cambridge University Press.

3.2 Estrutura Configuracional: Partição da cena e Personalização

A categoria esquemática “*partição da cena*” se refere à conceptualização de uma determinada cena de referência como contendo partes e participantes. A partição da cena pode ser especificada tanto por itens lexicais, como gramaticais.

Um item lexical pode incorporar, ou lexicalizar, uma partição particular do evento, ou situação, ao qual ele se refere. O referente do verbo “servir”, por exemplo, divide o evento em 4 partes principais: uma ação, um item servido e uma relação social envolvendo dois papéis: o dono da casa e o convidado; exemplo:

- (91) The host served me some dessert from the kitchen. (TALMY, 2003a:67)
 “O dono da casa me serviu um pouco de sobremesa da cozinha.”

A porção da partição da cena que constitui a estrutura de seus participantes (Atores que tomam parte da cena) é denominada por Talmy “*personalização*” (“personation type”). Esta categoria esquemática/semântica abrange dois tipos:

- (i) *monadário* (“monadic personation type”): envolvendo 1 participante;
 (ii) *diádico* (“dyadic personation type”): envolvendo 2 participantes em interação.

Aplicando estes conceitos ao verbo “servir”, vemos que ele especifica ou lexicaliza (TALMY, 2003a)⁶⁶:

- a) uma divisão da cena em 4 partes (uma ação, um item servido, um anfitrião e um convidado);

⁶⁶ Note-se que esta análise não é incompatível com a estrutura do predicado (“predicate frame”) de Dik (1989).

- b) uma estrutura argumental de 3 partes (X serve Y a Z; onde X é o anfitrião, Y é o item servido, e Z é o convidado);
- c) o tipo de personificação diádico (anfitrião e convidado).

Formas gramaticais também podem especificar a partição da cena e o tipo de personalização. Talmy vê a construção *sujeito singular + objeto reflexivo* como um complexo gramatical que contém a especificação semântica de um só participante. Quando esta forma gramatical ocorre com um verbo de dois participantes, como “servir”, engatilha uma operação cognitiva denominada “*introjeção*”. Trata-se de um processo metafórico que mapeia o domínio fonte binário em um domínio alvo unitário. Nos termos de Fauconnier (1997), este processo é descrito como um mapeamento entre espaços mentais; exemplo:

- (92) I served myself some dessert from the kitchen. (TALMY, 2003a:67)
 “Eu me servi um pouco de sobremesa da cozinha.”
 “Eu servi um pouco de sobremesa da cozinha para mim.”

A mesma cena evocada pelo exemplo (92) poderia ser referida por uma construção cujo tipo de personalização é intrinsecamente monadário, como em (93):

- (93) I went and got some dessert from the kitchen. (TALMY, 2003a:67)
 “Eu fui e peguei um pouco de sobremesa da cozinha.”

Todavia, (92) e (93) não são totalmente equivalentes, sob a perspectiva conceptual. Segundo Talmy (2003a), apesar de o complexo gramatical *sujeito + objeto reflexivo*, presente em (92), ser determinante na classificação da estrutura de seus participantes como monadária, uma impressão, ou um vestígio da personalização diádica do verbo, ainda permanece. Na representação cognitiva evocada por este exemplo, a conotação de díade funde-se à denotação de mônada, como se ambos, anfitrião e convidado, fossem superimpostos em uma só pessoa

(i.e. *introjeção*)⁶⁷. A construção sugere, portanto, que a pessoa contém duas partes complementares.

De acordo com Talmy, quando há um conflito semântico entre duas especificações fornecidas num trecho do discurso do falante, há algumas operações cognitivas, que o ouvinte realiza, para solucionar este conflito. Duas destas operações são aplicáveis a contextos de uso reflexivo semelhantes ao exemplo (92) visto anteriormente: *shift* ('mudança, substituição') e *blend* ('combinação').

Quando as especificações semânticas de duas formas em uma sentença estão em conflito, um tipo de resolução consiste em que a especificação de uma das formas mude, de modo a ajustar-se a outra forma. Este processo, denominado *shift*, é ilustrado no exemplo (92), em que a forma lexical “*servir*” altera sua especificação semântica diádica, para conformar-se com a forma gramatical reflexiva monadária⁶⁸ (TALMY, 2003b).

Mas a sentença também pode evocar no ouvinte uma representação cognitiva que acomoda ambas as especificações. Neste processo, denominado *blend*, as especificações dos inputs parecem perder a sua individualidade, e o conflito semântico que elas individualmente tinham desaparece. Segundo Talmy (2003b), tipicamente, esta representação é um híbrido imaginativo, que o ouvinte pode considerar como não correspondente a suas representações mais objetivas. Um tipo de *blend* é o processo denominado *introjeção*, mencionado anteriormente.

Além do exemplo (92), Talmy (2003b) cita outros que igualmente envolvem estes três processos, ou operações cognitivas (*shift*, *blend*, *introjeção*):

⁶⁷ Talmy (2003a) observa que, enquanto a *introjeção* (operação cognitiva que transforma uma personalização do tipo diádico em uma personalização do tipo monadário) é bem representada nas línguas, a sua contraparte, a operação cognitiva de “*extrajection*” (personalização monadária>diádica), é minimamente representada. Esta implicaria que um verbo basicamente lexicalizado no tipo de personalização monadário fosse usado num contexto gramatical com sentido diádico.

⁶⁸ Quando há conflito semântico entre uma forma da classe fechada e outra da classe aberta, é geralmente a primeira que determina a estrutura conceptual final (TALMY, 2003a).

- (94) The soldier threw the sailor off the cliff into the ocean below. (TALMY, 2003b:331)
 “O soldado atirou o marinheiro do penhasco oceano abaixo.”
- (95) The soldier threw himself off the cliff into the ocean below.
 “O soldado se atirou do penhasco oceano abaixo.”
- (96) The soldier jumped off the cliff into the ocean below.
 “O soldado pulou do penhasco oceano abaixo.”

Na sua referência básica, a forma lexical *‘throw’* (‘jogar’, ‘atirar’) especifica uma partição diádica da cena, com duas entidades que têm papéis distintos. Em (94), esta especificação diádica de *‘throw’* é condizente com a ocorrência de dois referentes, representados pelo SN sujeito e o SN objeto.

Já em (95), este verbo diádico ocorre junto com a construção gramatical monadária *sujeito + reflexivo*, que especifica um só referente. Há aqui, portanto, um conflito semântico entre as especificações destas duas formas (TALMY, 2003b).

Pelo menos um tipo de resolução semântica ocorre: a especificação diádica de *‘throw’* dá lugar à especificação monadária da forma reflexiva, de maneira que a sentença como um todo agora refere a uma única entidade.

Contudo, se houvesse somente este processo (*shift*), a sentença (95) seria semanticamente idêntica à sentença intrinsecamente monadária (96), com respeito à partição da cena. Para Talmy (2003b), no entanto, (95) e (96) não são equivalentes, porque evocam diferentes representações cognitivas. Em contraste com (96), a construção (95) envolve a *introjeção*: a pessoa do soldado é metaforicamente dividida em duas frações: (i) sua vontade, musculatura e exercício de força (*‘thrower’*), (ii) o resto de sua personalidade e de seu corpo (*‘thrown object’*).

Estes processos de *introjeção*, *shift* e *blend*, – presentes em outros tipos de sentenças que se referem a uma só pessoa, mas metaforicamente sugerem a noção de personalização diádica – são, segundo Talmy (2003b), empregados de forma rápida e mecânica pelos falantes de uma língua, mas podem ser difíceis de ser acessados conscientemente.

A idéia central exposta aqui é que cada verbo de uma determinada língua é lexicalizado com um tipo de personalização (diádica ou monadária) e que é possível adicionar elementos gramaticais que convertem este verbo para o tipo de personalização oposto. Existem também verbos lexicalizados com os dois tipos de personalização, mas geralmente um destes tipos é o mais freqüente, equivalendo ao uso mais comum. Este pode ser tomado como o tipo mais básico, o prototípico, e, sob uma perspectiva diacrônica, é geralmente a forma mais antiga, a partir da qual os outros usos são derivados (TALMY, 2003b).

Aplicando estas noções ao português, podemos hipotetizar que um verbo como *matar*, por exemplo, é lexicalizado com o tipo de personalização diádica, e que para expressar o tipo monadário, o falante terá necessariamente que utilizar o pronome reflexivo explícito. Um verbo como *sentar*, por outro lado, incorpora a personalização monadária, e por este motivo, não requer a explicitação do pronome reflexivo para expressar uma ação voltada para o próprio Agente (i.e. *sentar-se*), mas requer um objeto expreso, para expressar o tipo diádico:

- | | | | |
|------|--------------------------|---|---------------------------------------|
| (97) | Ele Ø matou (diádico) | x | Ele <i>se</i> matou (monadário) |
| (98) | Ele Ø sentou (monadário) | x | Ele sentou <i>a criança</i> (diádico) |

Talmy (2003b) menciona diversos exemplos que mostram que o tipo de lexicalização depende da língua que constitui o objeto de estudo. Comparem-se os exemplos em inglês e francês citados pelo autor, com as nossas traduções em português:

- | (99) | Inglês | Francês | Português |
|------|-------------------|---------------------------|---------------------------|
| | a) I shaved. | a) se raser | a) “barbear-se” |
| | b) I washed. | b) se laver | b) “lavar-se” |
| | c) I soaped up. | c) se savonner | c) “ensaboar-se” |
| | d) I bathed. | d) se baigner | d) “banhar-se” |
| | e) I showered. | e) (prendre une douche) | e) “(tomar uma ducha)” |
| | f) I scratched. | f) se gratter | f) “coçar-se/arranhar-se” |
| | g) I buttoned up. | g) se boutonner | g) “(abotoar a roupa)” |
| | h) I dressed. | h) s’habiller | h) “vestir-se” |
| | i) I undressed. | i) se déshabiller | i) “despir-se” |
| | j) I changed. | j) (changer de vêtements) | j) “trocar-se” |
- (TALMY,2003b:90)

No inglês, estes verbos (que se referem a cuidados corporais) podem ser usados com os dois tipos de personalização, mas a forma mais simples (i.e. sem adição de um elemento gramatical) expressa o tipo monadário. Talmy (2003b) considera que tais verbos não incorporam um sentido reflexivo no inglês, uma vez que, em seu uso mais básico, designam ações que se manifestam diretamente na pessoa do próprio Agente.

O francês, diferentemente do inglês, lexicaliza estes verbos com o tipo de personalização diádico, necessitando do pronome reflexivo para expressar o tipo monadário (exceto em (e) e (j)). De acordo com Talmy (2003b), o uso mais comum destes verbos no francês seria, portanto, o não-correferencial, referindo-se a uma ação voltada para outrem, como em:

- (100) Je raserai Jean. (TALMY, 2003b:90)
 “Eu vou barbear o Jean.”

Um teste que o autor utiliza, para determinar se um verbo é diádico ou monadário, consiste em examinar se a construção com omissão do pronome reflexivo é possível. Caso seja, o verbo pode ser considerado como correspondente à personalização monadária, como em (101). Se, ao contrário, o verbo é diádico, como em (102), ele não aceita a omissão do objeto reflexivo. Exemplos:

- | | | | |
|-------|--|----------|--|
| (101) | I shaved John.
“Eu barbeei o John.” | X | I shaved myself / Ø. (TALMY, 2003b:89,136)
“Eu me / Ø barbeei.” |
| (102) | I cut / bandaged / tickled John.
“Eu cortei / enfaixei / diverti o John.” | X | I cut / bandaged / tickled myself / *Ø
“Eu me / Ø cortei / enfaixei / diverti.” |

Este teste é facilmente aplicável ao inglês, uma vez que esta língua não permite a omissão do objeto direto não-correferencial. Contudo, fórmulas como estas não podem ser aplicadas de forma mecânica para línguas como o português do Brasil, que apresenta a tendência de omissão tanto do objeto não-correferencial, como do objeto reflexivo.

Talmy (2003b) também se vale de figuras para ilustrar a categoria semântica de personalização. O autor toma a sentença como representando um complexo ideacional. Deste complexo, faz parte um envelope esquemático (denominado *envelope de personalização*, ou *de transitividade*), que consiste de um predicado (verbo) expressando uma ação; e um sujeito nominal, correspondente ao Ator (tipicamente o Agente) responsável por esta ação.

Se a ação dentro deste envelope afeta alguma entidade fora dele, então o complexo ideacional é entendido como diádico, e a sentença que o representa será prototipicamente transitiva. Se, por outro lado, o envelope contém todo o complexo ideacional, ele é entendido como monadário, e a sentença que o representa será prototipicamente intransitiva⁶⁹.

Exemplos:



(103) The girl is beating the drum. (TALMY, 2003b:92-93)
 “A garota está batendo no tambor.”

⁶⁹ Talmy (2003b:142) nota que uma sentença pode ser classificada como transitiva ou intransitiva, com base não somente em parâmetros sintáticos, como também semânticos. A oração *I took a nap* (‘Eu dei uma cochilada’), por exemplo, é formalmente transitiva, mas podemos classificá-la como intransitiva, considerando o aspecto semântico e também sua relação formal com a sentença intransitiva *I napped* (‘Eu cochilei’). Já a oração *I pounded on the table* é formalmente intransitiva, mas podemos tratá-la como transitiva, com base no argumento semântico de que ela se refere a um objeto afetado pelo Ator, e considerando também sua relação formal com a sentença formalmente transitiva: *I pounded the table* (exemplos equivalentes em português são: *Alguém está batendo à porta*; *Alguém está batendo na porta*).

No exemplo (103), o envelope esquemático encerra o Ator (“*the girl*”; ‘a garota’) e a ação (“*beating*”; ‘bater’), mas exclui o objeto (“*the drum*”, ‘o tambor’). Isto ocorre porque o verbo “*beat*” (‘bater’) se refere somente à ação que pode afetar um objeto, mas não diz nada sobre a natureza deste objeto. O verbo é **transitivo**, requerendo a presença de um SN representando o objeto afetado.



- (104) The girl is drumming. (TALMY, 2003b:92-93)
 “A garota está batucando.”

A diferença entre este exemplo e o anterior é que aqui o envelope contém, além do Ator e da ação, o objeto “*the drum*” (‘o tambor’). Isto ocorre porque a ação referida por “*drum*” (‘batucar’) inclui não só uma atividade dinâmica, mas também a natureza do material físico afetado, isto é, do objeto. Neste contexto, o verbo é **intransitivo**.



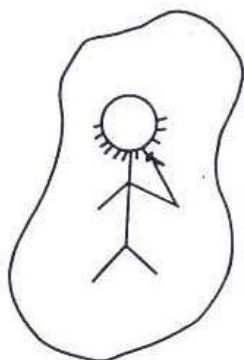
- (105) I shaved him. (TALMY, 2003b:92-93)
 “Eu o barbeei/ barbeei ele.”

O exemplo (105) representa um complexo ideacional que envolve a personalização **diádica** e sintaxe **transitiva**. O envelope esquemático encerra o Ator (“I”; ‘Eu’) e a ação (“shaving”; ‘barbear’), mas exclui o objeto afetado (“him”; ‘ele’), cuja face é a que está recebendo a ação.



(106) I shaved myself. (TALMY, 2003b:92-93)
“Eu me barbeei.”

Este caso difere do exemplo precedente: o pronome reflexivo indica que a face, que está sendo afetada pela ação, pertence ao Ator desta ação, e não a outro indivíduo. O envelope inclui o Ator e a ação, mas exclui a sua face, tratando-a como um objeto externo afetado. Para Talmy, construções como esta envolvem o tipo de personalização **diádica** (“reflexively dyadic”) e sintaxe **transitiva**.



(107) I shaved. (TALMY, 2003b:92-93)
“Eu barbeei.”

No exemplo (107), o envelope encerra todo o complexo ideacional: o Ator, a ação e a face do mesmo. Segundo Talmy, este complexo é conceptualizado como **monadário**, e o verbo é basicamente **intransitivo**.

Uma última questão importante, que Talmy (2003b) levanta com respeito à personalização, é se há diferença na natureza da ação, conforme ela envolva 1 ou 2 participantes (i.e. seja voltada para o próprio Agente, ou para outrem).

Examinemos os exemplos a seguir:

- (108) The soldier patted the sailor on the knee. (TALMY, 2003b:330-1)
 “O soldado afagou /acariciou o marinheiro/ deu-lhe um tapinha no joelho.”
- (109) The soldier patted himself on the knee.
 “O soldado se afagou / se acariciou / deu-se um tapinha no joelho.”

As sentenças (108) e (109) descrevem duas cenas muito semelhantes, que consistem de uma mão batendo em, ou afagando um joelho. O pronome reflexivo, em (109), não altera a natureza da ação especificada (cf. também *barbear-se*, *matar-se*, etc.). Ele apenas indica que os dois objetos especificados nas duas cenas, (“a mão” e “o joelho”) pertencem ao mesmo corpo, e não a corpos diferentes. Para Talmy (2003b), a interpretação do pronome reflexivo, em contextos como este, é literal.

Retomemos os exemplos (94-96):

- (94) The soldier threw the sailor off the cliff into the ocean below. (TALMY, 2003b:331)
 “O soldado atirou o marinheiro do penhasco oceano abaixo.”
- (95) The soldier threw himself off the cliff into the ocean below.
 “O soldado se atirou do penhasco oceano abaixo.”
- (96) The soldier jumped off the cliff into the ocean below.
 “O soldado pulou do penhasco oceano abaixo.”

O exemplo (94) envolve duas pessoas, uma delas ergue e joga a outra, enquanto ela mesma permanece no lugar. O exemplo (95), por outro lado, descreve a ação de uma pessoa

que se joga do penhasco, sendo que os seus movimentos não são idênticos aos de qualquer uma das duas pessoas da cena de (94).

Talmy (2003b) ressalta, portanto que, em (95), a presença do pronome reflexivo altera a natureza da ação consideravelmente, na direção da ação especificada em (96) (cf. também *levantar algo/alguém x levantar-se*). Além disto, o reflexivo aqui muda o tipo de personalização do verbo, e engatilha o processo metafórico de introjeção, como visto anteriormente.

3.3 Distribuição de atenção: Figura/Fundo, Frame, Valência e Voz

Talmy (2003a) enumera diversos padrões de distribuição de atenção: Figura/Fundo, nível de atenção, janela de atenção, etc.

Ao esquematizar uma cena, colocamos em primeiro plano porções particulares desta cena de referência, através da menção explícita destas porções no discurso. Outras porções da cena são omitidas e assim colocadas no plano de fundo, ou “fora do palco” (*janela de atenção*)⁷⁰.

As formas lingüísticas que são utilizadas podem chamar a atenção ou para os *componentes* que integram a situação/o evento de referência, ou para o *todo* que encerra estes componentes (*nível de atenção*). Através de operações cognitivas, uma entidade pode ser analiticamente convertida de uma conceptualização como um todo coerente para uma

⁷⁰ Além da explicitação dos elementos, há outros recursos que servem para colocar em primeiro plano determinadas porções da cena, como o acento enfático. Apesar de somente certas porções da cena de referência serem explicitamente especificadas pelas expressões, assume-se que, a partir das informações do contexto, o ouvinte será capaz de inferir o restante da cena (TALMY, 2003a).

conceptualização que dirige a atenção para os componentes desta entidade e as inter-relações entre eles (cf. divisão da psique, no item 3.5).

Um outro padrão se refere à organização da cena em termos de elementos centrais e periféricos. A entidade que funciona como *Figura* é definida como aquela que atrai atenção focal, ao passo que a entidade que funciona como *Fundo* atrai atenção periférica, sendo utilizada como uma entidade de referência, para caracterizar a primeira (TALMY, 2003a,b; LANGACKER, 1987).

O sistema esquemático da distribuição de atenção, e particularmente o conceito de janela de atenção, requer uma distinção entre dois tipos de elementos ausentes na sentença:

- 1) um tipo cujo referente seria entendido como pertencendo à cena representada;
- 2) um tipo cujo referente seria visto como periférico ou acidental (TALMY, 2003a).

Os falantes de uma língua aparentemente tendem a ver alguns elementos e suas relações como centrais em um evento particular, enquanto outros são concebidos como periféricos. Um conjunto de elementos conceptuais e suas inter-relações, que são assim evocados juntos, ou que co-evocam uns aos outros, podem ser vistos como constituindo um “*event frame*”⁷¹. Elementos que são concebidos como acidentais (não importa se explicitados ou não) não são considerados como parte do *event frame*. Esta noção de “*event frame*”, proposta por Talmy, é semelhante ao conceito de “*frame*” de Fillmore (1982⁷² apud Talmy, 2003a).

⁷¹ Talmy descreve a *conceptualização de um evento* como um processo cognitivo geral, através do qual a mente humana estende uma fronteira, ou um limite, em volta de uma porção do que seria um continuum de espaço, tempo ou outro domínio qualitativo (partição conceptual); e atribui aos elementos dentro deste limite a propriedade de uma entidade unitária (“ascription of entityhood”). “*Entre várias possibilidades, uma categoria desta entidade é percebida e conceptualizada como um evento*” (TALMY, 2003b:215) (tradução nossa).

⁷² Fillmore, Charles (1982). *Frame Semantics*. In: *Linguistics in the morning calm*, edited by Linguistic Society of Korea. Seoul: Hanshin.

Enquanto Talmy (2003a) aplica a noção de *frame* a eventos, Fillmore (1982 apud Castilho, 2001b) se refere ao *frame* de uma cena. O conceito de *frame* também pode ser entendido com relação a um verbo, como no caso do “*predicate frame*” de Dik (1989).

Em sua Semântica do emolduramento (“Frame Semantics”), Fillmore (1982 apud Castilho, 2001b) define a noção de *frame* (‘moldura’) como o modo estruturado a partir do qual uma cena é apresentada ou lembrada. Assim como Talmy, Fillmore propõe que os elementos que compõem o *frame* são naturalmente associados: falar de um elemento da moldura é falar dos outros ao mesmo tempo.

Fauconnier e Sweetser (1996) observam que os *frames* são motivados por nossa experiência física, social e cultural. Lakoff e Johnson (1980) também vêem estas categorizações como naturais, na medida em que constituem um produto de nosso corpo, e de nossa interação com o mundo físico, com outras pessoas e com a nossa cultura. Tais molduras estão presentes tanto no processo de formulação das expressões por parte do falante, como no processo de interpretação por parte do ouvinte, constituindo um pano de fundo para entender uma sentença.

Tomemos como exemplo uma cena comercial. Esta incluiria, em seu *frame*, os participantes (comprador e vendedor) e a ação de trocar mercadoria e dinheiro:

(110) Jack buys gold from Bill. (FAUCONNIER, 1997:12)
 “Jack compra ouro de Bill.”

Sob a perspectiva de Fauconnier (1997), a utilização de um *frame* para estruturar uma situação, ou um evento, também pode ser vista como um tipo de mapeamento, que ocorre entre os elementos do espaço mental e os elementos do *frame*. Em (110), por exemplo, os elementos (“Jack”, “gold”, “Bill”) introduzidos no espaço mental são conectados ao *frame* de *comprar*.

• a) Jack	?	O Comprador
• b) Bill	?	O Vendedor
• c) gold	?	O Mercadoria
Espaço mental		Frame

Um *frame* pode incluir uma grande variedade de elementos, como mostram os exemplos de Fauconnier e Sweetser (1996) abaixo:

- a) *frame* de um cenário de casamento: noivos, padrinhos, convidados, bolo, vestido, padre, etc.
- b) *frame* de uma cena em um restaurante: garçons, clientes, menu, comida, etc.

Dentre esses elementos, alguns correspondem aos papéis dos participantes na cena. Se considerarmos apenas estes papéis, o conceito de *frame* se aproxima da noção de *predicate frame* de Dik (1989). Exemplos (FAUCONNIER, 1997):

- (i) *AMAR ab* (i.e. o *frame* de “amar” inclui 2 papéis: a) aquele que ama e b) o ser amado);
- (ii) *VER ab* (i.e. o *frame* de “ver” abrange 2 papéis: a) a entidade experienciadora e b) o objeto visto).

A noção de “*event frame*” proposta por Talmy é, no entanto, mais abrangente, porque inclui todos os elementos associados a um determinado tipo de evento. Segundo o autor, cada verbo de uma determinada língua é lexicalizado para tomar como argumentos somente certos

elementos de um *event frame*. Para explicar estes padrões de lexicalização, Talmy (2003a) adota as noções de *complemento obrigatório*, *complemento opcional* e *complemento bloqueado*. Este último é um argumento que poderia ocorrer com outro item lexical que se refere ao mesmo “*event frame*”, mas que não pode ser usado com o item lexical da construção em questão. Em outras palavras, trata-se de um participante ou elemento que está na cena, mas não pode ser expresso a depender do verbo utilizado. Exemplo:

- (111) I spent \$50 (for/ on this book) [*from the clerk]. (TALMY, 2003a:263)
 “Eu gastei \$50 neste livro[*do vendedor].”

“*Spend*” (‘gastar’) inclui como argumentos obrigatórios: o comprador e o dinheiro; como argumento opcional: a mercadoria; e exclui como argumento bloqueado: o vendedor. Em contraposição ao verbo ‘*gastar*’, ‘*pagar*’ poderia ocorrer com todos estes argumentos (*Eu paguei ao vendedor \$50 por este livro*).

Para cada *event frame*, podem ser estabelecidos diferentes padrões de janelas de atenção. Em outras palavras, podemos selecionar e dirigir maior atenção a porções particulares de um evento, explicitando essas porções no discurso. As partes que são omitidas podem ser vistas, pelo falante, como menos relevantes, redundantes, e/ou passíveis de serem recuperadas, seja a partir da situação de comunicação, ou de inferências envolvendo familiaridade com o *frame* do evento (TALMY, 2003a,b).

Dentre aquelas porções que são efetivamente mencionadas, algumas são colocadas em primeiro plano (*Figura*), outras no plano de fundo da atenção (*Fundo*). Retomando a cena comercial vista acima, podemos dirigir a atenção focal para o vendedor, ou para o comprador, ao passo que os elementos restantes da cena recebem menor atenção⁷³. Um dos recursos utilizados para assinalar a *Figura* é colocá-la como sujeito gramatical da sentença; e para

⁷³ Conforme nota Castilho (2001b), as noções de *Figura* e *Fundo* foram tradicionalmente descritas pelos funcionalistas em termos da estrutura informacional: Dado/Novo, Foco, etc.

assinalar atenção secundária a um outro elemento (Fundo), atribuir-lhe a função de objeto (TALMY, 2003a,b; LANGACKER, 1987). Exemplos:

- (112) The clerk sold the customer a vase. (TALMY,2003a:77, 87)
 “O vendedor vendeu um vaso ao cliente.”
- (113) The customer bought the vase from the clerk.
 “O cliente comprou um vaso do vendedor.”

Estas duas sentenças se referem ao mesmo evento de transferência comercial. Em ambas, há duas entidades, o vendedor e o comprador, cada uma executando uma ação intencionalmente. Todavia, (112) e (113) diferem quanto ao foco de atenção: os verbos “*vender*” e “*comprar*” são lexicalizados para tomar o Agente (respectivamente, o vendedor e o comprador) como sujeito do verbo e Figura da cena.

Tais verbos têm, portanto, restrições de seleção do sujeito e Figura; outros verbos apresentam vários padrões de lexicalização. Talmy (2003b) chama isto de *valência* do verbo. A valência determina os padrões de saliência atribuída aos argumentos.

Ao conceptualizar uma cena, o falante tem de selecionar um item lexical que lhe permita dirigir atenção focal para os elementos que ele considera mais importantes. Para descrever um evento de roubo, por exemplo, um falante do inglês pode usar os verbos “*steal*”, “*rob*” e “*rip off*”. Todos estes verbos requerem o Agente como sujeito e foco primário da cena, mas diferem quanto ao elemento que pode ser selecionado como objeto direto e foco secundário: “*steal*” requer a Figura (a mercadoria roubada), “*rob*” requer o Fundo (a pessoa roubada), e “*rip off*” apresenta as duas possibilidades (i.e. duas valências):

(114) FIGURA COMO OD	FUNDO COMO OD
<i>I stole his money from him.</i> (Agente) (Figura) (Fundo)	* <i>I stole him of his money.</i>
* <i>I robbed his money from him.</i>	<i>I robbed him of his money.</i> (Agente) (Fundo) (Figura)
<i>I ripped his money off from him.</i> (Agente) (Figura) (Fundo) (TALMY, 2003b:95)	<i>I ripped him off of his money.</i> ⁷⁴ (Agente) (Fundo) (Figura)

Estes exemplos mostram que o foco primário da cena, que ocupa a posição de sujeito, pode não coincidir com a Figura. Em outras palavras, não há correlação necessária entre sujeito e Figura⁷⁵. Nos exemplos enumerados em (114), a Figura ora representa o objeto direto, ora um complemento oblíquo. Note-se ainda que, de acordo com a interpretação de Talmy, a coisa roubada é sempre a Figura desta cena de roubo, independentemente do verbo utilizado. Daí depreende-se que a escolha da Figura não seria totalmente livre, mas sim condicionada, tanto por aspectos salientes da cena de referência, como pelo padrão de lexicalização do verbo.

Há muitos verbos polivalentes no português, que podem ou não ser usados com um pronome reflexivo. O verbo de emoção “*assustar*”, por exemplo, tem duas valências: uma que toma como foco primário o Estímulo, e outra que toma como foco primário o Experienciador. No inglês, estas lexicalizações são realizadas mediante duas formas verbais distintas (*frighten*, *fear*); exemplos:

⁷⁴ O português apresenta casos semelhantes a “steal”, “rob” e “rip off”: respectivamente, “furtar”, “assaltar” e “roubar”. Exemplos: (i) Eu furtei o dinheiro dele; *Eu furtei ele do seu dinheiro; (ii) *Eu assaltei o dinheiro dele; Eu o assaltei / assaltei ele; (iii) Eu roubei o dinheiro dele; Eu o roubei/roubei ele.

⁷⁵ Talmy (2003b:95) oferece exemplos que mostram que o elemento que funciona como Fundo também pode ocupar a posição de sujeito da sentença, como em *The sun* (Fundo) *radiantes light* (Figura) (‘O sol radia luz.’). Pode ainda haver casos em que o sujeito representa, ao mesmo tempo, a Figura e o Fundo da cena; exemplo: *The leaves floated in a circle* (‘As folhas flutuaram em um círculo). Apesar de “as folhas” serem aqui descritas como um todo, devemos entendê-las como objetos se movendo, uns em relação aos outros (TALMY, 2003a:331).

(115) a) ESTÍMULO COMO SUJEITO b) EXPERIENCIADOR COMO SUJEITO

That frightens me.
 “*Aquilo* me assusta.”

I fear that. (TALMY, 2003b:98)
 “*Eu* me assustei com aquilo.”

Talmy (2003b:99) observa que os verbos de emoção do inglês favorecem a seleção do Estímulo como sujeito/foco primário. Este é o padrão que rege o uso dos seguintes verbos: *satisfy* (‘satisfazer’), *calm* (‘acalmar’), *amuse* (‘divertir’), *delight* (‘deleitar’), *thrill* (‘encantar’), *move* (‘comover’), *excite* (‘excitar’), *interest* (‘interessar’), *engage* (‘engajar’), *fascinate* (‘fascinar’), *surprise* (‘surpreender’), *confuse* (‘confundir’), *shock* (‘chocar’), *annoy* (‘incomodar’), *bother* (‘aborrecer’), *irritate* (‘irritar’), *frustrate* (‘frustrar’), *embarrass* (‘embaraçar’), *shame* (‘envergonhar’), *humiliate* (‘humilhar’), *revolt* (‘revoltar’), *worry* (‘preocupar’), *upset* (‘chatear’), *disturb* (‘perturbar’), *frighten* (‘assustar’), *scare* (‘espantar’), *alarm* (‘alarmar’), *hurt* (‘machucar’). Todos estes verbos têm duas valências no português: Estímulo como sujeito (uso não-correferencial), como em (115a), e Experienciador como sujeito (uso reflexivo), como em (115b).

Verbos cognitivos (i.e. que se referem a processos mentais intelectivos), como “*lembrar*”, também são livres para tomar o Estímulo, ou o Experienciador, como foco primário da cena e sujeito da sentença. Note-se que mais uma vez o inglês utiliza duas formas (respectivamente: *remind/ remember*) para realizar estas duas lexicalizações de “*lembrar*”; exemplos:

(116) ESTÍMULO COMO SUJEITO EXPERIENCIADOR COMO SUJEITO

a) He reminded me of the time...
 Ele me lembrou da época...

b) I remembered the time...
 Eu me lembrei da época...

Conforme observa Talmy (2003b), o sujeito, talvez por causa de sua associação freqüente com a noção de Agente, tende a conferir a um elemento a característica de iniciador ou instigador do evento. A consequência disto é que as duas orações mencionadas em (116) não são conceptualmente equivalentes. O exemplo (116a) passa a idéia de que um objeto externo ou evento (o Estímulo) atua no Experienciador de forma a engendrar nele um evento mental particular. Em (116b), o evento mental pode ser visto como surgindo de modo autônomo e dirigindo-se a um objeto selecionado.

De acordo com Talmy (2003b), em qualquer língua, sempre haverá uma valência predominante, representando o uso prototípico do verbo em questão. Langacker (1987) relaciona a noção de “prototipicidade” ao que as pessoas aceitam como comum, mais freqüente em sua experiência. Este autor nota que a organização Figura/Fundo não é determinada automaticamente para uma cena: em alguns contextos, o falante tem a liberdade de escolha da Figura. Contudo, há normalmente uma escolha mais natural, tomada como não-marcada, em uma determinada língua.

Aplicando estas noções na análise dos pronomes reflexivos, interessa-nos examinar as seguintes possibilidades: (i) o *frame* do verbo e a sua valência teriam influência na realização x não-realização dos pronomes reflexivos; (ii) formas alternativas – como *Eu me assustei/assustei/assustei com o barulho; Ela se operou/operou/operou com o médico; Os homens alargaram as ruas/ as ruas alargaram/alargaram-se as ruas* – corresponderiam a diferentes padrões de distribuição de atenção sobre uma cena particular. A omissão do pronome reflexivo, ou do Agente, nestes casos, poderia indicar que uma atenção mínima, ou secundária, foi dada pelo falante (e deve ser dada pelo ouvinte) a estes elementos suprimidos.

Uma outra questão importante é se a variação, entre presença x ausência do pronome, implicaria mudança de significado. Neste caso, esta variação não atenderia ao critério de equivalência semântica das variantes, proposto por Labov (1972/1991). Na opinião de

Langacker (1987), a contribuição semântica de um morfema gramatical explícito não deve ser ignorada. Duas orações com as mesmas palavras lexicais, mas diferentes estruturas gramaticais, diferem semanticamente. Isto porque o valor conceptual/semântico da expressão também é determinado pela maneira como estruturamos o conteúdo com respeito à distribuição de atenção. Para ilustrar este fato, o autor utiliza os seguintes exemplos:

- (117) He sent a letter to Susan. (LANGACKER, 1987:39)
 “Ele enviou uma carta para Susan.”
 (118) He sent Susan a letter.
 “Ele enviou-lhe uma carta.”

A preposição “to” (‘para’) presente em (117) enfatiza a noção de trajetória. Este conceito também está presente em (118), mas sua omissão o coloca no plano de fundo de atenção. Langacker (1987:293) postula, portanto, que a explicitação aumenta a saliência de um componente conceptual: *“I claim that the explicit symbolization of a notion augments its prominence and renders it more salient than it would otherwise be”*.

As expressões acima são, não obstante, funcionalmente equivalentes (i.e. servem para referir à mesma cena e atendem aos objetivos comunicativos do falante), ainda que façam uso de imagens alternativas (LANGACKER, 1987:111)⁷⁶.

Cabe por fim notar que, além de elementos gramaticais, construções sintáticas, como a voz ativa e passiva, também podem ser utilizadas para dirigir a atenção focal para um ou outro elemento de uma cena. Para Langacker (1987), a função da voz passiva é permitir a escolha marcada do sujeito/Figura. Utilizando esta construção, o falante pode estruturar a cena, mediante um padrão alternativo de organização Figura/Fundo. Sob uma perspectiva próxima a de Dik (1989) – que estabelece que a função da voz gramatical é especificar um ponto de vista – Talmy (2003a) propõe que a voz (considerada como uma categoria semântica) reflete as

⁷⁶ Tomando como base o estudo de Caravedo (1999), substituiremos, na presente pesquisa, o critério de equivalência semântica das variantes pelo critério de equivalência funcional.

diferentes possibilidades de conceptualização, distribuição de atenção e ponto de vista que o falante pode ter em relação a uma cena:

(i) voz ativa: o Agente afeta o Paciente; exemplo:

(119) She bathed the child. (TALMY, 2003a:44)
 “Ela banhou a criança.”

(ii) voz passiva: o Paciente é afetado pelo Agente; exemplo:

(120) The child was bathed by her. (TALMY, 2003a:44)
 “A criança foi banhada por ela.”

(iii) voz média: o Paciente é visto como executando sozinho a ação; exemplo:

(121) The child bathed (himself). (TALMY, 2003a:44)
 “A criança (se) banhou.”

3.4 Causação: Agente, Autor, Instrumento e “Undergoer”

Lakoff e Johnson (1980) concebem a *causação* prototípica como a manipulação direta de objetos por parte de um Agente. Este executa uma ação intencional e controlada, que tem como resultado a mudança de estado físico de um Paciente. Talmy (2003a,b), contudo, vai analisar a *causação* como uma relação entre eventos.

Através desta categoria esquemática, um evento é conceptualizado ou como ocorrendo de modo autônomo, ou como resultando de um outro evento, podendo este último ser iniciado ou não por uma entidade [+humana], com ou sem intenção (TALMY, 2003b).

Uma relação causativa prototípica compreende dois eventos, sendo que o segundo só acontece se o primeiro ocorrer (TALMY, 2003a).

Comparemos os exemplos (122) e (123) a seguir:

- (122) The golf ball rolled along the green. (TALMY, 2003a: 488)
 “A bola de goufe rolou pela grama.”
- (123) The golf ball rolled along the green from the wind blowing on it.
 “A bola de goufe rolou pela grama, por conta de o vento ter soprado sobre ela.”

O exemplo (122) apresenta o evento como autônomo, *não-causativo*. Já em (123), há uma relação de causa: o soprar do vento (evento 1) faz com que a bola se movimente (evento 2).

Talmy menciona diversos tipos de eventos causativos. Na exposição que segue, ilustraremos aqueles que podem ser utilizados na análise das construções reflexivas e passivas reflexas. O que nos interessa, sobretudo, são as funções semânticas que Talmy atribui aos elementos centrais do evento conceptualizado como causativo (*Agente, Autor, Instrumento*) ou não-causativo (“*Undergoer*”). Estas funções são formuladas com base em parâmetros semânticos que serão utilizados em nossa análise, tais como: volição, intenção, controle, etc.

Tipos de Eventos Causativos:

a) Evento Autônomo:

- (124) The vase broke. (TALMY, 2003b:69)
 “O vaso (se) quebrou.”
- (125) The ice cream melted from the stick. (TALMY, 2003a:476)
 “O sorvete (se) derreteu do palito.”

b) Evento Autônomo com *Undergoer*:

- (126) I broke my arm when I fell. (TALMY, 2003b:70)
 “Eu quebrei o meu braço quando caí.”
- (127) I developed/grew a wart in my ear. (TALMY, 2003a:517)
 “Uma verruga se desenvolveu/cresceu na minha orelha.”

c) Evento Causativo com Instrumento

- (128) A ball broke the vase (in rolling into it). (TALMY, 2003b:70)
 “A bola quebrou o vaso, rolando sobre ele.”
- (129) The ice cream melted from the heat. (TALMY, 2003a:476)
 “O sorvete derreteu com o calor.”

d) Evento Causativo com Autor:

- (130) I broke the vase in rolling a ball into it. (TALMY, 2003b:70)
 “Eu quebrei o vaso, rolando (sem querer) a bola sobre ele.”

e) Evento Causativo com Agente:

- (131) I broke the vase by rolling a ball into it. (TALMY, 2003b:70)
 “Eu quebrei o vaso, jogando a bola sobre ele.”

f) Evento Causativo Self-Agentivo:

- (132) I walked to the store. (TALMY, 2003b:70)
 “Eu andei até a loja.”

Os dois primeiros tipos de eventos (a) e (b) são conceptualizados como ocorrendo de modo autônomo. Em (b), porém, este evento afeta o estado (físico e/ou psicológico) de uma entidade senciente, o “*Undergoer*”. Talmy (2003a,b) não atribui nenhuma função semântica aos argumentos [-animados] “o vaso” e “o sorvete” apresentados em (a). Na presente pesquisa, chamaremos estes argumentos de “*Processed*”, seguindo a nomenclatura de Dik (1989) (cf. item 2.4.1). Note-se que, ao contrário dos demais exemplos, (124) pressupõe necessariamente um Agente, responsável pela ação de quebrar o vaso. Todavia, o evento – tal como ele é expresso na sentença – é apresentado como não implicando uma causa (TALMY, 2003a).

Os demais tipos de eventos são apresentados como causativos. Em (c), o evento final é causado por um objeto (“a bola”) e uma energia (“o calor”), ambos exercendo a função semântica de *Instrumento*. Já (d), (e) e (f) envolvem a ação de uma entidade [+humana]. A diferença entre eles é que, em (d), o ato que culmina no evento final envolve apenas a volição de uma entidade (*Autor*) para executar este ato; ao passo que, em (e) e (f), além da volição, o ato também envolve a intenção, por parte de uma entidade (*Agente*), de que o evento final ocorra.

O evento causativo Self-Agentivo (f) é semelhante ao evento causativo com Agente (e), exceto quanto ao fato de que, no primeiro, o movimento do corpo da entidade animada é, em si mesmo, o evento final intencionado (TALMY, 2003b).

Nenhuma função semântica é indicada para o argumento afetado (“o vaso”, “o sorvete”) nos exemplos (128-131). Adotaremos aqui a nomenclatura de Dik (1989), tratando este argumento como *Paciente*.

Talmy (2003a,b) toma a construção causativa sem Agente como o tipo mais básico. Segundo ele, a adição de um Agente envolve um complexo semântico adicional. O Agente que planeja um evento (quebrar um vaso, por exemplo) é necessariamente envolvido na seqüência causal que leva a este evento. Esta compreende: um evento de intenção, um evento de volição, e, no domínio físico, um evento de movimento do corpo, ou parte dele.

A volição é interpretada como o evento causal que leva ao movimento do corpo, nos eventos Agentivos, e particularmente nos Self-agentivos. Esta última noção pode ser aplicada a verbos usados com pronome reflexivo no português, como *levantar-se*, *deitar-se*, etc.

Segundo Talmy (2003a), o componente semântico da língua é organizado de modo a tratar o aspecto físico de uma entidade como essencialmente inerte, requerendo “*ânimação*” por parte do componente psicológico. Esta relação entre volição e corpo físico também pode ser vista como causativa. O autor levanta a hipótese de que, neurofisiologicamente, a volição compreenderia uma cadeia causal de eventos neurais e musculares que culminariam no movimento do corpo. Vejamos os dois exemplos a seguir:

- (133) The man fell of the cliff. (Evento Autônomo) (TALMY, 2003a:525)
 “O homem caiu do penhasco.”
 (134) The man jumped off the cliff (Evento Self-Agentivo)
 “O homem pulou do penhasco.”

A construção (133) não apresenta uma relação causativa, e sim um evento autônomo, em que o sujeito tem a função semântica de *Undergoer*. Já (134) implica um evento de movimento do corpo, causado por um evento volicional por parte de um Agente que intenciona este movimento. Para ilustrar isto, Talmy (2003a:526) utiliza fórmulas do tipo:

I AGENTed [my BODY MOVE] by [I WILLED ON my BODY]

A relação causativa, presente na construção Self-agentiva do exemplo (134), pode, num primeiro momento, ser difícil de ser percebida, porque esta sentença não contém um OD, nem nenhuma outra especificação de um outro objeto físico afetado pela causação.

Examinemos os exemplos a seguir:

- (135) a) The man jumped off the cliff. (TALMY, 2003a:525)
 “O homem pulou do penhasco.”
 b) The man throw himself off the cliff.
 “O homem se jogou do penhasco.”
 a) I trudged to work.
 “Eu caminhei até o trabalho.”
 b) I dragged myself to work.
 “Eu me arrastei para o trabalho.”
 a) Lie down!
 “Deite! (Deita aí!)”
 b) Lay yourself down!
 “Deite-se!”

Todas as construções enumeradas em (135) se referem a eventos Self-Agentivos. As ilustradas em (b) apresentam dois argumentos: um sujeito, referindo-se a uma entidade, mais especificamente à sua vontade e intenção; e outro SN objeto direto, representado pelo pronome reflexivo, que se refere ao objeto físico afetado: o corpo inteiro do Agente. Segundo Talmy (2003a), na representação destes eventos Self-Agentivos, preponderam, em diversas línguas, as construções com um único argumento (intransitivas), como nos exemplos enumerados em (a).

O autor cita outros casos que ilustram estes padrões, em que há dois SNs (um dos quais representado pelo pronome reflexivo) que se referem a partes de uma entidade:

- (136) I saw a bug on myself. (TALMY, 2003a:526)
 “Eu vi um inseto em mim.”

Neste exemplo, o pronome sujeito ‘*I*’ (‘Eu’) se refere à faculdade de percepção da entidade, enquanto o pronome reflexivo ‘*myself*’ (‘mim’) se refere ao seu corpo. Pode ser difícil perceber a relação causativa desta construção. Esta pode ser ilustrada pela seguinte paráfrase: como resultado do aspecto visual de um objeto/evento (o Estímulo) atuando no Experienciador, ele percebe este objeto (TALMY, 2003b).

Além dos eventos de movimento corporal (*levantar-se*) e de percepção (*ver-se*), eventos mentais (cognitivos, emotivos) também são interpretados por Talmy como causativos (cf. também LAKOFF; JOHNSON, 1980). Tais eventos também podem ser representados por construções com pronome reflexivo, no português. Exemplos:

- (137) She (Agente) saddened me by giving news of his death. (TALMY, 2003a:531,544)
 “Ela me entristeceu, porque me deu a notícia da morte dele.”
- (138) She (Autor) saddened me in giving news of his death.
 “Ela me entristeceu, quando me deu a notícia da morte dele.”
- (139) News of his death (Instrumento) saddened me.
 “A notícia da morte dele me entristeceu.”
- (140) I (*Undergoer*) became sad.
 “Eu me entristeci.”

Enquanto o evento exemplificado em (140) é apresentado como ocorrendo de modo autônomo, os três primeiros exemplos apresentam o evento final como causado, respectivamente, por um Agente, um Autor e um Instrumento. Nestas instâncias, vários eventos mentais podem ocorrer: a chegada das notícias leva a pessoa a ouvi-las e a entendê-las, e isto causa um sentimento de perda, que por sua vez causa o sentimento de tristeza (TALMY, 2003a)⁷⁷.

A partir desses vários tipos de causação, Talmy vai analisar as lexicalizações possíveis de cada verbo. Esta noção de lexicalização, como é empregada aqui, é condizente com o

⁷⁷ Talmy (2003b) hipotetiza que a valência de verbos que se referem a eventos mentais pode estar correlacionada com um princípio cognitivo-lingüístico: quando o Experienciador é realizado como sujeito, ele é conceptualizado como iniciador do evento mental; quando não exerce a função de sujeito, ele é conceptualizado como reativo (i.e. o Experienciador entra num estado de mente emotivo/cognitivo, como resultado de um aspecto de um objeto/evento atuando sobre ele).

conceito de *predicate frame* de Dik (1987), e será utilizada na análise dos pronomes reflexivos.

Há verbos que são livres para expressar mais de um tipo de causação. Exemplos:

a) *break* ('quebrar'): é lexicalizado com três tipos de causação: evento autônomo (seja ele sem ou com um *Undergoer*), como em (124) e (141), evento causativo com Autor, como em (142), e evento causativo com Agente, como em (143):

- (124) The vase broke. (TALMY, 2003a:517; 2003b:69)
"O vaso (se) quebrou."
- (141) The helpless fellow by misfortune broke his arm when he fell.
"O homem desajeitado quebrou o seu braço por azar quando caiu."
- (142) The careless kid broke his arm in hitting it playfully with a hammer.
"A criança descuidada (acidentalmente) quebrou seu braço, batendo nele de brincadeira com um martelo."
- (143) The masochist deliberately broke his arm by hitting it with a hammer.
"O masoquista deliberadamente quebrou o seu braço, batendo nele com um martelo."⁷⁸

Repare que os exemplos (141-143) ilustram claramente as semelhanças e as diferenças entre as funções semânticas de *Undergoer*, Autor e Agente. O *Undergoer* (exemplo 141) se iguala ao Autor (exemplo 142), no sentido de que não tem intenção de que o evento final ocorra, mas difere deste no sentido de que não executa volicionalmente a ação que culminou no evento final. Ao invés disto, o evento é concebido como ocorrendo de modo autônomo, isto é, como simplesmente acontecendo com o *Undergoer*. O Autor (exemplo 142), assim como o Agente (exemplo 143), executa o ato volitivo que inicia a seqüência causal, mas diferentemente deste, não tem intenção de que o evento, que resulta do seu ato, ocorra⁷⁹.

⁷⁸ Nos exemplos (142-143) em inglês, as preposições *in* e *by* têm um papel importante nesta distinção, entre evento final intencionado por um Agente (*by hitting*) e evento final não intencionado por um Autor (*in hitting*).

⁷⁹ Deve ficar claro que Talmy não entende a *volição* simplesmente como vontade. Do ponto de vista neurofisiológico, a volição compreenderia uma cadeia causal de eventos neurais e musculares que resultam no movimento do corpo. A *intenção*, por sua vez, é vista como um evento mental concomitante e independente. O *Agente* é uma entidade com corpo, volição e intenção. As partes do seu corpo respondem à volição, e a intenção se aplica a estas respostas e opcionalmente aos eventos resultantes.

Assim, tanto no exemplo (142) como em (143), há uma ação agentiva, que compreende um evento de intenção, de volição e de movimento do corpo (bater no braço com um martelo), mas ao contrário do Autor, o Agente também tem intenção de que o evento final ocorra (quebrar o braço).

b) *drown* ('afogar') tem dois usos: evento causativo com Agente, como em (144), e evento autônomo com *Undergoer*, como em (145):

- (144) He drowned her. (TALMY, 2003b:77)
 "Ele a afogou."
 (145) She drowned.
 "Ela (se) afogou."

Há outros verbos que são mais restritivos quanto ao tipo de causação que podem expressar:

c) *lose* ('perder') requer necessariamente um *Undergoer*:

- (146) I lost the pen somewhere in the kitchen. (TALMY, 2003a:518)
 "Eu perdi a caneta em algum lugar da cozinha."
 (147) I lost myself in dancing. (LAKOFF, 1996:104)
 "Eu me perdi na dança."

d) *hide* ('esconder') requer um Agente e pode expressar dois tipos de Causação: evento causativo com Agente, como em (148), e Self-Agentivo, como em (149):

- (148) I hid her. (TALMY, 2003b:77,141)
 "Eu a escondi."
 (149) She hid (herself) behind the bushes.
 "Ela (se) escondeu atrás do matagal."

Assim como o pronome reflexivo pode ser empregado para mudar o tipo de personalização de um verbo (item 3.2), ele pode também ser usado para mudar o tipo de causação que o verbo normalmente expressa. É o que ocorre no exemplo (149), em que o pronome reflexivo marca a mudança de lexicalização do verbo: de causativo com Agente para Self-Agentivo.

Talmy (2003b) postula ser um princípio universal as línguas possuírem um elemento gramatical que, quando usado com um item lexical que incorpora a noção A de uma categoria semântica particular, muda esta noção A para a noção B. O pronome reflexivo seria um elemento deste tipo, capaz de mudar a valência, a causação e a personalização de um verbo.

Um exemplo semelhante a *hide* ('esconder') é *drag* ('arrastar'). Este verbo é essencialmente agentivo, mas pode se tornar Self-Agentivo com o acréscimo do pronome reflexivo, como no exemplo (135) visto anteriormente e reproduzido a seguir:

- (135) I dragged myself to work. (TALMY, 2003a:525)
 "Eu me arrastei para o trabalho."

e) *die* ('morrer') requer Undergoer, *murder* ('assassinar') requer Agente, ao passo que *kill* ('matar') é livre para ter como primeiro argumento um Agente, Autor ou Instrumento. Destes verbos, somente *kill* pode expressar o tipo de causação voltada para o Agente, mediante o acréscimo obrigatório do pronome reflexivo (em português, o verbo "suicidar-se" é lexicalizado só com este tipo de causação):

- (150) He *killed/*died/*murdered. (com o sentido de "matar-se") (TALMY, 2003b:73)
 "Ele *matou/*morreu/*assassinou."
 (151) He killed himself.
 "Ele se matou."

f) *abrir*, no espanhol, é lexicalizado como causativo com Agente, como em (152). Para expressar um evento autônomo, como em (153), emprega-se o pronome reflexivo:

- (152) Abrió la puerta. (TALMY, 2003b:78)
 "Abriram a porta."
 (153) La puerta se abrió.
 "A porta (se) abriu."

Em (153), o pronome não tem, segundo Talmy (2003b), uma função reflexiva, mas sim uma função “desagentivizadora” (“de-agentivizing”). Vemos que, em contraposição à interpretação sintática do pronome como redutor de argumentos proposta por Dik (1989), Talmy o analisa primordialmente sob o ponto de vista semântico.

É importante ressaltar que línguas diferentes exibem diferentes padrões de lexicalização para uma categoria semântica particular. Para ilustrar este fato, Talmy analisa o domínio semântico de estados. De acordo com Chafe (1970⁸⁰ apud TALMY, 2003b), este domínio abrange três tipos de causação, combinada com aspecto:

- (i) *Estativo*: permanecendo em um estado;
- (ii) *Incoativo*: entrando em um estado;
- (iii) *Agentivo*: colocando em um estado.

Talmy aplica estas noções a verbos que expressam posturas (orientações assumidas pelo corpo ou objetos comparáveis ao corpo), como *sit* (‘sentar-se’), *lean* (‘inclinarse’), *kneel* (‘ajoelhar-se’), *crouch* (‘agacharse’), etc. Tais verbos podem ser lexicalizados com três tipos de aspecto e causação:

- I. *Estativo*: o corpo está em uma postura (situação não-causativa), ou uma entidade animada mantém uma postura corporal (causação Self-Agentiva);
- II. *Incoativo*: uma entidade animada coloca seu corpo numa postura (causação Self-Agentiva);
- III. *Agentivo*: um Agente coloca o corpo de uma outra pessoa em uma determinada postura (causação com Agente) (TALMY, 2003b).

⁸⁰ CHAFE, W. (1970). *Meaning and the structure of language*. Chicago, University of Chicago Press.

No inglês, os verbos de postura são lexicalizados como Estativos. *Lie*, por exemplo, equivale a “estar deitado”, como em (154). Para expressar o tipo Incoativo (“deitar-se”), adiciona-se um satélite (*lie down*), como em (155); e para expressar o tipo Agentivo, muda-se a forma do verbo (*lay down*), como em (156).

- (154) She lay there all during the program. (Estativo) (TALMY, 2003b:79)
“Ela permaneceu deitada lá durante todo o programa.”
- (155) She lay down there when the program began. (Incoativo)
“Ela se deitou lá quando o programa começou.”
- (156) He laid her down there when the program began. (Agentivo)
“Ele a deitou lá quando o programa começou.”

O espanhol lexicaliza as noções de postura na forma Agentiva. O verbo *acostar*, por exemplo, é inerentemente transitivo, tendo o sentido de “deitar alguém”. Para expressar o tipo Incoativo, adiciona-se o pronome reflexivo (*acostar-se*); e para expressar o tipo Estativo, utiliza-se o verbo “ser” mais a flexão de particípio no verbo principal. Exemplos:

- (157) Acosté el niño. (Agentivo) (TALMY, 2003b:80)
“Deitei a criança.”
- (158) Me acosté. (Incoativo)
“(Me) deitei.”
- (159) Estaba acostado. (Estativo)
“Estava deitado.”

Talmy (2003b) interpreta o pronome reflexivo, em (158), como um recurso gramatical especial, não semanticamente motivado, porque não há maneira de construir o sentido normal do reflexivo neste contexto. A noção de reflexivo pressupõe que exatamente o que faríamos a outrem fazemos a nós mesmos. Os exemplos (157-158), no entanto, mostram que a adição do reflexivo muda a natureza da ação. Quando deitamos alguém, colocamos nossos braços em volta de seu corpo e o conduzimos à mudança de postura. Já quando nos deitamos, este movimento é realizado por uma atividade interna, neuromuscular.

Em nossa visão, o autor está certo quanto à mudança da natureza da ação, conforme ela seja voltada para nós mesmos ou para outrem, mas não quanto à afirmação de que, em contextos como estes, o pronome não tem motivação semântica. Ora, isto contradiz as suas próprias formulações de que, nos eventos Self-agentivos, o pronome reflexivo representaria o corpo físico, objeto essencialmente inerte, que necessita da volição e intenção de uma entidade senciente (representada pelo pronome sujeito), para colocá-lo em movimento (cf. exemplos (135)).

Nossa hipótese, porém, estabelece que, no português atual, os verbos de postura são lexicalizados no tipo Incoativo, expressando uma causação Self-Agentiva. Isto levaria à omissão do pronome reflexivo em contextos como estes, na medida em que, no seu uso mais básico, tais verbos se referem a uma ação voltada para o próprio Agente (*deitar-se*), e não para uma outra entidade (*deitar alguém*).

3.5 Dinâmica de força: “Agonist”/Antagonista e a metáfora da divisão da psique

O sistema esquemático da *dinâmica de força* se refere a como as entidades interagem com respeito à força, em uma determinada cena. Incluídos aqui estão: “*o exercício de força, a resistência contra esta força, a superação desta resistência, o bloqueio da expressão da força, a remoção desse bloqueio*”, etc. (TALMY, 2003a:409) (tradução nossa). O conceito de dinâmica de força está relacionado à noção de Causação, mas é mais abrangente, porque inclui não só a relação de “causar”, como também a de “deixar”, “ajudar”, “impedir”, etc. Além disso, ele é empregado não só para a interação de força física: por extensão metafórica, aplica-se também a pressões psicológicas.

Talmy (2003a) observa que o sistema conceptual de interação entre forças, presente na estrutura lingüística, mostra paralelos com aqueles presentes na física e na psicologia. Nesta última, a noção de dinâmica de força está implicada nos conceitos que Freud utiliza para explicar a psique: libido, ímpeto, repressão, resistência, conflito entre id e superego, etc.

Os exemplos mencionados pelo autor vão do domínio puramente físico ao puramente psicológico:

a) Domínio físico:

- (160) The ball was rolling along the green. (TALMY, 2003a:412)
 “A bola estava rolando pela grama.”
- (161) The ball kept (on) rolling along the green.
 “A bola continuou rolando pela grama.”

A sentença (160) apresenta o evento como *neutro com relação à dinâmica de força* (i.e. não há interação de forças na cena, tal como ela é apresentada na expressão). Já (161) contém uma relação de dinâmica de força. A expressão “*kept on*” implica que há uma resistência: ou a bola tende a ficar parada, mas o vento faz ela mover-se; ou a tendência é ela mover-se, mas a grama apresenta resistência (insuficiente) contra este movimento.

b) Domínio físico/psicológico:

- (162) John doesn't go out of the house. (TALMY, 2003a:412)
 “John não sai de casa.”
- (163) John can't go out of the house.
 “John não pode sair de casa.”

Estes dois exemplos envolvem uma força psicológica e física. Contudo, (162) é neutro com relação à dinâmica de força; já (163) implica que John queria sair e há uma barreira que o impede.

c) Domínio intra-psicológico:

- (164) He didn't close the door. (TALMY, 2003a:412)
 "Ele não fechou a porta."
 (165) He refrained from closing the door.
 "Ele se conteve para não fechar a porta."

Os exemplos (164) e (165) mostram a mesma situação observável: a não-ação de um Agente. O exemplo (164) é neutro com relação à dinâmica de força; já (165) apresenta a situação como resultado de um conflito intra-psicológico, entre o ímpeto do Agente de agir e a inibição mais forte do mesmo Agente contra esta ação.

d) Domínio sócio-psicológico ou inter-psicológico:

- (166) She's got to go to the park. (TALMY, 2003a:412)
 "Ela tem que ir ao parque."
 (167) She gets to go to the park.
 "Ela conseguiu ir ao parque."

Em ambos os exemplos, a dinâmica de força é aplicada ao domínio inter-psicológico das interações sociais. Em (166), a vontade do sujeito (tendência de força) é não ir ao parque, mas esta é oposta por outra força de uma autoridade externa, que quer que ele faça isto, e esta prevalece. Em (167), ao contrário, o sujeito deseja ir ao parque, e as circunstâncias externas que impediriam esta ação são apresentadas como incapazes de bloqueá-la.

Como ilustrado nos exemplos mencionados, os padrões de dinâmica de força se caracterizam pela oposição de duas forças. Uma delas é selecionada para atrair atenção focal, funcionando como Figura. O fator saliente nesta interação é se esta entidade consegue ou não manifestar sua tendência de força. A segunda entidade de força, que funciona como Fundo, é considerada pelo seu efeito na primeira (i.e. se é capaz de dominá-la ou não). Utilizando

termos da psicologia, Talmy (2003a) se refere à entidade focal como “*Agonist*” (‘Combatente, Competidor’), e à entidade que se opõe a esta, como “*Antagonist*” (‘Antagonista’).

O autor propõe analisar sentenças que expressam uma interação entre forças, respondendo as seguintes questões:

- a) Qual força representa o *Agonist*? Qual força representa o Antagonista?
- b) Qual a tendência de força intrínseca de cada um? Há uma tendência de ação ou não-ação?
- c) Qual o resultado da interação de força: ação ou não-ação?
- d) Qual das forças pode ser tomada como a mais fraca, ou a mais forte?

Todos os fatores em qualquer padrão de dinâmica de força estão necessariamente presentes, mas os falantes podem escolher apenas alguns para serem explicitados na sentença. Os elementos que são explicitados, aqueles que são expressos no início da sentença, ou que ocupam uma posição mais alta na hierarquia de funções gramaticais (sujeito>objeto direto>oblíquo), são colocados em primeiro plano (i.e. tem mais atenção dirigida a eles). Os fatores não mencionados, por sua vez, são colocados em segundo plano, mas estão ainda presentes implicitamente. O *Agonist* pode ser colocado em primeiro plano, figurando como sujeito da sentença, enquanto o Antagonista é posto no plano de fundo, exercendo a função de objeto direto ou de complemento oblíquo. Há também casos em que o padrão é o inverso: o Antagonista é colocado em primeiro plano como sujeito, e o *Agonist* é disposto no fundo da cena, como objeto direto (TALMY, 2003a).

O conceito de dinâmica de força nos interessa principalmente sob o ponto de vista intra-psicológico. Há um número razoável de contextos de uso reflexivo no português que podem ser tratados nestes termos. Talmy (2003a) nota que a oposição de força pode ocorrer

“dentro” de uma só pessoa, o que nos leva ao conceito da divisão da psique. Vejamos os exemplos a seguir:

- (168) He held himself back from responding. (TALMY, 2003a:432)
 “Ele se segurou para não responder.”
 (169) He refrained from responding.
 “Ele se absteve de responder.”

Estas expressões nos transmitem a idéia de que há uma parte da psique que quer executar uma ação, e outra parte que não quer que isto aconteça. Este segundo componente é mais forte do que o primeiro, de forma que impede a execução do ato.

Em (168), o pronome sujeito (*He/Ele*) pode ser identificado como a parte bloqueadora da psique, atuando como Antagonista. O pronome reflexivo (*himself/se*) – que, para Talmy, tem a função de objeto direto – representa a parte portadora de desejos e figura como *Agonist*. Este último tem uma tendência de ação (i.e. quer responder), mas o Antagonista não quer que esta ação aconteça e, na medida em que é mais forte, prevalece a sua tendência de força. A presença do pronome reflexivo, neste exemplo, permite que ambos os componentes da dinâmica de força sejam explicitados.

Na versão em inglês do exemplo (169), os elementos são os mesmos que figuram em (168). A única diferença entre ambos os exemplos é que, em (169), estes elementos não são individualmente identificados. Mas a noção da psique dividida ainda está presente, na medida em que está lexicalizada no verbo “*refrain*”. De acordo com Talmy (2003a), a configuração inteira é expressa mediante uma só forma (“*He*”), com o sujeito identificado com a psique como um todo. Diferentemente do que ocorre no inglês, o exemplo em português explicita ambos os componentes da dinâmica de força, *Agonist* e Antagonista, seguindo um padrão exatamente idêntico ao do exemplo anterior.

Comparemos o exemplo (168), visto anteriormente, com (170) a seguir:

- (170) He exerted himself in pressing against the jammed door. (TALMY, 2003a:432)
 “Ele se esforçou para forçar a porta emperrada.”

Novamente o pronome sujeito corresponde ao Antagonista, e o pronome reflexivo ao *Agonist*. Mas comparando-o ao exemplo (168), vemos que as tendências de forças intrapsicológicas foram invertidas. Em (170), é o Antagonista que apresenta a tendência de movimento/ação, ao passo que o *Agonist* apresenta a tendência de repouso, ou não-ação. Contudo, o primeiro é mais forte, e o resultado da interação entre estas forças é a ação. Estes dois padrões podem ser aplicados a contextos de uso reflexivo no português, que envolvem esta mesma oposição, como em:

- | | | |
|-------|---|---|
| (171) | Ele se controlou. | Ele se forçou/se esforçou. |
| | Agonist (<i>se</i>): tendência de ação | Agonist (<i>se</i>): tendência de não-ação |
| | Antagonista (<i>Ele</i>): tendência de não-ação | Antagonista (<i>Ele</i>): tendência de ação |

Talmy (2003a) ressalta que, em todos os padrões mencionados, a psique não é simplesmente dividida em partes equivalentes, mas sim em partes que têm um papel diferente. O *Agonist* é identificado com os desejos da pessoa, os quais são bloqueados por outra parte da sua psique, o Antagonista, que funciona como elemento de repressão. Segundo Talmy, este Antagonista representa o senso de responsabilidade e propriedade de uma pessoa e surge como uma introjeção de valores sociais externos. Em outras palavras, a oposição de força que originariamente se daria entre a psique e os elementos externos que a cercam (a sociedade, por exemplo) é introjetada em uma oposição entre os componentes da psique. A parte que possui desejos (*Agonist*) é interpretada como a parte mais central, porque representante do “verdadeiro eu” (cf. LAKOFF, 1996); já a parte bloqueadora, ou repressora (Antagonista), é vista como mais periférica, porque originária de preceitos externos.

Estas duas noções são gramaticalizadas na língua. O Antagonista é realizado sintaticamente como sujeito da oração, representando o Agente; e o *Agonist* é realizado como objeto direto reflexivo, representando o Paciente (TALMY, 2003a).

Como mencionado anteriormente, estes conceitos de *Agonist*/Antagonista, quando aplicados ao domínio psicológico, são muito semelhantes às noções formuladas por Freud de Id e Superego⁸¹. Talmy (2003a) nota que é possível que os conceitos de Freud tenham em parte surgido como uma teorização de conceitos já embutidos na organização semântica e sintática da língua.

O autor cita outros exemplos que envolvem os conceitos de dinâmica de força e divisão da psique:

- (172) The boy had to stay in and do his homework (or else get punished).
(TALMY, 2003a:450)
“O garoto teve que ficar em casa e fazer a sua lição (ou seria punido).”

Esta sentença pode ser analisada de duas formas. Como um processo intra-psicológico, ela evoca a divisão da psique. Há um componente dela que quer sair e não quer fazer a lição de casa (*Agonist*), mas outro componente, representando seu senso de responsabilidade (*Antagonista*), prevalece, de modo a impor a sua tendência de força. Este último componente da psique, que tenta evitar conseqüências desagradáveis, é colocado num plano de fundo. Sua capacidade é atribuída a um elemento externo. Uma segunda análise da construção mostra

⁸¹ Esclarecemos aqui os termos retirados da psicanálise: (i) *Id*: “a parte mais profunda da psique, receptáculo dos impulsos instintivos, dominados pelo princípio do prazer e pelo desejo impulsivo”; (ii) *Ego*: “a parte mais superficial do id, a qual, modificada, por influência direta do mundo exterior, por meio dos sentidos, e, em conseqüência, tornada consciente, tem por funções a comprovação da realidade e a aceitação, mediante seleção e controle, de partes dos desejos e exigências procedentes dos impulsos que emanam do id”; (iii) *Superego*: “instância da personalidade formadora de ideais, e que age inconscientemente sobre o ego contra as pulsões suscetíveis de provocar sentimento de culpa”; (iv) *Introjeção*: “mecanismo psicológico pelo qual um indivíduo, inconscientemente, incorpora e passa a considerar como seus objetos características alheias e valores de outrem” (FERREIRA, 1986).

uma oposição entre a psique (*Agonist*) e uma autoridade externa (Antagonista), que poderia ser representada, por exemplo, pela mãe do garoto.

Talmy (2003a) chama esta reconceptualização, através da qual o efeito de um componente da psique é atribuído a uma entidade externa, de *projeção psicológica*. O resultado deste processo é a remoção do conflito intra-psicológico: a psique é apresentada como uma caixa preta (“psychological black box”), sem diferenciação interna.

Neste sentido, a construção “*have to*”, em (172), se opõe às apresentadas nos exemplos (168-169) vistos anteriormente. Naqueles, uma pressão social externa é introjetada, para formar um componente adicional da psique (*introjeção*), resultando na divisão desta última.

A categoria esquemática dinâmica de força também pode ser aplicada aos contextos de uso reflexivo com verbos que expressam movimento do corpo, como *levantar-se*, *sentar-se*, etc. Como visto no item 3.4, o conceito de *animação*, proposto por Talmy (2003a), sugere que o corpo físico de uma entidade senciente é conceptualizado como um *Agonist* mais fraco, ou neutro, com relação à dinâmica de força. Em outras palavras, o corpo, por si mesmo, não exhibe uma tendência de força intrínseca, cabendo à psique “animar” o corpo, isto é, impregná-lo de propriedades de força. Estas formulações permitem analisar estruturas como (173) em termos de dinâmica de força: o pronome sujeito “*Eu*” representaria o Antagonista (a psique); e o pronome reflexivo “*me*”, o *Agonist* (o corpo físico):

(173) Eu me levantei.

A representação lingüística do conceito de “pessoa dividida” também ocorre em contextos que não envolvem oposição de força. Retomemos os exemplos (92-93):

- (92) I served myself some dessert from the kitchen. (TALMY, 2003a:67)
 “Eu me servi um pouco de sobremesa da cozinha.”
 “Eu servi um pouco de sobremesa da cozinha para mim.”
- (93) I went and got some dessert from the kitchen.
 “Eu fui e peguei um pouco de sobremesa da cozinha.”

Em contraste com (93), que conceptualiza a psique como uma entidade unitária, (92) a apresenta como contendo duas partes, uma atuando com o papel de dono da casa ou anfitrião, e outra atuando como convidado. Estes dois papéis sociais, presentes no evento normalmente referido pelo verbo diádico *servir*, são, portanto, introjetados na psique (TALMY, 2003a).

Todos os exemplos de reflexivo citados neste item podem ser analisados em termos da metáfora da divisão da psique. Neste trabalho, hipotetizamos que ela está presente em um número razoável de contextos de uso reflexivo no português (excluindo-se os casos de *se* recíproco, passivo e indeterminador).

Esta análise conceptual dos pronomes reflexivos é uma perspectiva nova na lingüística e traz consigo muitos desafios para as análises formais, que assumem que a função primordial destes pronomes é indicar a identidade de referência. Os estudos que abordam os pronomes reflexivos, sob o ponto de vista cognitivo, mostram que a noção de correferência nem sempre se aplica. Tais estudos fundamentam a nossa opinião de que os pronomes reflexivos podem ser mais bem compreendidos, se assumirmos que seu uso é governado por metáforas, que por sua vez nos revelam a maneira como conceptualizamos uma pessoa.

Na presente pesquisa, a teoria da metáfora (LAKOFF,1996; LAKOFF; JOHNSON, 1980) será utilizada para uma análise mais apurada destes contextos. Esta teoria toma como base os seguintes pressupostos:

- a) a metáfora não está limitada à nossa linguagem: ela estrutura nossos pensamentos, nossas ações e nossa conceptualização do mundo;

- b) a função primordial da metáfora é entender, conceptualizar, estruturar um domínio de nossa experiência em termos de outro. Neste sentido, a metáfora também pode ser vista como um “mapeamento” (FAUCONNIER,1997), isto é, um conjunto de correspondências entre um conceito fonte e um conceito alvo;
- c) geralmente, conceptualizamos algo menos delineado (abstrato, ou menos concreto) em termos de algo mais claramente delineado (em termos de nossas experiências mais concretas) (cf. também HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991);
- d) quando entendemos nossa experiência metaforicamente, usamos um domínio da experiência para estruturar a experiência de outro domínio, mas entre estes domínios é necessário haver apenas uma relação de correspondência, e não necessariamente de semelhança. As semelhanças que porventura possam existir entre eles são, na maioria das vezes, induzidas pela metáfora. Em outras palavras, estas semelhanças não são objetivas, inerentes às entidades, mas semelhanças percebidas pelas pessoas (“experiential similarities”);
- e) as metáforas não são arbitrárias, nem aleatórias, elas envolvem sistematicidade e coerência e são fundamentadas em nossa experiência física e cultural;
- f) os valores fundamentais em uma cultura vão ser coerentes com a estruturação metafórica dos conceitos fundamentais dessa cultura. Isto porque nossa cultura está necessariamente presente na maneira como experienciamos o mundo.

A divisão da psique pode ser vista como uma “metáfora conceptual” (i.e., um conceito é estruturado em termos de outro), ou um “conceito metafórico” (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Na terminologia de Lakoff (1996), as duas partes em que uma pessoa é conceptualmente dividida recebem o nome de *Subject* e *Self*.

SUBJECT	SELF	
experiência subjetiva	corpo físico	ações no mundo real
consciência	características físicas	emoção
percepção	papéis sociais	memória
juízo	passado	vontades
razão	nome	necessidades
		paixões

Quadro 5: Atributos do Subject e do Self (LAKOFF, 1996)

O quadro 5, formulado com base em Lakoff (1996), ilustra a nossa tentativa de sistematização dos atributos do Subject e do Self. Na análise do autor, algumas dessas propriedades, como o juízo, por exemplo, são ora atribuídas ao Subject, ora ao Self, dependendo da expressão metafórica que está sendo considerada.

Vejamos o mapeamento da *metáfora da “pessoa dividida”* (LAKOFF, 1996):

- (i) uma pessoa é um conjunto de entidades: o Subject, e pelo menos uma outra entidade, o Self;
- (ii) a experiência consciente se dá no Subject;
- (iii) os aspectos corporais e funcionais de uma pessoa constituem o Self;
- (iv) a relação entre Subject e Self é espacial: o Subject normalmente está dentro, ou em posse do Self;
- (v) o Subject está supostamente controlando o Self. O Subject pode raciocinar, mas não funcionar diretamente no mundo como faz o Self.

Como nota Lakoff (1996), esta metáfora (denominada “*divided-person metaphor*”) é a base de um sistema de metáforas, que nos permitem conceptualizar, racionalizar e falar sobre nossas experiências mais comuns.

Os exemplos citados pelo autor são baseados no sistema metafórico do inglês. Limitamo-nos a mencionar, a seguir, aqueles que têm correspondência no português, e particularmente os que envolvem o emprego de pronomes reflexivos. É muito provável que o

português contenha, além destas, outras metáforas que implicam a conceptualização de uma pessoa como contendo duas partes, na medida em que nossa língua possui um maior número de verbos usados com pronome reflexivo. Os exemplos em português a seguir são versões livres, não-literais, dos exemplos citados por Lakoff, e incluem também algumas ocorrências retiradas de Borba (1991).

1) metáfora do Subject objetivo (“Objective-Subject metaphor”):

- (174) You should take a good look at yourself. (LAKOFF, 1996:103)
Olhe para você mesma.

Esta metáfora implica uma série de conceptualizações: (i) o Self é visto como um recipiente para o Subject; (ii) “ser subjetivo é ficar dentro do Self”; (iii) “ser objetivo é ir para fora do Self” (LAKOFF, 1996:103). A base experiencial desta metáfora provém do domínio físico: quando estamos dentro de um recipiente, não podemos ver o seu exterior. A metáfora do Subject objetivo nos revela que podemos conceptualizar a auto-reflexão como acontecendo fora de nós mesmos.

2) metáfora da perda do Self (“Loss-of-Self metaphor”):

- (175) She let herself go on the dance floor. (LAKOFF, 1996:104)
Ela se deixou levar pela dança/pela música/pelas emoções.
(176) I don’t know what possessed me to do that.
Eu me descontrolei, fiquei possessa.
(147) I lost myself in dancing.
Ela se perdeu no caminho/ no seu raciocínio/ (moralmente) no carnaval.

Os exemplos (175-176) e (147) sugerem que, para exercermos controle consciente sobre nós mesmos, o Subject tem que estar em posse do Self. Perda de posse implica

perda de controle. A falta de autocontrole, ou controle do Self, pode ser uma experiência boa, mas pode também ser uma experiência vista negativamente, como mostram os exemplos acima. Lakoff aponta como domínio fonte desta metáfora a posse de objetos comuns.

3) metáfora do Self dividido (“Split-Self metaphor”):

- (177) He’s at war with himself / struggling with himself over who to marry.
(LAKOFF, 1996:106)
Ele não consegue decidir-se com quem casar.
Ele está brigando consigo mesmo sobre com quem casar.

Como nota Lakoff, é comum as pessoas terem dois ou mais conjuntos de valores, vontades, ou necessidades incompatíveis, isto é, que não podem ser satisfeitas ao mesmo tempo. Através da metáfora do Self dividido, nós conceptualizamos esta contradição como duas pessoas em conflito (i.e. dois Self’s).

4) metáfora do Self verdadeiro (“True-Self metaphor”):

- (178) He found himself in writing. (LAKOFF, 1996:107)
Ele realmente se encontrou/ se realizou neste trabalho/curso/profissão.
(179) He went to India to look for his true self.
Ele foi para a Índia para conhecer a si mesmo.

Lakoff observa que as pessoas geralmente não estão totalmente satisfeitas com o tipo de vida que levam. Sempre há algum potencial que elas não tiveram a oportunidade de realizar. A metáfora do Self verdadeiro se baseia em três pressupostos: (i) aspectos incompatíveis de uma pessoa são pessoas diferentes, Self’s distintos; (ii) aspectos realizados de uma pessoa são um Self no mesmo lugar que o Subject; (iii) aspectos não realizados de uma pessoa são um Self não presente no Subject (i.e. o verdadeiro Self), que precisa ser encontrado.

5) metáfora do verdadeiro eu (“Real-Me metaphor”):

(180) Sorry, I’m not myself today. (LAKOFF, 1996:107)

(181) That wasn’t the real me yesterday.
Ele não é mais o mesmo.

Na metáfora do Self verdadeiro vista anteriormente, o Subject não achou um Self que é compatível com seus valores (espirituais, morais, artísticos, políticos, vocacionais, intelectuais, etc.). Em contraposição a isto, “a metáfora do verdadeiro eu” sugere que o Self, que é consistente com os valores do Subject, é aquele que aparece no mundo, aquele que as pessoas normalmente vêem. Lakoff explica esta contradição argumentando que a metáfora do eu verdadeiro está ligada às interações sociais, enquanto a metáfora do verdadeiro Self está mais relacionada a valores do indivíduo, os quais determinam o curso de sua vida.

O seguinte mapeamento está implicado aqui: (i) uma pessoa é um continente com um Self fora, e o Subject e outros Self’s dentro; (ii) as ações da pessoa (como um todo) são ações de um Self exterior. Esta metáfora nos mostra que conceptualizamos as mudanças de comportamento de uma pessoa como diferentes pessoas.

6) metáfora do eu interior (“General Inner Self metaphor”):

(182) He won’t reveal himself to strangers. (LAKOFF, 1996:109)

Mas hoje ela [Betinha] se revelou. (BORBA, 1991:1189)

O prefeito sorriu, revelou-se sutil e irônico. (BORBA, 1991:1189)

(183) He rarely shows his real self. (LAKOFF, 1996:109)

Miguel Silva mostrou-se o mais inflamado. (BORBA, 1991:928)

(184) He retreats into his shell to protect himself. (LAKOFF, 1996:109)

Ele se guarda para proteger-se.

Todas as pessoas agem diferentemente conforme estejam em público, ou no ambiente de sua vida privada. Mais uma vez, esta variação de comportamento das pessoas é conceptualizada como diferentes Self’s. Esta metáfora implica que o Self verdadeiro (aquele

que tem os mesmos valores do Subject) é o privado, o interior; já o Self externo, público, é conceptualizado como falso, não real. O Self interior pode ter que ficar escondido porque não é socialmente aceitável, ou porque é frágil e quer se proteger do mundo externo. Note-se que esta metáfora contradiz aquela vista em (5), a qual estabelece que o Self que tem os mesmos valores do Subject, o Self verdadeiro, é o exterior, aquele que normalmente as pessoas vêem.

7) metáfora “seja verdadeiro consigo mesmo” (“True-to-yourself metaphor”):

- (185) Don't betray yourself. (LAKOFF, 1996:110)
Não se engane./ Não se traia.
- (186) Be true to yourself.
Seja verdadeiro consigo mesmo.
- (187) I let myself down.
Eu me deprimi.
- (188) I disappointed myself⁸².
Eu me desapontei/me decepcionei.

Nesta metáfora, o Self é o componente da psique que determina padrões para o Subject, mas este pode falhar em seguir estes padrões. Se a falha ocorre por opção, o Subject está traindo, enganando o Self. Se a falha ocorre sem intenção, o Subject decepciona, desaponta o Self.

8) metáfora do Subject ausente (“Absent-Subject metaphor”):

- (189) I was beside myself. (LAKOFF, 1996:111)
Eu fiquei fora de mim.

⁸² Uma outra construção possível, no inglês, com o verbo “disappoint” é: *I'm disappointed in myself*. Nesta, segundo Lakoff (1996:109-110), é o Subject quem determina os padrões para o Self. Nem sempre ficam claros os critérios utilizados pelo autor nessas interpretações.

Espera-se das pessoas que elas sejam capazes de controlar suas ações, mas isto pode não ocorrer por uma série de razões. O autocontrole (que na metáfora da perda do Self, vista no item 2, é conceptualizado como possessão) é aqui entendido em termos de espaço: exercer controle sobre si mesmo equivale ao Subject estar na sua localização normal, que, no português, é dentro do Self. Na metáfora do Subject ausente, a falta de autocontrole é concebida como o Subject fora do Self. Note-se que, enquanto a metáfora do Subject objetivo, vista no item 1, sugere que o Subject fora do Self implica objetividade, a metáfora do Subject ausente interpreta isto como uma experiência negativa.

9) metáfora do Self disperso (“Scattered Self metaphor”):

- (190) Put yourself together. (LAKOFF, 1996:112)
 Ele se concentrou.
 Ele conseguiu se recompor.
- (191) He’s pretty scattered.
 Ele se distraiu.

Como observa Lakoff, é difícil funcionarmos normalmente, quando há muitas atividades, responsabilidades e/ou interesses que demandam a nossa atenção, ou quando estamos emocionalmente abalados. O mapeamento desta metáfora implica as seguintes conceptualizações: (i) aspectos do Self são diferentes partes do Self; (ii) atender a uma solicitação é estar num lugar; (iii) quando aspectos do Self procuram atender a várias exigências, as partes do Self estão em diferentes lugares; (iv) focar a atenção em uma atividade é juntar as partes do Self.

10) metáfora da causação interna (“Internal causation metaphor”):

- (192) I made myself get up early. (LAKOFF, 1996:113)
Eu me obriguei a levantar cedo.
- (193) I restrained myself from hitting him.
- (194) I held myself back.
Eu me segurei/ me contive para não bater nele.

Dada a divisão conceptual de uma pessoa em dois componentes, podemos ver a causação interna como uma extensão metafórica da causação prototípica, com o Subject como causa e o Self como objeto afetado. Como as causas são entendidas metaforicamente como forças, a causação interna é conceptualizada como o Subject exercendo força física ou psicológica sobre o Self. Esta metáfora claramente envolve o conceito de dinâmica de força proposto por Talmy (2003a). O Subject Agente (i.e. minha experiência consciente) pode controlar o Self Paciente (meu corpo físico, meus desejos, meus impulsos, etc.).

11) metáfora do Self como uma companhia (“Self as a companion metaphor”):

- (195) I like myself and I like being with myself. (LAKOFF, 1996:113-114)
Eu gosto de mim mesmo e gosto de estar comigo mesmo.
- (196) I convinced myself to stay home.
Eu me convenci a ficar em casa.
- (197) I debate things with myself all the time.
Eu falo comigo mesmo o tempo todo.
- (198) I promised myself a vacation.
Eu me prometi umas férias.
- (199) I have to get myself to the laundry.
Eu me arrastei para a lavanderia/ para o trabalho.
- (200) I bawled myself out for being impolite.
Eu me censurei por ter sido mal educada.

Através desta metáfora, o Subject e o Self são conceptualizados como duas pessoas habitando o mesmo corpo. Aqui, quem dita os padrões de comportamento é o Subject. O Self pode ser um amigo do Subject, como em (195-198), ou, ao contrário, ser seu criado, como em

(199-200)⁸³. O Self pode ocasionalmente fazer algo por conta própria, sem o controle do Subject. Isto pode ocorrer quando, por exemplo, não há tempo de o Subject refletir sobre a ação. Se o Self comete um erro, o Subject pode repreendê-lo, como em (200). Note-se que nesta metáfora, bem como naquela vista no item anterior, quem dita os padrões de comportamento é o Subject, ao passo que na metáfora (7), “seja verdadeiro consigo mesmo”, é o Self que exerce este papel.

12) metáfora do auto-sacrifício (“Self-sacrifice complex metaphor”):

- (201) She sacrificed herself for her family. (LAKOFF, 1996:115)
Ela se sacrificou por sua família.

A metáfora do auto-sacrifício envolve uma série de outras metáforas conceptuais: (i) o esforço do Self é um recurso limitado para ser usado pelo Subject; (ii) usar este esforço, não em benefício próprio, mas para o de outras pessoas, é sacrificar este esforço; (iii) metonimicamente, toma-se o Self pelo esforço do Self. A diferença entre “esforçar-se” e “sacrificar-se” seria exatamente a descrita em (ii): esforço em favor de si mesmo x esforço em favor dos outros (i.e. sacrifício).

13) metáfora da projeção do Subject (“Projected-Subject metaphor”):

- (202) If I were you, I’d hate me. (LAKOFF, 1996:94-95)
Se eu fosse você, eu me odiaria.
(203) If I were you, I’d hate myself.
Se eu fosse você, eu me odiaria/odiaría a mim mesma.

⁸³ Os exemplos (196) e (199) poderiam também ser analisados em termos de dinâmica de força, com o pronome sujeito correspondendo ao Antagonista; e o pronome reflexivo, ao *Agonist*.

Através desta metáfora, o Subject de uma pessoa pode ser projetado no Self de outra pessoa, numa situação hipotética. Para explicar estes usos, Lakoff (1996) utiliza a teoria dos espaços mentais de Fauconnier (1997). O Subject de uma pessoa (*I/Eu*), no espaço da realidade, é conectado ao Subject de outra pessoa, no espaço hipotético. Em outras palavras, na oração “Se eu fosse você”, o meu Subject (consciência, percepção, julgamento, etc.) toma posse do seu Self (corpo físico, passado, papel social, etc.).

Segundo Lakoff, os exemplos (202) e (203) não são sinônimos. Para ilustrar a diferença entre eles, o autor cita duas situações hipotéticas.

Suponha que “eu” tenha feito coisas horríveis a “você”, mas que você, como uma pessoa que não guarda ressentimentos, tenha me perdoado. Suponha que eu, por outro lado, não seja tão magnânima como você. Se o meu Subject tomasse lugar do seu Subject, a pessoa hipotética resultante ME odiaria (exemplo 202).

Suponha agora que você seja uma pessoa detestável, grosseira, ao passo que eu não seja assim. Se o meu Subject tomasse o lugar do seu Subject, a pessoa hipotética resultante SE odiaria (exemplo 203).

Note-se que no português, a forma “me odiaria” pode ser interpretada com qualquer um dos dois sentidos mencionados, enquanto “odiar a mim mesma” parece sugerir somente a segunda interpretação.

Os exemplos de Lakoff (1996) mostram que nosso sistema lingüístico contém um conjunto de metáforas para conceptualizar uma pessoa, que usamos no dia a dia de maneira inconsciente e automática. Estas estruturas presentes na linguagem podem revelar muitos aspectos de nossa cognição.

Grande parte destas metáforas, que caracterizam como nós entendemos a estrutura interna de uma pessoa, têm como domínio fonte relações físicas, ou psicológicas, entre duas ou mais entidades distintas. Assim, por exemplo, se podemos perder algo, ou convencer uma

outra pessoa de algo, conceptualmente é possível também perdermos e convenceremos a nós mesmos. Este achado é condizente com a tese de Lakoff e Johnson (1980), segundo a qual utilizamos experiências mais claramente delineadas, para falar de experiências abstratas, como a atividade mental, as emoções e o conflito intrapsicológico. As metáforas nos permitem assim entender parcialmente o que não podemos entender direta e completamente.

Há uma série de questões lançadas por Lakoff (1996) que podem ser usadas na análise das construções com pronome reflexivo:

- (i) Auto-reflexão: “*quem está refletindo sobre quem?*”;
- (ii) Distração (“Absent-mindedness”): “*quem não está onde?*” (“who is not where?”);
- (iii) Conflito interno: “*quem está em conflito com quem?*”;
- (iv) Vida interior: “*o que está dentro de que?*”; “*quem está no controle?*”; “*quem está consciente de que?*”; “*há alguma incompatibilidade interna?*”; quem determina os padrões de ação, de comportamento? (LAKOFF, 1996:101; tradução nossa)

Tais questões têm implicações para a psicologia, para a filosofia e principalmente para a lingüística. Sob o ponto de vista lingüístico, podemos afirmar com segurança que, nos contextos analisados por Lakoff (1996), os pronomes reflexivos não indicam correferência, uma vez que são empregados com base nesta distinção entre Subject x Self. Em outras palavras, os pronomes pessoais, presentes nestas construções, não designam a mesma pessoa, mas partes de uma pessoa. Desta forma, não podem ser representados por formulas lógicas do tipo *X verbo X*. Como notam Fauconnier e Sweetser (1996), a identidade e a correferência são aspectos cruciais da semântica e, em nossa opinião, devem ser analisados como tal.

Sob a perspectiva psicológica e filosófica, tais metáforas sugerem que não há apenas uma forma de consciência, mas muitas. Mostram ainda que a identidade é um conceito complexo, dependente de nossa compreensão da personalidade humana (FAUCCONNIER; SWEETSER, 1996).

A idéia da divisão da pessoa, intuitivamente, parece óbvia, mas pode ser difícil de ser analisada conscientemente⁸⁴. Isto porque somos ao mesmo tempo lingüistas e falantes competentes. Tais expressões são tão comuns e freqüentes, que nem nos damos conta do fato de que são expressões metafóricas. A língua e o pensamento são componentes tão fundamentais de nossa existência, algo que fazemos tão bem e facilmente, que temos dificuldade em ver quão pouco nós os compreendemos (FAUCONNIER, 1997). Temos assim que brigar conosco mesmo, para dissociar o falante do lingüista. Como nota Fauconnier (1997:32), “*é difícil ser zoologista e elefante ao mesmo tempo*” (tradução nossa).

O cientista cognitivo e, particularmente, o lingüista têm de lidar ainda com um paradoxo metodológico: usar a língua e o pensamento, para estudar a língua e o pensamento; ou, para utilizar a metáfora de Fauconnier (1997:3), “*estrelas e telescópio se confundem*” (tradução nossa).

O mapeamento entre domínio fonte e domínio alvo por trás destas expressões metafóricas pode estar no plano de fundo de nossa atenção, na medida em que elas se tornaram cristalizadas em nosso sistema conceptual e gramatical. Este último, porém, pode ser usado para a investigação de construções cognitivas altamente abstratas, ocultas e complexas, como a divisão da psique. A língua pode assim servir como objeto de estudo para revelar aspectos de nossa representação mental dos conceitos de pessoa e de identidade (FAUCONNIER; SWEETSER, 1996).

Finalizaremos este capítulo com duas questões lançadas por Lakoff (1996): seria culturalmente específica a metáfora da divisão da psique? Teria ela algo de “real”?

O autor cita exemplos retirados do inglês e do japonês, línguas nas quais a divisão da psique constitui uma metáfora convencional. As nossas versões destes exemplos nos

⁸⁴ Há estruturas em que esta divisão é clara, como por exemplo, quando se refere ao corpo físico x psique (*matar-se, barbear-se, etc.*). Quando, todavia penetramos no domínio puramente psicológico (*distrair-se, convencer-se, etc.*), a conceptualização das partes de uma pessoa se faz inteiramente no plano da abstração.

permitem afirmar o mesmo com relação ao português. Fauconnier e Sweetser (1996) ressaltam que, em casos como estes, a gramática não precisa criar o conceito de uma pessoa como tendo atributos mentais e físicos separados, ou diferenciados: em vez disto, a própria cultura já tem este conceito disponível para a gramática.

Lakoff e Johnson (1980) acreditam que o sistema conceptual não é universal. Fauconnier e Sweetser (1996) postulam que as metáforas são enraizadas na cultura e na experiência. Langacker (1987) igualmente afirma que a estrutura semântica não é universal, e só pode ser explicada com referência a uma língua e cultura particulares. Heine (1997) comprova, em seu estudo, que a conceptualização humana está longe de ser uniforme entre culturas.

Parece, portanto, ser mais plausível a hipótese de que a metáfora conceptual da divisão da psique não seja universal: pode haver muitas narrativas culturais sobre um conceito tão complexo como o que uma pessoa é (LAKOFF, 1996).

Lakoff questiona também até que ponto estas conceptualizações refletem algo próximo da “realidade”. Como nota Cummins (1995), o fato de não podermos ver as semelhanças, entre nossas representações mentais (ou mesmo “ver” as representações mentais) e o que elas representam, não diz que não é a semelhança que governa esta representação.

É possível, por exemplo, que estas metáforas tenham uma base neurofisiológica: estudos cognitivos mostram que diferentes regiões do cérebro são acessadas conforme a tarefa que se está executando (LAKOFF, 1996; GARDNER, 1995).

Por outro lado, é possível que a própria *experiência* da divisão da psique seja inteiramente metafórica. Lakoff e Johnson (1980) observam que as metáforas são instrumentos para compreensão e têm pouco a ver com a “realidade objetiva”. Elas, não obstante, têm o poder de criar a realidade, isto é, de determinar o que é real para nós. É

justamente nossa concepção da realidade, e não a realidade propriamente dita, que tem importância para a semântica (LANGACKER, 1987).

Talmy (2003a) prefere não falar em realidade. O autor utiliza os termos *'fictive'* e *'factive'*, para se referir, respectivamente, à representação conceptual acessada como sendo menos verdadeira, ou mais verdadeira⁸⁵. Um dos parâmetros utilizados para definir estas duas noções é o grau de palpabilidade com que uma entidade é percebida, conceptualizada, ou experienciada conscientemente.

Num extremo, a entidade é experienciada como concreta, explícita, tangível, clara, distinta, definida e palpável (ex.: *matar-se*). Ela é percebida como tendo existência real, física, autônoma, não dependente de nossa cognição dela, não representando um construto da mente.

No outro extremo, a entidade é experienciada como sendo abstrata, não manifesta, implícita, intangível, vaga, indefinida e impalpável (exs.: *distrair-se*, *convencer-se*). Ela é percebida como não tendo existência física real: não se pode ver a entidade, mas apenas sentir a sua presença implícita. Muitas vezes, esta entidade é entendida como uma característica estrutural ou relacional de uma entidade concreta. Em outras palavras, ela pode refletir as estruturas esquemáticas abstratas que imputamos a uma pessoa. De acordo com Talmy (2003a), as formas gramaticais explicitadas na expressão emprestam concretude a estas entidades cognitivas, que de outra forma estariam situadas no nível mais abstrato de palpabilidade.

⁸⁵ O autor aplica estas noções, não para a análise do pronome reflexivo, mas para o estudo do movimento "fictício", como em: "*The fence goes from the plateau to the valley*" (TALMY, 2003a:138).

4. O PRONOME REFLEXIVO NA LITERATURA LINGÜÍSTICA

4.1 Observações preliminares

Há na literatura lingüística um grande número de trabalhos que se ocupam da análise dos pronomes reflexivos. Na presente pesquisa, foram consultados estudos não só sobre o português do Brasil, mas também aqueles que examinaram outras línguas e com base em teorias lingüísticas e métodos diferenciados; entre eles, estão os seguintes estudos:

- 1) funcionalistas (BOGARD, 2006; DIVER, 1986; GROPPPI, 2004; JACOB, 2004; OLIVEIRA, 2006; PEREIRA, 2006; REICH, 2006);
- 2) gerativistas (GALVES, 1986, 2001; GRIMSHAW, 1988; JACKENDOFF, 1972; LEMLE, 1985; NARO, 1976; REINHART; REULAND, 1993);
- 3) sociolingüísticos quantitativos (D'ALBUQUERQUE, 1984; DUARTE, 2002; DUARTE; LOPES, 2002);
- 4) sociolingüísticos quantitativos funcionalistas (GARCIA, 1986; RODRIGUES; PEREIRA, 2004, 2006);
- 5) sociolingüísticos quantitativos gerativistas (NUNES, 1991, 1995);
- 6) sociolingüísticos qualitativos (ASSIS, 1988; SCHMIDT-RIESE, 2002);
- 7) funcionalistas cognitivos (CAMACHO, 2003; HAIMAN, 1983; KEMMER, 1993, 1994; LAKOFF, 1996);
- 8) descritivos (CHRISTIANO, 2000; COSTA, 1987; DUTRA, 1981; MAURER, 1951; SAID ALI, 1966).

Foram também consultadas algumas gramáticas e dicionários, tais como Bechara (1980, 2001), Borba (coord. 1991), Cunha (1975), Mira Mateus et. al. (1983) e Neves (2000).

Tais obras mostram a riqueza semântica dos pronomes reflexivos. Na verdade, estamos aqui adotando a designação geral “pronome reflexivo” como um termo abrangente, que recobre uma gama de funções semânticas e sintáticas por ele exercidas.

Neste capítulo, procuramos, sobretudo: (i) apresentar algumas descrições e análises sincrônicas e diacrônicas desses pronomes; (ii) dar notícia das tendências de mudança que atingem os pronomes reflexivos no português do Brasil e dos fatores lingüísticos, cognitivos e sociais que condicionam a variação em seu uso; (iii) abordar algumas noções importantes para a análise pretendida, como voz, transitividade, gramaticalização, etc.; (iv) lançar outras hipóteses para explicar a variação, em adição e em consonância às já levantadas nos capítulos precedentes.

4.2 Funções semânticas e sintáticas do pronome reflexivo no português e percurso diacrônico

Bechara (2001) propõe a seguinte definição de *voz reflexiva*⁸⁶:

Forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), podendo reverter-se ao próprio Agente (*sentido reflexivo propriamente dito*), atuar reciprocamente entre mais de um Agente (*reflexivo recíproco*), *sentido de 'passividade com se'*, e *sentido de impessoalidade*, conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere. (BECHARA, 2001:222-3)

⁸⁶ Maurer (1951:55) menciona que os gramáticos indianos usavam os seguintes termos para se referir à voz ativa e à reflexiva (ou média): respectivamente, “palavra para outrem”, “palavra para si mesmo”. Esta é, a nosso ver, uma definição semântica simples e apropriada de voz reflexiva.

- (204) eu me visto.
 (205) tu te feriste.
 (206) ele se enfeita. (BECHARA, 2001:223)

A categoria vista como mais básica é a do *reflexivo propriamente dito*, ou *reflexivo verdadeiro*, a qual é mencionada em diversos estudos (CAMACHO, 2003; JACOB, 2004; NARO, 1976; NUNES, 1995; RODRIGUES; PEREIRA, 2006; SCHMIDT-RIESE, 2002). Neste emprego, o pronome se caracterizaria por: (i) exercer o papel de argumento interno (objeto direto ou indireto); (ii) ser correferencial ao sujeito; (iii) poder se alternar com outros SNs não-correferenciais ao sujeito, sem alteração da significação verbal; (iv) poder ser ampliado por formas enfáticas como “a si mesmo”. Exemplos:

- (207) Maria viu-se no espelho.
 (208) Maria viu-se a si mesma no espelho.
 (209) Maria *viu o menino* no espelho. (CAMACHO, 2003:99)

Jacob (2004) destaca ainda que, neste uso, o pronome marca a correferência inesperada, pragmaticamente improvável entre o referente do sujeito e outro argumento da mesma proposição. Camacho (2003) igualmente observa que, em tais instâncias, o reflexivo assinala identidade referencial entre participantes que normalmente constituem entidades distintas. O autor interpreta como marcada a leitura reflexiva de construções que compreendem o verbo “ver”, uma vez que este corresponde semanticamente a uma experiência sensorial voltada para o outro.

É a reanálise deste tipo de correferência que teria dado origem a outros tipos de construções com o pronome reflexivo (AGUIAR 1942⁸⁷ apud BECHARA, 1980; JACOB, 2004; MAURER, 1951). Os novos usos e funções do pronome *se* no português foram analisados por vários lingüistas, adeptos de diferentes teorias, o que gerou uma grande quantidade de categorias descritivas, das quais citaremos algumas, a título de ilustração.

⁸⁷ Aguiar, Martinz (1942). Notas e Estudos do Português, p.181-183.

Vejam os exemplos a seguir:

- (210) Pedro e Maria se vêem regularmente. (JACOB, 2004)
- (211) Eu acho que ele se arrependeu do preço que ele cobrou. (NUNES, 1995:205)
- (212) O dito Gomez que era isento e que se fosse em paz. (NUNES, 1995:206)
- (213) Vendem-se as máquinas. (DUARTE, 2002:157)
- (214) Vende-se as máquinas. (DUARTE, 2002:157)

O exemplo (210) ilustra a categoria de *reflexivo recíproco*, mencionada em grande parte dos trabalhos (cf. D'ALBUQUERQUE, 1984; JACOB, 2004; NUNES, 1995; RODRIGUES; PEREIRA, 2004, 2006; SAID ALI, 1966; SCHMIDT-RIESE, 2002). Neste uso, o pronome também exerce a função de objeto (BECHARA, 1980, 2000; CUNHA, 1975; NEVES, 2000) e designa uma ação mútua entre dois ou mais indivíduos, podendo ser parafraseado por expressões que expressam reciprocidade, como “um ao outro”.

Em (211), o *se* aparece junto a um verbo que a gramática tradicional denomina essencialmente pronominal (verbo que não admite outra construção que não a de reflexivo). Neste contexto, o pronome é considerado parte integrante do verbo, sem função sintática específica (BECHARA, 1980; NEVES, 2000), recebendo as designações de *se inerente* (NUNES, 1995), *pseudo-reflexivo lexical* (SCHMIDT-RIESE, 2002), *reflexivo lexical* (JACOB, 2004), ou *marcador medial* (CAMACHO, 2003).

No exemplo (212), o pronome não faz parte da valência do verbo, sendo denominado *se enfático* (NUNES, 1995), *se parasítico* (JACOB, 2004), *índice de espontaneidade* (MAURER, 1951), ou *pronome de realce* (BECHARA, 2001).

Em (213) e (214), temos respectivamente as categorias de *se apassivador* e *se indeterminador*. O principal critério geralmente adotado para diferenciar estas duas construções – que são normalmente utilizadas para indicar a eliminação do Agente (*pseudo-reflexivo gramatical*, na terminologia de SCHMIDT-RIESE, 2002) – é a concordância com o SN no plural, que se realiza na estrutura passiva, mas não na indeterminada (cf. DUARTE,

2002; DUARTE; LOPES, 2002; NARO, 1976; NUNES, 1991). Considera-se, portanto, que, na estrutura sem concordância, o SN tem a função de objeto, ao passo que a aplicação da concordância verbal faz do argumento sujeito da oração. Em análises que levam em conta este critério, as construções com SN no singular são descartadas, uma vez que a concordância não é parâmetro suficiente para decidir se estamos diante de uma estrutura de *se apassivador* ou de *se indeterminador*:

(215) Consertou-se o brinquedo. (NUNES, 1991:37)

A construção de passiva reflexa é caracterizada ainda como comportando necessariamente um SN de 3ª pessoa⁸⁸, com traço [animado], e verbo transitivo direto (BECHARA, 2001; DUARTE, 2002; MAURER, 1951; MIRA MATEUS et al., 1983; NARO, 1976; NEVES, 2000). Já as estruturas que contêm um verbo intransitivo ou transitivo indireto são consideradas indeterminadas. Dutra (1981) igualmente questiona este parâmetro, na medida em que ele implica a conclusão errônea de que não é possível indeterminar o Agente em construções com verbos transitivos diretos.

Vários são os estudos que atestam a estreita relação entre o *se apassivador* e o *se indeterminador* (cf. DUTRA, 1981; ILARI; FRANCHI; NEVES, 1996; MAURER, 1951; PEREIRA, 2006; SCHMIDT-RIESE, 2002), mostrando que estes dois valores podem se manifestar simultaneamente em uma mesma construção. Como bem observa Maurer (1951:58), “*a idéia de Agente pessoal indefinido pode surgir em uma frase passiva, mesmo quando ela tem sujeito, desde que não se enuncie o Agente*”; exemplo:

(216) Vendem-se flores. (MAURER, 1951:58)

⁸⁸ Bechara (2001: 223) é um dos poucos autores que mencionam construções de 1ª e 2ª pessoas (cf. também DUTRA, 1981; PEREIRA, 2006; RODRIGUES; PEREIRA, 2006). Para o gramático, estruturas como *Batizei-me*, *Chamas-te José* podem receber duas interpretações: (i) passiva pronominal, ou (ii) voz reflexiva, indicando uma atitude de aceitação consciente do nome, ou do batismo recebido.

Há alguma controvérsia quanto à questão da existência necessária, ou não, de um Agente nas estruturas passivas. Said Ali (1966:98) estabelece categoricamente que: “*admitir um sentido passivo é admitir a possibilidade de um Agente ou ‘complemento de causa eficiente’ tanto oculto como expresso*”. Levando em conta este critério, o autor exclui a interpretação passiva de orações como:

- (217) O vidro quebrou-se à toa.
- (218) O navio perdeu-se.
- (219) A nuvem desfez-se.
- (220) A ilusão dissipou-se.
- (221) A pedra desprende-se da montanha e precipitou-se pelo vale abaixo.
(SAID ALI, 1966:95).

Dutra (1981:76), da mesma forma, observa que uma oração, como a ilustrada em (222), pode ser considerada passiva, ao passo a construção (223) exclui a interpretação passiva *As rosas foram abertas*.

- (222) Abriram-se as portas.
- (223) Abriram-se as rosas. (DUTRA, 1981:76)

Cabe esclarecer que Said Ali (1966), na verdade, questiona a idéia de que o *se* possa ser usado como pronome apassivador. Para ele, construções como :

- (224) Esta casa *é alugada*.
- (225) Aluga-se esta casa. (SAID ALI, 1966:98)

não são equivalentes, nem quanto à forma, nem quanto ao sentido. A segunda tem significação ativa, é usada para indeterminar o Agente, e o argumento exerce sempre a função de objeto⁸⁹. Esta última conclusão é baseada não só na tendência de não-concordância com o

⁸⁹ Segundo Said Ali (1966:101), “*formas não ativas (passiva em latim, reflexiva em português) têm significação ativa nos verbos sem sujeito*” (grifos nossos).

SN, quando este está no plural, mas também na posição ocupada pelo argumento na oração: “*desde o dia em que a sua posição se fixou depois do verbo, fixou-se também a função de objeto*” (SAID ALI, 1966:93). O critério da posição, para determinar a função sintática do SN das construções passivas, pode ser útil na análise das estruturas do português popular. O mesmo não pode ser afirmado com relação à concordância, na medida em que o falante popular tende a não realizá-la, principalmente quando o SN plural é posposto ao verbo (cf. RODRIGUES, 1987; PEREIRA, 2004, 2006).

Diferentemente de Said Ali e Dutra, que, como vimos, postulam a existência necessária de um Agente nas construções passivas, outros autores admitem a possibilidade de também considerar como passivas estruturas que compreendem processos que semanticamente não implicam um Agente, e em que o sujeito corresponde ao Paciente, como nos exemplos (217-221) (cf. JACOB, 2004; MAURER, 1951; PEREIRA, 2006; RODRIGUES; PEREIRA, 2006).

Os diversos usos do pronome reflexivo, enumerados neste capítulo, podem ser descritos em termos de um processo de *gramaticalização*⁹⁰, tanto do ponto de vista diacrônico (com o *se* adquirindo outros valores semânticos e sintáticos ao longo do tempo), como sob a perspectiva sincrônica (vários usos convivendo em um mesmo período).

Aguiar (1942⁹¹ apud BECHARA, 1980:255-6) traça a seguinte linha de evolução para as construções reflexivas no português: reflexivo? passivo? indeterminador. De acordo com este filólogo, a função inicial e própria do pronome *se* é a de reflexivo: ele faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou; o sujeito é, pois, ao mesmo tempo, Agente e Paciente da ação verbal (ex.: (226) *O homem cortou-se*). Num segundo estágio, ele passa a designar

⁹⁰ Para Hopper e Traugott (1993), a gramaticalização consiste de um conjunto de mudanças lingüísticas, através das quais um item lexical se torna um item gramatical, em certos usos; ou um item gramatical se torna mais gramatical (cf. também HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991). Castilho (1997:31) define a gramaticalização como “*o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema*”.

⁹¹ Aguiar, Martinz (1942). Notas e Estudos do Português, p.181-183.

apenas passividade (ex.: (227) Vendem-se casas). Uma vez que este último tipo de construção normalmente omite o Agente, o pronome assume a função de indeterminador, primeiramente de verbos transitivos (ex.: (228) Estuda-se), e depois de verbos intransitivos (ex.: (229) Dorme-se, Acorda-se) e de ligação (ex.: (230) Quando se é bom).

Said Ali (1966:94) descreve este processo diacrônico da seguinte forma:

A princípio a forma reflexiva (ou média) coexistiu com a ativa, enquanto a passiva não se conhecia ainda. Ações praticadas por seres humanos não podiam ser enunciadas sem a indicação de um Agente. Quando, porém, o Agente era desconhecido ou não se convinha mencioná-lo, a linguagem servia-se deste expediente: personalizava o objeto se era ente inanimado, e fingia-o a praticar a ação sobre si mesmo (...) dizia-se simplesmente: *tal mercadoria vende-se a si própria*. Pouco a pouco, porém, a mera forma reflexiva em casos deste gênero começou a sugerir a idéia de um Agente humano indeterminado. (SAID ALI, 1966:94)

Para Maurer (1951), a noção de Agente indeterminado é um desenvolvimento semântico posterior. De início, orações como:

- (231) O vaso quebrou-se.
 (232) As peras se estragam. (MAURER, 1951:51)

expressavam passividade, intransitividade apenas. Maurer (1951:70) defende a mesma evolução citada por Aguiar (Média > Passiva > Impessoal), para as línguas indo-européias e, particularmente, as românicas: *“uma forma de valor médio ou reflexivo serve para exprimir uma ação que se concentra no sujeito ou sobre o sujeito. Pouco a pouco, vem a designar uma ação sofrida pelo sujeito, e com a omissão deste principalmente, uma ação geral, realizada por um Agente pessoal indeterminado”*. Desta última função resulta a tendência de atribuir um sentido ativo à construção e de interpretar o SN como um objeto, sem concordá-lo com o verbo (ex.: (233) Vende-se flores). Segundo Maurer (1951:59), *“o povo já não discerne o sentido passivo original da frase e toma o substantivo como objeto direto de uma expressão impessoal. A posposição normal do substantivo favorece ainda mais esta interpretação”*.

Algumas propostas de análise hipotetizam que, neste contexto, o pronome é reanalisado como sujeito (DUARTE, 2002; NARO, 1976; NUNES, 1991). Maurer (1951), porém, prefere interpretar o *se* como um morfema que assinala a indeterminação do Agente.

Outros estudos igualmente apontam que, do ponto de vista diacrônico, a construção com *se* apassivador precede a de *se* indeterminador, cujo surgimento data do século XVI (NARO, 1976; NUNES, 1991). Conforme Duarte (2002), quando o sintagma Agentivo deixa de figurar na oração, o *se* é reanalisado como sujeito, e não se aplica mais a concordância com o SN no plural, dando surgimento às construções indeterminadas.

- (234) Vendem-se as máquinas pelo fabricante.
- (235) Vendem-se as máquinas.
- (236) Vende-se as máquinas. (DUARTE, 2002:157)

Para Jacob (2004), é a reanálise da correferência, nos contextos de reflexividade verdadeira, que leva ao aparecimento de outros tipos de construções com o pronome reflexivo.

Uma possibilidade de análise é interpretar o referente único, não com seus dois papéis de participação (sujeito e objeto), mas com um único papel complexo. Este processo dá origem ao *reflexivo lexical*, que figura em construções analisadas como intransitivas, monovalentes (*levantar-se, arrepender-se, queixar-se*).

Outra possibilidade é interpretar a unicidade do referente como ausência de um dos dois referentes previstos na estrutura argumental do verbo: o argumento Agente (diátese recessiva), o que dá ensejo ao aparecimento das estruturas passivas. Estas seriam de três tipos:

(i) *médio passiva*: o processo semanticamente não implica um Agente;

(237) A porta se abriu.

(238) A terra se move.

(239) Meu namorado fala alguma coisa, eu me machuco. (JACOB, 2004)

(ii) *passiva reflexiva*: o argumento externo não é indicado porque não se quer mencioná-lo, porque é desconhecido, ou porque trata-se de uma predicação geral, sem um referente particular;

(240) Alugam-se apartamentos.

(241) Isso se vê muito. (JACOB, 2004)

(iii) *passiva reflexiva indeterminada*: o *se* é reanalisado como marca de indeterminação, e o argumento interno ocupa sua posição original de complemento direto;

(242) Aluga-se apartamentos. (JACOB, 2004)

Em um estudo sincrônico (PEREIRA, 2006), procuro analisar instâncias como estas, não só sob o ponto de vista sintático, mas também sob a perspectiva semântica e discursiva. Proponho uma noção mais abrangente de construção passiva, que englobe não só as estruturas tipicamente descritas como passivas, mas todas aquelas que denotem um processo com sujeito Paciente. Neste estudo, verifico a existência de três estruturas:

- (i) o processo semanticamente não implica um Agente:
- (243) ói na época tô falanu pu senhor... queu era moçu... queu era: :: tava si formandu im a...
im a: :: como diz? im adultu (PEREIRA, 2006:549)
- (ii) o processo implica um Agente que não é mencionado no discurso:
- (244) daquele leite lá é que se fais a canjica (PEREIRA, 2006:549)
- (iii) o processo implica um Agente [+animado], ou um Causativo [- animado], que vem expresso no discurso:
- (245) conta pra eles aí quanto saco de porvio se ensacava aí... como é que é o movimento de porvio *de vocês* (PEREIRA, 2006:549)

Vemos que, apesar de alguns lingüistas descreverem a passiva reflexa do português moderno como uma construção que normalmente omite o Agente (BECHARA, 2001), ou ainda, que não admite a expressão do Agente (NARO, 1976), verifico que este pode figurar na oração, como um constituinte oblíquo. No *corpus* de português popular analisado, pude ainda notar que a estrutura passiva tende a ser utilizada quando o argumento Paciente é: [+humano], definido, tópico discursivo e anteposto ao verbo, ocupando a posição prototípica de sujeito. Tais achados corroboram as observações de Maurer (1951) e Mira Mateus et al. (1983), que propõem que a passiva reflexa é utilizada quando o Agente tem um papel secundário, ou tem referência indeterminada, enquanto o Paciente é contextualmente definido e tem um alto grau de topicalidade.

4.3 Tendências de mudança

Vários estudos comprovam que a variação entre realização x não-realização do pronome *se* no português do Brasil⁹² constitui um fenômeno comum, que ocorre na fala e na escrita de pessoas de diferentes graus de escolaridade e de diferentes regiões. A variação e, em alguns casos, a tendência de não-realização foram atestadas:

? no *corpus* de língua falada do Projeto Filologia Bandeirante, mais especificamente nos inquéritos de falantes de baixa ou nula escolaridade, nascidos e criados na zona rural dos estados de São Paulo e de Minas Gerais (PEREIRA, 2006; RODRIGUES; PEREIRA, 2004, 2006)

? em entrevistas gravadas com pessoas de diferentes graus de escolaridade, residentes em Manhuaçu, em Minas Gerais (D'ALBUQUERQUE, 1984)

? em entrevistas de informantes cariocas, de baixa ou nula escolaridade, habitantes da zona norte ou do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro (D'ALBUQUERQUE, 1984)

? em inquéritos gravados com pessoas não-escolarizadas da zona rural pertencente à micro-região Sanfranciscana de Januária, no alto-médio São Francisco, Minas Gerais (ASSIS, 1988)

? no *corpus* do Português Popular em São Paulo, que registra a variedade falada por pessoas de baixa ou nula escolaridade, que habitam a região urbana, mais especificamente as favelas paulistas (PEREIRA, 2006; RODRIGUES; PEREIRA, 2004, 2006)

? nas variedades faladas em regiões do Nordeste (Paraíba e Fortaleza) (GROPPI, 2004; OLIVEIRA, 2006)

⁹² Nunes (1995), em um *corpus* constituído de entrevistas de 1987, constata que o português europeu falado também apresenta supressão do clítico anafórico, embora numa proporção muito menor do que o português brasileiro.

? no *corpus* de língua falada brasileira culta registrado pelo Projeto NURC (CAMACHO, 2003)

? no *corpus* de língua falada que integra o Banco de dados da PUC-SP e que se compõe de entrevistas com informantes de diferentes graus de escolaridade, nascidos ou criados na cidade de São Paulo (NUNES, 1991,1995)

? em cartas, diários e documentos, escritos no Brasil, que compõem o acervo de Lingüística Histórica da Unicamp, desde 1555 até 1989 (NUNES, 1991,1995)

? em reportagens da revista Veja, nos anos de 1988 e 1989 (NUNES, 1991,1995)

? em cartas de leitores e redatores de jornais do século XIX da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, que integram o *corpus* do Projeto Para a História do Português Brasileiro (DUARTE; LOPES, 2002)

? em anúncios publicados em jornais brasileiros do século XIX (Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina), que integram o *corpus* do Projeto Para a História do Português Brasileiro (DUARTE, 2002)

O fato de a variação não estar limitada à realização oral de pessoas de baixa ou nula escolaridade, atingindo também a fala culta e a língua escrita, pode ser um sinal de que se trata de uma variável não-saliente, à qual não foi atribuído um valor social negativo.

A tendência de supressão do pronome, que pode ser um índice de uma mudança lingüística em curso, atinge diversas categorias, sejam elas de:

- *se reflexivo* (recíproco ou não) (cf. ASSIS, 1988; D'ALBUQUERQUE, 1984; NUNES, 1995; RODRIGUES; PEREIRA, 2004, 2006);

- *se indeterminador* (ASSIS, 1988; D'ALBUQUERQUE, 1984; NUNES, 1991; DUARTE, 2002; DUARTE; LOPES, 2002)

- *se apassivador* (DUARTE, 2002; PEREIRA, 2006; RODRIGUES; PEREIRA, 2004, 2006).

Estudando a variedade falada por pessoas não-escolarizadas da zona rural de Minas Gerais, Assis (1988) constata que o pronome *se* não está presente na gramática dos informantes. Nas estruturas analisadas, não há nenhuma ocorrência de *se* reflexivo, ou indeterminador. Para expressar o sentido reflexivo, os falantes usam o verbo intransitivamente, sendo o referente recuperado a partir do contexto, como em (246-247). Outra estratégia é utilizar o pronome tônico mais o item lexical *mesmo*, como em (248-249):

(246) As companhera banhô e saíru.

(247) Ele envenenô e morreu.

(248) Ele matô ele mesmo.

(249) Aí é a gente que consola a gente mesmo das desgraça. (ASSIS, 1988:71-72)

A primeira estratégia vai contra a condição B, formulada nos termos de Reinhart e Reuland (1993), segundo a qual a reflexividade tem de ser marcada. Para estes autores, a reflexivização precisa ser licenciada ou no léxico, ou na sintaxe. Nos predicados intrinsecamente reflexivos, os verbos são marcados como reflexivos no léxico, com ou sem marca morfológica explícita no verbo. Já um predicado transitivo, que não é intrinsecamente reflexivo, só pode se tornar reflexivo se a reflexividade é marcada em um de seus argumentos, com a anáfora de self⁹³.

⁹³ Reinhart e Reuland (1993:670-671) apresentam uma revisão das condições A e B, da teoria gerativista de Regência e Vinculação. Nos termos destes autores, elas são assim formuladas: (i) condição A: “um predicado marcado como reflexivo é reflexivo”; (ii) condição B: “um predicado reflexivo é marcado como reflexivo”. Só as anáforas de self (i.e. *himself, myself*) – por oposição às anáforas de *se* e aos pronomes lexicais (*him, ele*) – seriam capazes de marcar a reflexividade. Paradoxalmente, os autores verificam a existência de contextos que não são reflexivos, mas são reflexivamente marcados (ex.: *The queen invited myself for tea*) (REINHART; REULAND, 1993:675).

Já a segunda estratégia, ilustrada nos exemplos (248-249), obedece a esta condição e corrobora a observação de Ilari, Franchi e Neves (1996), que propõem examinar o papel de *mesmo* como verdadeiro reflexivizador de formas tônicas pronominais. Segundo os autores, a aceitabilidade de uma reflexivização com o pronome tônico aumenta consideravelmente com o acréscimo de *mesmo*; exemplos:

- (250) *João viu ele no espelho d'água.
 (251) João viu ele mesmo no espelho d'água. (ILARI; FRANCHI; NEVES, 1996:139) ⁹⁴

Rodrigues e Pereira (2006) verificam a existência de construções com o pronome tônico mais o item lexical *mesmo*, nos *corpora* dos Projetos Filologia Bandeirante e Português Popular em São Paulo. Mas o recurso mais freqüente, nas estruturas reflexivas e passivas reflexas examinadas, é a omissão do pronome, que atinge 75% (603/802) das ocorrências; exemplo:

- (252) Aí a tia falô assim: “ó ... tem que fazê o aniversáriu porque sinão ela vai brigá né?” ah mais ela na hora ela mostrô indiferente né? (RODRIGUES; PEREIRA, 2006)

Nunes (1995) constata que a variação entre realização x não-realização do clítico anafórico não é um fenômeno recente no Português do Brasil, ocorrendo já desde o século XVI, na língua escrita. No *corpus* sincrônico constituído de entrevistas com informantes de São Paulo, o índice de supressão chega a 52%.

⁹⁴ Examinando os julgamentos de aceitabilidade dos falantes, Lemle (1985) verifica que, entre os falantes mineiros, a leitura reflexiva do exemplo (250) acima seria possível, ao passo que, entre cariocas, a única interpretação desta construção seria aquela em que *João* e *ele* têm referência distinta (cf. também GALVES, 1986).

CORPUS DE LÍNGUA ESCRITA (CARTAS, DIÁRIOS E DOCUMENTOS)					ENTREVISTAS
SÉC. XVI	SÉC. XVII	SÉC. XVIII	SÉC. XIX	SÉC. XX	SÉC. XX
15%	32%	14%	19%	30%	52%

Quadro 6: Índice de supressão de clíticos anafóricos (NUNES, 1995:211)

Além da supressão, foram apontadas outras tendências de mudança, tais como a *generalização* de *se* para todas as pessoas do discurso, a *duplicação* e a *hipercorreção*.

Castilho (1997:37) interpreta a generalização com uma indicação de gramaticalização do pronome reflexivo no português:

O reflexivo *se* tende a generalizar-se para todas as pessoas, sobretudo nas modalidades não-padrão das línguas, como português popular *eu se alembro, você se alembra, ele se alembra*. Depois deste estágio em que se perdeu a categoria de pessoa, o reflexivo se cliticiza ao verbo, como no francês não-padrão *je sarrête, nous se reverrons, vous se privez*. Exemplos como estes fazem pensar na perda da representação morfológica da categoria de pessoa. (CASTILHO, 1997:37)

Oliveira (2006) verifica o uso de *se* na 1ª pessoa do plural, em variedades faladas na região Nordeste do Brasil⁹⁵. Segunda a autora, a forma *a gente* + verbo na 1ª pessoa do plural poderia ter contribuído para a associação entre *se* e 1ª pessoal do plural; exemplos:

(253) Aí a gente se preocupemo muito pra querer comprar a casa.

(254) Depois nós se mudamos daqui. (OLIVEIRA, 2006)

Rodrigues e Pereira (2004) igualmente constatarem que, na região Sudeste, a generalização tende a ocorrer na 1ª pessoa do plural. Neste contexto, a frequência de uso da forma *se* chega a 38%, contra 4% de uso de *nos* e 58% de zero. Já a 1ª pessoa do singular

⁹⁵ Refletindo sobre o contato entre falantes de distintas variedades do português brasileiro, Oliveira (2006) levanta as seguintes questões: seriam o apagamento e a generalização de *se* resultados da influência nordestina na variedade paulista; ou ao contrário disto, poder-se-ia pensar na tendência de apagamento de *se* na região sudeste x sua retenção na região nordeste?

apresenta resistência a esta generalização, com apenas 2% de uso de *se*, contra 20% de *me*, e 77% de zero (cf. também RODRIGUES; PEREIRA, 2006).

Macambira (1982⁹⁶ apud COSTA, 1987:18) observa que os falantes têm consciência da reflexividade, já que só generalizam o *se* em contextos reflexivos, e nunca naqueles que não envolvem correferência (ex.: (255) *Eu se admiro* por *Eu te admiro*)

Gropi (2004) e Oliveira (2006) constataam vários casos de duplicação em variedades nordestinas do português do Brasil, como em (256-258) abaixo. Já nos *corpora* do português popular em São Paulo e do Projeto Filologia Bandeirante estudados por Rodrigues e Pereira (2004), a duplicação é pouco freqüente, embora possa ser atestada. Oliveira (2006) lança a hipótese de que as formas pronominais antepostas e pospostas ao verbo teriam função distinta: (i) *se* proclítico: pronome reflexivo; (ii) *se* enclítico: afixo marcador de aspecto, uma vez que só ocorre no Pretérito Perfeito do Indicativo⁹⁷.

- (256) Minha mãe me criou-me (OLIVEIRA, 2006)
 (257) Ele se aproveitou muito para ele (OLIVEIRA, 2006)
 (258) Inclusive dipoi queu si mi formej (RODRIGUES; PEREIRA, 2004)

O fenômeno de hipercorreção é encontrado em variedades de diferentes regiões do Brasil, na fala de informantes não-escolarizados, cultos e até mesmo na língua escrita, como respectivamente ilustram os exemplos (259-261) a seguir:

- (259) Doc. a aposentadoria não sai? / Inf. num se acontece viu?
 (RODRIGUES; PEREIRA, 2006)
 (260) O homem parece não estar se evoluindo, mas se regredindo cada vez mais
 (CAMACHO, 2003:115)
 (261) Indo os frades a tomar poce se resistirao os rebeldes
 (carta, 1725, NUNES, 1995:231)

⁹⁶ Macambira, José R. (1982). *A estrutura morfossintática do português*. São Paulo, Pioneira.

⁹⁷ Arce-Arenales, Axelrod e Fox (1994), Hopper e Thompson (1980) e Bogard (2006) mencionam exemplos do emprego de *se* no espanhol como marcador de uma ação pontual. Bogard (2006) propõe que a ausência do clítico favorece uma leitura de duratividade (aspecto imperfectivo); ao passo que a presença do clítico sugere uma leitura de completude ou término (aspecto perfectivo).

Como vimos no capítulo 1, Labov (1972/1991, 1994, 2001) relaciona a hipercorreção aos estereótipos, tomando-a como um índice de que a variável é altamente saliente, isto é, de que ela se tornou objeto de atenção consciente por parte dos falantes. Ainda que não examinemos a questão da avaliação na presente pesquisa, parece-nos mais plausível a hipótese de que os falantes não percebem a variação entre realização x não-realização dos reflexivos, uma vez que esta atinge também a fala culta e a escrita, como mencionado anteriormente. Conjeturamos que a hipercorreção talvez possa ocorrer de forma inconsciente e que ela constituiria um indício de mudança lingüística, mostrando que as pessoas já não são capazes de distinguir os contextos que requerem ou não o uso do pronome reflexivo. Isto acontece não só com os usuários da língua, mas também com nós lingüistas, sendo por vezes difícil identificar as construções que pressupõem um pronome reflexivo subjacente, omitido pelo falante. D'Albuquerque (1984) fala da dificuldade que teve em diferenciar os verbos essencialmente pronominais dos acidentalmente pronominais, uma vez que ela própria apresenta variação em sua fala.

Há outras mudanças atestadas no português do Brasil que estão relacionadas aos reflexivos, sejam elas: a perda dos clíticos acusativos de 3ª pessoa, que tendem a ser substituídos por pronomes tônicos; o uso do objeto nulo, tendência que se inicia no século XIX e predomina no século XX (CYRINO, 1993; DUARTE, 1986; NUNES, 1993; ROBERTS, 1993; TARALLO, 1993); e o desaparecimento das construções com *se* *apassivador* e com *se* *indeterminador* (DUARTE, 2002; DUARTE; LOPES, 2002; KATO; TARALLO, 1986).

D'Albuquerque (1984; cf. também JACOB, 2004) relaciona a não-realização de *se* com a omissão do objeto, tendência que predomina no português do Brasil. Segundo a autora, a não-realização do objeto não-correferencial, em estruturas do tipo (262), teria levado à omissão do pronome reflexivo em construções, como (263-264).

- (262) Você viu o Joãozinho? / Vi.
 (263) Ele aborreceu quando perdeu os óculos.
 (264) Ela está maquiando. (D'ALBUQUERQUE, 1984:116)

Em estudo recente (cf. PEREIRA, 2006), pude constatar que a passiva sintética prototípica (i.e. com SN [animado] de 3ª pessoa e verbo transitivo direto), é raramente atestada no português popular; exemplo:

- (245) conta pra eles aí quanto saco de porvio se ensacava aí.... como é que é o movimento de porvio *de vocês* (PEREIRA, 2006:549)

O critério da concordância com o SN no plural não se mostra útil para determinar se estamos diante de uma estrutura passiva. No *corpus* de português popular analisado, não há sequer uma instância em que o falante empregue a concordância; exemplo:

- (265) Tive treze filhos...mais criô nove (PEREIRA, 2006:547)

Vários estudos corroboram este resultado, mostrando que os falantes do Português do Brasil usam com pouca frequência o *se apassivador* e o *se indeterminador* (DUARTE, 2002; DUARTE; LOPES, 2002; KATO; TARALLO, 1986; NUNES, 1991). Segundo Nunes (1991), é no século XIX, quando predominam as construções com *se indeterminador* (i.e. sem concordância com o SN no plural), em detrimento das estruturas com *se apassivador* (com concordância), que começa haver a supressão do clítico *se*.

Como se depreende da observação de Nunes (1991), a “ausência” do *se apassivador* se deve ao fato de os lingüistas considerarem exclusivamente o critério sintático, descrevendo estruturas sem a concordância com o SN no plural como indeterminadas, mesmo que contenham também um sentido passivo; exemplo:

(266) Com as monumentaes melancias que aqui se colhe.
(A Galleria Illustrada, PR, 1888; DUARTE; LOPES, 2002:157)

Mesmo se considerarmos apenas as construções em que o *se* tem somente o valor de indeterminação, veremos que são pouco freqüentes, já que tendem a ser substituídas por outras estratégias para veicular a noção de sujeito indeterminado, que não envolvem o uso de *se*, como o emprego de pronomes (*eles, vocês, nós*); e verbos na 3ª pessoa do singular, na 3ª pessoa do plural, ou na 1ª pessoa do plural, com casa vazia do sujeito (cf. ASSIS, 1988; DUARTE; LOPES, 2002; ILARI, FRANCHI; NEVES, 1996; KATO; TARALLO, 1986; MICHELETTI, 2000).

É importante notar aqui que a dificuldade em estabelecer um *se* subjacente aumenta consideravelmente em estruturas indeterminadas. Embora estudos como os de Duarte e Lopes (2002) e Nunes (1991) interpretem ocorrências comparáveis a (267-269) abaixo como casos de variação entre presença x ausência de *se*, poderíamos simplesmente postular que, nos casos em que não se realiza o pronome, não há um *se* subjacente: em vez disto, o falante escolheu outra estratégia para expressar o sentido de indeterminação.

(267) É preciso não ter amor à vida para continuar a usar do kerosene explosivo ...

(268) Mas também é tão commodo poder estabelecer-se negócio sem capital e conseguir ganhar muito e gastar pouco (DUARTE; LOPES, 2002:161-2)

(269) É impossível (se) achar lugar aqui (NUNES, 1991:49)

Nunes (1991) e Galves (2001) hipotetizam ainda que, enquanto o pronome tende a ser omitido em construções finitas, há a tendência de inserção de *se* em construções infinitivas, para expressar indeterminação, como em (268-269). Nunes, no entanto, reconhece a dificuldade apontada acima e ressalta que este fenômeno de inserção de *se* é apenas uma conjectura, na medida em que não foi possível, no *corpus* por ele estudado, caracterizar um

conjunto de construções com infinitivo em que se pudesse dizer seguramente que houve apagamento ou inserção de *se*.

Esta problemática de postular um *se* subjacente não está limitada às construções indeterminadas, podendo ser encontrada na análise de estruturas de passiva reflexa, como mostra o exemplo (270). Esta construção pode receber 2 interpretações: (i) passiva reflexa com omissão de *se*: o SN “o Extra” é sujeito sintático (‘o Extra se inaugurou’, ‘foi inaugurado’), ou (ii) estrutura ativa com sujeito indeterminado: o SN topicalizado exerce a função de objeto ([Agente] inaugurou o Extra’). Bogard (2006) sugere que há um traço pragmático que distingue os Pacientes das passivas reflexas dos complementos das ativas impessoais: os primeiros sempre são definidos e têm uma referência conhecida no discurso, exercendo geralmente a função de Tópico. Na ativa impessoal, por seu turno, é a ação, o evento, o estado, etc. denotados pelo verbo que adquirem valor topical.

(270) porque o Extra né? inaugurô essa semana (PEREIRA, 2006:550)

4.4 Fatores lingüísticos e sociais condicionantes da variação

Entre os fatores que serão apresentados aqui, a maioria foi retirada de estudos sobre os reflexivos no português do Brasil, ou de estudos que versaram sobre estes pronomes em outras línguas. Alguns, no entanto, foram por nós formulados, com base na leitura desses trabalhos, e constituem hipóteses com as quais trabalharemos.

4.4.1 Tipo de *se*

Começamos com um fator lingüístico amplamente reconhecido como condicionante da variação: o tipo de *se* (i.e. a natureza semântica, e/ou sintática do pronome, combinada com a do verbo ao qual ele se agrega).

Examinando textos escritos no Brasil do século XVI ao XX, Nunes (1995) constata que a supressão atinge primordialmente o *se reflexivo*, *ergativo*, *ex-ergativo* e *enfático*. Já os tipos *se inerente* e *se quase-inerente* resistem ao apagamento, sendo retidos quase que categoricamente em todos os períodos⁹⁸.

D'Albuquerque (1984), da mesma forma, verifica que falantes mineiros e cariocas tendem a omitir o pronome com mais freqüência nas estruturas com verbos acidentalmente pronominais do que naquelas com verbos essencialmente pronominais⁹⁹ (*se inerente* de NUNES, 1995). A autora propõe a hipótese de que a maior freqüência de realização de *se*, neste último contexto, poderia sugerir que o pronome seria aprendido por memorização lexical, isto é, junto com o verbo. Já entre os verbos acidentalmente pronominais, em que este processo de aquisição não ocorre, a perda dos clíticos seria maior, estando condicionada pelo processo geral de omissão do objeto direto que atinge o português brasileiro. Cabe notar aqui que este achado pode ser interpretado como de natureza anti-funcional, uma vez que a não-

⁹⁸ As definições apresentadas por Nunes (1995) são as seguintes: (1) *se reflexivo*: o clítico realiza o papel temático de argumento interno (*matar-se*, *explicar-se*, *levantar-se*, *olhar-se*, *ajudar-se*); (2) *se ergativo*: o clítico é operador lexical que detematiza a posição de sujeito de verbos transitivos (*magoar-se*, *machucar-se*, *preocupar-se*, *curar-se*, *enganar-se*, *acabar-se*, *lembrar-se*); (3) *se ex-ergativo*: designa o resultado de uma provável agentivização de construções com *se ergativo* (*esforçar-se*, *ocupar-se*, *casar-se*, *separar-se*, *prestar-se*); (4) *se inerente*: clítico fossilizado, que acompanha verbos essencialmente pronominais (*suicidar-se*, *arrepender-se*, *esbaldar-se*, *dignar-se*, *atrever-se*, *queixar-se*); (5) *se quase-inerente*: incluem verbos como *portar-se*, *comportar-se*, e *conduzir-se*, que na acepção de “agir” apresentam a fusão lexical dos papéis de Agente e Tema; (6) *se enfático*: índice de espontaneidade (*aproveitar-se*, *utilizar-se*, *decidir-se*, *recusar-se*, *ir-se*).

⁹⁹ Segundo D'Albuquerque (1984), junto a verbos acidentalmente pronominais, os pronomes oblíquos funcionam como objetos, já que podem ser substituídos por um nome. O oposto se dá com os verbos essencialmente pronominais (i.e. os pronomes oblíquos não funcionam como objetos, não podendo ser substituídos por um nome substantivo).

realização de *se*, com verbos acidentalmente pronominais, poderia em tese ocasionar um maior comprometimento da informação.

Todavia, D'Albuquerque (1984) também encontra resultados que corroboram argumentos funcionais. Em alguns casos, a ausência de marca de reflexividade pode ser explicada pela grande previsibilidade do objeto. Segundo a autora, verbos como *levantar*, *sentar* e *deitar* são usados sem o pronome, porque seu uso não-reflexivo é uma situação incomum, sendo muito mais freqüentes as instâncias em que o Agente é também o objeto da ação.

Camacho (2003) analisa mais de perto contextos como estes e propõe que o clítico de verbos como *barbear-se* e *vestir-se* não seja considerado *pronome reflexivo*, mas *marcador medial*, na medida em que estes verbos representam uma atividade de cuidado corporal, que é própria da entidade iniciadora ou controladora do evento. O uso causativo de verbos como estes, por outro lado, corresponderia a uma situação incomum, pouco freqüente, como ilustrado no exemplo a seguir:

(271) Depois que Antonio fraturou o braço, *sua esposa o veste* todos os dias
(CAMACHO, 2003:97)

Segundo Haiman (1983) e Kemmer (1993), algumas línguas, como o inglês, sequer dispõem de marcadores reflexivos para estes tipos de atividades, porque há a expectativa de que as pessoas as executem em favor de si mesmas, e não de outras pessoas.

Baseando-se nesta suposição, Camacho (2003) estabelece a hipótese de que, nestas construções, haveria a omissão de *se*, já que prescindem funcionalmente do clítico, ao passo que o pronome seria explicitado em estruturas de reflexividade propriamente dita, como no exemplo (207) reproduzido abaixo:

(207) Maria viu-se no espelho. (CAMACHO, 2003:99)

A hipótese de Camacho para explicar a variação também é baseada na idéia de que as construções reflexivas, ao contrário das construções médias, envolveriam uma diferenciação cognitiva entre o controlador, ou iniciador do evento, e a entidade afetada, ainda que, em ambas as estruturas, estas funções recaiam em um só referente (cf. também KEMMER, 1993).

Camacho (2003:98) propõe ainda que, nas construções médias, o clítico é anafórico, mas *“não estabelece com o sujeito uma relação semântica de correferência e sintática de coindexação, o que só seria possível se houvesse duas posições estruturais disponíveis para serem preenchidas com SNs referencialmente idênticos”*. Construções semanticamente médias soam estranhas, se adicionamos a elas a forma tônica; e quando substituímos o reflexivo por um SN não-correferencial, há alteração da natureza da ação¹⁰⁰. Verbos mediais seriam predicados de um único participante, sendo o emprego causativo derivado por uma regra lexical de aumento de valência. Exemplos:

(272) João *levantou a pedra*.

(273) João se levantou.

(274) ?João se levantou a si mesmo. (CAMACHO, 2003:99).

Ilari, Franchi e Neves (1996:163) também hipotetizam a existência de um *se* medializador no português. Segundo os autores, por via dele, surgiu uma conjugação intrinsecamente pronominal, em que o pronome já não exprime qualquer papel profundo; exemplo:

(275) Pedro se diverte muito com coisas sérias. (ILARI; FRANCHI; NEVES, 1996:163)

¹⁰⁰ Kemmer (1993) também observa que *vestir-se x vestir alguém, levantar-se x levantar alguém* envolvem diferentes movimentos. Para a autora, estes eventos são conceptualizados diferentemente, isto é, são semanticamente distintos.

Em trabalho recente (RODRIGUES; PEREIRA, 2006), pudemos comprovar a validade das hipóteses de Camacho (2003). A tendência de omissão do pronome, predominante no português popular, não atinge todas as categorias uniformemente. Nos contextos de *reflexividade lexical*, que engloba não só os verbos essencialmente pronominais, mas também aqueles considerados “mediais” por Camacho, em que não é possível distinguir, de um ponto de vista semântico-cognitivo, dois participantes no processo, como *levantar-se*, por exemplo, o índice de realização de *se* é extremamente baixo (11%, peso relativo .37). Já nas estruturas de *reflexivo verdadeiro*, que abrange os casos de reflexividade inesperada, isto é, identidade referencial entre participantes que normalmente constituem entidades distintas, como em *matar-se*, a frequência de realização do pronome *se* mostra elevada, atingindo o índice de 85% e o peso relativo de .91. Neste mesmo estudo, pudemos constatar ainda que o uso do pronome também é favorecido na categoria de *reflexivo recíproco* (48%, peso relativo: .66), e em menor grau nas estruturas de *passivas reflexas* (32%, peso relativo: .60).

Com base em um estudo empírico, tipológico e diacrônico, Kemmer (1993) é quem mais detalhadamente elabora uma série de classes semânticas de verbos, em que os pronomes assumem valores diversos, e que será utilizada em nossa análise.

Assim como Camacho (2003), a autora propõe uma distinção entre construções reflexivas e recíprocas propriamente ditas de um lado, e construções médias de outro.

Os contextos correspondentes ao que estamos denominando “reflexividade verdadeira” abrangem, segundo Kemmer (1993), dois tipos: *reflexivos diretos* e *indiretos*.

O *reflexivo direto* é empregado em uma oração que expressa um evento de dois participantes¹⁰¹ (sendo um deles Agente ou Experienciador; e o outro, Paciente ou Estímulo), que se referem à mesma entidade. Exemplos:

- (276) *Mary* (Agente) stabbed *herself* (Paciente). (KEMMER, 1993:42)
 “Mary se espetou.”
 (277) *I* (Experienciador) saw *myself* (Estímulo).
 “Eu me vi.”

O *reflexivo indireto* é definido como uma construção que semanticamente corresponde a um evento de 3 participantes (um Agente, um Paciente e um Recipiente ou Beneficiário) e em que o participante Recipiente ou Beneficiário é correferencial ao Agente; exemplo:

- (278) *Il* (Agente) s’est (Beneficiário) acheté um chapeau (Paciente). (KEMMER, 1993:36)
 “Ele comprou um chapéu para ele/ Ele se comprou um chapéu.”

O reflexivo pode ainda ter uma *função enfática*, nas situações em que há correferência entre dois participantes, e o segundo participante é assinalado pelo falante como contrastando com outros referentes potenciais, presentes no contexto discursivo ou situacional; exemplos:

- (279) *Pierre se voit lui-même*. (KEMMER, 1993:165)
 (280) *Se ve a sí mismo*.
 “Ele vê ele mesmo/ Se vê a si mesmo.”

¹⁰¹ Um evento prototípico de dois participantes é, segundo Kemmer (1993), aquele em que uma entidade humana (Agente) atua volitivamente, exercendo força física sobre uma entidade inanimada (Paciente), que é diretamente e completamente afetada pelo evento.

O *recíproco prototípico* é definido como um evento em que há 2 participantes, A e B, e a relação que A tem com B é a mesma que B tem com A (LICHTENBERK, 1985¹⁰² apud KEMMER, 1993). Para Kemmer, este contexto envolve duas relações: cada participante exerce, ao mesmo tempo, o papel de Agente e Paciente (ou funções semânticas análogas a Iniciador e Ponto de Chegada¹⁰³), e a entidade A atua em B da mesma forma que B atua em A; exemplos:

- (281) They punched/hit *each other*. (KEMMER, 1993:96)
 “Eles se esmurraram/se bateram/se pegaram.”
- (282) They gave *each other* gifts.
 “Eles deram presentes um para o outro/ Eles se deram presentes.”

As construções reflexivas e recíprocas propriamente ditas, exemplificadas acima, são contrastadas com as construções médias. Segundo Kemmer (1993), enquanto as primeiras envolveriam uma diferenciação conceptual da entidade sob referência em duas partes discretas, as segundas não implicariam esta diferenciação e, mais do que isto, não pressuporiam a expectativa de dois participantes distintos.

O quadro 7 adiante contém as classes de verbos que são classificadas pela autora como semanticamente médias. Grande parte dos verbos enumerados neste quadro tem contraparte transitiva. Algumas propostas de análise, como a de Dik (1997) vista no capítulo 2, consideram o pronome reflexivo como um instrumento gramatical que marca a redução de um dos argumentos, tornando o verbo intransitivo. Kemmer (1993), contudo, que aborda estas classes primordialmente sob o ângulo semântico, vai defender o ponto de vista oposto: a intransitividade está naturalmente associada a estes verbos, uma vez que eles, em sua acepção

¹⁰² Lichtenberk, F. (1985). Multiple uses of reciprocal constructions. *Australian journal of Linguistics* 5:19-41.

¹⁰³ Iniciador e Ponto de Chegada são macropapéis. O Iniciador, que é o ponto de partida do evento, pode ser um Agente, um Experienciador, ou um *Mental-Source* (i.e. entidade onde o evento cognitivo se origina). O Ponto de Chegada (*Endpoint*) pode corresponder a um Paciente, Recipiente ou Beneficiário (KEMMER, 1993).

mais freqüente, se referem a eventos prototipicamente de um só participante. Embora muitos destes verbos, quando pronominais, sejam incluídos na voz reflexiva, a autora propõe que eles sejam enquadrados dentro da voz média.

Cabe aqui um esclarecimento: não há uma definição amplamente aceita de “voz média”; e muitos autores citados neste capítulo a tomam como sinônimo de *voz reflexiva*. Segundo Lyons (1969¹⁰⁴ apud KEMMER, 1993), a voz média indica que a ação, ou estado, afeta o sujeito do verbo, ou seus interesses.

Para Benveniste (1995:187), “no ativo, os verbos denotam um processo que se efetua a partir do sujeito e fora dele. No médio, (...) o verbo indica um processo do qual o sujeito é a sede; o sujeito está no interior do processo”. Benveniste propõe então substituir os termos “ativo” e “médio” por, respectivamente, “diátese externa” e “diátese interna”.

De acordo com Arce-Arenales et al. (1994:2), sentenças como (283) *Manuel got dressed* compreendem voz ativa (*Manuel* é sujeito, Agente e Tópico) e diátese média (o sujeito é uma entidade afetada).

Baseando-se em Klaiman (1988¹⁰⁵ apud CAMACHO, 2003), Camacho considera que a diátese ativa abrange as sentenças sintaticamente ativas cujo sujeito é não-afetado; e a diátese média, as sentenças formalmente ativas cujo sujeito é afetado.

Bakker (1994), por fim, chama atenção para o fato de que em determinados eventos, como *crescer*, *criar-se*, *desenvolver-se*, etc., a afetação do sujeito é inerente, ao passo que outros, como *matar* por exemplo, prescindem deste traço, sendo a afetação expressa mediante o uso das formas médias.

¹⁰⁴ Lyons, John (1969). *Introduction to theoretical linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.

¹⁰⁵ Klaiman, M. H. (1988). Affectiveness and control: a typological study of voice systems. In: Shibatani, M. (ed.). *Passive and voice* [Typological studies in language, v. 16]. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.

Classe semântica	Definição	Exemplos
1) cuidado corporal	ações executadas pelo indivíduo nele mesmo	<i>adornar-se, banhar-se, barbear-se, enfeitar-se, lavar-se, pentear-se, vestir-se</i>
2) movimento não-translacional	mudança na configuração do corpo, sem mudar a sua localização	<i>abaixar-se, esticar-se, inclinar-se, virar-se</i>
3) mudança na postura corporal	mudança na configuração do corpo, em relação a uma localização	<i>ajoelhar-se (no altar), deitar-se (na cama), levantar-se (do sofá), sentar-se (na cadeira)</i>
4) movimento translacional	movimento através do espaço	<i>aproximar-se, distanciar-se, mover-se, ir-se</i>
5) média de emoção ¹⁰⁶	processos/estados mentais emotivos	<i>alarmar-se, alegrar-se, arrepender-se, assustar-se, chocar-se, consolar-se, constranger-se, deleitar-se, embaraçar-se, enfurecer-se, entristecer-se, envergonhar-se, importar-se, incomodar-se, ofender-se, revoltar-se, satisfazer-se, zangar-se</i>
6) média de cognição	processos/estados mentais cognitivos	<i>decidir-se, esquecer-se, lembrar-se, dar-se conta, pensar consigo mesmo</i>
7) ato de fala emotivo	ato de fala de natureza emotiva	<i>gabar-se, lamentar-se, queixar-se, vangloriar-se</i>
8) outros atos de fala	atos de fala de natureza declarativa	<i>confessar-se, culpar-se, declarar-se, proclamar-se</i>
9) média indireta	a entidade Agente é comumente, ou necessariamente, o participante Recipiente ou Beneficiário da ação	<i>apropriar-se, apossar-se</i>
10) eventos naturalmente recíprocos	ações ou estados em que a relação entre os participantes é normalmente, ou necessariamente, mútua	<i>abraçar-se, brigar um com o outro, casar-se, competir, conversar, cumprimentar-se, encontrar-se, parecer-se</i>
11) eventos espontâneos	Processos que tipicamente são percebidos como ocorrendo sem a iniciação direta de um Agente	<i>criar-se, desenvolver-se, originar-se, estragar-se, tornar-se, transformar-se, recuperar-se</i>
12) passiva e impessoal	ações ou processos que envolvem um Agente não expresso	<i>O livro se vende bem. Isto não se diz.</i>

Quadro 7: Classes verbais semanticamente médias (KEMMER, 1993)

As classes semânticas enumeradas em (1-4) se referem a ações executadas por uma pessoa (Agente) em seu próprio corpo (Paciente). Elas se aproximam do tipo reflexivo propriamente dito, no sentido de que implicam volição e controle.

Nas médias de emoção e de cognição (tipos 5 e 6), por sua vez, a entidade que ocupa a posição sintática de sujeito tem o papel semântico de Experienciador. Estas classes normalmente compreendem uma segunda entidade que funciona como Estímulo do evento

¹⁰⁶ Lingüistas e gramáticos da língua portuguesa fazem menção a verbos deste tipo. Said Ali (1966) observa que em *aborrecer-se, excitar-se, arrepender-se, admirar-se*, não concebemos a pessoa como agindo sobre si mesma (ação reflexiva). Em vez disto, o que se expressa é um sentimento, indicando que a pessoa está vivamente afetada (cf. também BECHARA, 1980, 2001).

mental (seja ele de cognição ou de emoção), e que pode ou não figurar na expressão.

Exemplo:

- (284) The lion (Estímulo) roared. The people (Experienciador) *got scared* and ran away.
 KEMMER (1993:128)
 “O leão rugiu. As pessoas se assustaram e fugiram.”

Para Kemmer (1993), independentemente do fato de o evento mental ser conceptualizado como contendo um ou dois participantes, o Experienciador é sempre o Iniciador (na medida em que o evento mental se origina em sua mente) e o Ponto de Chegada (uma vez que ele é afetado mentalmente). A autora postula ainda que a separação conceptual entre Iniciador e Ponto de Chegada nos eventos mentais é inexistente. Esta é, a nosso ver, uma afirmação muito forte e generalizadora. Como vimos no capítulo 3, é perfeitamente possível analisar verbos desta classe (*decidir-se*, *consolar-se*) como envolvendo uma divisão da psique, ou, nos termos de Lakoff (1996), uma separação entre Subject e Self.

Diferentemente das ações corporais, vistas em (1-4), as médias de emoção geralmente não envolvem nem volição, nem controle por parte da entidade Experienciadora. Já as médias de cognição não têm esta restrição, podendo implicar ou não tais parâmetros semânticos.

Os atos de fala, enumerados em (7-8), também podem ser vistos como eventos mentais, mas diferentemente destes últimos, eles requerem a verbalização do conteúdo mental. Kemmer propõe separar atos de fala de natureza emotiva de outros que não têm necessariamente uma conotação emotiva. Este último tipo é exemplificado pela autora com verbos de natureza declarativa.

A média indireta (9) é semelhante ao reflexivo indireto propriamente dito, diferindo em que a identidade entre Agente e Beneficiário, ou Recipiente, é requerida ou previsível, dada a natureza semântica do verbo. Em outras palavras, a média indireta compreende ações que são normalmente ou necessariamente executadas em benefício próprio. Note-se que os

verbos em português, que usamos para exemplificar esta classe, são essencialmente pronominais.

Os eventos naturalmente recíprocos (10) também se aproximam dos eventos recíprocos verdadeiros, mas diferentemente destes últimos, eles se referem a ações que são normalmente ou necessariamente mútuas. Repare que “brigar”, em português, parece se enquadrar nesta classe, fato que é reforçado pelo famoso ditado “Se um não quer, dois não brigam”¹⁰⁷. Este verbo não admite o pronome clítico *se*, mas apenas a expressão recíproca *um com o outro*. Com base nesta oposição entre recíproco verdadeiro x recíproco natural, podemos examinar as estruturas do *corpus*, para verificar se este constitui um fator influente no índice de realização x não-realização do pronome.

Os eventos espontâneos (11) incluem processos fisiológicos (*criar-se, desenvolver-se*), mudanças fisicoquímicas (*secar-se, estragar-se, avermelhar-se*) e mudanças existenciais (*acabar-se, originar-se*). A entidade afetada por estes processos, que são geralmente físicos, é denominada Paciente por Kemmer (1993). Mas a autora reconhece que este termo não é adequado, porque sugere a existência de um Agente. Como visto nos capítulos 2 e 3, de acordo com a terminologia de Dik (1989) e Talmy (2003a,b), podemos atribuir à esta entidade afetada a função semântica de *Processed* ou *Undergoer*, sendo este último termo reservado para entidades sencientes.

Tipicamente estes eventos são vistos como não sendo causados por um Agente, mas isto não é uma regra. O padrão sintático de construções autônomas também pode ser usado para retratar eventos em que há uma entidade com propriedades de causador, mas o papel desta entidade no evento é, por razões pragmáticas, desenfaticado.

Para Kemmer (1993), portanto, não há uma separação rígida entre eventos espontâneos e as passivas. A autora defende a idéia de um continuum: num extremo, há os

¹⁰⁷ Evidentemente, os verbos desta classe só são naturalmente recíprocos se o sujeito for plural. Expressões como *Eu briguei com ele, e ele ficou chateado* mostram que a ação de brigar, por exemplo, não precisa ser mútua.

eventos que não implicam uma entidade Iniciadora; e no outro, aqueles que podem ser associados com um Agente, ou uma Força (*abrir-se, quebrar-se*). A localização de um evento num ponto deste continuum vai depender da conceptualização do falante, que tem a opção de retratar o evento como implicando uma causa, ou em vez disto, como ocorrendo de modo espontâneo. Neste último caso, o falante coloca a entidade afetada como único participante do evento. Esta é conceptualizada como Iniciador e Ponto de Chegada, isto é, o evento é tratado como emanando do Paciente¹⁰⁸.

A passiva (12) é usada para expressar o evento em que o causador, tipicamente um Agente, é entendido como existente, mas é geralmente colocado fora da cena. Se este Agente é genérico, não-específico, ou desconhecido, temos a estrutura impessoal. A construção com valor de indeterminação pode ou não conter uma entidade afetada, como respectivamente ilustram os exemplos (285) e (286) abaixo. Se a entidade afetada está presente, a estrutura acumula as noções de passividade e indeterminação (“passiva impessoal”).

(285) *Le livre se vend bien.* (KEMMER, 1993: 147-148)

“*O livro se vende bem.*”

(286) *Se habla mucho aquí.*

“*Fala-se muito aqui.*”

Para contrapor as construções médias às reflexivas, Kemmer (1993) se vale de um parâmetro semântico, denominado “*relativa diferenciação entre os participantes*”¹⁰⁹. Este é

¹⁰⁸ Esta análise de Kemmer (1993) se aproxima da proposta por Talmy (2003a,b), vista no capítulo 3. A semântica do verbo pode indicar que o evento implica necessariamente um Agente (cf. REINHART; REULAND, 1993; ARCE-ARENALES; AXELROD; FOX, 1994), mas o falante tem a opção de apresentar o evento como ocorrendo de modo autônomo. Segundo Kemmer (1993), a passiva está à metade do caminho de eventos de um participante, de um lado, e de dois participantes, de outro. Ela se aproxima do evento transitivo, no sentido de que envolve dois participantes, e se aproxima também do intransitivo, uma vez que o evento é tratado como tendo somente uma entidade saliente, que é assinalada como focal.

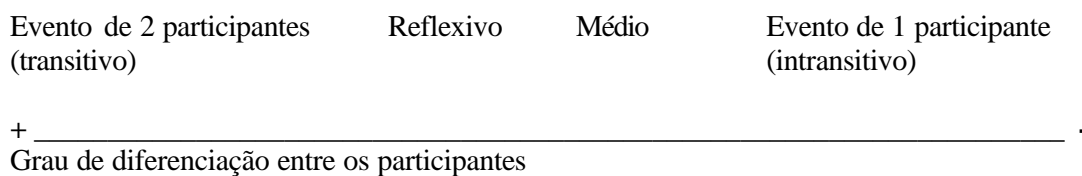
¹⁰⁹ Nos eventos espontâneos, nas estruturas passivas e nas impessoais, a relação semântica não tem a ver com a diferenciação entre os participantes, uma vez que, em geral, o causador é percebido como distinto da entidade afetada, isto é, Agente e Paciente são entidades separadas, sendo o primeiro colocado no plano de fundo. Nos eventos naturalmente recíprocos, a diferenciação se refere aos dois subeventos que compõem a relação/ação recíproca (ex.: *John beija Mary; Mary beija John*). Entende-se que os recíprocos naturais evocam menor separação entre os dois subeventos do que os recíprocos verdadeiros (Kemmer, 1993:112,207; 1994).

definido como o grau em que uma entidade é conceptualmente distinguida em partes separadas (mente x corpo, Agente x Paciente, etc.).

Uma maior separação pode estar presente quando há, por exemplo, um contraste entre aspectos puramente físicos de uma entidade e sua consciência, ou quando a expectativa de distinção conceptual está implicada na semântica do verbo. Uma menor separação é evocada quando o falante vê a entidade como conceptualmente unitária, e não como complexa, tomando a maneira como ele a descreve.

As ações referidas pelos verbos de uma determinada língua podem ser dispostas numa linha: no extremo direito, estariam as ações em que o Iniciador é o Ponto de Chegada, por definição; no meio, as ações em que o Iniciador é geralmente o Ponto de Chegada; e no extremo esquerdo, as ações em que o Iniciador e o Ponto de Chegada podem ser entidades completamente distintas. Neste continuum, teríamos, pois, obrigatoriedade, normalidade, ou opcionalidade de identidade referencial entre os dois participantes da cena (KEMMER, 1993).

Interpretando a correferência como um conceito semântico, descrito em termos do número de participantes da cena, e a transitividade como um reflexo sintático desta noção, Kemmer (1993:72-3) propõe dispor as construções reflexivas e médias como intermediárias entre eventos de dois e um participantes:



O reflexivo é como um evento de dois participantes, no sentido de que implica uma separação conceptual da entidade em duas partes. Esta divisão pode ser motivada porque o evento em questão normalmente envolve duas entidades. Nos casos em que o evento

tipicamente contém uma única entidade, a divisão pode ser evocada pela referência a dois aspectos distintos do indivíduo.

As construções médias também abrangem um Iniciador e um Ponto de Chegada, funções semânticas que recaem em um só referente, mas diferentemente das reflexivas, elas não implicam, ou implicam uma diferenciação conceptual mínima da entidade sob referência em partes conceptuais discretas. Ao contrário do que ocorre nas construções reflexivas, a correferência presente nas estruturas médias é esperada ou requerida pela semântica do evento e do verbo.

Analisando a relação entre forma e função, Kemmer (1993) comprova que esta distinção semântica é a base para a diferença na marcação das construções reflexivas e médias, em diversas línguas. A autora verifica que se uma língua dispõe de variação entre duas formas pronominais, a forma fonologicamente mais pesada e independente será utilizada nos contextos de reflexividade e reciprocidade propriamente ditas, enquanto a forma fonologicamente mais leve (ou zero) tenderá a ser favorecida nas estruturas médias.

Examinando línguas como o russo, o turco e o húngaro, Haiman (1983) nota que há um contraste entre pronome reflexivo (palavra independente) e reflexivo como afixo: enquanto o primeiro é usado para descrever eventos prototipicamente de dois participantes, o segundo é empregado para denotar eventos de um único participante. O autor observa ainda que a variação entre as duas formas, presente no russo, pode implicar diferença semântica.

Exemplos:

- (287) On utixomiril *sebj*a. (HAIMAN, 1983:797)
 “Ele acalmou a si mesmo/ ele mesmo.”
- (288) On utixomiril+*sja*.
 “Ele se acalmou.”

O exemplo (287) sugere um conflito entre as duas partes do Self. A interpretação proposta é a de que uma dessas partes (a de boa natureza) prevaleceu sobre a outra. Em (288),

porém, o processo é retratado como ocorrendo de modo espontâneo, involuntário, sem implicar divisão da psique.

Além de evocar a idéia de dois participantes, a forma independente e fonologicamente mais pesada também pode ser utilizada, no russo, para expressar contraste, ou ênfase, como no exemplo (290) a seguir:

(289) Ja kazdyj den' moju + *sja*. (HAIMAN, 1983:804)

“Eu todo dia me lavo.”

(290) Ja myl *sebjja*.

“Eu lavei A MIM MESMA (e não outra pessoa).”

O português, nos termos de Kemmer (1993), é uma língua de uma única forma, (isto é, utiliza o *se* como marcador medial e marcador reflexivo), mas abrange também formas alternativas, como o uso do pronome tônico mais o item lexical *mesmo*, *próprio*, para expressar a reflexividade. Os exemplos mencionados por Camacho (2003) mostram que o pronome tônico também pode ser usado em construções semanticamente médias, para expressar contraste, como em (291). A forma *vestir-se a si próprio* poderia ainda ser utilizada em casos especiais, em que o Agente, por alguma razão, não tem controle motor, sendo seu corpo tratado como um Paciente, como em (292).

(291) Antônio vestiu-se a si próprio, e não a seu irmão. (CAMACHO, 2003:97)

(292) Antônio vestiu-se a si mesmo pela primeira vez após a cirurgia.

Tais achados podem ser usados como fatores para explicar a variação pronominal do português, seja entre forma tônica x forma átona; seja entre presença x ausência do pronome. As idéias propostas por Kemmer (1993), Haiman (1983) e Camacho (2003) nos permitem lançar as seguintes hipóteses:

- 1) Estruturas médias: abrangeriam variação entre *se* x zero, favorecendo a segunda estratégia;
- 2) Estruturas reflexivas: abrangeriam variação entre *se* x *ele mesmo* / *a si mesmo* x zero, favorecendo o uso do pronome explícito;
- 3) Estruturas recíprocas: abrangeriam variação entre *se* x *um ao outro* x zero, favorecendo o uso do pronome explícito.

Estas hipóteses são baseadas na idéia de que a variação entre estas formas teria uma motivação icônica. Nos verbos que implicam diferenciação conceptual da entidade em duas partes, o pronome explícito tenderia a ser utilizado, ao passo que naqueles que não implicam esta diferenciação, a omissão do pronome seria a estratégia preferida.

Tais formulações têm relação com os conceitos de personalização e de lexicalização propostos por Talmy (2003a,b). Como vimos no capítulo 3, estas noções dependem decisivamente da língua que constitui o objeto de estudo.

O inglês, por exemplo, só utiliza o pronome explícito nas construções reflexivas e recíprocas verdadeiras, ao passo que os contextos de voz média não recebem marcação, isto é, são expressos com verbos usados intransitivamente; exemplos:

- (293) I saw myself. (KEMMER, 1993:42,59)
 “Eu me vi/ vi a mim mesmo.”
- (294) He *dressed*.
 “Ele se vestiu.”
- (295) He *sat upright*.
 “Ele se levantou.”

Quando, porém, a entidade Iniciadora é distinta do Ponto de Chegada, os verbos que expressam ações corporais, como *dress* e *sit*, são usados com objeto explícito:

- (296) *He dressed me.* (KEMMER, 1993:59)
 “Ele *me* *vestiu*.”
 (297) *He sat them upright.*
 “Ele *levantou* *eles*.”

O francês, diferentemente do inglês, explicita o pronome tanto nos contextos reflexivos propriamente ditos (exemplo 298), como nos mediais (exemplo 299):

- (298) *Il se voit.* (KEMMER, 1993:59)
 “Ele se *vê*.”
 (299) *Il se lave.*
 “Ele se *lava*.”

Outro aspecto que distancia o francês do inglês é que, na língua francesa, os verbos que expressam ações corporais têm sentido causativo, não-reflexivo, sendo o pronome utilizado para derivar estes verbos para o sentido médio correspondente, como em *asseoir* (‘sentar’, ‘assentar’) x *s’asseoir* (‘sentar-se’) (KEMMER, 1993:59,156).

Estes exemplos, assim como os mencionados por Talmy (2003b) vistos no capítulo 3, mostram que os verbos de uma língua podem ser morfossintaticamente modelados em ações de dois participantes, com marcação especial para os casos em que o Iniciador e o Ponto de Chegada têm a mesma identidade (ex.: verbos de ações corporais do francês); ou podem implicar ações de um único participante, com marcação especial para os casos em que não há identidade entre Iniciador e Ponto de Chegada (ex.: verbos de ações corporais do inglês). Haiman (1983) chama estes verbos de, respectivamente, “*extroverted*” e “*introverted verbs*”.

No português, um verbo como *lavar*, por exemplo, talvez não se enquadre na voz média, na medida em que normalmente expressa uma ação com dois participantes distintos (lavar a roupa, o carro, etc.). Para expressar o sentido médio, usamos mais frequentemente *tomar banho*, ou *banhar-se*. No inglês, o verbo *wash*, com o sentido de “lavar-se”, só ocorre com o pronome explícito quando o participante é [humano], como mostram os exemplos

(300-301). Para Kemmer (1993), isto não acontece nos contextos reflexivos propriamente ditos, em que o pronome é obrigatório, independentemente do traço semântico do referente.

- (300) John *washed*. (KEMMER, 1993:53)
 “John (se) lavou.”
 (301) Tiger was washing *himself*.
 “O tigre estava se lavando.”

Se tomarmos, portanto, o reflexivo verdadeiro como aquele que ocorre com um verbo ordinariamente de 2 participantes, servindo para marcar a identidade não óbvia ou não predizível entre Iniciador e Ponto de Chegada, e o médio como aquele que ocorre com um verbo que evoca um evento de um único participante, podemos testar a hipótese funcional de que o primeiro tenderia a ser expresso, ao passo que o segundo não necessitaria de codificação. Voltaremos a esta questão no item 4.4.4.

4.4.2 Tipo de verbo, grade temática do verbo, item lexical e papel semântico do sujeito

Nunes (1995) analisa a supressão de *se* reflexivo e *se* ergativo, conforme o tipo de verbo (ação, processo, ou estado).

O autor verifica que, entre as ocorrências de *se* reflexivo, predominam os verbos de ação, os quais favorecem a omissão do pronome, já desde o século XVI. Os verbos de processo e de estado, porém, tendem a inibir a omissão de *se* reflexivo.

Nas instâncias de *se* ergativo, os verbos de processo tendem a condicionar a supressão do pronome, ao passo que os verbos de estado a desfavorecem.

Nunes (1995:210) também examina a grade temática do verbo. O autor comprova que, entre as ocorrências de *se* reflexivo, predominam aquelas em que há uma “pré-fusão entre

Agente e Tema” (ex.: *levantar-se*)¹¹⁰ e que este contexto desfavorece decisivamente a utilização do pronome explícito.

Nunes (1995) analisa ainda a possível interferência de itens lexicais particulares no índice de supressão de verbos ergativos, como *chamar-se*, *lembrar-se*, *esquecer-se*. Estes dois últimos, que correspondem a verbos de processo, seguem a tendência geral de sua grade temática (Tema e Experienciador), favorecendo a omissão¹¹¹. *Chamar-se* (verbo de estado, cuja grade temática é Tema mais Predicativo), por sua vez, é um dos responsáveis pelo pico de supressão do clítico, encontrado nas entrevistas do século XX. Rodrigues e Pereira (2006) igualmente verificam que o verbo de estado *chamar* é quase que categoricamente empregado sem o pronome: no *corpus* estudado pelas autoras, há 78 ocorrências deste tem lexical, sendo apenas 1 com o uso de *se*. Entre os verbos ex-ergativos, Nunes (1995) comprova que *casar* é um outro item lexical que condiciona decisivamente a omissão do pronome.

Baseando-se no trabalho de Borba (coord. 1991), Rodrigues e Pereira (2006) analisam o peso dos fatores tipo de verbo (Ação, Processo, Ação-Processo e Estado) e papel semântico do sujeito, na variação do uso dos pronomes, em estruturas reflexivas, recíprocas e passivas reflexas do português popular. O primeiro fator não se mostra estatisticamente significativo. Já o papel semântico do sujeito foi selecionado como numericamente relevante pelo programa Varbrul. As autoras verificam que enquanto o sujeito Experimentador favorece a realização do pronome (peso relativo de .66), o sujeito Paciente e Inativo a desfavorecem decisivamente (pesos relativos de respectivamente .44 e .21). A baixíssima ocorrência de uso de *se* com verbos de estado é fortemente influenciada pelo item lexical *chamar*, como mencionado

¹¹⁰ Camacho (2003:107) também menciona a fusão de papéis, como por exemplo, Agente + Paciente (*virar-se*, *levantar-se*, *suicidar-se*) e Paciente + Experienciador (*lembrar-se*, *esquecer-se*, *arrepender-se*).

¹¹¹ Nunes (1995:226) hipotetiza que a supressão do clítico com o verbo *lembrar* motiva uma reestruturação: a construção não é mais interpretada como ergativa, e sim como transitiva, com o Experienciador sendo gerado na posição de argumento externo, e um argumento interno que dispensa a preposição *de*: (ex.: *Lembra o caso da catapora ...?*).

anteriormente. O sujeito Agente, por seu turno, não se mostra um contexto influente para explicar a variação (peso relativo de .52).

4.4.3 Estatuto gramatical do pronome e transitividade

Rodrigues e Pereira (2006) verificam a importância do fator estatuto gramatical do pronome – fundamentado em Borba (coord. 1991) – na análise da variação em estruturas reflexivas, recíprocas e passivas reflexas, encontradas no português popular.

Na introdução de sua obra, Borba (1991:xix) define *a forma pronominal* como “*construção do verbo com um pronome da mesma pessoa do sujeito que, não tendo função sintática específica, serve como índice do grau de participação do sujeito naquilo que o verbo indica*” (grifos nossos)¹¹². O autor estabelece que a forma pronominal pode ser obrigatória ou facultativa, junto a verbos de ação, de processo e de estado, como ilustram os exemplos a seguir:

	USO OBRIGATÓRIO	USO OPCIONAL
AÇÃO	(302) <u>Abaixei-me</u> para enxotar o cachorro.	(303) Ada <u>sentou(-se)</u> na mesa.
PROCESSO	(304) Eda <u>sente-se</u> infeliz.	(305) A porta <u>abriu(-se)</u> .
ESTADO	(306) A igreja <u>situa-se</u> na praça.	(307) Ida <u>trajava(-se)</u> de negro.

(BORBA, 1991:xiv,2)¹¹³

¹¹² Borba (1991:xix) nota ainda que é muito comum o pronome se tornar índice de processividade, como em *O leão acovardou-se: As samambaias só se aclimatam em lugares úmidos.*

¹¹³ A natureza das relações entre o predicado e seus argumentos determina o valor semântico do verbo. Se o primeiro argumento (sujeito) for ativo (Agente), o verbo será de ação; se for afetado (Experimentador, Paciente, Beneficiário), o verbo será de processo; se for ativo, ou causativo, implicando um afetado, o verbo será de ação-processo; e se for inativo, o verbo será de estado (BORBA, coord. 1991).

Já com verbos de ação-processo, o pronome tem, segundo Borba (1991), o status de complemento (i.e. ele faz parte da valência do verbo, sendo indispensável à composição de uma determinada estrutura oracional); exemplo:

AÇÃO-PROCESSO (308) De birra, Ude arranhou-se toda. (BORBA, 1991:2)

Há também um pequeno número de verbos de ação (*considerar-se*) e de processo (*ver*), em que o pronome é interpretado como complemento.

A classificação forma pronominal obrigatória x opcional toma como base as relações semânticas e sintáticas básicas do verbo e não coincide com o que a gramática tradicional denomina verbo essencialmente x acidentalmente pronominal. Um verbo essencialmente pronominal, como *agachar-se*, pode, de acordo com Borba, ser empregado na forma pronominal ou não. Esta classificação, proposta pelo autor, depende dos traços e papéis semânticos dos argumentos, com que o verbo é empregado, e da natureza do evento ao qual o verbo se refere. *Esparramar*, por exemplo, constrói-se obrigatoriamente na forma pronominal, quando se refere a uma ação com sujeito Agente, ao passo que é opcionalmente pronominal, se designa um Processo com sujeito Paciente, como ilustrado nos exemplos (12-13) reproduzidos a seguir:

- (12) Com a chegada da polícia, os manifestantes esparramaram-se. (BORBA, 1991:687)
- (13) bagagens se esparramando pelo chão.

Baseando-se na classificação de Borba (1991), Rodrigues e Pereira (2006) verificam que a realização do pronome é favorecida nos contextos em que ele tem o status de complemento, ou de forma pronominal obrigatória (peso relativo de, respectivamente, .62 e

.73); já nas instâncias em que é visto como forma pronominal opcional, o índice de uso de *se* é extremamente baixo (9%, peso relativo: .32).

Muitos autores discorrem sobre o estatuto gramatical dos pronomes reflexivos. Neves (2000) parece fazer uma distinção entre contextos em que o pronome é complemento (*ver-se, olhar-se, conhecer-se, encontrar-se, ferir-se, enfrentar-se*) e aqueles em que é parte integrante de verbos pronominais (*admirar-se, comover-se, decidir-se, concentrar-se, decompor-se, fatigar-se, sentar-se, bronzear-se*).

Bechara (1980) igualmente postula que, junto a verbos como *admirar-se, lembrar-se, arrepender-se, orgulhar-se*, o pronome faz parte do verbo e não tem uma classificação especial.

Cunha (1975) também distingue verbos reflexivos (*lavar-se, estimar-se, dar-se*) de verbos pronominais (*queixar-se, suicidar-se, debater-se, enganar-se*). Os primeiros admitem expressões de reforço (*a mim mesmo, um ao outro*), sendo que o pronome é considerado argumento (objeto direto ou indireto).

Segundo Camacho (2003), na construção média, o pronome reflexivo perde seu estatuto argumental, ele não representa um participante no esquema valencial e pode ser considerado um afixo pronominal. De fato, estudos que analisam estes pronomes, sob a perspectiva da teoria da gramaticalização, hipotetizam que eles estariam a caminho de se tornar afixos verbais, no português do Brasil (OLIVEIRA, 2006; CASTILHO, 1997).

O pronome reflexivo segue o padrão de colocação pronominal no português, colocando-se quase que categoricamente proclítico ao verbo. Este é um argumento a favor de seu estatuto como forma pronominal. Rodrigues e Pereira (2004) constataam que as poucas exceções, que fogem ao padrão de colocação anteposto ao verbo, constituem expressões cristalizadas (exs.: *acabou-se, foi-se embora*).

O reflexivo comporta-se como um clítico¹¹⁴, e sofre algum grau de fusão fonológica com o verbo, do qual não pode ser separado por elementos intervenientes¹¹⁵. O próximo estágio, na escala de gramaticalização proposta por Hopper e Traugott (1993), prevê que o reflexivo se torne um afixo, ou, mais especificamente, um prefixo verbal:

Item lexical>gramatical>clítico>afixo

Na medida em que esta linha constitui um continuum, torna-se difícil determinar a fronteira entre clítico e afixo. Possíveis indicações do processo de afixação seriam: a perda do paradigma de pessoa (a forma de 3ª pessoa se generalizaria para todas as pessoas), a perda de substância fonológica e a fusão com o verbo (*ele se encontra* > *ele s'encontra*).

Jacob (2004) questiona se, em vez de descrevermos este processo em termos de gramaticalização, não seria melhor falar-se em *lexicalização*¹¹⁶, já que *se* não é analisado como pronome, nem como elemento sintagmático, mas como parte da expressão lexical do verbo.

O próprio Jacob propõe que, em alguns casos, o pronome pode ser analisado como instrumento gramatical que marca a redução de um dos argumentos do verbo (cf. também DIK, 1989, 1997).

¹¹⁴ Kemmer (1993:170) propõe a seguinte definição de clítico: “*morfema que é fonologicamente parte de uma palavra, mas se comporta sintaticamente como uma palavra separada*” (tradução nossa). Para Hopper e Traugott (1993:6), “*clitics may be thought of as forms that are half-way between autonomous words and affixes*”. Reich (2006) postula que o processo de morfologização de palavras funcionais, que transforma palavras livres em clíticos, e estes em afixos, é essencialmente fonológico, já que a diferença entre clíticos e palavras livres reside na carência de acento dos primeiros. O autor defende uma explicação prosódica para a omissão dos reflexivos: “*o princípio que imperou no desenvolvimento da possibilidade de ‘suprimir’ os clíticos reflexivos no sudeste foi a analogia com construções com objetos nulos que surgiram de processos fonológicos que elidiram os clíticos acusativos de 3ª pessoa para melhorar a estrutura silábica mediante a estabilização dos núcleos vocálicos*” (REICH, 2006).

¹¹⁵ Veja a seguinte expressão, dita por um falante gaúcho, num programa de televisão: *Domar cavalo é difícil. As veiz se doma, as veiz não se doma*. Note-se que se ele dissesse *as veiz se não doma*, a interpretação mais plausível seria a de que *se* é na verdade *cê*, forma clítica do pronome você.

¹¹⁶ Castilho (2006) propõe que os processos de mudança e criação linguística compreendem não só a gramaticalização, mas a lexicalização, a discursivização e a semanticização.

Grimshaw (1988) analisa três funções do clítico francês *se*: intrínseco, reflexivo/recíproco e marcador da forma medial. Em sua análise, o *se* não é visto como pronome, nem como argumento; ele nunca exerce a função de objeto direto ou indireto, nem mesmo nos contextos de uso reflexivo propriamente dito. Segunda a autora, verbos reflexivos *se* comportam intransitivamente: eles têm um argumento gramatical e semântico a menos.

Bogard (2006:755), que examina o clítico *se* no espanhol, propõe que ele só é redutor de argumento em alguns contextos, como por exemplo, nas estruturas ativas impessoais (ex.: (309) *se vende libros viejos*), nas passivas (ex.: (310) *se trajeron los libros*) e nas anticausativas (ex.: (311) *se derritió la nieve*).

Na presente pesquisa, hipotetizamos que é possível caracterizar o pronome reflexivo como “mais” ou “menos” argumento, a depender da estrutura em que ele é empregado. Um dos fatores que utilizaremos em nossa análise é a transitividade, conforme a proposta apresentada no trabalho de Hopper e Thompson (1980).

De acordo com estes autores, a transitividade não é uma propriedade binária, mas sim um continuum. Tradicionalmente, a transitividade é definida como uma ação executada ou transferida de um Agente para um Paciente. Esta ação pode ser mais ou menos efetivamente transferida de acordo com um número de parâmetros, expostos no quadro a seguir:

PARÂMETROS	ALTA TRANSITIVIDADE	BAIXA TRANSITIVIDADE
a) Número de participantes	2 ou mais participantes (Agente e Objeto)	1 participante
b) Cinese	Ação	Não-ação
c) Aspecto (telicidade)	Télico	Atélico
d) Pontualidade	Pontual	Não-pontual
e) Volição	Volitiva	Não-volitiva
f) Polaridade	Afirmativo	Negativo
g) Modo	Realidade	Não-realidade
h) Agentividade	Agente alto em potência	Agente baixo em potência
i) Afetação do objeto	Objeto totalmente afetado	Objeto não afetado
j) Individuação do objeto	Objeto altamente individualizado	Objeto não-individualizado

Quadro 8: Parâmetros de transitividade (HOPPER; THOMPSON, 1980:252)

Vejamos os esclarecimentos dos autores (HOPPER; THOMPSON, 1980:252-3):

- a) *Número de Participantes*: nenhuma transferência pode ocorrer a não ser que haja pelo menos dois participantes envolvidos;
- b) *Cinese*: ações podem ser transferidas, estados não. Algo acontece com Sally em *I hugged Sally* ('Eu abracei Sally'), mas não em *I like Sally* ('Eu gosto de Sally');
- c) *Aspecto*: uma ação que tem um ponto final (télica) é mais efetivamente transferida a um Paciente do que uma ação não-télica. Em *I ate it up* ('Eu comi tudo'), a atividade é vista como completa, mas em *I am eating it* ('Eu estou comendo'), a transferência é só parcialmente levada a efeito;
- d) *Pontualidade*: ações pontuais (i.e. sem fase de transição, entre seu início e seu completamento) têm mais efeito no Paciente do que ações não-pontuais;
- e) *Volição*: o efeito no Paciente é mais aparente se há um Agente, que é apresentado como agindo propositadamente (exs.: *I wrote your name* 'Eu escrevi seu nome' x *I forgot your name* 'Eu esqueci seu nome');
- f) *Polaridade*: se refere à oposição afirmativo x negativo;
- g) *Modo*: uma ação irreal é obviamente menos efetiva do que a apresentada como correspondendo a um evento real;
- h) *Agentividade*: participantes Agentes podem transferir a ação mais efetivamente do que não-Agentes (exs.: *George startled me* 'George me surpreendeu/chocou' x *The picture startled me* 'A fotografia me surpreendeu/chocou');
- i) *Afetação do objeto*: se refere ao grau em que o Paciente é afetado (completamente, parcialmente, etc.) (exs.: *I drank up the milk* 'Tomei todo o leite' x *I drank some of the milk* 'Tomei um pouco do leite');

- j) *Individuação do objeto*: a ação é mais efetivamente transferida se o objeto Paciente é individualizado. O grau de individuação é determinado por um conjunto de propriedades, enumeradas no quadro abaixo:

Objeto Individualizado	Objeto não-individualizado
Paciente distinto do Agente	Identidade entre Paciente e Agente
Específico, particular	Não-específico, geral
Humano, animado	Inanimado
Concreto	Abstrato
Singular	Plural
Contável	Não-contável
Definido	Indefinido

Quadro 9: Propriedades que determinam o grau de individuação do objeto (HOPPER; THOMPSON, 1980:253)

Vimos que um dos parâmetros utilizados por Bechara (2001), para caracterizar a construção reflexiva, é a negação da transitividade. Quando se refere à voz média, Ilari, Franchi e Neves (1996:163) colocam o pronome *se* em uma posição intermediária: “*em oposição à voz transitiva (descrevendo uma ação que de algum modo ‘passa’ do sujeito ao objeto) e à voz intransitiva (onde a ação por definição ‘não passa’) temos uma ação em princípio transitiva, mas que no caso se esgota em um único referente*”.

Hopper e Thompson (1980) vêem o pronome reflexivo como um “objeto mínimo”: a oração com um reflexivo pode ser vista como mais transitiva do que uma sem ele, porque o pronome é uma marca morfológica do objeto, ainda que seu referente não seja distinto do sujeito. As construções com o pronome reflexivo teriam, portanto, um status intermediário entre estruturas de um e dois argumentos: se comparadas a orações de um argumento, elas podem ser vistas como mais transitivas, e se comparadas a orações de dois argumentos, elas tipicamente mostram características associadas com baixa transitividade. Os autores também

aceitam a idéia de que os pronomes reflexivos possam ser usados para transformar um verbo transitivo em intransitivo (ouvir ‘abrir’ x s‘ouvir ‘abrir-se’)¹¹⁷.

Croft (1994) também situa os reflexivos em uma posição intermediária. Segundo o autor, algumas situações podem ser conceptualizadas como ativas/transitivas, ou como médias/intransitivas. Há línguas em que os reflexivos são transitivos: o participante é visto como separado em causa e efeito; em outras línguas, os reflexivos são afixos verbais que tornam o verbo intransitivo.

Para Kemmer (1994), se uma língua dispõe de duas formas distintas, uma para o sentido reflexivo e outra para o médio, o reflexivo terá comportamento transitivo, ao passo que o marcador medial terá comportamento intransitivo. Já para línguas de uma única forma, ambas as construções tendem a ser intransitivas.

4.4.4 Preservação da informação

Grande parte dos verbos que podem ser usados reflexivamente tem contraparte transitiva, podendo ser empregados como verbos de ação-processo com dois referentes distintos. Vimos que o falante do português brasileiro tende a omitir não só o objeto correferencial, como o não-correferencial. É possível que esta tendência geral de omissão do objeto ocasione, em alguns casos, o comprometimento da informação. De fato, a literatura lingüística já atesta casos de incompreensão ocasionados pela supressão do reflexivo, como ilustrado no exemplo (63), reproduzido a seguir:

¹¹⁷ Said Ali (1966:90) interpreta isto sob o ângulo oposto: para ele, em alguns casos, é a *supressão* do pronome que dá ao verbo um caráter intransitivo, como em: *O barco afundou(-se); A baía alarga(-se) para o interior; Ajoelhei(-me) diante dele.*

- (63) DOC. Alaga a rua toda! O senhor não tem vontade de mudar um dia?
 INF. Como assim? Mudar o que? Mudar em que? (LIMA-HERNANDES, 2004)

Uma de nossas hipóteses estabelece que a omissão de *se* tenderá a ser evitada em contextos como o exemplificado em (63), em que a sua ausência prejudica a informação referencial.

Examinando estruturas de passiva reflexa encontradas no português popular (cf. PEREIRA, 2006), pude verificar que predomina a tendência de não-realização do pronome, a qual atinge 68% dos casos. Todavia, a ausência de *se* geralmente não implica em comprometimento da informação. Os contextos discursivo e semântico esclarecem que o verbo se refere a um processo e que seu argumento tem a função semântica de Paciente. Examinemos os exemplos a seguir:

- (312) eu qui cuidei dele (...) tinha que levantá ele sentá ele num caxoti () punha umas barra di fogu numa lata preli isquentá
 (313) era u lobisomi (...) depoi que eli transforma, eli nu qué sabê u qui qui é né?
 (314) o médico começô “você num pode tê filho vai tê que operá” (PEREIRA, 2006:551)

Vemos que em (312), a forma *preli isquentá* não poderia ser interpretada como para ele esquentar a comida, o café. O contexto discursivo esclarece que o referente do verbo é uma pessoa doente, que não tem condições de praticar estes tipos de atividades, e que a forma em questão só pode ser entendida como ‘esquentar-se’, ‘aquecer-se’, ainda que o reflexivo não esteja presente. Em (313), o nosso conhecimento cultural nos permite saber que o referente “lobisomem” não transforma algo, mas sim transforma a si mesmo. Em (314), o próprio item lexical favorece a interpretação passiva: sabemos que uma pessoa não opera a si mesma, e sim é operada por um médico, participante que é inclusive mencionado na fala da informante.

Reich (2006) igualmente hipotetiza que a possibilidade de omissão do pronome depende decisivamente dos contextos discursivo e situacional, como ilustrado nos exemplos citados pelo autor:

- (315a) João caiu da bicicleta e machucou.
- (315b) João bateu em José e se machucou.
- (315c) *João bateu em José e machucou. (REICH, 2006)

Uma hipótese funcional estabelece que a supressão de *se* será evitada nos contextos em que há dois referentes em competição para o papel de objeto. Note-se que em (315c), além da presença de dois referentes, a omissão do pronome favorece a interpretação não-reflexiva. Reich (2006) hipotetiza que o clítico tenderá a ser utilizado em casos como este, em que o sentido reflexivo não é evidente.

A importância dos contextos discursivo e situacional, para a interpretação do referente da casa vazia do objeto, parece ser realmente inquestionável¹¹⁸. Já a interpretação baseada nas características semânticas do verbo pode ser problemática, mesmo que o pronome seja explicitado. Ainda que um verbo como *barbear-se*, por exemplo, represente normalmente uma ação reflexiva, uma forma como (316) *Ele se barbeou* pode ser interpretada como passiva, no caso de a pessoa estar saindo de uma barbearia (cf. DUTRA, 1981). Pode-se até questionar se a ação de barbear é vista como uma atividade própria da entidade iniciadora/controladora do evento sobre si mesma, como proposto por Camacho (2003) e Kemmer (1993). Em um exemplo retirado das entrevistas com falantes rurais estudados por Assis (1988), o informante não consegue entender a forma *barbear-se* como ‘barbear a si mesmo’:

¹¹⁸ Como observa Dutra (1981:75), dada a multifuncionalidade de *se*, o contexto pragmático é indispensável para determinar sua função. Fora do contexto, é impossível dizer se uma oração como retirou-se a guarda, tem significação passiva, reflexiva ou indeterminada.

- (317) Doc. Dona Maria, o seu marido se barbeia?
 Inf. Não!
 Doc. O seu marido, o sô Zé, faz barba?
 Inf. Faiz. (...) As vez ele barbeia lá no Quinca, otras vez é ele memo.
 (ASSIS, 1988:72)

Note-se que, neste caso, o informante utiliza a forma zero na estrutura de sentido passivo, e a forma *ele mesmo* para marcar a reflexividade propriamente dita.

Os casos de incompreensão atestados por Assis incluem também verbos acidentalmente pronominais:

- (318) Doc. Você conhece alguém que se matou?
 Inf. Conheci. O seu Geraldo. O que ele matô tava brigano com o filho dele. Aí, o seu Geraldo matô ele. (ASSIS, 1988:72)

O verbo *matar* se enquadra no tipo de personalização diádica, referindo-se normalmente a uma ação voltada para outrem. Na presente pesquisa, hipotetizamos que o pronome tenderá a ser utilizado em contextos como este. Nos exemplos (317-318), o pronome é explicitado na fala do documentador, ainda assim os informantes não são capazes de interpretar o pronome *se* como reflexivo, porque este não faz parte de sua gramática. É possível que tais casos de incompreensão não ocorressem, se o documentador optasse pela forma tônica “*ele mesmo*”, esta sim presente na gramática desses falantes.

Estudos como os de Garcia (1986) nos fazem crer que a própria variação entre formas é funcionalmente motivada. Segundo a autora, o espanhol utiliza como marcas de reflexividade a forma *se*, nos casos em que a identidade do referente do pronome é óbvia, e a forma *el*, nos contextos em que o ouvinte tem que dispensar mais atenção para localizar o antecedente do pronome. Groppi (2004), como mencionado no capítulo 2, destaca, da mesma forma, que quando há a intenção de salientar o referente, só o pronome tônico pode ser usado, porque o clítico não pode sustentar o acento de foco.

Diver (1986) também encontra motivações discursivas para a variação entre *se* e *is* no latim: só *se* é utilizado quando o referente (antecedente) é facilmente localizável, isto é, é o centro de atenção, Tópico do discurso. Haiman (1983) igualmente mostra que a variação entre ausência x presença do reflexivo, e afixo x pronome, é governada, em diversas línguas, pela previsibilidade semântica do objeto: quanto mais predizível, menos codificação requer.

Como bem nota Bogard (2006), as estruturas têm de ser analisadas levando-se em conta o seu rendimento comunicativo. O clítico, ao repetir o conteúdo referencial do sujeito da oração e/ou Tópico do discurso, constitui um elemento de coesão textual, independentemente de sua função semântica, ou gramatical (marcador de sentido reflexivo ou recíproco, redutor de argumento/marcador de voz, marcador de aspecto perfectivo, marcador de afetação do sujeito, etc.).

4.4.5 Escolaridade, Idade, Sexo e Local de residência do informante

Encerramos este capítulo com uma breve menção aos fatores sociais. Nunes (1995) verifica que o fator escolaridade tem influência relativa na variação: o índice de supressão do pronome é de 65% entre falantes com 1º grau, e de 57% entre falantes com 2º grau, mas apenas de 32% entre falantes com curso superior. Estes dados mostram que completar o curso secundário não é fator suficiente para a aquisição dos pronomes reflexivos.

No *corpus* que registra o português popular falado na região sudeste, Rodrigues e Pereira (2006) constatam a relevância de três fatores sociais: idade, sexo e local de residência do informante.

Os resultados relativos à idade mostram que, na região urbana de São Paulo, são os jovens os que mais realizam o pronome (frequência de 53%, peso relativo de .74). Estes são seguidos pelos informantes de meia idade (frequência de 41%, peso relativo de .59). Já entre informantes idosos (grupo constituído, em sua maioria, por moradores da zona rural de São Paulo e de Minas Gerais, além de alguns habitantes da cidade de São Paulo), o índice de realização de *se* é extremamente baixo (15%, peso relativo de .42). Estes dados contradizem grande parte dos estudos (incluindo-se aqui a presente pesquisa), que partem do pressuposto de que estaria em curso uma mudança lingüística em direção à perda dos pronomes reflexivos no português do Brasil. Os resultados encontrados por estas autoras sinalizam, ao contrário disto, para uma possível reativação no uso desses pronomes, na variedade popular da região urbana de São Paulo.

O fator sexo, por sua vez, mostra que os homens tendem a empregar o pronome com uma probabilidade maior do que as mulheres (peso relativo de, respectivamente, .61 e .41), resultado que igualmente vai contra um grande número de estudos sociolingüísticos, que defendem a idéia de que as mulheres tenderiam a se aproximar mais da norma padrão.

O local de residência, por fim, indica que na região urbana a frequência de realização de *se* (43%, peso relativo: .61) tende a ser maior do que aquela encontrada entre informantes que habitam a zona rural (12%, peso relativo: .42) (RODRIGUES; PEREIRA, 2004, 2006).

Todos os trabalhos aqui citados são decisivos para o estabelecimento de hipóteses e fatores (lingüísticos e sociais), com os quais se pode relacionar a variação entre realização x não-realização do pronome no *corpus* sob análise.

5. O CORPUS SOB ANÁLISE

5.1 Caracterização social dos informantes

Os dados que servem de base para a análise foram retirados de 72 entrevistas que compõem o *corpus* do *Português Popular em São Paulo*¹¹⁹, organizado por Rodrigues (1987). Os informantes são adultos de ambos os sexos, analfabetos ou semi-escolarizados, na sua grande maioria, migrantes da zona rural do estado de São Paulo e de outras regiões brasileiras, que moram em favelas e conjuntos habitacionais populares da cidade de São Paulo¹²⁰.

Sem deixar de atentar para o conjunto de características sociais destes informantes – que faz deles um grupo sociolingüisticamente determinado e torna uniforme o seu padrão de vida –, é o seu grau de escolaridade (até no máximo 4 anos de escolarização) que constitui o parâmetro decisivo para classificá-los como membros de uma comunidade lingüística que faz uso de uma variedade denominada popular.

Como nota Rodrigues (1987:100), “*este grupo caracteriza-se por uma prática lingüística típica, entendida como comportamento verbal regular, que lhe dá identidade enquanto grupo.*” Distanciados da escola e desempenhando funções que não exigem o conhecimento da língua escrita, eles tendem a manter os hábitos lingüísticos da fase de aquisição de seu vernáculo:

¹¹⁹ A designação *Português Popular em São Paulo* é justificada pela evidente complexidade demográfica da capital paulistana, resultante do intenso processo de migração interna (RODRIGUES, 1987).

¹²⁰ Dos 72 informantes que fazem parte de nossa pesquisa, apenas 4 não residem em São Paulo, mas numa favela situada no município de Guarulhos.

Se já nos primeiros anos de vida aprenderam a dominar os mecanismos básicos do português oral, a sociedade não lhes permite, no decorrer da vida, alcançar outros estágios no processo de aquisição ou aprendizagem da língua materna, ou certas habilidades de expressão que instituições sociais típicas, como a escola, se encarregam de difundir. (RODRIGUES, 1987:95)

Os informantes estão estratificados conforme os seguintes parâmetros sociais: sexo, faixa etária, escolaridade, procedência, ocupação e favela.

5.2 Metodologia empregada na coleta de dados

Rodrigues (1987) realizou 40 entrevistas, gravadas em 1986 e 1987, com informantes residentes nas favelas do Jardim Carombé e do Jardim Paulistano. Desde 1997, a pesquisadora vem organizando novos inquéritos, com informantes com as mesmas características sociais, gravados por seus alunos, em várias favelas da capital paulista.

Para obter dois conjuntos de dados de tempo real e de tempo aparente, necessários para a comprovação ou refutação da tese defendida na presente pesquisa, valemo-nos de 36 entrevistas realizadas por Rodrigues, nos anos de 1986-1987, e de 36 entrevistas feitas por seus alunos de pós-graduação, entre 1997 e 2001. Esta segunda amostra pode ser caracterizada como um estudo do tipo *tendência*.

Os dois métodos propostos por Labov (1994, 2001) para re-estudar uma comunidade, de modo a obter novos dados em tempo real, são os estudos do tipo *painel* (*panel study*) e do tipo *tendência* (*trend study*). O estudo tipo painel contacta os mesmos falantes que fizeram parte do primeiro estudo, para entrevistá-los novamente. Mas, como nota Labov, se estamos lidando com uma grande população urbana, será difícil localizar os mesmos indivíduos que integraram o estudo anterior. Então a proposta do estudo tipo tendência é seguir os mesmos

procedimentos, embora com indivíduos diferentes, para obter uma segunda amostra representativa da comunidade¹²¹.

Na segunda amostra (1997-2001), recolhida pelos alunos de Rodrigues, usam-se os mesmos métodos de coleta de dados, e os mesmos critérios para seleção de informantes adotados na primeira amostra (1986-1987). Os dados estão separados por um período de no mínimo 10 anos – o que satisfaz o intervalo de tempo mínimo sugerido por Labov (1994): de 5 a 10 anos – de modo que podemos obter uma visão geral dos padrões de variação e avaliar se a variável implica, ou não, uma mudança lingüística em curso.

Estes *corpora* também podem ser caracterizados com base nos conceitos de ‘*estudo localizado*’ (“*site study*”) e “*amostra aleatória*” (“*random sample*”) de Labov (2001).

A amostra aleatória de indivíduos dá a cada um a mesma oportunidade de entrar na amostra, e constitui o procedimento mais adequado para identificar o comportamento, as opiniões e as práticas características de uma grande comunidade urbana, como São Paulo. Na medida em que o *corpus* recolhido pelos alunos da Profa. Angela C. S. Rodrigues, entre os anos de 1997 e 2001, inclui dados de língua falada de informantes de várias favelas da capital paulista, as quais foram escolhidas ao acaso por cada aluno, podemos considerar este material como uma amostra aleatória.

O estudo de Rodrigues (1987), por outro lado, pode ser caracterizado como um estudo localizado: ele abre mão de representar a comunidade inteira, para ter um entendimento mais profundo de como os falantes se relacionam numa comunidade específica, no caso, as favelas do Jardim Carombé e do Jardim Paulistano.

É importante notar, porém, que estamos considerando que as pessoas de baixa ou nula escolaridade, que moram em favelas da capital paulista, integram uma grande comunidade lingüística urbana, que faz uso de uma variedade não-padrão, denominada português popular.

¹²¹ Segundo Labov (1994), o estudo do tipo tendência é o mais adequado para estudar mudanças lingüísticas em progresso, porque proporciona 2 conjuntos de dados de tempo aparente e de tempo real.

Ainda assim, levaremos em conta a residência em uma determinada favela como um fator que pode eventualmente interferir no comportamento lingüístico dos falantes.

O *corpus* do português popular em São Paulo, organizado por Rodrigues, compõe-se de entrevistas sociolingüísticas que registram a produção espontânea de membros desta grande comunidade.

Estas entrevistas foram conduzidas com cuidados especiais para reduzir os efeitos do “paradoxo do observador” (i.e. o objetivo do sociolingüista é observar como as pessoas falam quando elas não estão sendo observadas) e suscitar o discurso casual (i.e. quando o falante dirige uma atenção mínima a sua linguagem) (LABOV, 1972/1991). Elas foram gravadas na própria residência do informante, muitas vezes com a presença de amigos, vizinhos ou parentes; não seguiram um roteiro pré-estabelecido, deixando o informante à vontade para falar do assunto que desejasse; não foi dito ao informante que se tratava de um estudo sobre a língua, mas sim de uma pesquisa sobre o modo de vida e as condições sociais da comunidade. Todos os informantes, porém, sabiam que estavam sendo gravados.

5.3 O português popular: aspectos históricos e sociais

A presente pesquisa se insere no *Projeto Caipira (Projeto de História do Português Paulista)*, o qual tem por objetivo reconstruir a história lingüística e social do português de São Paulo.

Partindo do presente para o passado e apoiando-me no “Princípio da Uniformidade” de Labov (1972/1991), acredito que obteremos uma melhor compreensão das mudanças que

atingiram o português brasileiro (PB) no passado, se analisarmos detalhadamente aquelas que estão em progresso no presente.

O estudo de aspectos variáveis do português popular atual, aliado a dados sócio-históricos e demográficos, é uma vertente essencial para reconstituir a história lingüística e social do português diversificado que aqui no Brasil se formou.

Mattos e Silva (2002) observa que, no contexto sócio-histórico brasileiro, a língua socialmente dominante foi adquirida pela maioria da população de origem não-européia, na oralidade e sem o controle da normatização escolar, resultando nas formas que caracterizam hoje o português popular.

Segundo a autora, o processo de contato ocorrido no Brasil colonial entre o português europeu, as línguas indígenas e as línguas africanas, bem como as mudanças lingüísticas que dele resultaram, só podem ser interpretados com base nas teorias de contato lingüístico e nas conseqüências evidenciadas nas modalidades do PB que hoje convivem em nosso território, sobretudo do português popular.

A cidade de São Paulo constitui um laboratório ideal para a análise dos processos de contato e das mudanças lingüísticas resultantes. Aqui, o invasor português adotou por três séculos a língua do povo indígena, dando lugar à língua geral paulista. Só a partir do século XVIII, a língua portuguesa se impôs. No século XIX, surgiram novos aloglotas, fazendo com que o português de São Paulo convivesse com o italiano e o espanhol (entre outras línguas européias) e algumas línguas orientais. Posteriormente, no século XX, alterações demográficas causadas por migrações internas levaram falantes de variedades geográficas e sócio-culturais do PB a interagir na capital paulista. Esta constitui uma outra forma de contato, não mais entre línguas, mas entre variedades:

Em São Paulo, a constituição da metrópole pôs em contacto, inicialmente, falantes paulistas da zona rural com falantes paulistanos da zona urbana. Depois, falantes do português nordestino e do português do sudeste convivem com os falantes do português paulista. Lembrem-se ainda o contacto entre falantes cultos e falantes analfabetos. (CASTILHO, 2001:341).

Para este autor, as transformações ocorridas na sociedade de São Paulo nos séculos XIX e XX, causadas pelas migrações externa e interna, pela urbanização do Estado e metropolização da capital, individualizaram a variedade paulista do PB (CASTILHO, 2001).

Tal variedade é, em decorrência da própria história da sociedade paulistana, sociolinguisticamente diversificada: à variedade culta, dominada pelas classes escolarizadas, contrapõe-se uma variedade popular, ou não-padrão. Como nota Rodrigues (1987):

Nas grandes capitais brasileiras, principalmente na capital federal e naquelas das regiões Sul e Sudeste, de que São Paulo é legítima representante, verifica-se um fenômeno especial de variação sociolinguística, explicável pelo intenso fluxo migratório de todas as regiões do Brasil, principalmente do Nordeste, em direção aos grandes centros urbanos. Percebe-se que, na cidade grande, a variedade linguística que utilizam os migrantes em seus estados de origem, deixa de representar, significar ou simbolizar sua região, já que passam a compor o imenso contingente de mão-de-obra não especializada, uma grande maioria de pobres, analfabetos, membros de um estrato social inferior.

A variedade de língua que utilizam, regional na origem, torna-se variedade social, símbolo de uma posição social inferior. Os migrantes vão constituir, com a população da capital e de regiões próximas a ela, pertencente ao mesmo estrato social, um extenso grupo de usuários de uma variedade popular ou não-padrão, estigmatizada, que se torna, ela mesma, um indicador da classe socioeconômica a que pertencem... (RODRIGUES, 1987:80-81)

Um dos objetivos do Projeto *Caipira* é justamente verificar as conseqüências linguísticas da urbanização de São Paulo, que se deu com a incorporação, na região metropolitana, das populações rurais, detentoras da variedade popular (CASTILHO, 2001).

Pelo que foi exposto até aqui, depreende-se que a presente pesquisa, que se propõe analisar um aspecto específico da gramática destes falantes – a variação e possível mudança no uso dos pronomes reflexivos – justifica-se na medida em que se apresenta, no contexto do

Projeto *Caipira*, como uma modesta contribuição para a reconstrução da história lingüística e social do português de São Paulo.

Uma outra motivação para este estudo está ligada à minha atuação como pesquisadora da área de Sociolingüística do PB e à minha experiência como professora de língua portuguesa e corretora das redações do ENEM. Estas atividades me permitiram ter plena consciência de que são significativas as diferenças que separam o português popular do português padrão que as instituições escolares procuram difundir. Como nota Rodrigues (1987), é enorme o esforço que estes falantes devem despende para a aprendizagem da variedade padrão, o que em geral não acontece, já que lhes são barradas as oportunidades de aquisição de novas variedades lingüísticas.

Este problema se repete na geração seguinte. Ainda que grande parte dos pais mostre preocupação com o estudo dos filhos, desejando dar-lhes a oportunidade que eles mesmos não tiveram, os vários anos de escolaridade não resultam na aquisição da norma culta. Em outras palavras, seus filhos freqüentam uma escola que não obtém êxito em lhes ensinar a norma e ainda estigmatiza a variedade por eles utilizada.

Faz-se, assim, necessário o estudo científico e sistemático das especificidades gramaticais da variedade lingüística popular – “face majoritária do PB” (MATTOS E SILVA, 2001:298), para que “a instituição escolar, consciente dos pontos de discrepância entre esta variedade e aquela que se propõe a divulgar pelo ensino da língua escrita, desenvolva estratégias adequadas para a consecução desse objetivo” (RODRIGUES, 1987,62-63).

6. ANÁLISE DOS DADOS

6.1 Critérios para a seleção de ocorrências

Este capítulo discorre sobre os resultados da análise de 72 inquéritos, que integram o *corpus* do português popular em São Paulo, organizado por Rodrigues. Como visto no capítulo anterior, trata-se, na verdade, de dois conjuntos de inquéritos: um gravado entre os anos de 1986 e 1987, e outro, entre os anos de 1997 e 2001. Uma vez que nos propomos comprovar ou refutar a tese de mudança lingüística, a análise foi feita separadamente para estes dois *corpora*.

Recolhemos *todas* as ocorrências que expressam a idéia de *reflexividade*, *reciprocidade*, ou *passividade*, e nas quais se espera a realização de um pronome anafórico. A análise acabou não se restringindo à variação entre *se x zero*, já que contemplamos todas as pessoas do discurso e todas as formas pronominais, fossem elas átonas ou tônicas (ver item 6.2).

Desta seleção foram excluídos os seguintes dados:

- a) 35 instâncias de hipercorreção. Notamos que a hipercorreção ocorre em contextos variados:

- com verbos intransitivos e/ou que não são reflexivos, como em (1-6):

- (1) ficaria mais policiamento (...) não teria muitas coisa que **se acontece** hoje em dia certo? (I.d,p.7)¹²²

¹²² As ocorrências, a partir deste capítulo, foram todas retiradas do *corpus*. Por isto, iniciaremos novamente a numeração, que será em seqüência, mesmo que o exemplo apareça mais de uma vez. As informações entre parênteses indicam o inquérito e a página. As abreviações *Inf.* e *Doc.* identificam, respectivamente, a fala do informante e do documentador. *Inf.2* indica outra pessoa presente na situação.

- (2) Não qué tê o interesse assim daquilo que é bom pra ele amanhã ou depois se é uma pessoa (proveitoso) dá proveito pros otro né? Se é um bom produtor também dá produção. Se não tem interesse () o que que vai fazê né? Tem que **se havê** o interesse se não hai então (I.8,p.15)
- (3) É necessidade porque mas como é que nós não conhece nós foi criado não era quarqué gripinha nós tava (no hospital) lá não. Gripinha um chazinho quarqué coisa (procurá). Eu vim **me adoecê** mais aqui em São Paulo do que lá. Lá não tinha essas coisas né? Uma gripinha a toa tomava um chá quarqué () (I.h,p.18)
- (4) Doc. Qual o, qual o seu maior sofrimento, que você lembra? Assim o maior assim, que você quisé contar / Inf. O maior?/Doc. É o maior/ Inf. Ah! Quando eu perdi a minha virgindade, foi a coisa mais triste da minha vida/Doc. marcou né?/ Inf. Marcou. Nossa Senhora! Ele também aqui, nossa Deus me livre, quando eu **me engravidei** dele, nossa! (I.9',p.32)
- (5) Aí os guarda falô assim né? “óia... eu vô levá a senhora pu pontu-socorru” né? aí eu já tava né? eu já tava... mais tranquila... aí passô né? qui eu tava venu a minina... a minha netinha né? aí choranu nu meu colu assim.. i **si tremenu** né? aí eu falei assim né? “óia eu não vô não” (I. K',p.34)
- (6) Inf. Nesse dia fui chegá treis hora da madrugada em casa porque topei () ainda com treis malandro. Treis malandro me levaru pro cantão, que nem um aquele cantão que tem aí na des/ quando eu passo ali pra chegá lá no asfalto / Doc. Sei / Inf. Que tem uns tijó/ que era bloco que fazia / Doc. ahn ahn / Inf. E eu sei que **me escapei** de todos três. (I.9,p.11)

- com verbos que podem ser reflexivos, mas que naquele uso específico não se constroem reflexivamente, como em (7-9):

- (7) Eu acho que o Bem Estar pra eles e como eu que sô a mãe né? eu **me sinto** que lá é bom né? não tenho nada que reclamá (I.b,p.4)
- (8) Lá eu fiquei seis meis. A senhora acredita que ele não foi home de falá assim “eu vô mandá pelo meno uma carta mandando dizê quanto é de dinherinho que eu vô mandá pra ela passá lá. Como é que ela tá **se passando** como é que não tá ou então eu vô lá vê ela”. (I.p,p.5)
- (9) então hoje você tem dinheiro pra comê, amanhã você, qué dizê, hoje você tem dinheiro pra almoçá, amanhã você tem pra jantá. Você não **se dispõe** de um dinheiro pra fazê, pra pagá, pra tirá uma xerox de rg, fazê um atestado de antecedente, fazê um xerox de otros documentos.(I.I',p.43)

- em contextos não-reflexivos (i.e. em que há dois referentes distintos, na posição de sujeito e objeto), como em (10):

- (10) E aí na Teresinha era um tipo assim que a gente convivia com muita gente assim de baxo nível, não é que **a gente qué qué se se rebaxá os otro** mas a gente é é do nível baxo mas a gente a veze não tem um tipo de mentalidade como os otros né? (I.i,p.53)

A hipercorreção – que pode ser um indício de mudança lingüística; daí termos estabelecido, como uma de nossas hipóteses, que haveria casos de hipercorreção no *corpus* – nem sempre é facilmente detectada, isto é, o próprio analista pode ficar em dúvida se um determinado verbo se constrói na forma reflexiva ou não. Por este motivo, tivemos que adotar um critério: seguimos as indicações de Borba (1991). Isto nos levou a excluir as ocorrências a seguir como hipercorreção¹²³, embora dicionários como Ferreira (1986) mencionem que verbos como *sossegar* e *topar* podem ser empregados na forma pronominal ou não.

- (11) Então a gente ficava ficava com essa lamparina aí que eu fazia as coisa cedo quando dava a boca da noite entrava todo mundo tava dentro **se assossegava** (I.t,p.6)
- (12) Doc. Ou então um caso de São Paulo. Como é que o senhor chegô aqui?/Inf. É como é que eu cheguei/ Doc. Quem o senhor conheceu/ Inf. Quando eu cheguei aqui primero de que tudo quando eu cheguei aqui **me topei** com um vigarista. Foi a primera coisa foi essa. Quando eu desembarquei na rodoviária a minha filha não estava me esperando (I.5,p.12)
- (13) “Então o que cê o bem que eu fiz pra você cê em veis de pagá com o bem cê tá pagando com o mal. Agora como cê tá são forte trabalhando agora cê tá dando sentando o pau em mim né? sentando o pau em mim **se desfazendo** de mim” (I.p,p.6)

¹²³ Para Borba (1991), *sossegar* e *topar* não são verbos pronominais; já *desfazer* não é pronominal com o sentido de ‘caçoar, humilhar’; apenas com o sentido de ‘livrar-se’, ou ‘desmanchar-se’.

- b) 7 ocorrências da forma *acabar-se*, com o sentido de ‘deixar de existir’¹²⁴. Este é um item lexical de uso freqüente, que ocorre majoritariamente sem o pronome reflexivo. As instâncias marcadas, em sua maioria, estão em seqüência na fala do mesmo informante (note-se a ocorrência de hipercorreção, em itálico, intercalada entre as demais e provavelmente motivada pelo paralelismo):

(14) Inf. O pessoal diz que o mundo vai **se acabá** em dois mil né? Mais existe a história, o mundo não **se acaba, se acaba** é o povo, a senhora viu a nave dos Estados Unido? Aqueles astronauta que foi a primera foi a segunda, na terceira eles sabia com toda sabedoria morreu, *acabô*. Aqueles já não conta nada né? Aquele *o mundo se acabô com ele*. (...)/ Doc. Então acaba cada um né? e não o mundo mesmo?/Inf. Não, eu acho que o mundo não **se acaba** nunca, o mundo é uma peça, tá aí. (I.0,p.14)

- c) 22 ocorrências da forma *ir-se embora* (expressão cristalizada):

(15) Eu quase morri outro dia se num fosse minha cunhada eu tinha morrido outro dia, que eu cheguei aqui, eu digo: “Eu **vô me embora**” (I.J’,p.51)

(16) Inf. Eu tenho sete ano que tenho aqui que moro aqui tenho sete afilhado/ Doc. Puxa que madrinha querida ein? / Inf. Todo ano ganho um. Todo ano eu tem essa daqui que tava aqui mora aqui é minha comadre essa otra moreninha que tava aqui é minha comadre tem otros que já **foru se embora** essa otra minha prima eu sô madrinha do menino dela também (I.3,p.16)

- d) 23 ocorrências da forma impessoal *como se diz* (expressão cristalizada):

(17) Doc. Por que que o senhor acha que que falta ônibus? falta o que? que que falta? / Inf. Eu acho que falta é uma certas **como se diz** uma parte da empresa porque carro as empresa tem (I.j,p.73)

¹²⁴ Ocorrências com o verbo *acabar*, com o sentido de ‘decair fisicamente’, foram consideradas na análise.

e) 20 ocorrências de *se* com valor de indeterminação e que não admitem uma leitura passiva:

(18) Se eu tivesse um emprego que desse pra eu pegá por exemplo de seis ou sete às sete por exemplo por dia como eu eu interesse trabalhá porque eu nasci me criei foi trabalhando não tem precisão de meus filho í pra creche não. O que eu ganhava dava pra eu minha mulhé meus filho passá. Agora falta o emprego bom? Quando vem o salário é um salariozinho michuruco que não dá pra **se vivê**. Agora vamo forçá botá em creche. Bom criança levanta às às cinco hora da manhã seis hora da manhã com tempo pode o tempo tá pra í pra lá. À tarde é a mesma coisa recolhê pra casa. (I.j,p.64)

f) 4 ocorrências de *tornar-se* com sujeito oracional:

(19) Doc. E assim o senhor viaja/ Inf. É, assim eu viajo, aí eu conheço vários lugar aqui de São Paulo né? / Doc. Só em São Paulo o senhor conhece? / Inf. Não, eu conheço já fui pro Rio, já fui pra Angra do Rei, já fui pra Fortaleza né? Já fui pro estado da Bahia entende? Qué dizê que são um socorro que geralmente a gente é obrigado a í porque pra firma **se torna** mais barato mandá um mecânico dele que mandá o serviço lá / Doc. E pagá um particular né? o mecânico particular né?/ Inf. É. Então tendo o mecânico dele sai mais mais barato (I.2,p.8)

g) 7 ocorrências com as formas *passar-se*, *agravar-se* e *complicar-se*, em que não se pode identificar um sujeito no discurso:

(20) Inf. Ele falô as/ “não, mais não tem nada com isso aí. Eu ocê desculpa que eu falei isso aí porque não lhe conhecia. A gente a gente aqui não conhece ninguém” Aí começô a falá né?/ Doc. ahn ahn/ Inf. Tudo bem. **Passô-se passô-se** ele perdeu o terreno / Doc. puxa / Inf. A a a é. Qué dizê ele não perdeu ele ele atrasô o terreno em novecentos em novecentos cruzero (I.7,p.11)

(21) Doc. O senhor tem amigos é? / Inf. É sim senhora então né? A gente precisa que tenha pessoas capaze de consideração que a gente possa considerá não é? considerá ele naquilo que ele fala e e e prová não é? e prová né? então. Sim senhora / Doc. É verdade/ Inf. São essas coisa viu? minha fia então. / Doc. É isso mesmo né?/Inf. Por isso digo pra senhora né? que então a gente não tem mais que hoje pensá qual a solução que deve tê na humanidade. A solução mió que tem é a a procuração como se diz memo se modificá de vida né? E por causa dessa parte que eles não tão dando ligança tá **se agravando** muito né? **se agravando**/ Doc. O senhor acha que tem condição de modificá? (I.8,p.13)

h) 5 instâncias de uso de nome substantivo – achado que confirma uma das nossas hipóteses, segundo a qual o falante empregaria outras estratégias, que não o pronome átono, para expressar a reflexividade:

(22) Agora eu acredito da minha parte graça a meu bom Deus né? Se eu não tenho mas também não devo ma também não devo. Pra que eu vô mentí. Não **vô culpá minha pessoa**. Se eu não tenho ma(s) também não devo (I.g,p.12)

(23) Ah otros fala “ah morá na favela” eu acho que quem faz o ambiente é a gente não é por causa **que** é favela que a gente vai sê o vai sê o que não pode sê ruim malandro sê uma pessoa ruim tem mora na favela mas **quem fais a pessoa é a pessoa mesmo** não é o lugar que mora não é o ambiente que a gente mora né? (I.o,p.5)¹²⁵

(24) Inf. parece que é tudo da família. A senhora vai num aniversário na casa de uma pessoa a senhora, não tem esse negócio não, vem pro meio mesmo, ali almoça, bebe, brinca, tá bebado, põe assim a cama, é o maio(r) carinho. Agora não vacila não, não vá pensá que aquela amizade é uma liberdade, tem que andá (correto)/ Doc. Tem limite. / Inf. Tem limite. E o povo são ruim, nessa parte já são ruim. Mais a senhora andô certinho, diretinho, ih. Eu memo nunca tive problema, eu morei lá fais nove ano () **divertia** e tudo, qué dizê, **atravéis da minha pessoa** porque toda vida eu fui assim (I.0,p.12)

i) 4 ocorrências em que o pronome integra um predicativo (contexto de realização categórica):

(25) Inf. ah eu sempre vô no médico psiquiatra/ Doc. E o que que ele diz? / Inf. É que é problema de nervo. Tem vez que eu **fico** com assim uns dia assim com **fora de mim**, faço as coisa e não sei se eu fiz. Esquisito. (I.a,p.5)

(26) Aí depois com muito tempo meu pai chegô melhorô bastante né? aí eu **fui sê dona de mim** tudo, aí depois encontrei meu marido (I.e, p.5)

(27) Aí os guarda falô assim né? “óia... eu vô levá a senhora pu pontu-socorru” né? aí eu já tava né? eu já tava... mais tranquila... aí passô né? qui eu tava venu a minina... a minha netinha né? aí choranu nu meu colu assim... i si tremenu né? aí eu falei assim né? “óia eu não vô não”... qui depois eu pensei né? pensei qui elis queria mi levá po lugá de doidu né? asilu né? aí eu falei assim “ah ... eu não vô não” aí eles falô “não... eu vô levá a senhora... a senhora vai passá no medicu... vai tomá uma injeção... porque cê tá muito neivosa... i eu trago a senhora di volta”... aí eu falei assim “você prometi pra mim qui você vai mi trazê?”... aí ele falô “tragu” né?... aí u rogériu foi cumigu né? aí chegô lá né? aí feiz minha ficha... perguntô meu nomi né? pa sabê si eu já: :: **tava im si**... aí eu falei meu nome (I. K',p.35)

¹²⁵ Limitamo -nos à análise da identidade entre referentes da mesma oração. Entretanto, construções clivadas como esta (desde que com uso de um pronome) foram incluídas no estudo.

j) 40 ocorrências em que o pronome tem a função de oblíquo. Consideramos que o pronome equivale a um complemento oblíquo, quando não é exigido pela semântica do verbo:

- (28) Inf. eu gostava de tirá leite das vaca também/Doc. Mas cê não judiava das vaca? / Inf. Não, porque eles já ficava amansada pra mim né? / Doc. Como assim ficava amansada? / Inf. Meu cunhado amansava as vaca pra gente tirá o leite eu **ia tirá só pra mim**. Eu cismava que eles tirava o leite e não ~~lvava~~ os peito da vaca, eu queria tomá o leite ((risos)) o maió sarro. Aí a gente ia lá eu mais a cunhada a irmã dele () “Em Piedade, você que é mais atentada vai tirá o leite”. Eu falei “eu **vô tirá só pra mim**” ((risos)). Era a maior comédia. Aí depois eu ia lá tirá o leite, tirava, aí a gente danava a brigá (I.a,p.6)
- (29) eu queria assim arrumá uma escola pra mim aprendê o corte costura né? (...) então eu **vô** / quando as criança né? eles saiu de férias agora, quando eles voltare de férias eu **vô procurá** uma atividade **pra mim** né? gostaria de aprendê muita coisa (I.e,p.8)
- (30) Inf. Eu trabalho com ônibus. Empresa da Viação Brasília/ Doc. Você dirige? / Inf. Não, eu não dirijo, eu sô cobrador certo? Eu não dirijo mais, eu **dirijo só pra mim mesmo** (I.d,p.14)
- (31) Fico morando em favela mesmo porque não tenho condição de comprá terreno. Seu eu comprá um terreno eles pode me dá o papel que eu não sei escrevê a esposa não sabe como é que faz? Mas se eu dexá os filho crescê se eles quisé eles compra né? porque **pra mim não posso comprá** terreno. Meu problema é esse (I.k,p.91)
- (32) Doc. Aqui não tem creche? Aqui perto? / Inf. Tem uma creche lá embaxo, bom inclusive no Damaceno bom qué dizê que é no Carombé mais é assim **coligado um com o outro** no Damaceno é que vai tê uma creche lá embaxo (I.j,p.61)
- (33) porque ele nem olhô pra minha vista. Meus pé tava inchado né? que nem a sandalhinha chegava () Aí ele em vez de olhá a minha vista começô me examiná. Examinô examinô examinô examinô ele já escreveu me deu o papel falô assim “A senhora vai subí de novo”. Eu falei “O senhor tá me en/” **pensei comigo** “tá me encaminhando pra uma clínica de vista né?” (I.L,p.6)

As 40 instâncias de oblíquo foram excluídas, porque houve realização categórica da forma anafórica. O fato é que muitas dessas ocorrências não teriam sido recolhidas, se não estivessem marcadas, como mostra nossa versão (a) do exemplo (29) a seguir:

(29a) eu queria assim arrumá uma escola pra mim aprendê o corte costura né? (...) então eu vô / quando as criança né? eles saiu de férias agora, quando eles voltare de férias eu vô **procurá** uma atividade né? gostaria de aprendê muita coisa (I.e,p.8)

Podemos, pois, concluir que a realização categórica da forma pronominal se deve, em parte, aos “zeros oblíquos” não coletados no *corpus*. Cabe notar, porém, que há alguns contextos em que o oblíquo é marcado como Foco, e seu referente constitui informação nova no discurso, sendo difícil imaginar – especialmente para um funcionalista – que o falante deixaria de realizá-lo (cf. exemplos (28) e (30)).

6.2 Primeiras observações sobre os dados

Excluindo-se os dados descritos no item anterior, foram recolhidas 888 ocorrências nos 36 inquéritos gravados em 1986-7, e 804 ocorrências nas 36 entrevistas realizadas entre 1997 e 2001, totalizando 1692 instâncias de realização/não-realização pronominal, em construções reflexivas, recíprocas e passivas.

Mesmo havendo um intervalo de pelo menos 10 anos entre um *corpus* e outro, a análise em tempo real indica que não houve mudança: o índice de uso do pronome foi praticamente o mesmo nos dois *corpora*: 40% nos inquéritos de 1986-7 e 42% naqueles de 1997-2001.

Índice geral de realização/ não-realização	Corpus de 1986-1987	Corpus de 1997-2001
Pronome explícito	357/888=40%	338/804=42%
Zero	531/888=60%	466/804=58%

Tabela 1: índice geral de realização/não realização do pronome

Como mencionado no item anterior, não nos limitamos à variação entre *se x zero*, já que incluímos na análise todas as pessoas do discurso e formas pronominais átonas e tônicas.

A tabela a seguir mostra o número de ocorrências conforme a forma da anáfora:

Forma da anáfora	Corpus de 1986-1987	Corpus de 1997-2001
Zero	531/888=60%	466/804=58%
Pronome átono	324/888=36%	310/804=38%
Pronome tônico	31/888=3%	26/804=3%
Pronomes átono e tônico	2/888=0,2%	2/804=0,2%

Tabela 2: número de ocorrências conforme a forma da anáfora

O padrão de realização pronominal é idêntico nos dois *corpora*. A estratégia preferida é a omissão do pronome, como em (34). Entre as ocorrências com marca explícita, predomina o uso do pronome átono, como em (35). O falante pode ainda utilizar um pronome tônico, como em (36), ou pronomes átono e tônico concomitantemente, como em (37-38).

- (34) Doc. Mais o senhor levantô sugeriu aí um problema. Se tem jeito de passeá convivê com o pessoal assim mais / Inf. Aqui? / Doc. Em termos de festa de passeios aqui no Carombé? O senhor sente isso? / Inf. Aqui não não tem muito não. Não **envolvo** muito com isso, não sô muito chegado a festinhas assim particular em casa de amigo assim (não) (I.w,p.11)
- (35) As menina estudô no Jo/ no João Solimeu (...) Lá as menina **se formar** a (Marilda) tudo né? (I.w,p.8)
- (36) Inf. O governo não queria, não queria reabrir a escola parece. Depois abriu mais eles ficaru um meis sem aula (...) É bom o prezinho uma gracinha () foi televisionado/ Doc. É?/ Inf. Então, **a gente mesmo via a gente** lá na na televisão. Ah foi tão linda lá a festa (I.z,p.2)

- (37) Doc. Escuta Neusa como é que é a vida aqui na favela? Eu vi que cê tem um mundo de amigas/ Inf. Ah graças a Deus. Isso aqui ()/ Doc. Todo mundo é amigo/ Inf. Tudo é amigo. Aqui nesse pedaço aqui todo mundo não tem esse negócio de de mal querença não, todo mundo **se dá um com o outro** , todo mundo quando um precisa de uma coisa o o outro serve aqui é muito bom. Eu graças a Deus moro aqui há sete ano não tenho o que dizê () de vizinho nenhum (I.3,p.3)
- (38) Doc. O senhor não escreve então / Inf. É. Isso foi quando eu fui menino né? Isso foi quando eu fui menino/ Doc. ahn ahn / Inf. Aí bom passô passô passô ãi quando eu tava com mais ou meno uns quinze ou dezesseis ano aí meu pai morreu tinha morrido e bom e e ante disso aí dexando para trais o o o meu pai falô disse assim “como é que é você não vai estudá mais?” Eu disse assim “Não senhô não vô mais não”. Assim “ah então cê não vai estudá então cê vai pra roça trabalhá”, “Tudo bem” (...) Mais aí continuei na roça. Foi indo foi dando foi dando foi cansando chegô essa parte de eu de de quinze dezesseis ano eu **eu mesmo me interessei por mim**. Ele já tinha morrido. Aí tinha uma moça que ela tava quase em dia de casá mais () e eu pensei assim “a escola é de noite né?” Eu digo “bom você sabe que eu vô estudá um poquinho? Vô estudá um poquinho” (I.7,p.2)

Ainda que a frequência de uso de formas tônicas não seja tão significativa, ela comprova nossa hipótese de que o falante emprega outras estratégias, que não o pronome clítico, para veicular a noção de reflexividade.

Observando a posição da anáfora em relação ao verbo, pudemos constatar que, entre as ocorrências com pronome átono, a próclise é praticamente categórica: foram encontradas somente 6 instâncias de ênclise, como em (39-40) abaixo. Já a anáfora realizada por pronome tônico tende a ser posposta ao verbo.

- (39) Inf. não escondo não/ Doc. ahn ahn/ Inf. Aí eu sei que que eu peguei quando foi no domingo de manhã né? Ele disse “Óia , eu vô me embora vô voltá hoje mesmo. Você vai?”. “Eu vô”. E seu eu não fosse, pra onde é que ia? Agora amanhã negócio de comida né?. Eu digo “Eu vô Doca” **chamava-se** Doca. Eu disse “Eu vô, Doca”. Ele era limpinho né? Tudo mais, mais (bebia) ganhava bem ele vinha em oito em oito dia pra casa pra esse barraquinho dele. (I.9,p.5)
- (40) Inf. Aí então eu fui disse “rapaz eu acho que você tá perdido não é isso?” “Não. Mas em todo caso eu vô dá uma perguntadinha aqui”. Parô. Quando ele parô um policial encostô. “Que que há?”. Eu digo “Ó por favô(r)” Ele disse “pois não”. Eu digo “a Samá Turismo que o rapais aqui não sabe onde é eu vim da rodoviária fais mais de meia hora que ele anda e e não encontra”. Ele disse “Que é isso rapais? Óia a Samá você não sabe onde é a Samá? Óia a Samá”. “Não eu ia pra lá agora é que” ele **vexou-se**. “Não eu não me vexei não”/ Doc. E o senhor pagô? [o táxi] (I.5,p.13)

Duas tendências de mudança, apontadas pelos estudos que se ocupam dos reflexivos, a duplicação e a generalização, foram atestadas no *corpus*.

Houve apenas 13 casos de duplicação. Na verdade, pode-se dizer seguramente que houve duplicação somente em 8 deles: são estruturas com o uso de dois pronomes (clítico e tônico), como em (41), próclise e ênclise, como em (42), e pronome separado do verbo por um advérbio, como em (43) (note-se que este exemplo, embora único e não atestado anteriormente, contraria a idéia de que o pronome *se* constitui um clítico a caminho de se tornar um afixo verbal).

- (41) Doc. Escuta Neusa como é que é a vida aqui na favela? Eu vi que cê tem um mundo de amigas/ Inf. Ah graças a Deus. Isso aqui ()/ Doc. Todo mundo é amigo/ Inf. Tudo é amigo. Aqui nesse pedaço aqui todo mundo não tem esse negócio de de mal querença não, todo mundo **se dá um com o outro** , todo mundo quando um precisa de uma coisa o o outro serve aqui é muito bom. Eu graças a Deus moro aqui há sete ano não tenho o que dizê () de vizinho nenhum (I.3,p.3)
- (42) Doc. a senhora **me** parece um pouco triste dona Tereza/ Inf. não depois que doeci eu sou assim memo/ Doc. é?/Inf. é... a minha doença até que me to/ até que eu **me sinto me** realimada assim... mais depois que eu doeci eu fiquei memo u'a pessoa aMAR:::ga (I.2',p.36)
- (43) Que nem inclusive essa vizinha minha memo que tava com eles foi agora. Ela só tinha uma uma nenezinha que ia fazê um ano. Ela foi quando esses dia ela mandô carta pro marido diz que a menina tava ruim com bronquite que precisava tomá treis inalação por dia/ Doc. É na Bahia lugar quente?/ Inf. É num lugar quente. **Se não se deu**. Quando se dá numa coisa não se dá na otra (I.t,p.4)

Nos demais casos, a duplicação ocorre procliticamente, podendo ser explicada pela repetição que está presente na língua falada espontânea, como ilustra o exemplo (44):

- (44) E eu tava desceno uma... a a av/ ala a avenida Rio Branco ali em Santo Amaro e veio um cara quando eu vi o cara... olhandando na minha direção eu tive a impressão que ele ia me assaltá mas foi dito e feito quando eu penso que não o cara me segurô pra pegá a minhas coisa e eu... pedi prele me soltá treis vezes na terceira vez eu saí puxei ele eu saí correno e gritando “pega ladrão” e foi embora só quando eu cheguei em casa que eu vi que eu tava com o braço todo marcado todo roxo... mas eu consegui escapá/ Doc. e ele não foi atrás de você?/ Inf. não porque eu corri muito e **me me misturei** no meio das pessoas (...)/ Cê sabia que cê corria tanto assim?/Inf. só nessa hora é que eu descobri que eu tinha tanta força pra corrê né? (I.5',p.11)

Examinamos também os casos de 1ª pessoa do singular e do plural com pronome explícito – excluindo aqueles em que a anáfora é expressa por pronome tônico (*um ao outro, eu mesmo*) – para verificar a generalização de *se*.

Como mostra a tabela a seguir, confirmamos nossa hipótese: a generalização de *se* tende a ocorrer somente na 1ª pessoa do plural. Já na 1ª pessoa do singular, predomina o uso do pronome *me*. Encontramos apenas 1 ocorrência com a utilização do pronome *te*.

Presença x ausência de generalização de <i>se</i>	Corpus de 1986-1987	Corpus de 1997-2001
1ª pessoa do singular		
<i>eu me</i>	121/129=94%	133/147=90%
<i>eu se</i>	8/129=6%	14/147=10%
1ª pessoa do plural		
<i>nós nos</i>	4/16=25%	-
<i>nós se</i>	12/16=75%	14/14=100%

Tabela 3: presença x ausência de generalização de *se*

Exemplos:

- (45) E eu nessa nessa época a situação que eu tava que eu não tinha ne/ um vestido que eu tinha era assim só no meu corpo. Era um só vestido () esse vestido que eu tinha pra móde eu lavá ele eu lavava ele lá no rio e vestia molhado porque não tinha otro pra **se trocá** tão situação tão feia como a que eu já passei. (I.p,p.11)
- (46) Mais nós sofreu muito viu? Porque a gente tá depois nós pegô ficô daqui pra acolá depois nós **se ajuntô** ele ajuntô comigo de novo nós daí não fui mais pro meu pai. (I.n,p.8)
- (47) Doc. Então como é que era na casa das amigas?/ Inf. Não levava mas trazia da amizade tão boa (guardava tempo sem í) e quando eu ia era uma festa né? “Não Consuelo não vá embora agora não, venha tomá um cafezinho com bolo”. “Não Consuelo deixe pra í à noite”. “Não Consuelo tem seus filho já tudo rapais e moça não **te aperreia**”. Eu digo “é mas tem que chegá em casa porque se chegá tarde o velho tá falando que a vida minha é ficá pelo mundo” (I.4,p.10)

É importante notar que, dos 72 informantes, apenas 1 não usou nenhum pronome reflexivo durante a entrevista. Os demais mostraram variação em sua fala, ora realizando, ora não-realizando uma forma anafórica, nos contextos onde se espera a sua presença.

Seguindo a metodologia da Sociolinguística Variacionista Laboviana, estabelecemos um conjunto de fatores que poderiam, em tese, favorecer ou desfavorecer o uso de uma forma anafórica explícita, em estruturas reflexivas, recíprocas e passivas. Tais fatores foram baseados nos pressupostos da Sociolinguística, da Linguística Funcional e da Linguística Cognitiva, apresentados nos capítulos 1, 2 e 3, nos textos que discorrem sobre os reflexivos, expostos no capítulo 4, e no exame dos dados encontrados nos *corpora*.

As 1692 ocorrências de realização/não-realização pronominal foram submetidas ao conjunto de programas estatísticos Goldvarb¹²⁶. Lembremos que a análise foi feita separadamente para os dois *corpora*. Ainda assim, muitos fatores coincidiram, isto é, foram selecionados como numericamente significativos, tanto no *corpus* de 1986-7, quanto no de 1997-2001, como mostra o quadro da página a seguir.

Nos itens que seguem, limitar-nos-emos à exposição dos fatores selecionados como estatisticamente significativos, discriminados neste quadro, com breves menções aos fatores não-selecionados, apenas quando forem relevantes. Para facilitar a leitura, dividimos tais fatores em: semânticos (item 6.3), semântico-cognitivos¹²⁷ (item 6.4), sintáticos (item 6.5), discursivos (item 6.6) e sociais (item 6.7).

¹²⁶ Versão de 2001 do programa Varbrul, para Windows. O programa específico utilizado na seleção de fatores foi o “Binomial Up & Down”. Foram realizadas várias correlações entre os fatores, e os fatores não selecionados pelo *Step Up* foram também descartados pelo *Step Down*, o que indica uma análise coerente.

¹²⁷ Como bem nota Talmy (2003a), a designação “semântica cognitiva” é redundante, já que a semântica é intrinsecamente cognitiva. Na presente pesquisa, utilizaremos o rótulo “semântico-cognitivos” para fatores baseados nas estruturas conceptuais propostas por Talmy (2003a,b) e Lakoff (1996), expostas no capítulo 3.

Fatores selecionados	Corpus de 1986-1987	Corpus de 1997-2001
SEMÂNTICOS		
Tipo de pronome reflexivo (Rodrigues; Pereira, 2006)	X	X
Classe semântica do verbo (Kemmer, 1993)		X
SEMÂNTICO-COGNITIVOS		
Tipo de evento causativo (Talmy, 2003a,b)	X	X
Divisão da psique (Lakoff, 1996)	X	X
Dinâmica de força (Talmy, 2003a,b)	X	X
Natureza do evento conforme o número de participantes		X
Domínio do evento		X
SINTÁTICOS		
Função sintática da forma anafórica	X	X
Estatuto gramatical do pronome (Borba, 1991)	X	X
Paralelismo	X	X
Pessoa do discurso		X
Polaridade	X	
DISCURSIVOS		
Status informacional do referente	X	X
SOCIAIS		
Procedência	X	
Escolaridade	X	
Favela	X	X

Quadro 10: fatores selecionados como significativos pelo programa estatístico¹²⁸

¹²⁸ Além dos fatores sociais citados neste quadro, trataremos também da idade (fator não selecionado), para examinar a questão da mudança (item 6.7.4).

6.3 FATORES SEMÂNTICOS

6.3.1 Tipo de pronome reflexivo (RODRIGUES; PEREIRA, 2006)

A presente pesquisa contempla a realização/não-realização do pronome reflexivo, em estruturas em que ele tem funções semânticas diversas. Poder-se-ia argumentar que não se trata de uma regra variável, no sentido estrito do termo (i.e. formas alternativas com *o mesmo* valor semântico). Entretanto, queríamos justamente verificar se a função semântica exerceria peso na realização ou omissão do pronome.

Com base no estudo de Rodrigues e Pereira (2006) (cf. também JACOB, 2004) e nas estruturas encontradas no *corpus*, estabelecemos as seguintes categorias para o fator semântico tipo de pronome reflexivo:

1) **reflexivo verdadeiro**: o pronome assinala identidade não-esperada, *semanticamente*¹²⁹ improvável, entre o referente do sujeito e outro referente da mesma oração. Esta “imprevisibilidade semântica” é medida levando em conta o verbo utilizado pelo falante. *Gostar, matar, ver*, por exemplo, não são verbos que comumente se empregam na forma reflexiva. Exemplos:

- (48) Não sentí medo porque a gente é muito fechado a gente vem do interior que principalmente quem viveu na roça tudo a gente parece que a gente a gente fica tá sempre assim. Hoje em dia não ando assim. Eu **gosto de mim** eu gosto do que faço gosto do que sô gosto da minhas patroa sabe? É tenho a aquela amizade de de cuidá de sê cuidada sabe? (I.x,p.110)

¹²⁹ A correferência *pragmaticamente* não esperada é contemplada no fator status informacional (item 6.6.1).

- (49) Inf. Não gostava aquele tinha aqueles fogão a ou elétrico ou a carvão, a gente sofria na cozinha fazê aqueles () dia de domingo a gente queria saí do emprego cedo não saía. Acabava a cozinha quatro hora da tarde, até limpá aquelas gordura tudo / Doc. Trabalhava todo fim de semana?/Inf. Eu sempre trabalhei desde que eu **entendi** por gente de idade de déis ano pra () até uns seis anos atrais. Trabalhava sempre não tinha domingo nem feriado nem nada.(I.z,p.14)
- (50) Inf. É, todo mundo hoje é pela ambição do dinheiro, ele não qué tanto vivê, ele qué tê, tê quanto mais dinheiro pra ele (). A senhora pensô um pobre / Doc. () experiência sua?/Inf. um pobre como eu amanhã ganhá na loto sozinho? () ficá jogado na cerca aí ()/ Doc. ((ri))/ Inf. Se não tem experiência né? A gente vê muitos têm emprego bom, **se joga** no mundo porque ele **se viu** com um empregão ganhando muito dinheiro né? (I.0,p.10)
- (51) Inf. eu não não sô eu sô um eu sô o seguinte sô um torcedô, mais não sô um torcedô fanático. Porque ((grito da filha)) inxiste inxiste o torcedô fanático né? /Doc. É, realmente / Inf. O fanático é esse que sai daqui com chuva com sol ele vai lá discutí / Doc. e com radinho né? / Inf. É, esse é o fanático, então esse aí é capais de **se matá** por aquilo ali, mais eu não sô um fanático. (I.2,p.12)
- (52) Nós pegava nós pegava a a o facão a faca pegava uma cesta né? que aqui eles fala que é cesta nós fala balaio né?/ Doc. É/ Inf. botava nas costa e **se mandava** pra roça. Lá nós ia arrancá batata nós ia tirá cana e **se divertia** lá na roça memo quando era vinha embora otra veis pra casa ia pro rio tomava banho (I.p,p.2)
- (53) Inf. Tando em casa até os irmão maiorzinho olha / Doc. e eles gostavam da creche? /Inf. Ela gostava mais ele não **se deu** bem. Todo dia era uma diarréia que ele tinha que e/ que era uma coisa um horrô (I.t,p.2)
- (54) Inf. Nós daqui buscava água lá na mina na Matarazo na cabeça... pra beber pra lavar a roupa ... e:: nós sofremos demais aqui... Nossa Senhora... depois que aquele: :: aquele prefeito::... eu tinha o nome dele meu Deus... eu sei que foi o:: Maluf e o outro Ronaldo de Barros... foi seu Ronaldão é... que passou a tomar conta aqui né?... que endireitou isso aqui/ Doc. é/Inf. asfaltô::... pnhou esgo::to pnhou luz/ Doc. ahan/ Inf. pro povo da favela não custou um tostão... foi tudo de graça... pnhou esgoto pnhou luz (água a gente) tudo tudo... deu água ligada... não deu um tostão de ninguém... mas nós sofremos demais aqui ... viu?... hoje em dia nós pode **considerar** rico/ Doc. é verdade/ Inf. é... tem água tem luz dentro de casa (I.P'.p.16)
- (55) Se eu tivesse um emprego que desse pra eu pegá por exemplo de seis ou sete às sete por exemplo por dia como eu eu **interesse** trabalhá porque eu nasci me criei foi trabalhando não tem precisão de meus filho í pra creche não. O que eu ganhava dava pra eu minha mulhé meus filho passá. (I.j,p.64)

2) **reflexivo recíproco**: o pronome assinala uma ação/relação mútua entre pelo menos dois participantes; exemplos:

- (56) Porque eu queria que as empregada doméstica se alguém um dia escutá um negócio desse escutá o que eu tô falando pensá o seguinte que do Presidente da República até o varredô de rua cada um na sua função nós somo muito importante porque **um precisa do otro**. Precisa do varredô de rua pra mantê a cidade em orde né? (I.x,p.106)
- (57) Doc. Escuta Neusa como é que é a vida aqui na favela? Eu vi que cê tem um mundo de amigas/ Inf. Ah graças a Deus. Isso aqui ()/ Doc. Todo mundo é amigo/ Inf. Tudo é amigo. Aqui nesse pedaço aqui todo mundo não tem esse negócio de de mal querença não, todo mundo **se dá um com o otro** , todo mundo quando um precisa de uma coisa o o otro serve aqui é muito bom. Eu graças a Deus moro aqui há sete ano não tenho o que dizê () de vizinho nenhum (I.3,p.3)
- (58) Minha terra é bom pra quem tem, aqui é ruim mais a gente é mais fácil de conseguí um emprego aqui muitas pessoa ajuda os pobre se a pessoa tá numa crise muito ruim vai num numa assistente social consegue um um mantimento pra se alimentá uns dia se tá uma ropa se o cara tá numa crise ruim vai um () até os favelado **ajuda um os otro mesmo** né? (I.3,p.5)
- (59) Inf. tudo ali é dos artistas ponto dos artistas/ Doc. É uma espécie de sindicato? / Inf. Não, é na rua mesmo / Doc. Ah é? / Inf. Eles **reúne** na rua ali no Ponto Chic (I.w,p.14)
- (60) Inf. ah porque se o pessoal é mais unido tem mais força. Então o pessoal é meio descansado eles qué um terreno ((fala da esposa)) eles qué o terreno mais qué que venha na mão dele. Então tudo o que a gente qué tem que corrê atrais/ Doc. Tem que í buscá. / Inf. né? Se nós não **se uni** nós nunca vai tê nada. Óia uma uma conclusão, a senhora vê, nós temo um estado aqui no no nosso Brasil que é unido, o estado do Acre (I.0,p.1)
- (61) Inf. que nem que seja arranjado a passage mas eu voltarei pra o lugá que eu fui criada e nasci quero morrê lá embora eu chegue de manhã e de tarde eu faleça mas pra mim a maio(r) alegria mas dentro de per/ dentro de de São Paulo eu não quero está/ Doc. Não dona Consuelo?/Inf. Fui ca/ sô casada já faze mais de trinta mas de ((dirigi-se à filha)) () que vai fazê agora em maio? ((a filha responde)) fazem trinta e cinco anos de casada nunca nós **se separamo**. Ele *se separô* veio embora na frente lá eu fiquei mais fiquei agoniada pra chegá que eles tava tudo aqui realmente pra mim ia dá certo mas não deu e nem está dando porque se tivesse de dá já tinha dado eu não tava morando dentro duma favela (I.4,p.1)¹³⁰

¹³⁰ A ocorrência em itálico não é recíproca, e sim reflexiva, porque o sujeito é singular. Verbos naturalmente recíprocos com sujeito no singular foram classificados diferentemente, levando-se em conta aspectos semânticos do verbo. Exemplos: reflexivo verdadeiro (*ele separou*), reflexivo lexical (*ele casou, desquitou*).

- (62) depois um dia ele perguntô se a gente podia **encontrá**, eu falei “ó tudo bem a gente **encontra** vai no passeio lá com a” tinha a minha amiga também que era lá da sede lá da fazenda e aí a gente saía junto ia na casa dos parente dele voltava (I.i,p.51)
- (63) Inf. inclusive quem toca órgão lá é uma irmã é mulher / Doc. Mulher? / Inf. é / Doc. Vocês *se chamam* de irmão irmã? / Inf. Nós **chamamos** de irmãos e *somos* irmãos. É uma nova família que eu tenho. Eu aqui só tenho de família de sangue é só meu filho. Minha família tá toda em Belo Horizonte./ Doc. E e a a outra família na igreja/ Inf. E a minha família minha nossa família aqui é a igreja. E são minha família mesmo. (I.L,p.2)
- (64) a gente namorô seis meis depois noivô mais seis meis e no prazo de um ano e dois meis a gente **casô**. (I.y,p27)
- (65) Inf. uns pode comprá um barraco como agora mesmo a minha filha vendeu o barraco pra ele / Doc. E não sabe pra quem que é. / Inf. E foi embora. Nós não conhecemo a pessoa. Vendeu pra um senhor ele tem família aqui já mais a gente não **se conhece** pode sê gente boa e pode sê gente ruim. Ele pode sê bom mas pode tê uma família que é ruim vem e coloca junto com ele né? (I.L,p.1)

3) reflexivo lexical: assinala reflexividade esperada, ou necessária. Esta categoria envolve predicados que, em se uso mais comum, se referem a uma ação voltada para o próprio Agente, ou a um processo que não sai do âmbito do sujeito; exemplos:

- (66) Nós paramo três dias em São Luis do Maranhão. Chegamos em Aná/ e tomamos o trem pa Anápolis. Chegamos em Anápolis éh tinha umas irmãs que vinha vindo de Anápolis pra pra Belo Horizonte pra Minas né? () freiras. Então eu **deitava** eu **sentava** no banco com a criança no braço e dormimos e as os menino tudo deitadinho tudo dormindo tudo sujo sem tomá banho sem nada (I.e,p.3)
- (67) No segundo ano eu comecei a pageá um menininho eu ia de manhã na e/ no no terceiro ano. Eu ia pageá o menininho eu ia de manhã na escola e depois de voltava da da escola e ia pageá o menino. **Chamava** José tratava ele de Zezé. (I.x,p.96)
- (68) Tive um choque muito grande dentro dessa casa com um raio que caiu assim eu fui correndo Zé ((som da respiração ofegante)) perdi a fala minha patroa ficô assustada ela me chacoalhava “Nenê Nenê pelo amor de Deus que aconteceu?” () eu não conseguia falá porque o raio veio assim deu aquela aquele estalo né? Eu quase **me esqueci** que era casa de gente (I.x,p.96)
- (69) ela falava assim “Eu não aguento meu Deus do céu eu não aguento vê Aninha nesse sofrimento meu Deus sorrindo desse jeito”. Eu falei assim “Ô Chica o que eu eu hei de fazê?” Quando eu **lembro** meu coração dói (I.p,p.11)

- (70) É a gente sofre muito né? sem mãe porque o pai cê já viu né? meu pai **casô** de novo, hoje tem mais cinco filho (I.e,p.12)
- (71) porque eu não gostava da escola, falo memo não gostava de estudá né? estudava na marra, à força e esse poquinho que eu aprendi pra mim eu acho que valeu a pena né? que eu até hoje **arrependi** de não tê aprendido mais né? (I.b,p.9)

As ocorrências de reflexivo verdadeiro, reflexivo recíproco e reflexivo lexical exemplificadas até aqui abrangem verbos de ação, ou de ação-processo, com sujeito Agente, verbos de estado com sujeito Inativo e verbos de Processo com sujeito Experienciador (BORBA, 1991).

As categorias a seguir englobam as ocorrências de passivas reflexas. Foram consideradas passivas todas as estruturas em que o sujeito é Paciente (BORBA, 1991)¹³¹.

4) Passiva reflexiva com Agente (em itálico) expresso no discurso; exemplos:

- (72) Inf. inclusive quem toca órgão lá é uma irmã é mulher / Doc. Mulher? / Inf. é / Doc. Vocês se chamam de irmão irmã? / Inf. Nós chamamos de irmãos e somos irmãos. É uma nova família que eu tenho. Eu aqui só tenho de família de sangue é só meu filho. Minha família tá toda em Belo Horizonte./ Doc. E e a a outra família na igreja/ Inf. E a minha família minha nossa família aqui é a igreja. E são minha família mesmo. Eles **se preocupa** *comigo*/ Doc. A senhora frequenta lá há muito tempo? (I.L,p.2)
- (73) Fui pra Valadares. De lá me de lá eu só vim memo porque sabe? tenho o serviço aqui tô ganhando o pão aqui por isso eu moro aqui sabe? porque aqui é um lugá pra *quem tá formando família* igual eu tô, aqui não é lugar de **criá** família. Eu eu tenho isso na minha idéia sabe? mais que jeito ((ri)) né? (I.q,p.1)
- (74) Inf. Agora em Belo Horizonte tem emprego sabe? mais eu tô empregado não por enquanto não posso moleque tá estudando não posso / Doc. É / Inf. Mas quando no tempo que eu **desempregá** se *a firma* não quisé eu mais agora eu volto pra lá de novo ((ri)) (I.q,p.1)

¹³¹ Apenas 3 ocorrências, em que o sujeito é Paciente, foram classificadas como reflexivo recíproco (e não como passiva reflexa) ex.: *ela escrevia pra mim eu escrevia pra ela (...)* e *pá pá pá e foi indo até que nós **entrosemo** né?* (I.7,p.9). Na análise, foram consideradas as funções semânticas propostas por Dik (1989) e Borba (1991), mas elas não constituíram fatores estatisticamente significativos para explicar a variação.

- (75) As menina estudô no Jo/ no *João Solimeu* (...) Lá as menina **se formar** a (Marilda) tudo né? (I.w,p.8)
- (76) Doc. Por que? ela tem algum problema?/ Inf. Tem. Ela tem marca-passô ela foi operada quatro veis inclusive antes do cê chegá nós tava comentando inclusive ela ficô internada esses dia seis dia ela saiu terça-fera passada/ Doc. Onde ela foi operada? / Inf. Lá no *Hospital São Paulo* muito tempo que ela **se trata** lá / Doc. Qual médico? Doutor Ênio? / Inf. É é dotor ai como é que é o nome? é é *dotor Ênio* ela **se trata com ele** também (I.y,p.41)
- (77) E lá eu fiquei em Belo Horizonte eu fiquei. Daí quando eu já tava marcada a operação quando eu ia **operá os médico** falô que eu tinha que **operá** quanto mais dipressa era melhó né? que o problema meu era um problema muito grávido. Então eu fiquei lá né? (I.p,p.6)

5) Passiva reflexiva com Causativo (em itálico) expresso no discurso; exemplos:

- (78) Se fosse no tempo que eu tava trabalhando eu tivesse achado vaga pra elas eu ainda tava trabalhando né? (...) Porque eles em casa eu tenho medo de mexê no fogo tenho medo de mexê no fogo tenho medo de esquentá a comida derramá em cima deles né? (...) Outra hora um cai de cima dum dum de uma mesa de uma (trepeça) que nem a gente sabe onde é que a gente mora né? *cai de cima de uma coisa* e **se machuca** não tem ninguém pra socorrê (I.t,p.12)
- (79) Ainda eu levava ela quando ela tava acordada eu levava ela, tava de barriga () aqui e a lata na cabeça ((a filha ri)) e outra viaginha na mão. Quando ela **cansava** que ela tava que **cansava de vim andando** que ela era pequenininha eu pegava botava ela dum lado a lata solta na cabeça e o baldinho na mão (I.t,p.14)
- (80) Inf. Não viu o governo agora tirô essa lei de a pes/ o cara *matá* e sê liberado? Sê solto? / Doc. Lei Fleury/ Inf. né? Foi, o governo tirô. Lá no Ceará, em Pernambuco aqueles fundo de mundo, no Bico de Papagaio lá em cima, qué dizê então o que ia acontecê? “Não, pode *matá* que nós não **incomoda**”. “Então vamo *matá* fulano que () / Doc. Como é que o senhor tem essas informações todas Bico de Papagaio, é televisão ou é sua experiência? (I.0,p.4)
- (81) Inf. filho são são nove. São nove filho. Agora só tem um que é é casado com essa menina com a Lucirene né? / Doc. Com a Lucirene / Inf. É. O resto tá tudo soltero. E e então o / Doc. É puxado né? / Inf. É é puxado/ Doc. criar todo mundo/ Inf. E e e e não é tanto que que a gente se (labora) muito **perturba** muito, não é com a família. É é é *com esse tipo de coisa* né? que é que é que é *zoada* tem tem um camarada aqui que () domingo assim ele toca a noite toda fica ninguém dorme (I.7,p.8)

- (82) Inf. meu irmão me ensinô o o nome do ônibus porque nesse tempo ele tava trabalhando pro lado de do Hospital das Clínica e e eu e eu e ele me ensinô o nome do ônibus né? Parece que era não tô bem lembrado que nome era. E aí foi que eu / Doc. aprendeu a vivê em São Paulo/ Inf. aprendeu a vivê em São Paulo. Mais foi poco tempo que eu tive lá. Imediato me/ ele veio aí aqui no buraco desse sapo aqui arrumô um barraco e alugô pra mim/ Doc. Que que é buraco do sapo? ((ri))/ Inf. É um lugazinho que é aqui em baxo ((ri)) Eles inventa coisa né? Fica aqui a fica aqui em baxo pra cá ali perto do padre Ivo do padre Ivo pra cá é / Doc. Sei/ Inf. Aí então aí eu começo **me apurá** né? começo **me apurá** *devido a leitura* né? Óia se eu tivesse leitura. É pego ônibus e comecei a trabalhá pegando ônibus errado aí ficava aí uma pessoa me ensinando “Não, cê tem que fazê assim ó” (I.7,p.3)
- (83) Pescaria nós levava biscoito pra jogá pros peixe, era a maior comédia. Aí quando pegava mais de que o otro,vô te contá era uma briga danada ((risos)) sempre caía de cabeça dentro d’*água* a saia **molhava** tudo (I.a, p.3)

6) Passiva reflexiva indeterminada: o processo implica um Agente que não é mencionado; exemplos:

- (84) Doc. e é perto o Ceasa?/Inf. é pertinho daqui dá pra avistá o Ceasa... porque o Extra né? **inaugurô** essa semana... mais... sabe como é que é né... eu num tenho dinheiro pra í no Extra... quando num tem vai no Ceasa (I.D’,p.23)
- (85) Inf. Tinha ônibus e bonde mais o o bonde sempre encrencava, de vez em quando eles corria um poco demais saía fora / Doc saía da linha / Inf. É, saía da linha, parava o trânsito ficava tudo interrompido. Já as ruas estreitinha, depois foi **alargando**. A senhora não vê a avenida São João como **alargô**? E vai **alargá** mais (I.z,p.13)
- (86) Doc. E quem é que tá organizando esse movimento? fazendo isso?/ Inf. tem aquela igreja de crente ali não tem? / Doc. Sei / Inf. Então aquela ruazinha lá subindo ela tem uma placa / Doc. Ah sei / Inf. Não tem uma placa lá? / Doc. Sei / Inf. Então, é ali que **tá organizando** tudo. Pra gente pagá pra ficá dono (I.z,p.1)
- (87) Inf. Todo dia de noite o home chegava acendia a luizinha do lampião. Era a coisa mais bonitinha , azul que nem gais / Doc. Ah que nem gás / Inf. Mais meio escurinho, só no lugar que ficava o lampião que era claro. A rua era meio escurinha. As luis do terraço assim as casa na calçada a luis do terraço **acendia** clareava também a rua um poco (I.z,p.11)
- (88) Doc. Ah por isso que o marginal vinha pra cá. Ficava escondido aqui/ Inf. É porque era coito é era coito. Aí então a insegurança aqui é muita. Aqui **se mata** muita gente. Aqui **se se se roba** muito aqui **se faz** tudo quanto exagero. Você vê um corre corre aqui é eu não sei. Mas mesmo assim eu gosto muito daqui. (I.5,p.5)

- (89) o dinheiro que eu tinha ganhado dava pra mode eu dava pra mode eu chegá até Belo Horizonte né? Lá eu fiquei na casa da minha prima minha mãe já tava lá **se tratando** né? (I.p,p.5)
- (90) Doc. E o senhor trabalha em que? / Inf. Eu **desempreguei** eu venho que nem passarinho saltando ponto. Bom, eu minha profissão eu perdi há quatro anos atrás hoje existe eu acho saio procurando sobre a minha profissão porque a minha profissão é serralhero (I.j,p.61)

7) **Médio Passiva**: o processo semanticamente não implica Agente; exemplos:

- (91) Então se adocece ou você ou quera ou não quera tem que levá no médico tem que ficá com eles em casa dois dia. Se a patroa reconhecê dá os dois dia. E se a patroa não reconhece? Você vai pro olho da rua. Sem serviço né? Que nem **se deu** muito com eu (I.t,p.2)
- (92) Inf. e a Marilena que infelizmente foi embora / Doc. Infelizmente ou felizmente pra ela / Inf. felizmente também pra ela né? / Doc. É isso aí puxa vida/ Inf. É melhor porque a gente num ponto é bom outro ponto é ruim porque lá não sabe o que **se passa** nem nada né? / Doc. A África tem muito problema né? (I.w,p.8)
- (93) Se eu tivesse um emprego que desse pra eu pegá por exemplo de seis ou sete às sete por exemplo por dia como eu eu interesse trabalhá porque eu nasci **me criei** foi trabalhando não tem precisão de meus filho í pra creche não. O que eu ganhava dava pra eu minha mulhé meus filho passá. (I.j,p.64)
- (94) Inf. ela também ela nasceu muito pequenininha. Ela nasceu com dois quilo ficô lá no hospital recuperando o peso também. Então ela não teve nem possibilidade de pegá peso ((fala de criança)) por causa da correria. Tinha veis que quando eu tava de barriga com ela que eu terminava de fazê a a arrumação aqui de dentro que eu ia deitá tava com a carne do corpo tudo tremendo tudo tremendo assim a carne do corpo/ Doc. Cansaço né? / Inf. É de cansa(ço). Aí também eu acho que ela não tinha muita possibilidade de **desenvolvê** né? (I.t,p.8)
- (95) Inf. e foi melhó do que na Teresinha a gente pagava aluguel e não tinha sossego/ Doc. Aqui a senhora acho que deu mais resultado? / Inf. Aqui deu pra gente **adaptá** bem melhó / Doc. E aqui tem uma porção de barracos não? (I.i,p.57)

Os resultados são expostos na tabela a seguir:

Tipo de pronome reflexivo	Corpus de 1986-1987 Frequência	Corpus de 1997-2001 Frequência
1) Reflexivo verdadeiro	169/251=67%	157/206=76%
2) Reflexivo recíproco	34/66=51%	50/99=50%
3) Reflexivo lexical	42/358=11%	68/345=19%
4) Passiva reflexiva com Agente	28/52=53%	7/28=25%
5) Passiva reflexiva com Causativo	19/37=51%	12/26=46%
6) Passiva reflexiva indeterminada	19/55=34%	11/36=30%
7) Médio passiva	46/69=66%	33/64=51%
Total	357/888=40%	338/804=42%

Tabela 4: frequência de realização de acordo com o tipo de pronome reflexivo

Há uma diferença expressiva no índice de realização pronominal entre as categorias reflexivo verdadeiro, de um lado (67%, 76%), e reflexivo lexical, de outro (11%, 19%).

O recíproco (51%, 50%), por seu turno, tende a favorecer o uso do pronome, ainda que não de forma tão significativa quanto o verdadeiro.

Entre as construções passivas, a categoria que mais favorece a realização é a médio passiva, isto é, aquela que não implica um Agente (66%, 51%), ao passo que a passiva reflexiva indeterminada (que implica um Agente não mencionado) tende a desfavorecer decisivamente o uso da anáfora expressa (34%, 30%).

Para submeter este fator ao Goldvarb, realizamos amálgamas diferentes para os dois *corpora*. No de 1986-7, amalgamamos as categorias (4) passiva reflexiva com Agente e (5) passiva reflexiva com Causativo (contextos que apresentam índices praticamente iguais de realização de *se*, respectivamente, 53% e 51%). Já no *corpus* de 1997-2001, amalgamamos (5) passiva reflexiva com Causativo e (7) Médio Passiva (índices de, respectivamente, 46% e

51%); e (4) passiva reflexiva com Agente e (6) passiva reflexiva indeterminada (índices de, respectivamente, 25% e 30%).

O fato de as passivas com Causativo se comportarem (i.e. terem o mesmo padrão de realização pronominal) como as passivas com Agente, num *corpus*, e como as médio-passivas, no outro, não nos surpreende. Como vimos no capítulo 4, estas categorias podem ser dispostas num continuum: num extremo, há os processos tipicamente associados a um Agente, e no outro, aqueles que são vistos como não comportando uma entidade iniciadora. A localização de uma estrutura, num ponto deste continuum, depende da conceptualização do falante.

O fator foi selecionado como estatisticamente significativo nos dois conjuntos de inquéritos.

Corpus de 1986-1987		
Tipo de pronome reflexivo	Frequência	Peso Relativo
Reflexivo verdadeiro	169/251=67%	0.67
Reflexivo recíproco	34/66=51%	0.61
Reflexivo lexical	42/358=11%	0.28
Passiva reflexiva com Agente/Causativo	47/89=52%	0.56
Passiva reflexiva indeterminada	19/55=34%	0.65
Médio passiva	46/69=66%	0.67
Total	357/888=40%	

Tabela 5: frequência e peso relativo¹³² de realização de acordo com o tipo de pronome reflexivo (*corpus* de 1986-7)

¹³² Os pesos relativos vão de 0.01 a 0.99. Um peso relativo maior que 0.50 favorece o uso do pronome, ao passo que um peso menor do que este valor o desfavorece. A análise das frequências verificadas nos diversos subfatores será feita em relação à média geral de realização do pronome.

Corpus de 1997-2001		
Tipo de pronome reflexivo	Frequência	Peso Relativo
Reflexivo verdadeiro	157/206=76%	0.75
Reflexivo recíproco	50/99=50%	0.72
Reflexivo lexical	68/345=19%	0.25
Passiva reflexiva com Agente e indeterminada	18/64=28%	0.47
Passiva reflexiva com Causativo e Médio passiva	45/90=50%	0.61
Total	338/804=42%	

Tabela 6: frequência e peso relativo de realização de acordo com o tipo de pronome reflexivo (*corpus* de 1997-2001)

Os pesos relativos das tabelas 5 e 6 confirmam o favorecimento do uso do pronome, entre as estruturas reflexivas propriamente ditas. Em outras palavras, se o pronome marca reflexividade semanticamente não-esperada (*matar-se*, *ver-se*) (pesos relativos: 0.67, 0.75), ou reciprocidade (*ajudar-se*, *unir-se*) (pesos relativos: 0.61, 0.72), ele tende a ser utilizado.

As construções em que o pronome assinala passividade, em geral, também tendem a favorecer a sua realização – a única exceção se encontra na tabela 6, na categoria passiva reflexiva com Agente e indeterminada, que desfavorece ligeiramente o uso (0.47).

Examinando o traço semântico do sujeito em construções passivas, verificamos que o uso do pronome é favorecido quando o sujeito é [+ humano], mas não quando ele é [-animado]. Isto só não se aplica às ocorrências de passiva reflexiva com Agente e indeterminada, encontradas no *corpus* de 1997-2001, contexto no qual predomina a não-realização, independentemente do traço semântico do sujeito.

Na categoria reflexivo lexical, por fim, há uma forte tendência de omissão (0.28, 0.25). É importante ressaltar que este é o contexto em que o pronome tem menor valor semântico, já que acompanha verbos que são essencialmente, ou normalmente, pronominais.

6.3.2 Classe semântica do verbo (KEMMER, 1993)

Outro fator semântico que se mostrou significativo foi a classe do verbo, conforme a tipologia de Kemmer (1993) (ver capítulo 4, item 4.4.1). Realizamos poucas modificações nas categorias propostas pela autora, de acordo com as estruturas encontradas no *corpus*¹³³.

Lembremos que Kemmer (1993) contrapõe construções reflexivas propriamente ditas de um lado – as quais compreendem o reflexivo direto, o indireto e o recíproco – e estruturas médias de outro. Repetiremos, a seguir, as definições fornecidas pela autora, com exemplos retirados do *corpus*.

A) Construções reflexivas

(i) **Reflexivo direto**: o verbo evoca um evento de dois participantes¹³⁴ – um Agente e um Paciente, como em (96-102), ou um Experienciador e um Estímulo, como em (103-105) – que se referem à mesma entidade; exemplos:

- (96) E eu tava desceno uma... a a av/ ala a avenida Rio Branco ali em Santo Amaro e veio um cara quando eu vi o cara... olhandando na minha direção eu tive a impressão que ele ia me assaltá mas foi dito e feito quando eu penso que não o cara me segurô pra pegá a minhas coisa e eu... pedi prele me soltá treis vezes na terceira veiz eu saí puxei ele eu saí correno e gritando “pega ladrão” e foi embora só quando eu cheguei em casa que eu vi que eu tava com o braço todo marcado todo roxo... mas eu consegui escapá/ Doc. e ele não foi atrás de você?/ Inf. não porque eu corri muito e **me me misturei** no meio das pessoas (...)/ Cê sabia que cê corria tanto assim?/Inf. só nessa hora é que eu descobri que eu tinha tanta força pra corrê né? (I.5’,p.11)

¹³³ Acrescentamos à tipologia de Kemmer (1993) as seguintes categorias: (10a) eventos naturalmente recíprocos com desdobramento do sujeito, (13) verbos de estado e (14) sem classificação.

¹³⁴ Lembremos que a noção de “dois participantes” de Kemmer (1993) difere da de Talmy (2003a,b). Enquanto este último entende participantes como pessoas, ou pelo menos entidades [+animadas], Kemmer propõe que um evento prototípico de dois participantes envolve uma entidade humana (Agente) que atua sobre uma entidade inanimada (Paciente).

- (97) Aí eu me conformei cum aquilo, também se eu fosse pra vê ela sofrendo ali () preferia que ela cabe () o médico chegô pra mim e falô que a pessoa nasce pra morrê, então se leva no médico () falando aí que aconteceu. Eu subi novamente, chegô lá em cima, a médica me chamô e falô que a situação não era boa, que não ia me dá esperança () a boquinha cheia de sangue, ela **se mordida** todinha. Colocaram aparelho na boca dela (I.7',p.19)
- (98) Aí eu falu assim... aí eu falu assim né? qui minha vida acabô... não tem mais sentidu... às vez eu pensu até im **mi matá...** **mi jogá** debaixo da ponti... porque é muita agitação... aí eu ficu muito agitada sabi? aí passa aquelas coisa assim... pela minha cabeça sabi? aí na mesma hora... aí eu óiu pas criança né? i pensu um pocu... pur que eu já fui fazê issu aí ... naquela hora qui eu fui né? tá cum um anu mais ou menu... eu fui **mi jogá** lá na duta.../ Doc. Como é que foi isso?/Inf. ah... foi um neivosu bem grandi qui eu passei né? (I. K',p.33)
- (99) Doc. a senhora gosta do padre Marcelo?/Inf. nossa adoro/ Doc. já foi alguma vez ()/ Inf. já::: já fui de uma moça ali que nós/ ela tem carro a gente sempre ia agora não que ela passou a ser adventista né? mas quando ela era católica ela chegava ali me chamava eu **arrumava** e ia embora ... adoro... gosto (I.2',p.37)
- (100) Então eu eu achei que aqui por muito que a gente ainda não teve a possibilidade de levantá um barraquinho melhó, mais tá bem bem melhó porque aqui a gente tem convivência com todo mundo e ninguém **envolve** com a vida do otro né? cada qual trabalha (I.i,p.56)
- (101) Doc. E a senhora tem amizade aqui com o pessoal? / Inf. Tenho eu não tenho nada não tenho inimidade com ninguém graças a Deus só que nem eu e nem ela, ela ela tem o meu sistema nós damo muito certo por isso porque ela tem o meu sistema. Eu não gosto de **enfiar** na casa dos otro e ela também não gosta (I.L,p.14)
- (102) quando foi a noite a gente foi na casa da irmã dele aonde ele ficava e ele elas gozaru tanto dele que ele ficô que assim nervoso e ficô dentro do quarto né? **escondeu** lá no quarto e tinha uma Justina que era muito atentada , gostava de atentá ele, e ele era assim meio sistemático que ele **se escondeu** lá e ela começô agarrá ele pelo braço né? (I.i,p.50)
- (103) Doc. esse é o.. como é o nome dele? /Inf. (Gidâncio)/Doc. (Gidâncio)... da onde que vem esse nome?/Inf. olha... se eu num **me engano** é bíblico/Doc. é?/Inf. é... se eu num **me engano** é bíblico... (I.E',p.54)
- (104) Doc.E fora esse problema da limpeza nos córregos, o que que o senhor acha que que poderia ser melhorado aqui, o que precisaria ser melhorado./Inf.Olha, o que precisaria tal, eu vô falá a verdade, bão, parte seria até, a própria, o próprio morador que morasse, certo? **se conscientizá** que o lixo deve sê jogado na lixera e não no córrego, bão, mais, fora a parte isso, a prefeitura deveria de dá maior atenção pra gente, porque, primeiro lugar, a gente tá chegando à época das águas, certo, e eu falo pro senhor, aqui dentro de casa aqui, quase entrô água, num entrô por causa de dois centímetro. (I.I',p.35)

(105) Eu bebia, fumava, eu era um cara super nervoso eu era um cara nervoso. Aí eu vim pra igreja, minha mulhé, minha mulhé que levou () Ela sofria comigo, era um cara nervoso, botava um revólve na cinta achava que era () era assim... () Ela loitou comigo () Não é fácil assim não você sê casado com um homem, e ele sê alcóolico né? Mas graças a Deus, Deus me libertô desses vício, não tenho vício mais. Eu **tinha ódio de eu mesmo**, você acredita? Hoje eu olho vocês, eu amo vocês como eu **tô amando eu mesmo**. Eu sô assim agora () Se alguém me dé um tapa, eu falo assim eu perdô ele, se Jesus perdoô, por que eu não posso perdoá? (I.T'.p.30)

(ii) *Reflexivo indireto*¹³⁵: o verbo denota um evento de três participantes (um Agente, um Paciente e um Recipiente ou Beneficiário), e o participante Recipiente, ou Beneficiário, é correferencial ao Agente; exemplos:

(106) Eu tô com sede **vô fazê** uma laranjada **pra mim** ou um né? Ah eu faço uma limonada e daí um poquinho chego lá (I.x,p.111)

(107) Eu que num ligo pra aparência não. Ligo é pro caráter das pessoa... então eu falo é... às veze a irmã fala que eu sou muito chata. Num é chata a pessoa tem que **dá** valô. Num é qualqué carinha que mexe que deve ficá derreteno pra ele. Vai sabê o que eu levo, vai sabê o que vi / Doc. 1. tem que sabê dá valô/ Inf. né? né? Tem que **dá** valô. Porque se... se num **dá** valô minha fia, ninguém dá valô não. Ninguém dá valô. Eu **dei** muito valô, graças a Deus (I.9',p.36)

(108) Nesse dia fui chegá treis hora da madrugada em casa porque topei () ainda com treis malandro. Treis malandro me levaru pro cantão, que nem um aquele cantão que tem aí na des/ quando eu passo ali pra chegá lá no asfalto / Doc. Sei / Inf. Que tem uns tijó/ que era bloco que fazia / Doc. ahn ahn / Inf. E eu sei que me escapei de todos três. Não **se serviu** de mim não/ Doc. tá loco / Inf. Eu sofri tanto passei por cada uma, nega a veis () aqui choro, me dá uma revolta já sofri muito (I.9,p.11)

¹³⁵ Embora o rótulo seja sintático, as definições propostas por Kemmer (1993) são semânticas. Assim, algumas ocorrências, em que o pronome tem a função de objeto indireto, se encaixam na categoria (i) reflexivo direto; ex.: *eu fiquei internada duas vez com pneumonia. Aí eu falei "Sabe дума coisa? Eu vô cuidá é de mim (I.f.p.9)*

(iii) **Recíproco prototípico**: o verbo indica um evento em que há 2 participantes, A e B, e a relação que A tem com B é a mesma que B tem com A; exemplos:

- (109) Doc. éh... vem cá... a senhora teve muitos namorados quando era mais nova?/Inf. não... tivi um primeru ... i essi trasti aí foi u sigundu.../ Doc. conta um pouquinho do seu primeiro namorado? ((risos))/ Inf. pur issu é qui eu incentivu minha fia namorá bem... vê quem é a pessoa né? gostá bem... **respeitá uns aus otrus** pra não acontecê cum ela u que aconteceu cumigu (I.N'.p.109)
- (110) Doc. e o marido da senhora também é de lá?/Inf. o meu esposo é pernambucano/Doc. pernambucano... *se conheceram* aqui e como é que foi?/Inf. ah ah/ Inf. é... foi legal.../Doc. se a senhora quisé contá né/Inf. foi legal é... foi legal eu nem sei te explicá como a gente **conhecemu**... através de uma brincadeira né? eu falei com ele né?... e... foi legal (I.E'.p.40)
- (111) e... a gente perde até o gosto de... de... de... outro dia aí minha mãe tava dizenu “é, você foi lá pra São Paulo, pra tão longe, pra... levá Camilinha lá, ela foi morrê lá, é, por que não vem embora? porque você vai morrê lá e nós não vai **se vê** mais, ou então eu morro e você não me vê e a gente tem que tá perto pra quando um morrê pra dá tempo pra olhá o outro”, “mãe mas se tivé de morrê longe, morrê perto, tanto faz” (...) é que nem a qualquer momento pode acontecê, eu voltá a não vê a minha mãe, ou então minha mãe não me vê (I.8'.p.23)
- (112) Doc. A senhora não teve oportunidade de ir pra escola?/Inf. não tivi... eu istudei um tempinhu... aí a genti tinha qui ajudá meu pai na roça... precisô ajudá né? eu tinha muito irmão sabi? na época... incrusivi também os irmão tudu tinha ... a genti tinha qui si ajudá né? **i si ajudá uns aus otu** né? u que qui a genti ia fazê... eu perdi meu avô... depois qui a genti perdeu o avô né? ficô mais difícil (I.M'.p.72)¹³⁶
- (113) Doc. aqui não tem assalto tem?/Inf. assalto não... pode dormir inté com a porta aberta/ Doc. é?/Inf. mas ladrão ahhhh la/ ladrão entre eles lá né?/ Doc. hanhan/ Inf. eles roubam vão ga/ vão ganhar o dinheiro deles por aí... depois na hora de repartir ... **eles mesmo se mata** ((risos)) tinha muito... que acabou muito viu?/Doc. é:::/ Inf. que na hora de repartir o negócio eles serviam pra **se matar**/ Doc. então a senhora ouvia tiro aqui de vez em quando? (I.P'.p.23)

¹³⁶ Note-se que, aqui, o falante usa a forma átona com função reflexiva (*ajudar-se*), valendo-se da forma átona e tônica para indicar a reciprocidade (*ajudar-se uns aos outros*).

B) Construções médias

1) *Cuidado corporal*: ações executadas pelo indivíduo nele mesmo; exemplos:

- (114) Agora já não é mais, porque as coisas foram evoluindo é o sul tá muito próximo do nordeste, então./Doc.Por que que cê acha, que o sul tá muito próximo do nordeste?/Inf. () tá muito próximo do nordeste, porque, por exemplo o nordeste, a gente como, a gen/, eu como nordestino vim pra cá, pra São Paulo em oitenta e cinco, é, era novidade quando um cara chegava, uma pessoa daqui de São Paulo, lá, pela maneira de **se vestí**, a maneira de chegá mais com a pele limpa, é, mais forte um pouco, então todo mundo percebia que você tinha vindo pra São Paulo. Hoje não, hoje tanto fais você chegá de São Paulo, como não chegá, mal alguém vai ti vê na tua casa. Antigamente fazia fila de alguém te vê na tua casa. (I.H',p.17)
- (115) E eu inchava muito inchava inchava os pé desse tamanho as perna não podia mais **calçá** andava de chinelinho (I.L,p.3)

2) *Movimento não translacional*: mudança na configuração do corpo, sem mudar a sua localização; exemplos:

- (116) assim ajuda os ferante...faiz carroto...ajuda as...as mu/as senhoras q/levá: ::...as coisa delas...e é isso que ela faiz...minha mãe ela nu trabaia ela já é aposentada então ela nu...trabaia mais...que teve uma época que ela caiu e bateu isso aqui dela e as as coisa...o médico falô assim se ela: :: fosse pa trabaia ela não podia **agachá** senão ela...pudia coisá a coluna...aí ela nu trabaia lá...o marido dela qui trabaia meus irmão...que ajuda ela...e ela recebe assim a pensãozinha do meu pai...que eu não tenho mais pai vivo...e é assim que ela vevi também (I.A',p.8)
- (117) Inf. é que eu... tive uns poblema na/ no joelho... doença mais que eu tenho é essa/ Doc. sei/ Inf. tenho doença nenhuma... agora tem um/ peguei um negócio na/ doença no joelho... tô me tratando pra ver ... dói o joelho... vai **se abaixar** não pode/ Doc. ah certo/ Inf. eu tô tratando/ Doc. e o senhor trata aonde?/ Inf. tô nas Clínica agora (I.O',p.8)

3) **Mudança na postura corporal**: mudança na configuração do corpo, em relação a uma localização; exemplos:

(118) Eu digo eu trabaiei nessa igreja quando era cape:::la ... e: :: ... () era tão pequeno que a missa era pro lado de FOra ... ah: ::... quando eu mudei pra'qui era tudo MAto tudo TErra ... (então) eu tirava água no po: ::ço não tem o poço ali?... só que ele tá aterrado né? ... num tinha lu: ::z ... eu vim do JabaQUAra nós morava no Jabaquara... depois vim pra esse lugar aqui tinha dia que eu **sentava** em cima desse poço e começava a chorar (I.1',p.9)

(119) Inf. agora eu fui em Alagoas, agora, agora, em dezembro eu fui lá em Alagoas. Em dezembro, eu tire/ até eu tire/ até uma foto lá. Eu vô pegá pra você vê/ Doc. Você foi sozinha? / Inf. Fui não. Eu levei meu menino. E até caiu () É a vida fia, a vida é assim mesmo/ Doc. É conta pra nós como foi o passeio de vocês?/Inf. o meu?/Doc. é/ Inf. O meu passeio foi bom. Eu fiquei junto do meu pai com a minha tia. Eu passei vinte dia lá, que eu adoeci né? o meu menino num se dá lá né? desde que ele nasceu. Aí quando chegô lá adoeceu um do lado de outro. Nem **me levantá me levantava** de tanta dor, doente. Aí eu digo “Ave Maria!” Só sei que vim pra cá (I.J',p.65)

4) **Movimento translacional**: movimento através do espaço; exemplos:

(120) E o rio as planta que coisa linda é minhas flô... eu tenho um carinho tão grande que quando as galinha **se aproxima** delas pa picá eu fico brava eu tenho vontade de acabá com essas galinha (I.3',p.3)

(121) Eh foi eu e umas umas vizinha que tinha aqui também né? Elas elas **mudaru**. Cada qual comprô seu terreno foi morá no seus terreno.(I.t,p.16)

5) **Média de emoção**: processos/estados mentais emotivos; exemplos:

(122) se num fosse minhas cocadinha num sei o que será da minha vida... um tem dia tem dia queu vendo cinco... tem dia queu vendo quatro real tem dia queu vendo dez tem dia queu vendo quinze e assim... e vô gritano “ó cocadinha gostosinha deliciosa gostosinha gente pode comprá gente cês num **se arrepende** não aqui é cocada casera gostosinha uma delícia com leite de mocinha uma lata de leite de mocinha dentro... é uma delícia” (I.4',p.5)

- (123) Quando eu vim descubrí () já estava durmino cum a vagabunda lá e eu sem sabê... agora peguei e fui aí em Guaianais pedí ajuda lá aquela tutelá de menó...aí mand/ vei já falá comigu u que ia fazê i u qui não ia purque eu ele ia pegá u mininu na porta da iscola u mininu () escola sabe? ficô sem estudá eu **mi apavorei**... nu períodu do mininu estudá () não () na escola direitu (...) aí eu fui lá falei olha depois u mininu foi voltá estudá a diretora não aceitô mais né? (I.O'.p.16)
- (124) E achei que ele estava atrasado no tempo né? atrasado na manera dele de pensá. E como ele deve tê muita gente que fais assim por isso que a pessoa **se sente** rebaxada. Então se um dia uma empregada doméstica chegá a oví o o que eu tô dizendo não **se envergonha** nunca de sê uma empregada doméstica. Levante a cabeça e fala é uma empregada ela é necessária (I.x.p.107)
- (125) Tudo que a Bíblia fala é é a gente tá vendo que tá acontecendo. Não tem pra onde a gente negá. Não tem () mas tudo isso é a gente tem tem que apelá pra Deus (que Deus mostra) pra conservá a gente sempre firme né? e nunca que a gente **desespera** né? porque quem passô cinquenta e um ano agora Deus é o mesmo Deus faz que a gente veve o resto tranquilo (I.k.p.80)
- (126) Eu gostu di sê chamada di você sabi? incrusivi a: :: ... quanu é senhora di idadi... quanu é duas juntú... eu falu “obrigadu vocês”... eu não chamu di senhora não... pareci qui elas sai mais contenti sabi? qui a pessoa às vez não **sentí** bem né? cê chamá di você... purque não **sentí** eu achu... incrusivi... eu chamu sempre di você (I.M'.p.73)¹³⁷

6) **Média de cognição**: processos/estados mentais cognitivos; exemplos:

- (127) Inf. Tem muito problema. Mais lá diz que é em país pacato não é / Doc que nem a África do Sul / Inf. não é a África do Sul lá não. Era antigamente terra do Bokassa lá/ Doc. Ah é?/ Inf. É naquele tempo era o Bokassa não **lembra** do Bokassa? Aquele que / Doc. Rico né? (I.w.p.8)
- (128) Inf. Candidato daqui desse setor quem tava sendo era o Henrique né? Mais eu **me esqueci** o nome que que aparecia, tinha a estrelinha ele falava com o Zé do Muro/ Doc. Ah Suplicy? (I.d.p.6)

¹³⁷ O item lexical *sentir* pode ser empregado tanto num sentido físico (sentir-se fisicamente mal/bem), quanto psicológico (sentir-se arrasado). As ocorrências do primeiro tipo também foram incluídas entre as médias de emoção de Kemmer.

7) *Ato de fala emotivo*: ato de fala de natureza emotiva; exemplo:

- (129) Doc. E convivê assim com as patroas é/ Inf. Eu acho legal porque tanto é que uma tem uma que tem três ano a otra quatro ano é é essa nova que eu tô agora tem um ano e poco / Doc. É a mais nova? / Inf. É e pelo meno ela sempre gostô do meu serviço nunca reclamô de nada né? e eu também não tenho que **queixá** delas não. Elas tem confiança ne mim (I.y,p.42)

8) *Outros atos de fala* (i.e. de natureza declarativa); exemplos:

- (130) Inf. Depois do eletro foi que deu que eu sô cardíaca também cardíaca (eu sabia) a família toda morre assim do coração geralmente minha família toda morre assim / Doc. De repente? / Inf. De repente. Só meu pai que ficô na cama dois meis mas minha mãe morreu de repente/ Doc. Puxa vida / Inf. Ela foi **confessá**. Ela era católica roxa/ Doc. Ela era católica / Inf. Católica roxa. Ela foi **confessá** que ela já e/ já tinha setenta e três ano então o padre ela era muito conhecida dela o padre já velhinha então ele falô pra ela “Você não precisa de de **confessá** todo meis a **confessa** de seis em seis meis e pode comungá o dia que quisé não tem problema” (I.L,p.8-9)

9) *Média indireta*: a entidade Agente é comumente, ou necessariamente, o participante

Recipiente ou Beneficiário da ação; exemplos:

- (131) Doc. o que ele fala pra senhora? Ele é exigente?/Inf. muito... qué as coisa tudu na hora... comu si a genti fossi impregada i eu falu qui aqui im casa eli não tem impregada... eu façú us meu devere né? façú di tudu pra dexá tudu na hora certa... mais não vem querê **aproveitá** di mim qui não tem não/ Doc. fala um pouquinho pra gente... então o respeito da mulher moderna... o que que caracteriza uma mulher moderna hoje?/ Inf. eu digu assim.... ela cuidá di casa... cuidá dus fiu... respeitá u maridu... u maridu respeitá ela geralmenti... apesá du que eli feiz pra mim... eu respeito eli...(I.N'.p.108)
- (132) Inf. aí a gente fazia um monte de biscoito assim uns dois três saco e amarrava um no otro punha na nas costa do jegue ((risos)) o maior sarro (...)/Doc. Vocês iam vendê?/ Inf. Não, a gente **trazia** da da fazenda que a gente fazia pra pra rua né? **pra gente** que a gente não comprava pão (I.a,p.3)

10) *Eventos naturalmente recíprocos*: ações ou estados em que a relação entre os participantes é normalmente, ou necessariamente, mútua; exemplos:

- (133) Inf. () é calmo aqui. Tudo os vizinho que pode ajudá ajuda, a gente conversa, vai na casa deles quando tem uma festinha eles chama, assim / Doc. Ahn ahn / Inf. meus primero vizinho é aquela ali, aquela lá em cima e essa, tem uma casinha aí embaxo, a gente **se dá** mais/ Doc. Tem mais amizade né? (I.z,p.7)
- (134) “Não, Sandra, vamos ficá noivo? Nós **casa**, tal!” Eu num quis. Intão, ele pegô e falô assim “Depois que você engravidou, que vem atrás de mim” (I.9’,p.40)
- (135) E falava assim “São irmão! Ói quando sua mãe morreu, quem tomô conta de vocês foi eu”. É ficava ... / Voluntária 2. Seu pai que dizia?/Inf. Minha tia que dizia aquilo ali “Vocês são irmão. Vocês, quando seu pai morreu... quando sua tia morreu... quando sua mãe morreu, quem tomou conta de vocês foi eu. Vocês tem que respeitá um ao outro”. Aí, sei que depois que a gente cresceu, virô outo, a outa virô mulhé, virô rapaiz. Aí *a gente se separemo*. Tem dois em Alagoas, uma foi grávida daqui (I.J’,p.64)

10a) *Eventos naturalmente recíprocos com desdobramento* do sujeito; exemplos:

- (136) Doc. a senhora tem alguma que ixa alguma mágoa de alguém/ Inf. não GRAças a Deus... tenho não... e do / co/ co/ poco que eu **se dô se dô com todo mundo** tem mágoa de ninguém tem réiva de ninguém tem nada sei agradecê as pessoa que me aju:::da (I.2’,p.36)
- (137) e depois é... os meus doze anos eu conheci um rapaz, comecei a namorar, treze anos eu fiquei noiva e continuei o namoro com quinze anos eu **me casei com ele** né? fui morar na cidade chamada Conceição de Cuité e... fiz minha vida lá durante três anos e quatro mês né? foi que durou o meu casamento né? É e depois é eu **me separei**, fiquei com filho, o menino nesta época quando **me separei** tinha um ano e oito mês né?, **me separei** voltei novamente a viver com meus pais novamente na roça (I.7’,p.16)
- (138) Ele falô assim “Eu, Sandra, eu eu alugo uma casa e você vai morá com ele” e eu falei assim “Não, eu num fiz ele sozinha. Fez foi nós dois”. Aí eu falei assim “é porque você num queria ficá noivo comigo? Queria **casá comigo**?” Só que eu num quis né? porque um dia à noite “vamo ficá noivo”. Aí eu falei assim “Ah Adalton, eu num quero **casá** agora. Quero trabalhá”, porque eu tava trabalhano né? (I.9’,p.40)
- (139) Doc. O senhor conhece professoras aí? Eles fazem reunião? Inf. Fais, sempre eu vô na reunião (...) / Doc. Como é que é a reunião? / Inf. Elas **reúne com a gente** pra falá como é que os filho vai na escola né? se tá indo bem se tá indo mal fala também da situação da escola né? e tal. (I.k,p.94)

11) **Eventos espontâneos**: processos que tipicamente são percebidos como ocorrendo sem a iniciação direta de um Agente; exemplos:

- (140) Inf. fiquei vinte e poucos ano lá /Doc. aí a partir dos dez/dezoito a senhora morou aqui em São Paulo/ Inf. olha eu **me criei** aqui....fui pra Rio Grande com com dezoito anos (I.1',p.3)
- (141) aí já já desocupô um quarto botô minha mãe lá den::tro do quarto... quando foi duas/ quando foi / meu irmão/ o MÉdico descobriu a doença dela era era quase onze hora da noite aí ele falô “ela vai até amanhã de madrugada porque o fio quer que dá remédio acha que ela vai **salvá**... mas eu acho que não”... aí ela **foi** inté cinco hora da manhã... aí... quando foi cinco hora... partiu (I.1',p.14)
- (142) Eu tenho criação eu tinha uma cachorra chamada Sula e eu estimava () eu gostava muito dela também ela... morreu de doença ... ele vai falá que eu eu só falo de doença... aí tem agora a Lili tem o os pato tem o pintinho ... eu gosto daqui eu não **acostumava** com esse lugar aqui onde eu moro agora eu gosto tanto que eu se eu durmo na casa da minha mãe que é lá no Jabaquara eu estranho não consigo dormí (I.3',p.1)
- (143) Então se adocece ou você ou quera ou não quera tem que levá no médico tem que ficá com eles em casa dois dia. Se a patroa reconhecê dá os dois dia. E se a patroa não reconhece? Você vai pro olho da rua. Sem serviço né? Que nem **se deu** muito com eu (I.t,p.2)
- (144) e a situação foi **se agravando** né? aí a gente levou ela pra Feira de Santana, quando chegou lá o médico foi fazê exame, aí ela passou lá um mês internada fazendo todos os exames, pra pudê sabê o problema que ela tinha e com o tempo descobriu que ela tinha um problema sério no estômago né? tipo um caroço né? tava muito passado, foi feita a cirurgia ela, depois da cirurgia ela não passou bem, mas com o tempo o tratamento direitinho foi ficando boa né? aí eu passei o o que? dois mês com ela , cuidando dela lá, na Feira de Santana né? o meu pai trabalhava pra pudê cuidá de mim... e do meu filho também/ Doc. e depois aí, o que aconteceu? / Inf. aí, depois né? o que , que eu ti falei é, é... ela voltou né? aí depois foi **se agravando, se agravando** os problemas né?, mas assim a vida continuou né? eu continuei com ela cuidando dela né? (I.7',p.16)
- (145) e também tem outra coisa num, num na minha infância que aí, eu pra contá, há vinte vinte anos atrás né? que eu quase morro né? que eu trabalhava de electricista. Aí a força me pegou e me derrubô e muntô em cima de mim e passou o fio assim nos meus peito, e eu fiquei sem fala. Aí eu passei, depois eu lembro que ele chegou e me socorreram e , eu não fui no médico né? Aí eu fiquei um bocado de tempo doente e os olhos, os olhos seco, aí um dia né?/ Doc. como assim, os olhos secos?/Inf. assim, a energia quando me pegou. Aí eu fiquei sem fala né? Aí os olhos ficou pingando água direto. Aí fiquei sofrendo das vistas. Os olhos seco que a gente fala é assim ó. Só descia lágrima direto e depois que acabô e passô de descê as lágrimas () ficou só () os olhos ardendo. É, doeno direto e ficou igual conjutivite e.... **vermeiô** e sofreno muitia dor. (I.8',p.23)

12) *Passiva e impessoal*: ações ou processos que envolvem um Agente (expresso ou não);

exemplos:

- (146) Doc. Ah por isso que o marginal vinha pra cá. Ficava escondido aqui/ Inf. É porque era coito é era coito. Aí então a insegurança aqui é muita. Aqui **se mata** muita gente. Aqui **se se se roba** muito aqui **se faz** tudo quanto exagero. Você vê um corre corre aqui é eu não sei. Mas mesmo assim eu gosto muito daqui. (I.5,p.5)
- (147) Doc. e é perto o Ceasa?/Inf. é pertinho daqui dá pra avistá o Ceasa... porque o Extra né **inaugurô** essa semana... mais... sabe como é que é né... eu num tenho dinheiro pra í no Extra... quando num tem vai no Ceasa (I.D',p.23)
- (148) É porque lá, lá é feito do do do leite do milho, a canjica lá pra gente. É aqui não, é feito da massa, né? E aqui eles pega a massa, eles eles lá não, lá é o leite do milho. Pega o o /Doc.Milho-verde?/Inf.Milho-verde passa num muinho, cê sabe o que é muinho/Doc. Muinho daqueles manuais?/Inf.Manual, pega na mão lá e vai ó. Então aquilo daí, põe uma uma vasilha embaixo do muinho e vai sortando o leite, daquele leite lá é que **se fais** a canjica. (I.H',p.25)

13) *Verbos de estado* (esta categoria engloba basicamente o verbo *chamar*); exemplo:

- (149) Doc. quando a senhora precisa sair então a/a/ a senhora pega ônibus... como é que fica como é que faz?/Inf. (...) eu agora eu vou de ônibus tem um táxi lá embaixo que a gente/ que **chama** CaREca quando precisa assim que liga pra e: ::le ele vem espera a gente pega leva trás o que for preciso é assim que senão eu vou de ônibus me(s)mo (I.2',p.31)

14) *Sem classificação*: ocorrências que não se encaixam nos tipos propostos por Kemmer

(1993), mas podem, em tese, ser consideradas semanticamente médias; exemplos:

- (150) Doc. hoje ele tá trabalhando?/Inf. tá ele faz bico né? mia fia aposenTAdo... ou **se vira** ou morre de fome né? (I.2',p.30)
- (151) Porque se um dia eu falá prum filho meu “Cê tá andando com malandro?” falo “não vai andá com esse cara mais”. E se ele continuá andando eu não quero mais dentro de casa. “Qué andá errado? Fora de casa”. E a veis a mulhé é contra eu fazê isso né? Então é a hora que eu vô largá tudinho. Largo tudo vô morá só. Nem que fô debaxo dum duma pedra. Quero ficá só/ Doc. E quem cuida das criança? / Inf. ah desde que ela ela **se intrometeu** no meio cuida (I.c ,p.10)

Este fator foi selecionado pelo Goldvarb apenas na análise do *corpus* de 1997-2001, razão pela qual a tabela a seguir contém os pesos relativos somente deste conjunto de dados.

Classe semântica do verbo	<i>Corpus</i> de 1986-7	<i>Corpus</i> de 1997-2001	
	Frequência	Frequência	Peso Relativo
A) CONSTRUÇÕES REFLEXIVAS			
(i) Reflexivo direto	73/110=66%	80/95=84%	0.87
(ii) Reflexivo indireto	11/11=100%	3/9=33%	0.09
(iii) Recíproco prototípico	15/22=68%	27/34=79%	0.92
B) CONSTRUÇÕES MÉDIAS			
1) Cuidado corporal	0/2=0%	4/4=100%	-
2) Movimento não translacional	0/6=0%	2/6=33%	0.48
3) Mudança na postura corporal	3/67=4%	2/44=4%	0.15
4) Movimento translacional	6/47=12%	11/53=20%	0.52
5) Média de emoção	50/86=58%	37/54=68%	0.66
6) Média de cognição	24/95=25%	22/99=22%	0.25
7) Ato de fala emotivo	3/6=50%	1/1=100%	-
8) Outros atos de fala	0/6=0%	-	-
9) Média indireta	1/1=100%	2/3=66%	0.77
10) Eventos naturalmente recíprocos	19/45=42%	23/65=35%	0.78
10a) Eventos naturalmente recíprocos (desdobramento)	24/99=24%	29/104=27%	0.42
11) Eventos espontâneos	72/122=59%	47/97=48%	0.52
12) Passiva e impessoal	43/111=38%	24/79=30%	0.32
13) Verbos de estado	4/40=10%	6/33=18%	0.02
14) Sem classificação	9/12=75%	18/24=75%	0.63
Total	357/888=40%	338/804=42%	

Tabela 7: frequência e peso relativo de realização segundo a classe semântica do verbo

Recordemos aqui a hipótese de Kemmer (1993): se uma língua dispõe de variação entre duas formas pronominais (pronome tônico x clítico¹³⁸, ou pronome explícito x zero), a forma fonologicamente mais pesada e independente será utilizada nos contextos de reflexividade e reciprocidade propriamente ditas, enquanto a forma fonologicamente mais leve (ou zero) tenderá a ser favorecida nas estruturas médias.

Observando os índices encontrados entre as construções reflexivas da tabela 7, vemos que tal hipótese em parte se confirma: há realmente uma tendência de realização do pronome, quando este corresponde a um reflexivo direto (*matar-se*), ou recíproco prototípico (*ajudar-se*) (pesos relativos de, respectivamente, 0.87 e 0.92). O número baixo de ocorrências da categoria reflexivo indireto não nos permite fazer uma afirmação segura. Os resultados são algo contraditórios: no *corpus* de 1986-7, a realização é categórica (11/11=100%), ao passo que no de 1997-2001, o pronome tende a ser omitido (33%, 0.09)¹³⁹.

Examinemos as construções semanticamente médias. As frequências encontradas no domínio das ações corporais (classes 1 a 4) apontam para a tendência de não-realização. Lembremos que estas são ações que normalmente são executadas em benefício do próprio Agente; casos em que a presença do pronome é, portanto, redundante. Neste domínio, grande parte dos verbos encontrados indica mudança na postura corporal (classe 3: *levantar-se*), ou movimento translacional (classe 4: *aproximar-se, mudar-se*). Os pesos relativos mostram que o primeiro grupo condicio na decisivamente a omissão (0.15), ao passo que o segundo tende a favorecer levemente a realização (0.52).

No domínio dos eventos mentais, há diferença significativa nos índices de realização entre as médias de emoção (58%,68%,0.66) e as de cognição (25%,22%,0.25). Em outras palavras: enquanto o falante tende a omitir o pronome com verbos como *esquecer e lembrar*,

¹³⁸ As poucas ocorrências de pronome tônico encontradas nos *corpora* tendem a ocorrer nos contextos de reflexivo direto e indireto, e recíproco prototípico, em consonância com a hipótese de Kemmer (1993). Mas ao contrário do que a autora prevê, as formas tônicas também aparecem com verbos naturalmente recíprocos.

¹³⁹ Note-se que a categoria (9) média indireta favorece a realização (peso relativo 0.77), mas há um número muito baixo de ocorrências. Grande parte dos oblíquos descartados (ver item 6.1) se encaixavam nesta categoria.

ele o emprega com grande freqüência junto a verbos de natureza emotiva, como *alegrar-se*, *arrepender-se*, *assustar-se*, etc.

No campo dos atos de fala, este padrão se repete: os atos de fala de natureza emotiva (*queixar-se*) tendem a condicionar a realização, ao passo que os de natureza declarativa, sem conotação emotiva (*confessar-se*), apresentam a tendência oposta.

Como visto no capítulo 4, Said Ali (1966) observa que em *aborrecer-se*, *excitar-se*, *arrepender-se*, não concebemos a pessoa como agindo sobre si mesma (ação reflexiva). Nestes casos, o que se expressa é um sentimento, indicando que a pessoa está vivamente afetada (cf. também BECHARA, 1980, 2001). Talvez isto explique a maior realização pronominal junto a verbos de natureza emotiva.

Passemos aos eventos recíprocos. Os resultados indicam que o recíproco natural (*casar-se*) favorece o uso pronominal (42%, 35%, 0.78), ainda que não tão significativamente quanto o recíproco prototípico. O recíproco natural com desdobramento do sujeito, porém, não segue esta tendência, já que condiciona a não-realização (24%, 27%, 0.42).

No domínio das passivas, encontramos outra diferença significativa: entre eventos espontâneos de um lado (59%, 48%, 0.52), e passiva e impessoal de outro (38%, 30%, 0.32). Isto indica que eventos que não são associados a um Agente tendem a condicionar a realização do pronome, ao passo que aqueles que implicam uma entidade iniciadora favorecem a omissão.

Os dois últimos contextos de construções semanticamente médias compreendem verbos de estado (basicamente, *chamar-se*) e verbos que não encontram classificação nos tipos propostos por Kemmer (*intrometer-se*; *virar-se* com o sentido de ‘arranjar-se’). Enquanto o primeiro contexto inibe decisivamente o uso da forma pronominal (0.02), o segundo tende a favorecê-lo (0.63).

Lembremos que o parâmetro semântico utilizado por Kemmer (1993) para caracterizar as construções médias é a ausência (ou presença mínima) de diferenciação conceptual entre os participantes do evento.

Isto só não vale para as estruturas passivas e as recíprocas. Nas construções passivas, o Agente geralmente é entendido como distinto do Paciente. Nos eventos recíprocos, a diferenciação conceptual tem a ver com os dois subeventos que compõem a relação recíproca (ex.: eu beijei ele, ele me beijou). De acordo com Kemmer (1993), o recíproco natural evoca menor diferenciação conceptual do que o recíproco prototípico. Não obstante estas diferenças semânticas, tanto as passivas, quanto os recíprocos naturais, são enquadrados na voz média.

O que nossos dados indicam é que nem todos os contextos, considerados semanticamente médios por Kemmer, desfavorecem a realização. Fatores semânticos, como a conotação emotiva de uma expressão, ou a existência necessária ou não de um Agente, têm influência decisiva na realização pronominal.

6.4 FATORES SEMÂNTICO-COGNITIVOS

6.4.1 Tipo de evento causativo (TALMY, 2003a,b)

O fator tipo de evento causativo foi estabelecido com base no estudo de Talmy (2003a,b). Como visto no capítulo 3, este autor entende diversos eventos como causativos, não somente os físicos, como também os de cognição e de emoção.

Cabe esclarecer inicialmente que a função semântica mencionada nos tipos de eventos causativos, a seguir, se refere ao argumento principal realizado como sujeito. Assim, ocorrências como:

- (152) E lá eu fiquei em Belo Horizonte eu fiquei. Daí quando eu já tava marcada a operação quando eu ia **operá os médico** falô que eu tinha que **operá** quanto mais dipressa era melhó né? que o problema meu era um problema muito grávido. Então eu fiquei lá né? (I.p,p.6)

serão classificadas como evento autônomo com *Undergoer*, e não como causativo com Agente. Entendemos que, quando o falante escolhe a estrutura “*eu ia operar*”, em vez de “*os médicos iam me operar*”, ele conceptualiza este evento como autônomo¹⁴⁰. O mesmo se dá em *Eu me assustei/ me preocupei com alguém* (evento autônomo) x *Alguém me assustou/preocupou* (causativo com Agente).

O fator tipo de evento causativo se compõe das seguintes categorias:

1) Evento Autônomo: o evento é apresentado como ocorrendo de modo autônomo e afetando um objeto. Este é geralmente [-animado] – mas pode ser também algo abstrato – e tem a função semântica de Paciente ou *Processed*, conforme o processo implique ou não um Agente, nos termos de Dik (1989). Exemplos:

- (153) Doc. e lá em Monteiro tem predinhos também?/Inf. não, lá prédio não tem a única coisa que tem e mesmo assim o povo tão começando a fazê agora porque não tinha é... sobradinho, sobradinho é da época que eu saí de lá era contado... eu saí de lá que eu conheça na cidade lá só vi só conheço três porque os outro só **se contruíram** de lá pra cá de doze ano pra cá, porque doze ano atrais só tinha três sobradinho né? (I.V', p.71)¹⁴¹

¹⁴⁰ Recordemos que já nos ocupamos das passivas com menção do Agente no fator tipo de pronome reflexivo (item 6.3.1).

¹⁴¹ Entre as passivas com sujeito de 3ª pessoa do plural, esta é a única em que se aplica a regra de concordância verbal.

- (154) Aí eu falei assim “ah vamo embora daqui” quando **apagô** a luz falei “vamo embora daqui não quero ficá aqui não lugar esquisito”. Aí quando foi começô **apagô** a luz ((risos)) começô passá o filme (I.y,p.35)
- (155) Inf. Tinha ônibus e bonde mais o o bonde sempre encrecava, de vez em quando eles corria um pouco demais saía fora / Doc saía da linha / Inf. É, saía da linha, parava o trânsito ficava tudo interrompido. Já as ruas estreitinha, depois foi **alargando**. (I.z,p.13)
- (156) Inf. e quando era noite a gente fazia aquele aquele banquete e aí vinha os vizinho e o resto da noite a gente ia brincá fazia tolda aquela tolda grande/ Doc. O que que é a tolda? / Inf. Tolda não **se faz** uma tolda de lona? Então lá a gente não fazia de lona fazia de folha de pita (I.L,p.12)
- (157) Eu vi falando na Hora do Brasil que o governo não manda buscá nada, **perde** tudo. Então eles vão abandoná a roça. É mesmo não tem () / Doc. E como vai ficá na cidade? / Inf. Não sei, tinha maçã **perdeu**, tinha cebola **perdeu**, que o governo não mandô buscá (I.z,p.8)
- (158) Doc. em salão você nunca foi? e onde é que você dançava?/Inf. Em casa de família eu fui muito uns paranaense que morava aí pra cima aí, que eu vô vê uma coisa viu? Era difícil o sábado que não tinha forró na casa deles. Ali a gente dançava dançava dançava até que saía briga ((fala de terceiros)) É, forró só **se tornava** em briga, só saía um dando murro no outro as muié gritando uns correndo aí (I.s,p.9)
- (159) “Você vai trabalhá dentro de uma casa você vai vê e ouví muita coisa. Então você é cega muda e surda. Quando você as/ o que você ouví dentro de casa você saiu da porta pra fora quando você fô casada e tudo você esquece o que **se passa** dentro. Só por exemplo coisa corriquera você pode comentá né?” (I.x,p.98)

2) Evento Autônomo com Undergoer: o evento é apresentado como ocorrendo de modo autônomo e afetando uma entidade sensciente. Esta entidade, que sofre um processo, é [+humana], ou pelo menos [+animada], podendo ter a função semântica de Experienciador ou Paciente, nos termos de Borba (1991); exemplos:

2a) Processo com Experienciador:

- (160) Inf. Tando em casa até os irmão maiorzinho olha / Doc. e eles gostavam da creche? /Inf. Ela gostava mais ele não **se deu** bem. Todo dia era uma diarréia que ele tinha que e/ que era uma coisa um horrô (I.t,p.2)

- (161) Inf. Como ele já contô que ele trabalhava de empreiteiro né? e eu sofria muito cozinhas dava conta de tudo criançada doente () doente aí resolveu vim praqui. Agora eu acho que aqui eu **me despreocupe**i mais um pouco e descansei mais um pouco / Doc. Apesar de toda essa preocupação com as crianças (I.b, p.2)
- (162) mas eu tenho esperança que a gente um dia ainda pode né? possuí uma casinha que a gente pode saí daqui né? que eu não tenho vontade de ficá aqui não entendeu? Ma no momento assim que eu tô aqui eu não **me sinto** muito mal (I.b,p.3)
- (163) Doc. Faz tempo que a senhora trabalha lá? / Inf. Eu faze agora em agosto dia não agora em julho dia primero de julho vai fazê seis ano/ Doc. Nossa quanto tempo. Então a senhora já tem todo mundo tá acostumado com a senhora lá / Inf.é eu já **acostumei** lá né? (I. b, p.6)
- (164) Doc. Dona Maria conta da festa lá no Bem Estar. Como é que foi? ((risos)) A senhora se divertiu né? / Inf. É, eu **diverti** (I.u,p.1)
- (165) Inf. Ele sai em outros estado assim...ele vem pra Santa Catarina vem pro Paraná e volta pra Rio Grande escritório lá já essa firma tem escritório em todas em todas capital né? todas capital tem escritório / Doc. é? a senhora sabe qual é o nome da firma? / Inf. olha eu eu **esqueci** (tem um nome tão esquisito) eu/ Doc. é estrangeira?/Inf. é estrangeira (I.1',p.5)
- (166) porque eu não gostava da escola, falo memo não gostava de estudá né? estudava na marra, à força e esse poquinho que eu aprendi pra mim eu acho que valeu a pena né? que eu até hoje **arrependi** de não tê aprendido mais né? (I.b,p.9)
- (167) Inf. Quando elas chegaru a gente tava já tinha feito o que tinha que fazê e tava lá sentado um bruta bolo maió do que essa mesa bem grandão tudo cheio de garrafa lá e nós tudo sentada a roda fez a roda e as mãe que leva as criança sentô tudo com as criança e ficamu tudo lá e ela puxô as cortina e também nós lá né? aí chamô as professora pra entrá elas entraru. Quando elas entraru aí ela puxô a cortina ela puxô a cortina e elas deru de caro com aquele tanto de mãe e criança sentado lá elas **se assustaru** né? **se assustaru** aí elas / Doc. Que alegria pra elas. / Inf. aí elas tiveru uma surpresa né? (I.i,p.48)

2b) Processo com Paciente:

- (168) Doc. De onde você é mesmo Ana?/ Inf. Do mesmo local dele é Jequié / Doc. De Jequié?/ Inf. Ahn ahn. Só que eu nasci na () meu município de nascimento é () / Doc. Ahn ahn/ Inf. Agora acabemo de **se criá** assim () andando né? (I.t,p.3)
- (169) Se fosse no tempo que eu tava trabalhando eu tivesse achado vaga pra elas eu ainda tava trabalhando né? (...) Porque eles em casa eu tenho medo de mexê no fogo tenho medo de mexê no fogo tenho medo de esquentá a comida derramá em cima deles né? (...) Outra hora um cai de cima dum dum de uma mesa de uma (trepeça) que nem a gente sabe onde é que a gente mora né? cai de cima de uma coisa e **se machuca** não tem ninguém pra socorrê (I.t,p.12)

- (170) Doc. Isso não preocupa você?/ Inf. Ih me preocupa demais me preocupa muito é aqui o que me preocupa mais é só isso por causa da das criança né? que meu marido assim elas que é grande eu sei que não vai saí à noite não vai saí pra esses ambiente né? agora eu eu **me preocupo** porque eles vão crescendo e eu não quero que eles cre/criá eles aqui sabe? (I. b, p.14)
- (171) e também lançamo aquela comunidade o Jardim Damaceno né? o Jardim Damaceno ali fizemo ali a comuni/ do Jardim Damaceno também **se entrosamo** com a comunidade do (Cova) no Vista Alegre né? do Recanto aí em cima (I.d,p.2)

3) Evento Causativo com Autor: a entidade executa volicionalmente a ação que culmina no evento final, mas não tem intenção de que este ocorra.

- (172) e eu fiquei doente mesmo porque também eu acho que eu fazia demais () sei lá. Bastava atrasá um dia pra mim eu já ia lá e era dinheiro lá pra mulher né? (...) Tem hora que ela examina a gente e sabe que não é / Doc. Que horror/ Inf. Mas ela qué o dinheiro. E a pessoa é assim que nem o cigarro a gente vai **se matando** aos poco. Cada veis que a gente vai num negócio desses é a mesma coisa de tá **se matando** tá **se matando** tá **se matando** a gente não percebe (I.r,p.15)
- (173) Inf. A nenê foi jogô o vridinho na no pé da cama no cimento / Doc. Quebrô / Inf. E quebrô. E ela tá entertida. Chegô na cama e olhando a televisão ((as crianças riem)) chupando a cana e entertida na televisão. A nenê foi virô de cabriola. Foi bem em cima daquele daquele caco de vrido quebrado que tava no chão (...) aí elas danô a gritá “ ô (marido) a nenê **cortô** olha pra nenê” e eu comecei também ficá desesperada de vê tanto sangue num nenenzinho (I.t,p.13)

4) Evento Causativo com Agente: a entidade executa volicionalmente a ação que culmina no evento final, e tem intenção de que este ocorra.

- (174) Inf. Eu lembro quando na quando meu pai foi na guerra mil novecento e trinta e dois/ Doc. O que? seu pai foi?/ Inf. () ele vinha com em Pinheiros era mato né? Meu pai tava com medo ele **se escondeu** lá em Pinheiros (I.z,p.15)
- (175) Inf. As patroa levava ele pra cá pra lá/ Doc. A gente fica querendo bem né? / Inf. É, tinha uma portuguesa que ela gostava dele. Ela falava assim “eu vô acabá de criá seu moleque que eu vô **casá** com ele. Vô largá do meu marido” uma tal de dona Odete (I.z,p.15)

- (176) Inf. e lá no shopping é um lugar tão bom da gente trabalhá que a gente aprende mais a vivê sabe?/ Doc. Por que? / Inf. Porque é um tipo que a gente tá trabalhando e trabalhando no meio daquele inditória de gente que só gente civilizada sabe? só aquele tipo de gente civilizada a veze a gente tá com trabalhando assim triste pensando na vida a gente encontra com só co aquelas pessoa que que que ((mãe interfere)) **comunica** com a gente que só põe a gente a a ficá alegre nunca eles procura éh ((filho interfere)) abaxá o astral da gente (I.i,p.55)
- (177) Inf. tudo ali é dos artistas ponto dos artistas/ Doc. É uma espécie de sindicato? / Inf. Não, é na rua mesmo / Doc. Ah é? / Inf. Eles **reúne** na rua ali no Ponto Chic (I.w,p.14)
- (178) Inf. e que () você não sabe () nem a polícia aqui de São Paulo dos bandidos ou da polícia realmente aqui tá triste é eu .../ Inf. 2 mais a polícia tá na rua pra fazê o serviço dela né?/Inf. que serviço dela o que ô/ Inf.2 prendê os marginais e.../ Inf. é o contrário tão prendendo e matano quem não é marginal você acha que a polícia vai **se metê** a besta com marginal e o medo que eles tem... pega é trabaiaador e lasca a borracha nele mais não não é certo (I.R'.p.12)
- (179) Doc. Não não não tem problema sério porque eu ouvi muita gente falando de problema da favela/ Inf. Não, antigamente tinha né? mas agora não tem mais/ Doc. Que problema que tinha? / Inf. Ah antigamente andava muito marginal por aí né? mas agora deru sumiço em tudo ((risos)) / Doc. Mas quem é que dava deu sumiço/ Inf. Os cara **mata uns ao outro aí**/ Doc. ah que horror e polícia não não / Inf. Não, não é polícia nada bandido contra bandido mesmo/ Doc. E e e os bandidos são daqui mesmo? (I.v,p.3)
- (180) A primera vez que eu fui no cinema com ele quando apagaru a luis né? e começô passá o filme eu queria saí de lá de dentro correndo. Eu falei “nunca vi na minha vida não sei o que é isso, por que que eles paga a luis?” (...) Eu pensava que era pra porque porque eu via todo mun/ todos casal entrando né? uns sentado **se beijando** então eu já pensava que as pessoa ia entrá lá dentro porque eu entrei diz que era um cinema, aí eu entrei não vi nada (I.y,p.35)

5) Evento Causativo Self-Agentivo: ações de um sujeito Agente que se referem ao movimento do seu corpo. Este movimento é, em si mesmo, o evento final intencionado.

- (181) Agora memo que eu fui lá tô dormindo quando foi uma noite chegô um cara lá e chamando ela ela foi lá ficô um poco lá e de repente ela de repente ela voltô aí quando foi no otro dia que eu **levantei** a minha irmã falô “ah mamãe foi pegá até bezerro essa noite” (I.q,p.12)
- (182) Inf. É, ele fazia novela, escrevia livro, ficava dentro de casa, ele andava assim, pra cá pra lá, pra cá pra lá , o dia inteiro andando / Doc. Pra tê idéia? / Inf. É. Depois **sentava** (I.z,p.4)

- (183) pegava o giz ia lá riscava tudo, bagunçava tudo () puxava a orelha ou então colocava de castigo. Lá que eles colocava a gente de castigo, a gente tinha que **ajoelhá** em cima de caroço de milho né? ficava cinco ((ri)) tinha que ficá cinco minuto lá (I.s,p.3)
- (184) Doc. e o::: esse médico que o senhor marcou: :: ele não falou do que que pode ser isso aí... pode ter sido da sua profissão mes:::mo ou não/ Inf. é... ele disse que isso aqui... pode ser ter... provocada no serviço né? ... porque... eu ficava muito de joelho... com o joelho no chão/ Doc. hum...e por que que fica de joelhos?/ Inf. porque a/ às vez eu/ eu ia fazer serviço em prédio e tinha que tá **me abaixar** ou ficar de joelho ali... e eu ficava ficava muito assim... ele diz que é... talvez tenha sido isso (I.O'.p.12)
- (185) Igual tava aí doente quando eu cheguei logo que eu cheguei eu adoeci tava aí deitado aí na cama aí que eu não tava aguentando quase andá né? aí eu fui lá embaxo tomei uma injeção voltei e **deitei** aí. Daí a poco janela aberta a menina veio “nossa Paulo ó que tanto de polícia aí” que eu olho na janela tinha cara com revólver na mão (I.m,p.4)

Cabe aqui um esclarecimento. A definição que Talmy (2003a,b) oferece para os eventos Self-Agentivos é exatamente a mencionada em (5), mas os exemplos citados pelo autor incluem ora verbos como *levantar*, *sentar*, etc., que realmente se encaixam nesta definição, ora verbos que, a nosso ver, não são Self-Agentivos, porque denotam mais do que movimento do corpo, tais como *esconder-se*, *matar-se* (‘suicidar-se’). Neste último contexto, parece que Talmy emprega o termo Self-Agentivo com um sentido diferente: uma ação voltada para o próprio Agente. Na presente pesquisa, classificamos verbos do segundo tipo como Causativos com Agente, e não como Self-Agentivos.

6) Não-Causativo: a entidade está envolvida em um estado.

- (186) Inf. () é calmo aqui. Tudo os vizinho que pode ajudá ajuda, a gente conversa, vai na casa deles quando tem uma festinha eles chama, assim / Doc. Ahn ahn / Inf. meus primero vizinho é aquela ali, aquela lá em cima e essa, tem uma casinha aí embaxo, a gente **se dá** mais/ Doc. Tem mais amizade né? (I.z,p.7)
- (187) Aí depois ela eles falaru que ela bateu a cabeça quando ela caiu isso mais quinze dia com aquele joelho machucado eu ainda falei pra ela () ela **chamava** Maria né? “Maria vai com esse papel com a que o médico te deu” (I.b,p.8)

O fator tipo de evento causativo foi selecionado como numericamente relevante em ambos os *corpora*. Observemos os resultados:

Corpus de 1986-7		
Tipo de Evento Causativo	Freqüência	Peso relativo
1) Evento Autônomo	24/67=35%	0.51
2) Evento Autônomo com Undergoer	176/355=49%	0.64
3) Evento Causativo com Autor	3/5=60%	0.20
4) Evento Causativo com Agente	122/302=40%	0.45
5) Evento Causativo Self-Agentivo	7/83=8%	0.22
6) Não-causativo	25/76=32%	0.31
Total	357/888=40%	

Tabela 8: freqüência e peso relativo de realização de acordo com o tipo de evento causativo (*corpus* de 1986-7)

Corpus de 1997-2001		
Tipo de Evento Causativo	Freqüência	Peso relativo
1) Evento Autônomo	16/56=28%	0.58
2) Evento Autônomo com Undergoer	126/289=43%	0.52
3) Evento Causativo com Autor	5/5=100%	-
4) Evento Causativo com Agente	137/320=42%	0.47
5) Evento Causativo Self-Agentivo	11/58=18%	0.25
6) Não-causativo	43/76=56%	0.63
Total	338/804=42%	

Tabela 9: freqüência e peso relativo de realização de acordo com o tipo de evento causativo (*corpus* de 1997-2001)

Se examinarmos os pesos relativos das tabelas 8 e 9, vemos duas tendências opostas: os eventos conceptualizados como autônomos tendem a condicionar a realização do pronome reflexivo, ao passo que eventos causativos, que são vistos como envolvendo algum tipo de ação agentiva, favorecem a omissão.

Os pesos relativos dos eventos autônomos – i.e. evento autônomo (0.51, 0.58) e evento autônomo com Undergoer (0.64, 0.52) – apontam para a tendência de realização. Tais resultados corroboram os já constatados entre os eventos espontâneos (item 6.3.2) e as médio-passivas (item 6.3.1). Recordemos, porém, que os eventos autônomos de Talmy compreendem tanto estruturas passivas, com sujeito Paciente, ou *Processed* (nos termos de DIK, 1989), quanto aquelas em que o sujeito tem o papel de Experienciador (nos termos de BORBA, 1991).

Entre os eventos causativos, chama atenção o baixíssimo índice de uso do pronome na categoria Self-Agentivo (8%, 18%; pesos relativos: 0.22, 0.25), a qual compreende verbos que denotam movimento do corpo. Confirma-se nossa hipótese (capítulo 3, item 3.4) de que estes verbos são lexicalizados como Self-Agentivos, o que leva à omissão da anáfora. Em outras palavras, no seu uso mais básico, tais verbos se referem a uma ação voltada para o próprio Agente (*deitar-se*), e não para uma outra entidade (*deitar alguém*). Isto explicaria o fato de o falante não conceptualizar seu corpo como uma entidade separada, que necessita de um ato de volição para “animar-se” e colocar-se em movimento (TALMY, 2003a,b).

O peso relativo do causativo com Ator (0.20) também aponta para a tendência de omissão. Contudo, o número baixo de ocorrências encontrado em ambos os *corpora* – e o fato de sua realização ter sido categórica no *corpus* de 1997-2001 – não nos permite fazer uma afirmação segura a este respeito.

A categoria causativo com Agente, por seu turno, apresenta uma frequência idêntica à média geral de realização encontrada no *corpus* (40%, 42%) e pesos relativos que indicam que tal contexto tende a desfavorecer levemente a realização (0.45, 0.47).

No que se refere ao subfator não-causativo, por fim, o qual compreende verbos de estado, notamos que houve uma diferença tanto na frequência quanto no peso relativo encontrados nos dois *corpora*: no de 1986-7, predomina a omissão (32% e 0.31), já no de 1997-2001, há a tendência de realização da forma anafórica (56%, 0.63).

6.4.2 Divisão da psique (LAKOFF, 1996)

A metáfora da divisão da psique foi constatada no *corpus*. Mais do que isto, ela foi selecionada como fator estatisticamente significativo nos dois conjuntos de inquiridos. Vejamos primeiramente os resultados:

Divisão da psique	<i>Corpus de 1986-7</i>		<i>Corpus de 1997-2001</i>	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Presente	138/200=69%	0.63	144/189=76%	0.76
Ausente	219/688=31%	0.45	194/615=31%	0.41
Total	357/888=40%		338/804=42%	

Tabela 10: frequência e peso relativo de realização conforme a presença/ausência da metáfora da divisão da psique

Os números de frequência e os pesos relativos da tabela 10 indicam que o falante tende a realizar o pronome, quando a metáfora está presente.

Tomando por base os tipos propostos por Lakoff (1996) (cf. capítulo 3, item 3.5), foram encontradas as seguintes metáforas:

a) Metáfora do Subject objetivo:

- (188) Doc. O senhor jogando no futebol... o senhor lembra quem?/Inf. eu não lembro ninguém não... **lembro eu mesmu** ((risos))/ Doc. mas por que? o senhor é boleiro ou é ruim de bola? (I.L'.p.54)
- (189) Doc. a senhora se espelha assim... em alguma artista pra estar se arrumando? Mulher de televisão?/ Inf. não.../ Doc. tem alguma pessoa que a senhora acha bonita?/ Inf. não... eu mi **ispelhu im mim mesma**/ Doc. é?/ Inf. não.../ Doc. se a senhora fosse assim... artista da televisão... quem que a senhora gostaria de ser? (I.N'.p.102)

Os exemplos (188-189) são semelhantes aos mencionados por Lakoff (1996), na metáfora do Subject objetivo. Nesta, o Self é conceptualizado como um recipiente para o Subject. Segundo o autor, ser subjetivo é ficar dentro do Self, e ser objetivo é ir para fora do Self, como em “*olhe para você mesma*” (LAKOFF, 1996:103). Os nossos exemplos, contudo, não tem a ver com objetividade, mas se aproximam dos de Lakoff, na medida em que sugerem que o Self “se espelha” em, ou “lembra”, um Subject que está fora dele.

b) Metáfora da perda do Self:

- (190) Inf. “Tal canto assim assim?” “É em tal canto” né? porque a gente não pode adivinhá, com as pessoas dizendo onde é não há dificuldade a gente tá “me ensina por favô etcétera” não há dificuldade pra isso/ Doc. É de fato é ()/ Inf. Porque eu não acho São Paulo uma cidade () que **se perca**, não não tem condições São Paulo não tem condições pra ninguém **se perdê**. A não sê que queira **se perdê**. Mas não é isso mesmo? ?/ Doc. É mas não é muito fácil heim?/ Inf. **Se perdê** aqui em São Paulo?/ Doc. É não sei lá (I.5,p.14)

- (191) Inf. Então é () negócio assim a vida da gente / Doc. é verdade... ouvindo essa história o que você tem a dizer? ((dirigindo-se ao outro informante))/ Inf.2 ()/ Inf. a vida é boa () precisa sabê levar a vida é boa... porque mi sintu orgulhosa () ói eu fiquei sozinha a pão e água pagando aluguel meu filho mais novo tinha um anu e mei eu não tinha estudu... ergui a cabeça pra cima...ergui a cabeça pra cima falei eu não vô **deixá mi levá** ... pisei firmi eu sô igual a uma vela vai apagando e depois... acende mais eu nunca **mi deixei mi levá** sempre eu tô aí firme bataiano (I.0'.p.12)

Esta metáfora, segundo Lakoff (1996), implica que o Subject pode perder a posse, ou o controle do Self. Note-se que nos exemplos (190-191), esta perda é vista como uma experiência negativa.

c) Metáfora do Subject ausente:

- (192) Sabe que eu fiquei trespassada. Quando eu cheguei que eu vi a mamãe eu lembro que eu vi mamãe na hora que eu entrei né? Quando eu **voltei em si** já fazia umas hora que eu tava ali (I.f.p.16)
- (193) Inf. e é como mexe com mexe com a mente da gente o aborto (...)/ Doc. Mexe com a mente por que?/ Inf. eu não sei é uma coisa tão terrível mas tão terrível mexe com a mente da gente. Não sei se é depois que **a gente cai na gente**/ Doc. Como mexe? Por que ? (I.r.p.12)

Outra possibilidade é conceptualizar o descontrole, não como possessão, mas em termos de espaço. Só exercermos controle sobre nós mesmos, quando o Subject está “dentro” do Self. Daí “recobrar a consciência” ou “perceber algo” serem conceptualizados como voltar ao Self. Note-se que “cair em si” sugere, do ponto de vista do espaço, um Subject que está acima do Self.

d) Metáfora do Self como uma companhia:

- (194) eu fiquei internada duas vez com pneumonia. Aí eu falei “Sabe duma coisa? Eu **vô cuidá é de mim**”, de vez em quando eu vô lá “dotor tá doendo aqui tá doendo aqui”. Paga INPS então tem direito de í né? (I.f,p.9)
- (195) Não sentí medo porque a gente é muito fechado a gente vem do interior que principalmente quem viveu na roça tudo a gente parece que a gente a gente fica tá sempre assim. Hoje em dia não ando assim. Eu **gosto de mim** eu gosto do que faço gosto do que sô gosto da minhas patroa sabe? É tenho a aquela amizade de de cuidá de sê cuidada sabe? (I.x,p.110)
- (196) Doc. e a senhora conhece o trabalho aqui da casa da comunidade?(...)/Inf. ói eu nunca fui ali... nem na outra de baixo que tinha lá eu nunca fui/ Doc. ah tinha outra também/ Inf. é tinha uma lá embaixo dava sopa...tudo né? () de carne de boi assada... mas eu nunca fui/ Doc. é... por que?/Inf. eu num sou de procurar essas coisas/ Doc. é?/Inf. sou não... () da coisa ali já não vou... não vou não... assim acho que é natureza né?/Doc. ahan/ Inf. pra **me distrair** () dessa comunidade aí... mas... nunca fui/ Doc. eles tem cursos assim né?/ Inf. tem né?/Doc. que nem agora vai ter um curso sobre:::... comida alternati:::va ... né? (I.P’.p.20)
- (197) Inf. Eu moro aqui há nove ano, nove ano que eu moro aqui. Nunca fui assaltado, nunca um bandido bateu aqui na minha cerquinha e nunca eu mexi com ninguém./ Doc. E por que outros têm esse tipo de problema?/ Inf. É porque não tem amo(r) a ninguém, certo? Joga pedra em todo mundo qué dizê, **pra ele, interessa só ele**, pra ele () no mundo. / Doc. Mais recebe de volta né?/Inf. Se o vizinho ali é bandido o problema é dele, não tenho nada a vê com isso. “Bom dia, boa tarde, tudo bem? Deus lhe ajude” (saio a pé) vamo trabalhá () Agora, se ele não qué não tem problema. Eu tenho amô a ele né? não quero vê ele preso, não quero vê ele sofrendo né? (I.0,p.11)
- (198) O fato de sê empregada doméstica quando me/ eu eu era menina ah ah dizia assim porque empregada doméstica é marginalizada é não sei o que o pessoal tem acanho vergonha às veze antigamente dizia “não” né? “não quero sê, é ruim” até que eu cheguei a pensá um poco dessa forma sabe? mais eu quero dizê não é, cheguei à conclusão que é muito útil a gente é muito útil a gente **se valorizô dentro da gente mesmo** então que que/ Doc. Cê sente que isso é comum nas outras empregadas? (I.x,p.106)
- (199) Eu que num ligo pra aparência não. Ligo é pro caráter das pessoa... então eu falo é... às veze a irmã fala que eu sou muito chata. Num é chata a pessoa tem que **dá** valô. Num é qualqué carinha que mexe que deve ficá derreteno pra ele. Vai sabê o que eu levo, vai sabê o que vi / Doc. 1. tem que sabê dá valô/ Inf. né? né? Tem que **dá** valô. Porque se... se num **dá** valô minha fia, ninguém dá valô não. Ninguém dá valô. Eu **dei** muito valô, graças a Deus (I.9’,p.36)

- (200) Eu bebia, fumava, eu era um cara super nervoso eu era um cara nervoso. Aí eu vim pra igreja, minha mulhé, minha mulhé que levou () Ela sofria comigo, era um cara nervoso, botava um revólve na cinta achava que era () era assim... () Ela loitou comigo () Não é fácil assim não você sê casado com um homem, e ele sê alcóolico né? Mas graças a Deus, Deus me libertô desses vício, não tenho vício mais. Eu **tinha ódio de eu mesmo**, você acredita? Hoje eu olho vocês, eu amo vocês como eu **tô amando eu mesmo**. Eu sô assim agora () Se alguém me dé um tapa, eu falo assim eu perdô ele, se Jesus perdoô, por que eu não posso perdoá? (I.T'.p.30)
- (201) Inf. Bom mais pelo meno eu assinei meu nome né? durante esses três meis. Não foi grande coisa não. Aí conforme eu se eu tivesse continuado a escola? Tudo bem mais é que eu não continuei. Comecei aí comecei trabalhá mesmo firme larguei a escola pra lá isso aí foi tempo que chegô a vinte e dois ano eu fui aproveitá casá e me casei pronto aí acabô aí não não () / Doc. Fez falta a escola? /Inf. É. Bom feis falta mais eu não me aquexo de me/ meu pai não senhora não me aquexo do meu pai não, me **aquexo de mim mesmo**. (I.7,p.2)

A metáfora do Self como uma companhia sugere que conceptualizamos Subject e Self como duas pessoas habitando o mesmo corpo. A relação entre os dois pode ser amigável, ou conflituosa, como ilustram os exemplos acima.

e) Metáfora do auto-sacrifício:

- (202) (...) Ele falô “ah não vai dá. Você assim **se mata**. Você **se mata**. Sofre as criança vai sofrê você vai sofrê as criança” (I.t.p.1)
- (203) Doc. E os irmãos do senhor, trabalham todos?/Inf. Trabalha. Tem um qui é caminhoneru, tem otro que é caminhão deli memo, é deles mesmu, mas... eu num tenhu nada, nasci cum a pobreza e co'a pobreza vô morrê, e num tenhu inveja di nada./Doc. Ah, mas, uma hora melhora, né, os filhos, trabalhando.../Inf. Eu, pra issu tô mi esforçanu, **sacrificanu**.../ Doc. É que tem uma hora que perde a esperança...vê que trabalha, e trabalha, e manda embora.../Inf. Eu tava .../Doc. Se tivesse um negócio certo, né?/Inf. É, negócio certo, mai é u siguinti, eu tenhu uma fé em Deus que um dia eu subu na vida. Nada...(I.G',p.26)
- (204) Inf. Porque eu não paro em casa, eu não posso parar em casa, eu não posso parar. Na hora que eu tô mais ou menos quando que::: os pequeno da minha fia que não tem assim quem oiá, porque as meninas grandes. Tem uma que é do prezinho e... meu quintal não é cercado, nem é alambrado e eu... não tô em PAZ/ Doc.1 sei/ Inf. E a gente precisa ficar provida dentro do ônibus, porque se não a pessoa cata, Deus o livre, o carro mata, então preciso cuidar. Mais é demais... eu não sei... eu **me acabei** sendo pai::: a gente tem que rezar muito pra Deus, mode do que... o que eu não passo, já passei e tô passando... NOSSA SENHORA! (I.Z'.p.6)

A metáfora do auto-sacrifício abrange três metáforas conceituais: (i) o esforço do Self é um recurso limitado para ser utilizado preferencialmente em benefício do Subject; (ii) quando isto não acontece (i.e. não nos esforçamos em favor de nós próprios), sacrificamos este esforço; (iii) por metonímia, toma-se o Self pelo esforço do Self. Estas três conceptualizações explicam como é possível “matar-se”, “acabar-se” e “sacrificar-se” em favor de alguém.

f) Metáfora “seja verdadeiro consigo mesmo”:

- (205) e olha que eu passei coisas sem marido e não fiz aborto e eu era bem legal de saúde. Agora depois que eu tive marido por causa de conversa dos outro pra que filho muito filho fui fazê **me desgracei** é a pió coisa do mundo (I.r,p.12)
- (206) ela ficô deitada de costa pra cima no escuro olhando pra olhando pro nada pra podê descansá. Porque depois daí ela levantô e foi tomá banho foi jantá e tudo e eu fiquei olhando pra cara dela e eu pensei “meu deus do céu como a gente **se engana**” né? Eu queria que minha filha trabalhasse com a caneta pra não se cansá mais ela cansa aqui ((apontando a cabeça)) Ela cansa aqui (I.x,p.104)
- (207) E achei que ele estava atrasado no tempo né? atrasado na maneira dele de pensá. E como ele deve tê muita gente que fais assim por isso que a pessoa se sente rebaxada. Então se um dia uma empregada doméstica chegá a oví o o que eu tô dizendo não **se envergonha** nunca de sê uma empregada doméstica. Levante a cabeça e fala é uma empregada ela é necessária (i.x,p.107)

Segundo Lakoff (1996), nesta metáfora, é o Self quem determina os padrões para o Subject, mas este pode falhar em seguir estes padrões. Se isto acontece, o Subject “engana”, “decepciona” ou “envergonha” o Self.

g) Metáfora do eu interior:

- (208) Doc. Mas era encrenqueira então a ex?/Inf. A ex era increnquera. Depois ela ligô pa pulícia./Doc. Ciumenta./Inf. É, ligô pá pulícia. Eu tô lá deitado, a pulícia chega. Aí o cara da pulícia, chegô, mi chamô, eu tava incostado na porta, “seu Raimundo!”, e eu, “ôpa”. “Tudo bem?” Aí eu abri a porta e disse: “pode intrare, num precisa acendê a luiz. Num precisa acendê não” . Isso aí nós cunversamo dipois. “Não, num precisa nem...”. Aí ela foi falá um negócio, a otoridade falô cum ela, o pulicial, né? : “ó, eu vô pidí calma pa você num perdê seus direitus todos, de uma veiz, purque cum, cum a sinhora, num tô vendu confusão dele, agora a sinhora **se guarde** um poco aí.” Aí ela ficô cunversanu, cunversanu, ela chegô e falô cum ele. Eu disse: “eu num tenhu nada cum essa mulhé. Eu só tô aqui purque ela deu motivo, disse disaforo pra muié, e ela disse que se eu fosse hómi e quisesse ficá cum ela que eu ficava.”. (I.F”,p.3)

A variação no comportamento das pessoas – conforme estejam em sua vida privada ou em público – também pode ser conceptualizada como diferentes Selves. Por trás desta metáfora, há, segundo Lakoff (1996), a idéia de que o Self verdadeiro fica dentro do Subject e dificilmente se mostra. Este Self verdadeiro e interior pode ter que ficar escondido, porque não é socialmente aceitável, como ilustrado no exemplo (208).

h) Metáfora da causação interna:

- (209) Doc. Apesar de toda essa preocupação com as crianças / Inf. Apesar de toda toda é aqui eu acho que eu **me controlei** mais um poquinho né? (I.b,p.3)
- (210) Doc. Mais o senhor levantô sugeriu aí um problema. Se tem jeito de passeá convivê com o pessoal assim mais / Inf. Aqui? / Doc. Em termos de festa de passeios aqui no Carombé? O senhor sente isso? / Inf. Aqui não não tem muito não. Não **envolvo** muito com isso, não sô muito chegado a festinhas assim particular em casa de amigo assim (não) (I.w,p.11)

Na metáfora da causação interna, o Subject exerce força física ou psicológica sobre o Self. Esta metáfora envolve o conceito de dinâmica de força (Talmy, 2003a,b): o Subject Agente (i.e. minha experiência consciente) pode controlar o Self Paciente (corpo físico, desejos, impulsos, etc).

Os exemplos citados deixam claro que há instâncias de uso do pronome reflexivo que envolvem a metáfora da divisão da psique. As próprias expressões “controlar-se” e “odiar-se”, por exemplo, não seriam possíveis se não houvesse essa conceptualização de uma psique que compreende entidades/personalidades distintas. Nestes exemplos, a Figura da cena é um “outro eu”, o qual tende a ser explicitamente representado pelo pronome reflexivo.

Utilizamos as designações de Lakoff (1996): Subject e Self. Mas estes conceitos têm origem na psicologia (conferir “id”, “ego” e “superego” de Freud; e “personas” de Yung).

Curioso é o fato de que os pronomes sejam utilizados com uma maior frequência e probabilidade nos contextos que *não* indicam correferência, assinalando, em vez disto, as partes em que uma pessoa é conceptualmente dividida.

6.4.3 Dinâmica de força (TALMY, 2003a,b)

Algumas das estruturas mencionadas no item anterior envolvem uma dinâmica de força entre as duas partes em que o sujeito é conceptualmente dividido (cf. capítulo 3, item 3.5 e TALMY, 2003a,b)¹⁴². Esta dinâmica abrange dois tipos:

¹⁴² A presença de dinâmica de força pressupõe a metáfora da divisão da psique, mas o inverso não é verdadeiro (i.e. nem todas as ocorrências nas quais esta metáfora está presente podem ser analisadas em termos de dinâmica de força).

(i) o Agonist (*se*) apresenta uma tendência de ação; e o Antagonista, de não-ação;

exemplos:

(211) Doc. quanto tempo aqui em São Paulo?/Inf. quem?/Doc. você/ Inf. óia, bem eu não sei contá não, eu não sei bem contá, sabe vô no norte vou e venho/ Doc. mas que veio morar pra cá?/Inf. ah! Quando eu vim em setenta e dois/ Doc. setenta e dois?/Inf. setenta e dois, foi quando eu vim **me controlá** aqui e comprei o ranchinho aqui pronto soquei-me debaixo pronto. Até hoje tô aqui (I.U'.p.55)

(212) Doc. Então é boa a vida no Carombé seu Gilberto?/Inf. Não ão não não eu não sei se é porque é porque a gente já tá com tempo já tá com muito tempo que tá aqui / Doc. ahn ahn / Inf. E já passô por várias (feras) né? Tem que dizê várias (fera) assim / Doc. Tem problema? Tem problema aqui?/ Inf. É sempre tem problema de veis em quando e bem verdade a senhora sabe que a gente **se se prende** um poco **se prende** um poco mais é por querê vivê a a bem de todos né? (...) aqui tem uns vagabundo aí a treis por dois é direto é como hove aí um tempo aí que ele subia daqui direto o dia todo éh. A veis ele subia por lá e descia por aqui Quando pensava que não mais era o dia todinho toda hora e todo dia (I.7.p.7)

(213) E eu::: comecei () da otra semana () tô fazenu duas por dia. Aí::: dói a vista , dói o dedo aqui, chega afundá () caneta. Chega afundá, a caneta chega () aí cansa o dedo, cansa a visa. Tem que (), vô, tomo água, tomo café, as veiz vô na televisão, eu num **aquêto**. Eu fico... (I.X'.p.206)

(ii) o Agonist (*se*) apresenta uma tendência de não-ação; e o Antagonista, de ação;

exemplos:

(214) Doc. Qual de Freguesia? Inf. não, da da Terezinha. Mais eu gosto mais da Terezinha que a gente já tá acostumada né? Trato aos poquinho. Quando eu tô atacada, não **me trato** direito, quando eu tô atacada começo bebê os remédio (I.z.p.6)

(215) é, no otro domingo tinha que sê a mesma coisa até recebê a fita. Aí quando recebia a fita a gente ficava sempre em fila um atrais do otro cada um procurando o seu lugá pra **se destacá** melhor né? que uma fitinha assim ((ri)) começô com uma pequenininha depois veio uma grandona de cruzado/ Doc. Uma grandona né?/ Inf. Eu tenho até hoje (essa fita) de cruzado né? (I.h.p.17)

(216) Eu tava assim né? nu quintal né? lá nu quintal da minha cumadi i eli tava lá né? aí quanu eli mi viu... eli começô a falá aquela monti di coisa né? aí eu fui i entrei pa dentu né? não tinha comu **mi defendê**... porque é a mãe deli... dessas mãe sabi? qui u filhu tá erradu mais ela é a favô du filhu... não a favô da genti sabe? (I.K',p.31)

- (217) É, e eu fui obrigadu a fazê issu, trabaiá muito cedu, **mi istragá** muito cedu, e.../Doc- E os irmãos do senhor, trabalham todos? (I.G',p.25)
- (218) Inf. ele estudô... ele estudô bastante... não por mim eu... eu... ele ficô estudando no () Dante até a sexta série depois eu muito nervosa porque tinha mania... mania eu tinha medo ele saiu da escola... ele saiu da escola /Doc. certo/ Inf. quando ele ficô assim uns quinze dezesseis ano ele foi fazê supletivo e foi estudando começô a estudá começô a trabalhá... e ele **se forçô**... estudô terminô os estudo agora ele tá pronto pa fazê a facudade mais ele num tem dinheiro ele é técnico de computação (I.D',p.24)

Encontramos pouquíssimas ocorrências do tipo (i). Por este motivo, amalgamamos estas duas categorias, (i) e (ii), para as compararmos com estruturas que não envolvem dinâmica de força.

Cabe esclarecer que os verbos que denotam movimento do corpo (Self-Agentivos) também foram analisados como eventos neutros em relação à dinâmica de força. Isto porque, como vimos anteriormente (item 6.4.1), o falante parece não conceber o corpo físico como uma entidade distinta, que precisa ser animada para ser colocada em movimento.

O fator foi numericamente relevante nos dois *corpora*, como exposto na tabela a seguir.

Dinâmica de força	<i>Corpus de 1986-7</i>		<i>Corpus de 1997-2001</i>	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Presente	67/101=66%	0.68	74/98=75%	0.67
Ausente	290/787=36%	0.47	264/706=37%	0.47
Total	357/888=40%		338/804=42%	

Tabela 11: frequência e peso relativo de realização conforme a presença/ausência de dinâmica de força

Note-se que grande parte das ocorrências não envolve interação entre forças – nem tampouco divisão da psique – (exs.: *lembrar-se, esquecer-se, acostumar-se, criar-se, chamar-se, casar-se, levantar-se*). Ainda assim, há um número razoável de instâncias em que esta dinâmica está presente. Tal contexto tende a condicionar decisivamente o uso do pronome reflexivo (0.68, 0.67).

Os resultados do fator dinâmica de força, assim como os vistos no item anterior, mostram que categorias semânticas, esquemáticas, ou conceptuais (tais como Subject e Self, Agonist e Antagonista) exercem influência decisiva na realização dos pronomes reflexivos.

6.4.4 Natureza do evento conforme o número de participantes

Vimos, no capítulo 3, que Talmy (2003b) analisa o pronome reflexivo como um elemento gramatical que pode ser empregado para mudar o tipo de personalização de um verbo, ou para mudar o tipo de causação que o verbo normalmente expressa.

Quando trata da personalização (i.e. o número de participantes [+humanos], ou, pelo menos, [+animados] da cena), o autor examina a diferença na natureza da ação, conforme ela seja voltada para si mesmo ou para outrem.

Procuramos analisar as ocorrências dos *corpora*, não só as que compreendem verbos de ação, mas também as de processo e de estado, à luz destas questões (i.e. natureza do evento/situação e personalização). O fato é que, em grande parte dos dados, o evento é completamente diferente, conforme ele envolva um ou dois participantes.

O que se analisa no fator natureza do evento conforme o número de participantes é a oposição entre, por exemplo:

<i>Eu me levantei</i>	<i>x</i>	<i>ele me levantou</i>
<i>Nós nos casamos</i>	<i>x</i>	<i>ele nos casou</i>
<i>Eu me alegrei</i>	<i>x</i>	<i>ele me alegrou</i>
<i>Eu me lembrei</i>	<i>x</i>	<i>ele me lembrou</i>
<i>Eu me criei</i>	<i>x</i>	<i>ele me criou</i>

Consideramos que, em todos estes casos, a natureza do evento se altera em maior ou menor grau. Com verbos de ação, como *levantar*, os movimentos do corpo diferem nos dois casos. Entre verbos de processo com sujeito Experienciador (*alegrar*, *lembrar*), as duas versões envolvem conceptualizações diferentes: em “*eu me alegrei/lembrei*”, o Experienciador é visto como a origem do evento mental. A mesma diferença de conceptualização é encontrada na oposição *ele me criou x eu me criei* (evento espontâneo) (TALMY, 2003a,b).

Para Borba (1991), o primeiro grupo exemplificado acima compreende verbos de ação (*levantar-se*, *casar-se*) e de processo (*alegrar-se*, *lembrar-se*, *criar-se*), já o segundo denota uma ação-processo.

Se adotássemos uma posição radical, poderíamos dizer que o reflexivo *sempre* altera a natureza do evento. Contudo, a própria classificação proposta por Borba (1991) dá margem para assumirmos que, em alguns casos, a sua natureza não se altera. Para o autor, isto se dá primordialmente com verbos que sempre denotam uma ação-processo, independentemente do fato de envolverem um ou dois participantes (exs.: *matar-se*, *vestir-se*).

A nosso ver, nem todos os verbos de ação-processo designam uma ação de natureza idêntica, conforme esta seja voltada para si mesmo, ou para outrem. Em *vestir-se x vestir alguém*, por exemplo, os movimentos executados são bastante diferentes, e não consideramos estas ações iguais.

Ressaltando o fato de que a maioria dos dados envolve diferença na natureza do evento, conforme o número de participantes, vamos, pois, aos casos em que, hipotetizamos, a natureza do evento (ou da situação) não se altera:

a) verbos de estado:

- (219) Eu bebia, fumava, eu era um cara super nervoso eu era um cara nervoso. Aí eu vim pra igreja, minha mulhé, minha mulhé que levou () Ela sofria comigo, era um cara nervoso, botava um revólve na cinta achava que era () era assim... () Ela loitou comigo () Não é fácil assim não você sê casado com um homem, e ele sê alcóolico né? Mas graças a Deus, Deus me libertô desses vício, não tenho vício mais. Eu **tinha ódio de eu mesmo**, você acredita? Hoje eu olho vocês, eu amo vocês como eu **tô amando eu mesmo**. Eu sô assim agora () Se alguém me dé um tapa, eu falo assim eu perdô ele, se Jesus perdoô, por que eu não posso perdoá? (I.T'.p.30)
- (220) E falava assim “São irmão! Ói quando sua mãe morreu, quem tomô conta de vocês foi eu”. É ficava ... / Doc. 2. Seu pai que dizia?/Inf. Minha tia que dizia aquilo ali “Vocês são irmão. Vocês, quando seu pai morreu... quando sua tia morreu... quando sua mãe morreu, quem tomou conta de vocês foi eu. Vocês tem que **respeitá um ao outro**”. (I.J',p.64)

b) verbos de ação-processo:

- (221) Eu que num ligo pra aparência não. Ligo é pro caráter das pessoa... então eu falo é... às veze a irmã fala que eu sou muito chata. Num é chata a pessoa tem que **dá** valô. Num é qualqué carinha que mexe que deve ficá derreteno pra ele. (I.9',p.36)
- (222) Só que ela num traz não pra mim não. Sabe ela num faz esse negócio fiado aqui, ela num traz pra mim não se é pra pagá depois. Ela **traz pra ela**, é pra outra, pra que tá na porta, pra mim ela num traz não. Só se pagá na hora, eu num tenho condição de pagá na hora. É difícil ela vendê (I.J',p.61)
- (223) Inf. “Ah me deu vontade de tomá um cafezinho achei que vocês também queriam” (...) É essas coisinha são é é pequenas coisa é uma bobage né? éh / Doc. Mais olha / Inf. Eu tô com sede vô **fazê** uma laranjada **pra mim** ou um né? Ah eu faço uma limonada e daí um poquinho chego lá (I.x,p.111)
- (224) Inf. Eu digo “bom você sabe que eu vô estudá um poquinho? Vô estudá um poquinho.” Eu não (fiz) nada já tava com aquela orientação a antes éh éh devido aquela aqueles argumento eu não não continuava / Doc. ahn ahn/ Inf. Mais pe/ eu era pequeno. Quando eu já pe/ cheguei essa essa idade eu já interessei. Eu digo “não não eu não vô”. Aí depois eu continuei na escola né? Cheguei lá dei o nome **matriculei** tudo (segui) na escola/ Doc. Tinha muito aluno?/ Inf. É tinha bastante. Aí eu passei uns treis meis de escola ainda né? (I.7,p.2)

- (225) Inf2. e hoje só ficô esse, que é um que não presta mesmo, um médico muito ruim acabô lá matô muita mulhé já e não presta não. Que eu saiba mesmo, que eu saiba mesmo já matô duas mulhé lá e fez isso com a minha mãe, com a criança, cortô o pescoço da criança / Doc. aí ele foi traído.../ Inf2. foi traído e acabô descobrindo que tava levano chifre e si matô / Inf. Mais ele **si matô** mais eu ouvi falá por causa que é o seguinte, ele tava, ele tinha, foi na época di político néra? Ele ia **si candidatá**, tinha vendido acho que bastante coisa , néra? Pra gastá com negócio de política essas coisa né? E a mulé passando a mão no dinheiro dele tomém gastando com os outro néra? (I.U'.p.65)
- (226) Doc. O senhor assim... recorda de alguma situação engraçada quando você era jovem assim? alguma situação engraçada na escola ou no trabalho?/Inf. na iscola foi só uma engraçada...uma veiz... foi na escola que eu estudava ali em São Miguel nu bairru dus pimenta... dissí que apareceu... nós tava tudo assim brincanu nu pátio né? u pessoal dissí ... eu não cheguei vê ... vamo supô... mais a mulecada dissí qui viu uma bruxa né? aí começô a gritá... aí a mulecada saiu tudu correnu... entraru tudu pa sala... pu banheru... essa foi a coisa mais ingraçada qui tivemu... pareceu uma bruxa dentru da iscola assim... nós saímu tudu correnu lá ((risos))/ Doc. mas vocês tinham medo? Como que é?/ Inf. é medu... a turma começanu a gritá né? a professora saiu correnu... a genti saiu correnu... **trancamu** nu banheru... **trancamu** na sala... i essi foi u dia qui mais divertimu lá né? aí a professora mandô... a diretora mandô a genti vim imhora mais cedu né? era na hora do recreiu i falô “cês vão imhora tudu”... fechô a iscola né? i foi u dia mais ingraçadu da genti... a mulecada ingraçô mais... essi foi u dia mais ingraçadu da genti (I.L'.p.58)
- (227) É eu tive parado um poco é devido porque eu tava jogando futebol aqui eu tava marcando um elemento né? eu tava marcando um elemento ele tava jogando de lateral esquerdo e eu de ponta direita né? e esse camarada é bandido eu não sabia sabia assim mais ou menos por né? mas aí eu dei uma trombicada nele assim o cara tava jogando com revólver na cinta né? (...) não sei o nome dele não ele veio de fora esse cara “É porque eu tive um problema aí com um bandido aí meu chapa um tal de Baianinho” Falô um poco na gíria comigo né? e negócio de um atrito (...) Eu falei “ó então é o seguinte você continua jogando do seu lado aí que a parti de agora não vô te marcá mais não”. Não é devido o medo é devido de às veze você (chega) o otro cara pode chegá então vocês vão trocá tiro **vão rendá tiro um contra o otro** né? e e eu vô pagá por vou pagá um pato (I.1,p.14)

c) verbos de ação:

- (228) cê sabe u norti... u norti é fogu... agora aqui em são paulu não... é differenti.../ Doc. daria pra senhora assim... contar assim... as diferenças... porque a gente não conhece... eu gostaria de saber como é realmente lá assim... a questão das moças de lá... os rapazes... como que é o namoro? Conta um pouquinho pra gente/ Inf. ah... lá o namoru é assim... si tivé sabi? Muitu abraçadu... **si beijanu** ali... nu otu dia tava u comentáriu né? falanu qui a moça era assim i assim sabi? Agora eu não sei né? qui eu tô aqui... / Doc. a senhora sente muita diferença do estado de São Paulo pra Paraíba? Aqui é natural as garotas ficarem grávidas na adolescência né? e lá?(I.K', p. 26)

(229) Inf. Nós daqui buscava água lá na mina na Matarazo na cabeça... pra beber pra lavar a roupa ... e:: nós sofremos demais aqui... Nossa Senhora... depois que aquele: :: aquele prefeito::... eu tinha o nome dele meu Deus... eu sei que foi o:: Maluf e o outro Ronaldo de Barros... foi seu Ronaldão é... que passou a tomar conta aqui né?... que endireitou isso aqui/ Doc. é/Inf. asfaltô::... pnhou esgo::to pnhou luz/ Doc. ahan/ Inf. pro povo da favela não custou um tostão... foi tudo de graça... pnhou esgoto pnhou luz (água a gente) tudo tudo... deu água ligada... não deu um tostão de ninguém... mas nós sofremos demais aqui ... viu?... hoje em dia nós pode **considerar** rico/ Doc. é verdade/ Inf. é... tem água tem luz dentro de casa (I.P'.p.16)

Entendemos que, em todos os exemplos citados, o número de participantes não altera a natureza da ação/relação especificada.

Este fator foi selecionado pelo programa estatístico somente no *corpus* de 1997-2001.

A tabela a seguir exhibe os resultados:

Natureza do evento	<i>Corpus de 1986-7</i>	<i>Corpus 1997-2001</i>	
	Frequência	Frequência	Peso relativo
Ação/relação idêntica, não importando se dirigida para si mesmo, ou para outrem	33/44=75%	40/53=75%	0.77
Mudança na natureza da ação, conforme envolva 1 ou 2 participantes	227/662=34%	188/526=35%	0.47
Total	260/706=36%	228/579=39%	

Tabela 12: frequência e peso relativo de realização de acordo com a natureza do evento

A tabela 12 mostra que o uso do pronome reflexivo é fortemente favorecido nos contextos em que a natureza do evento é idêntica (0.77), independentemente do número de participantes que tomam parte da cena. Como notam Talmy (2003b) e Camacho (2003), a

noção de reflexivo pressupõe que exatamente o que faríamos a outrem fazemos a nós mesmos, e é justamente neste contexto que o pronome é empregado com maior frequência.

O número total de ocorrências desta tabela difere do das anteriores. Isto porque há muitas instâncias às quais não se aplica a questão da diferença na natureza do evento. Este é o caso de verbos essencialmente monadários (i.e., que necessariamente envolvem um único participante), como *sentir-se*, *esquecer-se*, *queixar-se* (exs.: *eu esqueci ele da festa, *eu senti ele bem, *eu queixei ele)¹⁴³, e verbos essencialmente diádicos (i.e., que necessariamente envolvem dois participantes), como *despedir-se*, *brigar*, *falar-se*, *amigar-se*.

O número de participantes da cena também foi utilizado como um fator na análise, mas não foi selecionado como estatisticamente significativo. Foram estabelecidas três categorias de verbos:

- (i) diádicos (verbos que necessariamente, ou geralmente, envolvem 2 participantes); (exs. *matar*, *bater*, *casar*);
- (ii) monadários (verbos que podem envolver 1 ou mais participantes, mas, em seu uso mais comum, designam uma cena de um único participante); (exs.: *lembrar*, *levantar*, *aposentar*);
- (iii) essencialmente monadários (verbos que necessariamente envolvem apenas um participante); (exs.: *sentir*, *esquecer*).

Ao contrário do que esperávamos, em ambos os *corpora*, a frequência de realização do pronome é maior entre verbos essencialmente monadários (50%), do que entre verbos diádicos (44%, 43%). Já o verbo monadário, como prevíamos, favorece a omissão (31%, 36%).

¹⁴³ Talmy (2003b) só fala de verbos diádicos e monadários; a designação “essencialmente monadário” é nossa. Alguns verbos utilizados em construções passivas (*abrir-se*, *fechar-se*) também foram classificados como essencialmente monadários, porque também denotam eventos de um único participante [+ humano], isto é, a relação se dá entre uma pessoa e um objeto.

6.4.5 Domínio do evento

Ao analisarmos as ocorrências, conforme as diversas categorias semânticas expostas até aqui, reparamos que alguns verbos denotam eventos puramente físicos (*levantar-se, matar-se, operar-se*).

Outros se referem a eventos (ou a situações) que pertencem ao domínio psicológico (*lembrar-se, alegrar-se, conformar-se, divertir-se, gostar-se*).

Outros, ainda, designam eventos nos quais há tanto um componente físico, quanto psicológico (*brigar, acostumar-se*).

Foi estabelecida mais uma categoria para englobar eventos (ou situações) que não são físicos, nem psicológicos, aos quais demos o nome de abstratos (*casar-se, alistar-se, chamar-se*).

A classificação de muitos verbos depende do entorno semântico e discursivo. Assim, temos:

- *fechar-se* e *desviar-se*, verbos prototipicamente físicos, empregados com sentido abstrato:

(230) mais sempri quanu uma porta **fecha** minha fia... deus sempri vai abrí uma porta ou duas pra nós (I.M'.p.88)

(231) Doc.1. Mais ele num pertence a nenhuma igreja? / Inf. Pertence. Mais tem tempo que ele sai. Ele saiu já tá com um bocado de tempo. Depois ele volta de novo./ Doc.1. Qual é a religião dele?/Inf. É crente, católico./ Doc.1. Não, católico não?/Inf. ele é religioso, eu sei que ele ia na religião de crente/ Doc. 1. não.../ Inf. Até que ele saiu, **desviô** tá com um bocado de tempo ((filho da informante pede a ela pra que lhe dê o peito)). Não, num tenho não. Ele... ele... vá, chame lá a tia Vânia. Vá... só que ele... ele... ele... ((filho repete o pedido)) tá bom. Ele... ele **desviô** tá com um bocado de tempo. Aí quando ele **desviô** assim, peste de querê saí, chegá a hora que qué. Logo no começo a gravidez, eu sofri com ele. Sofri que num era brincadeira (I.J',p.52)

- *derreter-se*, outro verbo prototipicamente físico, utilizado para designar um evento psicológico:

(232) Eu que num ligo pra aparência não. Ligo é pro caráter das pessoa... então eu falo é... às veze a irmã fala que eu sou muito chata. Num é chata a pessoa tem que dá valô. Num é qualqué carinha que mexe que deve ficá **derreteno** pra ele. (I.9',p.36)

- *dar-se* com sentido físico (*dar-se com o clima*) ou psicológico (*dar-se*, 'relacionar-se bem'):

(233) Inf. Então, minha filha, eu tô aqui inté o dia que Deus quisé. / Doc. Por que que a senhora disse que não *se acostuma* em São Paulo? Por causa do clima?/Inf. É. eu não **me dô** aqui/ Doc ahn ahn/ Inf. O que me o que me acaba comigo aqui é o frio. Eu sô muito frienta minha fia, sô muito frienta (...) Então eu gosto daqui, o que me desgosta é o frio (I.9,p.14)

(234) Inf. () é calmo aqui. Tudo os vizinho que pode ajudá ajuda, a gente conversa, vai na casa deles quando tem uma festinha eles chama, assim / Doc. Ahn ahn / Inf. meus primero vizinho é aquela ali, aquela lá em cima e essa, tem uma casinha aí embaxo, a gente **se dá** mais/ Doc. Tem mais amizade né? (I.z.p.7)

- *sentir-se* com sentido físico ou psicológico:

(235) Inf. E eu gostava muito de vinho também / Doc. Uhn fais um bem / Inf. e vinho pra pressão pra pressão não é (ruim) né? Então eu **me senti** mal umas treis veiz aí até eles vieru mi trazê em casa com os problema né? Então resolví dexá pra lá (I.w,p.12)

(236) Eles vem chega a veis ão qué nem a jantá otra hora não qué almoçá porque chega tudo com as barriguinha cheia né? eu acho que isso pra mim eu **sinto** bem né? porque eles não não tenho nada que reclamá né? (I.b,p.4)

- *acostumar-se* com sentido físico, psicológico, ou ambos, como respectivamente ilustram os exemplos (237-9):

- (237) Doc.1 e acordava sozinho?/Inf. acordava sozinho/ Doc.1 olha!/ Inf. Ah é assim é assim... () cinco hora da madrugada chamo todo mundo, se eu num chamá eles passam direto. E eu quando é cinco hora, ói num tem despertador, num tem nada, cinco hora em ponto, já **costumei**, tô acordado (I.Y',p.123)
- (238) Inf. ele ficou lá ca casa da mãe dele / Doc. e aí::: a senhora não fica muito/ não se sente muito sozinha morando aqui dormindo.... / Inf. não: :: **(a)costumei** fia.../Doc. é?/Inf. () a gente tem que viver com tudo né?(I.1',p.5)
- (239) Doc. E você gosta pelo jeito né?/Inf. de lá?/Doc. de lá/ Inf. gosto, gosto de lá/ Doc. São Paulo, você se adaptô?/Inf. É que eu já **me acostumei** né? Aqui em São Paulo né? Eu **acostumei** já tô aqui um ano então já **acostumei** ficá aqui em São Paulo já. Aí eu vô digo “Vô me embora”. Tá preveno aí eu digo “Vô embora” mais num volto mais não (I.J',p.68)

O fator domínio do evento foi selecionado apenas no *corpus* de 1997-2001.

Domínio do evento	<i>Corpus</i> de 1986-1987		<i>Corpus</i> 1997-2001	
	Frequência		Frequência	Peso relativo
Físico	181/425=42%		173/381=45%	0.51
Psicológico	114/234=48%		121/232=52%	0.60
Físico e psicológico	24/53=45%		10/45=22%	0.32
Abstrato	38/176=21%		34/146=23%	0.35
Total	357/888=40%		338/804=42%	

Tabela 13: frequência e peso relativo de realização conforme o domínio do evento

Os números de frequência e de peso relativo mostram que eventos psicológicos tendem a favorecer a realização do pronome (48%, 52%, 0.60). Eventos puramente físicos não constituem um contexto influente: a frequência se mantém próxima à média geral de realização encontrada nos *corpora*, e o peso relativo (0.51) igualmente indica não ser este um fator significativo. Eventos abstratos condicionam decisivamente a omissão (21%, 23%, 0.35). É possível que isto se deva aos itens lexicais *chamar-se* e *casar-se*, que são empregados com muita frequência e ocorrem majoritariamente sem o pronome. Os eventos de natureza física e psicológica são os únicos que apresentam resultados diferentes para os dois *corpora*: favorecendo o uso do pronome no de 1986-7, e desfavorecendo-o no de 1997-2001 (peso relativo: 0.35).

6.5 FATORES SINTÁTICOS

6.5.1 Função sintática da forma anafórica

As categorias que compõem o fator função sintática da forma anafórica foram formuladas de acordo com as estruturas encontradas no *corpus*. Além disto, levamos em conta o trabalho de Dik (1989, 1997) (cf. capítulo 2) e os estudos que versam sobre os reflexivos apresentados no capítulo 4.

Grande parte dos trabalhos que discorrem sobre os reflexivos admite que, em alguns contextos, o pronome tem a função de complemento, seja objeto direto ou indireto. Em tais estruturas, o pronome é exigido pelo verbo, integra o seu *frame* e tem, portanto, o status de um argumento.

- a) **objeto direto** (*abandonar-se, ajudar-se, alimentar-se, beijar-se, conhecer-se, cortar-se, culpar-se, defender-se, destacar-se, dominar-se, encontrar-se, enganar-se, entender-se, esconder-se, fazer-se, jogar-se, matar-se, sujar-se, valorizar-se, ver-se, unir-se*); exemplos:

- (240) aí elas danô a gritá ô (marido) “a nenê **cortô** olha pra nenê” e eu comecei também ficá desesperada de vê tanto sangue num nenenzinho (I.t,p.13)
- (241) Doc. Trabalhava todo fim de semana?/Inf. Eu sempre trabalhei desde que eu **entendi** por gente de idade de déis ano pra () até uns seis anos atrais. Trabalhava sempre não tinha domingo nem feriado nem nada.(I.z,p.14)
- (242) é, no otro domingo tinha que sê a mesma coisa até recebê a fita. Aí quando recebia a fita a gente ficava sempre em fila um atrais do otro cada um procurando o seu lugá pra **se destacá** melhor né? que uma fitinha assim ((ri)) começô com uma pequenininha depois veio uma grandona de cruzado/ Doc. Uma grandona né?/ Inf. Eu tenho até hoje (essa fita) de cruzado né? (I.h,p.17)
- (243) “Quem qué respeito dá respeito quando eu saí com idade de dezessete ano e seis meis da casa do meu pai foi pra respeitá você até o dia de nossa morte. Mas se você não tá querendo assim então o jeito é **abandoná uns aos otro**”. “Em vez de você dá um bolo em mim eu dô um bolo em você” ele falô assim pra mim né? (I.p,p.14)
- (244) Eu fui gato doze ano (...) Naquele tempo sabe o que era o gato? Um par de bota sanfonada chapéu gaúcho na cabeça bastão embaxo do braço e chegá na cidade e convi/convidá os peão pra í trabalhá na lavo(u)ra (). É então isso é que é o gato. Exato fala gato, mas quem conhece por gato é os peão memo agora nós **conhecemo nós** como serviço de empreiteiro (I.g,p.13)
- (245) Inf. O governo não queria, não queria reabrir a escola parece. Depois abriu mais eles ficaru um meis sem aula (...) É bom o prezinho uma gracinha () foi televisionado/ Doc. É?/ Inf. Então, **a gente mesmo via a gente** lá na na televisão. Ah foi tão linda lá a festa (I.z,p.2)
- (246) Inf. então geralmente todos têm serviço. Não ganha só disso/ Doc. Isso que eu ia perguntá não dá pra vivê / Inf. Não dá pra **se mantê** não. Muitos tem serviço (I.w,p.14)

b) **objeto indireto** (*brigar um com o outro, cuidar-se, dar-se, gostar-se, fazer para si, pensar em si, trazer para si, queixar de si*); exemplos:

- (247) Eu que num ligo pra aparência não. Ligo é pro caráter das pessoa... então eu falo é... às veze a irmã fala que eu sou muito chata. Num é chata a pessoa tem que **dá** valô. Num é qualqué carinha que mexe que deve ficá derreteno pra ele. (I.9',p.36)
- (248) Doc. como assim, os olhos secos?/Inf. assim, a energia quando me pegou. Aí eu fiquei sem fala né? Aí os olhos ficou pingando água direto. Aí fiquei sofrendo das vistas. Os olhos seco que a gente fala é assim ó. Só descia lágrima direto e depois que acabô e passô de descê as lágrimas () ficou só () os olhos ardendo. É, doeno direto e ficou igual conjutivite e.... vermeiô e sofreno muitia dor. Mas o povo no interior num **se cuida** né?. Nem de procurá um médico. Cum dois anos depois, eu, eu já num tava mais aguentanu né? Fui no médico (I.8',p.23)
- (249) Inf. aí a gente fazia um monte de biscoito assim uns dois treis sacó e amarrava um no otro punha na nas costa do jegue ((risos)) o maior sarro (...)/Doc. Vocês iam vendê?/ Inf. Não, a gente **trazia** da da fazenda que a gente fazia pra pra rua né? **pra gente** que a gente não comprava pão (I.a,p.3)
- (250) eu preferia andá de short do que com vestido rasgado né? aí depois eu fui aprendendo a **fazê** uns vestido **pra mim**. Com nove ano eu costurava pra mim. (I.a,p.4)
- (251) eu fiquei internada duas vez com pneumonia. Aí eu falei “Sabe duma coisa? Eu **vô cuidá é de mim**”, de vez em quando eu vô lá “dotor tá doendo aqui tá doendo aqui”. Paga INPS então tem direito de í né? (I.f,p.9)
- (252) Bom mais pelo meno eu assinei meu nome né? durante esses tres meis. Não foi grande coisa não. Aí conforme eu se eu tivesse continuado a escola? Tudo bem mais é que eu não continuei. Comecei aí comecei trabalhá mesmo firme larguei a escola pra lá isso aí foi tempo que chegô a vinte e dois ano eu fui aproveitá casá e me casei pronto aí acabô aí não não () / Doc. Fez falta a escola? /Inf. É. Bom feis falta mais eu não me aquexo de me/ meu pai não senhora não me aquexo do meu pai não, me **aquexo de mim mesmo**. (I.7,p.2)
- (253) Inf. é muito difícil tê um chamado de polícia assim as veis tem lá mais lá do lado das casa sempre tem do lado das casa tem mas por aqui mesmo é muito difícil/ Doc. É eu tô percebendo mesmo que / Inf. É muito difícil/ Doc. que o pessoal é ligado assim tudo amigo/ Inf. É todo mundo **gosta um do otro** todo aqui é muito bom/ Doc. Mas cê falô do padre Ivo e do Bem Estar as suas meninas vão pro Bem Estar ou não?/ Inf. Não os meu não vão pro Bem Estar não/Doc. Você conhece o Bem Estar (I.3,p.4)
- (254) Inf. notro domingo no outro domingo mataru otro que robô uma galinha minha aqui do meu quintal né? é mataru ele/ Doc. Mas quem é que mata? É a polícia mesmo? / Inf. não, não é a polícia, é guerra deles com né? vagabundo com vagabundo/ Doc. Tem disso? / Inf. tem, eles **briga um com o otro** né? fica aquela guerra toda, um vem mata o otro né? Aquele que mata foge né? (I.e,p.10)

Em outros contextos, consideramos que o pronome é um instrumento gramatical que marca a redução de um dos argumentos do verbo. Esta hipótese, formulada com base em Dik (1989, 1997), estabelece que em todas as estruturas passivas, o pronome assinala a redução do primeiro argumento Agente (item c abaixo). Já em estruturas reflexivas e recíprocas, o pronome pode ou não indicar a redução de argumento. Em outras palavras, ele pode tanto ter o estatuto de complemento (itens a e b), como ser analisado como marca redutora de um dos argumentos do verbo (item d, a seguir) ¹⁴⁴.

c) **(R): instrumento gramatical redutor do primeiro argumento Agente**; exemplos:

- (255) Inf. Tinha ônibus e bonde mais o o bonde sempre encrencava, de vez em quando eles corria um pouco demais saía fora / Doc saía da linha / Inf. É, saía da linha, parava o trânsito ficava tudo interrompido. Já as ruas estreitinha, depois foi **alargando**. A senhora não vê a avenida São João como **alargô**? E vai **alargá** mais (I.z,p.13)
- (256) Inf. Todo dia de noite o home chegava acendia a luzinha do lampião. Era a coisa mais bonitinha, azul que nem gás / Doc. Ah que nem gás / Inf. Mais meio escurinho, só no lugar que ficava o lampião que era claro. A rua era meio escurinha. As luzes do terraço assim as casa na calçada a luzes do terraço **acendia** clareava também a rua um pouco (I.z,p.11)
- (257) Inf. trabalhei dois anos no Hospital das Clínicas (...)/ Doc. E o senhor se trata lá? / Inf. Eu **me trato** lá. Tirei o cartão (I.w,p.17)
- (258) Inf. Eu nunca estudei / Doc. Nunca? / Inf. Não. Eu nasci e **me crei** no interior meu pai não ti/ tinha condições mais não me deu (I.j, p.60)

¹⁴⁴ Praticamente todas as ocorrências de objeto direto e indireto do *corpus* se encaixam nas categorias semânticas *reflexivo verdadeiro* e *reflexivo recíproco* (item 6.3.1). Mas estes fatores não enviesam, já que classificamos muitas instâncias de reflexivo verdadeiro e recíproco como redução do segundo argumento (exs.: *enfiar-se, reunir-se*).

d) **(R): instrumento gramatical redutor do segundo argumento** (*acostumar-se, casar-se, chamar-se, deitar-se, divertir-se, enfiar-se, esquecer-se, intrometer-se, lembrar-se, levantar-se, mudar-se, reunir-se, sentar-se, sentir-se*)¹⁴⁵; exemplos:

- (259) Doc. A senhora gosta daqui? / Inf. eu gosto / Doc. Por que que a senhora gosta? / Inf. ah eu não sei eu **costumei** aqui né? (I.u, p.3)
- (260) Doc. A senhora lembra de algum caso assim da pedreira? Algum que a senhora nunca mais esqueceu, algum dia? / Inf. Não. / Doc. De trabalho? / Inf. **Esqueci** nada. Eu **alembro**. / Doc. Ah então conta como é que era. (I.u,p.7)
- (261) eu ficava sozinha, é que entrava gente aqueles caipira, entrava muita gente saía, uns fazia baldeação, eu **divertia** ali (I.z,p.17)
- (262) Inf. tudo ali é dos artistas ponto dos artistas/ Doc. É uma espécie de sindicato? / Inf. Não, é na rua mesmo / Doc. Ah é? / Inf. Eles **reúne** na rua ali no Ponto Chic (I.w,p.14)
- (263) Porque se um dia eu falá prum filho meu “Cê tá andando com malandro?” falo “ não vai andá com esse cara mais”. E se ele continuá andando eu não quero mais dentro de casa. “Qué andá errado? Fora de casa”. E a veis a mulhé é contra eu fazê isso né? Então é a hora que eu vô largá tudinho. Largo tudo vô morá só. Nem que fô debaxo dum duma pedra. Quero ficá só/ Doc. E quem cuida das criança? / Inf. ah desde que ela ela **se intrometeu** no meio cuida (I.c ,p.10)
- (264) Eu sempre faço instalação, eu que eu procurei fazê um curso de de instalação com minha mãe pois eu num rádio técnico em televisão pra tra/ pra aprendê com o rapais, o rapais tava ensinando e tinha um otro rapais que tava aprendendo aí quando eu era pequeno aí o o otro **se enfiamo** numa na briga o cara pegô um pedaço de pau no meio das televisão () o cara mandô nós dois embora ((risos)) (I.d,p.13)
- (265) eu com quatorze ano tomava conta de uma casa com onze pessoa. Eu **levantava** cinco hora da manha e ia dormí onze hora da noite (I.a,p.4)

¹⁴⁵ Na maioria destes exemplos, o pronome pode ser analisado como marca redutora do segundo argumento Paciente (como em: *eu levantei o menino x eu me levantei; eu lembrei ele da festa x eu me lembrei*). Todavia, em algumas instâncias, como por exemplo, com o verbo *esquecer*, que necessariamente envolve um único participante (**eu esqueci ele da festa*), e em que o segundo argumento continua presente (*eu esqueci (d)o nome*), a nomenclatura “redução do segundo argumento” não é apropriada. Ainda assim, manteremos verbos desta classe nesta categoria.

Contemplamos também a possibilidade de que o pronome corresponderia a um afixo, quando acompanha verbos essencialmente pronominais (i.e. que só se constroem na forma reflexiva).

e) **Afixo** (*agachar-se, amigar-se, arrepende-se, locomover-se, queixar-se, suicidar-se*);

exemplos:

- (266) Doc. E convivê assim com as patroas é/ Inf. Eu acho legal porque tanto é que uma tem uma que tem treis ano a otra quatro ano é é essa nova que eu tô agora tem um ano e poco / Doc. É a mais nova? / Inf. É e pelo meno ela sempre gostô do meu serviço nunca reclamô de nada né? e eu também não tenho que **queixá** delas não. Elas tem confiança ne mim (I.y,p.42)
- (267) Doc. E em Recife a senhora tinha parente?/Inf. Tenho parente tenho gente gente minha onde eu fui criada eu fui criada com Lauro Melo Lauro Melo Rodrigue(s) que é meu tio minha avó que é já falecida mas ainda tenho parente tenho tenho famílias famílias nobres famílias boas de boas educações e aqui eu não tenho nada disso só me resta meus filho . Se eles hoje amanhã separasse de mim pra mim é mesmo que morte. Eu já disse torno a dizê que eu (ai) de ficá aqui eu **me suicido**/ Doc. Que que é isso dona Consuelo?/ Inf. Anoiteço não amanheço (I.4,p.2)
- (268) porque eu não gostava da escola, falo memo não gostava de estudá né? estudava na marra, à força e esse poquinho que eu aprendi pra mim eu acho que valeu a pena né? que eu até hoje **arrependi** de não tê aprendido mais né? (I.b,p.9)
- (269) Inf. em si tratando da escola... eu acho assim que...eles pega... é bom pra eles... que eles estuda ali no Alberto Torres né...que eles vão de circulá né... é importante pra eles... já economiza vale-transporte essas coisa que a gente tamém num tá em condições de passá pra eles isso aí né? e:: otro estuda ali no Emídio... vai a pé tamém () que eles dão lá mais tá indo né?/ Doc. então o lugar é uma localização boa então?/ Inf. é... cê pra **se locomovê**... muito bom (I. C', p. 2)
- (270) assim ajuda os ferante...faiz carroto...ajuda as...as mu/as senhoras q/levá: ::...as coisa delas...e é isso que ela faiz...minha mãe ela nu trabaia ela já é aposentada então ela nu...trabaia mais...que teve uma época que ela caiu e bateu isso aqui dela e as as coisa...o médico falô assim se ela: :: fosse pa trabaiá ela não podia **agachá** senão ela...podia coisá a coluna...aí ela nu trabaia lá...o marido dela qui trabaia meus irmão...que ajuda ela...e ela recebe assim a pensãozinha do meu pai...que eu não tenho mais pai vivo...e é assim que ela vevi também (I.A',p.8)
- (271) Doc. fala pra gente dos filhos da senhora (...) Inf. é... a Edna tem vinti... / Doc. e os outros?/ (.....) éh... u Edcarlus tem quatôzi... tem quatôzi u Edcarlus / Doc. não tem nenhum casado? Não?/Inf. Só a Edna qui casô... não nu papel né? **si amigô** ... / Doc. Essa garota tem filho? (I.K',p.21)

A função sintática da forma anafórica foi um fator estatisticamente relevante nos dois *corpora*. Vejamos os resultados:

Corpus de 1986-7		
Função sintática da forma anafórica	Frequência	Peso relativo
Objeto Direto	66/98=67%	0.54
Objeto Indireto	28/29=96%	0.95
R – redução do primeiro argumento Agente	111/213=52%	0.56
R – redução do segundo argumento	145/537=27%	0.42
Afixo	7/11=63%	0.66
Total	357/888=40%	

Tabela 14: frequência e peso relativo de realização conforme a função sintática da forma anafórica (*corpus* de 1986-7)

Corpus de 1997-2001		
Função sintática da forma anafórica	Frequência	Peso relativo
Objeto Direto	72/87=82%	0.71
Objeto Indireto	19/59=32%	0.34
R – redução do primeiro argumento Agente	65/156=41%	0.59
R – redução do segundo argumento	176/495=35%	0.44
Afixo	6/7=85%	0.94
Total	338/804=42%	

Tabela 15: frequência e peso relativo de realização conforme a função sintática da forma anafórica (*corpus* de 1997-2001)

Começamos nossa análise pelos resultados comuns às duas tabelas. Ambas mostram que a realização do pronome é favorecida nas construções em que ele equivale a um argumento do verbo, mais precisamente, um objeto direto (67%, 0.54; 82%,0.71).

Com relação ao “afixo” que acompanha verbos que só se constroem na forma reflexiva (pesos relativos: 0.66, 0.94), nossos resultados corroboram os de Nunes (1995) e D’Albuquerque (1984), que já apontavam para a alta frequência de realização neste contexto¹⁴⁶.

As estruturas passivas, nas quais o *se* é analisado como marca redutora do primeiro argumento Agente, também tendem a favorecer a realização (52%, 0.56; 41%, 0.59).

Tais contextos se contrapõem à categoria em que o *se* é analisado como marca redutora do segundo argumento, a qual condiciona decisivamente a omissão (27%, 0.42; 35%, 0.44). Esta categoria engloba grande parte das ocorrências de reflexivo lexical, visto no item 6.3.1, compreendendo verbos que, no seu uso mais comum, se empregam reflexivamente, o que torna a presença do pronome redundante. Curiosamente, os afixos, que acompanham verbos que necessariamente são reflexivos, não seguem esta tendência. É possível que, neste último caso, os falantes adquiram o pronome juntamente com o item lexical (i.e. o verbo).

O reflexivo indireto é o único subfator que apresenta resultados diferentes para os dois *corpora*. No de 1986-7, a realização do pronome é praticamente categórica (96%, 0.95); já no de 1997-2001, predomina a não realização (32%, 0.34). Por este motivo, o analisaremos mais detalhadamente.

¹⁴⁶ A oposição verbo acidentalmente x essencialmente pronominal também foi utilizada como um fator na análise. Tal fator foi selecionado no *corpus* de 1997-2001, com pesos relativos de 0.49 e 0.97, respectivamente. O número de ocorrências de verbos “essencialmente” pronominais é, porém, muito baixo. Encontramos no *corpus* apenas uma ocorrência em que o pronome se aglutina ao verbo, comportando-se como um afixo (mas o verbo não é essencialmente pronominal): Inf. eu num **m’incomodo**, que graças a Deus/Doc.1 éh/Inf. sô um cara limpo né? (I.Y’.p.103)

As instâncias de objeto indireto abrangem não só o uso de zero e *se*, pois englobam contextos em que é obrigatório o uso do pronome tônico¹⁴⁷, como demonstram os exemplos a seguir:

- (272) Inf. notro domingo no outro domingo mataru otro que robô uma galinha minha aqui do meu quintal né? é mataru ele/ Doc. Mas quem é que mata? É a polícia mesmo? / Inf. não, não é a polícia, é guerra deles com né? vagabundo com vagabundo/ Doc. Tem disso? / Inf. tem, eles **briga um com o otro** né? fica aquela guerra toda, um vem mata o otro né? Aquele que mata foge né? (I.e,p.10)
- (273) Doc. a senhora tem assim... alguma amiga?/Inf. tenho uma amiga... a valdireni... eu acho você já viu ela lá... desdus quatorzi anu a genti é amiga... / Doc. o que a senhora gosta assim... na val? ()/ Inf. nunca **brigamu...** é qui a genti sempri **conta** assim... us causu **um/ pra otra** né? uma tá cum problema... otra si **abri uma cum a otra...** é assim... eu achu qui issu aí pra mim é amizadi né? (I.N'.p.106)
- (274) Doc. a senhora tem que pensar na senhora né?/Inf. eu tenho que **pensar nim mim** que eu não faço mais nada... é proibido do médico de tanto tomar... poeira na cara... veio até máscara preu usar quando sair do portão assim (I.P'.p.17)

Examinando separadamente os dois conjuntos de inquéritos, verificamos que, no *corpus* de 1986-7, os objetos indiretos têm geralmente funções discursivas idênticas às dos oblíquos (que, lembremos, foram descartados): eles correspondem a uma informação nova, que é apresentada como Foco¹⁴⁸. Exemplo:

- (275) eu fiquei internada duas vez com pneumonia. Aí eu falei “Sabe duma coisa? Eu **vô cuidá é de mim**”, de vez em quando eu vô lá “dotor tá doendo aqui tá doendo aqui”. Paga INPS então tem direito de í né? (I.f,p.9)

¹⁴⁷ Apenas 2% das 1692 ocorrências coletadas nos *corpora* não são comutáveis com pronome átono.

¹⁴⁸ Cabe notar que a linha que separa o complemento obrigatório do complemento opcional (Talmy 2003a,b) é tênue, e talvez tivéssemos uma melhor compreensão destas funções se as concebêssemos como um continuum. Por que, por exemplo, considerar que a forma *para si* constitui um argumento de “fazer”, mas não de “comprar”? Mais uma vez, tivemos que adotar um critério: além da introspecção, nos valem das informações fornecidas por Borba (1991).

Há ainda dois pontos que aproximam os objetos indiretos dos complementos oblíquos encontrados no *corpus* de 1986-7: a realização quase categórica da forma anafórica e o fato de que algumas ocorrências poderiam ter passado despercebidas, se não estivessem marcadas, como mostra nossa versão de (272) abaixo:

(272a) Doc. a senhora tem assim... alguma amiga?/Inf. tenho uma amiga... a valdireni... eu acho você já viu ela lá... desdus quatorzi anu a genti é amiga... / Doc. o que a senhora gosta assim... na val? ()/ Inf. nunca brigamu... é qui **a genti sempri conta assim... us causu** né? uma tá cum problema... (I.N'.p.106)

Isto explicaria a alta frequência de emprego do pronome com função de objeto indireto no primeiro *corpus*.

Já nos inquéritos de 1997-2001, no qual há a tendência de omissão, grande parte das estruturas de objeto indireto compreende verbos recíprocos que, neste contexto sintático, ocorreram majoritariamente sem o pronome (11/45=24%), como mostram os exemplos abaixo. Outros estudos se fazem necessários para que se possa comprovar a relevância deste subfator.

(276) Doc. E como foi a sua infância assim com os seus irmãos?/Inf. Bom, foi normal. Foi só momento feliz assim. Só que nós sofremo, todos junto/ Doc. Mas vocês brincavam, como é que é?/Inf. Nós **brincava**, nós **brigava**, mais nós mais **brigava** do que **brincava**/ Doc. é?/Inf. acho graça hoje/ Doc. que é coisa de irmão né?/ Inf. Mais também quando nós **brigava**, nossa tia colocava um de castigo com o outo. Aí, batia e dizia: “Agora *se beija um com o outo*”. Nós apanhava e depois *se beijava*. *Saía beijano um no rosto do um*. “Cê são irmão”. E falava assim “São irmao! Ói quando sua mãe morreu, quem tomô conta de vocês foi eu” (I.J',p.64)¹⁴⁹

¹⁴⁹ As ocorrências em itálico foram consideradas instâncias de objeto direto.

6.5.2 Estatuto gramatical do pronome (BORBA, 1991)

Como vimos no capítulo 4, Borba (1991) considera o *se* uma forma pronominal, sem função sintática específica, que pode ser obrigatória ou facultativa, junto a verbos de ação, de processo e de estado. O autor propõe que o pronome reflexivo tem o status de complemento, quando acompanha verbos de ação-processo. Isto também ocorre com um número reduzido de verbos de Ação (*considerar-se, beijar-se*) e de Processo (*ver*).

Vejamos os exemplos do *corpus*:

- a) forma pronominal obrigatória: (*aposentar-se, arrepender-se, chamar-se, criar-se, dar-se, dedicar-se, divertir-se, envolver-se, esconder-se, perder-se, preocupar-se, reunir-se, sacrificar-se, sentir-se*);

- (277) Aí depois ela eles falaru que ela bateu a cabeça quando ela caiu isso mais quinze dia com aquele joelho machucado eu ainda falei pra ela () ela **chamava** Maria né? “Maria vai com esse papel com a que o médico te deu” (I.b,p.8)
- (278) Doc. Dona Maria conta da festa lá no Bem Estar. Como é que foi? ((risos)) A senhora se divertiu né? / Inf. É, eu **diverti** (I.u,p.1)
- (279) Inf. Eu lembro quando na quando meu pai foi na guerra mil novecento e trinta e dois / Doc. O que? seu pai foi?/ Inf. () ele vinha com em Pinheiros era mato né? Meu pai tava com medo ele **se escondeu** lá em Pinheiros (I.z,p.15)
- (280) Porque o local que nós moramos lá tinha condições mais cê sabe que pessoal esse pessoal mais antigo era um pessoal que não **se preocupava** como hoje **se preocupa**. Então nós era a escola nossa era a roça. (I.j,p.60)

- b) forma pronominal opcional (*abrir-se, acostumar-se, cansar-se, casar-se, deitar-se, desenvolver-se, esquecer-se, incomodar-se, lembrar-se, levantar-se, machucar-se, mexer-se, mudar-se, sentar-se*);

(281) ela também ela nasceu muito pequenininha. Ela nasceu com dois quilo ficô lá no hospital recuperando o peso também. Então ela não teve nem possibilidade de pegá peso ((fala de criança)) por causa da correria. Tinha veis que quando eu tava de barriga com ela que eu terminava de fazê a a arrumação aqui de dentro que eu ia **deitá** tava com a carne do corpo tudo tremendo tudo tremendo assim a carne do corpo/ Doc. Cansaço né? / Inf. É de cansa(ço). Aí também eu acho que ela não tinha muita possibilidade de **desenvolvê** né? (I.t,p.8)

(282) Doc. Que mais que a senhora se lembra de São Paulo Dona Maria? De Santana que era bom que mais? / Inf. Eu **lembro** quando na quando meu pai foi na guerra mil novecento e trinta e dois (I.z,p.15)

(283) Aqui existe mais campo e existe mais uma uma facilidade porque aqui é um lugá que ninguém olha a vida de ninguém. O negócio aqui é trabalhá. Agora o que é mal visto aqui é () ((dirige-se a filha)) “Aí você anda **se machucando**, anda de cara pra cima” ((a filha retruca)) “Eu sei eu sei ora, presta mais atenção”. Sim como nós tava conversando (I.2,p.2)

(284) que nem eu tava sentada assim quando aquela dô dava eu caía no chão então adonde eu tivesse eu tinha que ficá, não movimentava com braço nem com perna nem com nada nem podê falá eu não falava. Eu ficava dura ali sem podê **mexê**. (I.p,p.4)

- c) complemento (*abandonar-se, alistar-se, alimentar-se, arrumar-se, beijar-se, brigar um com o outro, calçar-se, conhecer-se, controlar-se, cortar-se, destacar-se, entender-se, fazer para si, firmar-se, gostar-se, levar-se, lutar um com o outro, manter-se, matricular-se, movimentar-se, separar-se, trazer para si, trocar-se, ver-se*).

(285) Então eu fiz lá reabilitação mas não consegui, trabalho é muito difícil né? porque é é muita gente que procura lá então eles eles **luta com um com outro** pra vê se consegue emprego mais alguns em/ tem sorte de em/ aqueles mais novo né? que tem mais condições (I.k,p.76)

- (286) Inf. e a família a família é grande né? / Doc. É grande, quantos filhos o senhor tem? / Inf. Eu? Seis/ Doc. Bastante né? todo mundo comê ((risos)) Mas já ajuda. Eles ajudam? / Inf. ah agora agora ele não tá ajudando não ele tá parado. Um tá no no tempo de **alistrá**. Tava empregado a firma mandô embora. (I.q, p.2)
- (287) Tem um malandro aí irrecuperável? Quarenta cinquenta ano de cadeia? Que que vai fazê um cara desse? Só dá prejuízo. Então dá ele pros peixe comê que os peixe também qué **alimentá** (I.c, p. 11)
- (288) E eu nessa nessa época a situação que eu tava que eu não tinha ne/ um vestido que eu tinha era assim só no meu corpo. Era um só vestido () esse vestido que eu tinha pra móde eu lavá ele eu lavava ele lá no rio e vestia molhado porque não tinha otro pra **se trocá** tão situação tão feia como a que eu já passei. Não tinha otro pra se trocá não tenho vergonha de contá eu não tenho vergonha de contá minha vida () (I.p,p.11)
- (289) que nem eu tava sentada assim quando aquela dô dava eu caía no chão então adonde eu tivesse eu tinha que ficá, não **movimentava** com braço nem com perna nem com nada nem podê falá eu não falava. Eu ficava dura ali sem podê mexê. (I.p,p.4)

Este fator, embora de natureza sintática como o anterior, difere daquele. Nos contextos de objeto direto e indireto do item anterior, Borba (1991) considera o pronome ora complemento (*ajudar-se, alimentar-se, apresentar-se, controlar-se, fazer para si, gostar-se, lutar um com o outro, matar-se*¹⁵⁰), ora forma pronominal obrigatória (*cuidar-se, defender-se, dominar-se, esconder-se, jogar-se*)¹⁵¹.

O *se* que marca a redução do primeiro argumento Agente (passivas) é, para Borba, forma pronominal opcional (*abrir-se, cansar-se, desenvolver-se, machucar-se*), ou obrigatória (*adaptar-se, aposentar-se, criar-se, perder-se, transformar-se, tratar-se*).

O *se* que assinala a redução do segundo argumento também pode ser uma forma pronominal opcional (*acostumar-se, casar-se, deitar, esquecer, lembrar, levantar, mudar-se*), ou obrigatória (*afastar-se, chamar-se, dedicar-se, divertir-se, envolver-se, intrometer-se*,

¹⁵⁰ A função sintática do pronome depende do sentido do verbo. Assim, *se* é complemento em *matar-se* ('tirar a própria vida'), mas forma pronominal obrigatória em *matar-se* ('estafar-se') (BORBA, 1991).

¹⁵¹ Há apenas 3 ocorrências que nós classificamos como objeto direto, mas Borba analisa como forma pronominal opcional (*mexer-se, internar-se*).

reunir-se). Há, contudo, um número pequeno de ocorrências em que o pronome é visto por Borba como um complemento (*alistar-se, calçar-se, endireitar-se, firmar-se, separar-se*).

O que nós consideramos afixo, por fim, pode ser, para Borba, uma forma pronominal obrigatória (*arrepender-se*), opcional (*queixar-se*), ou um complemento (*suicidar-se*). É interessante notar aqui que Borba não analisa o item lexical *arrepender* como um verbo essencialmente pronominal.

O fator estatuto gramatical do pronome (Borba, 1991) foi selecionado nos dois *corpora*. A tabela a seguir exhibe os resultados:

Estatuto gramatical do pronome	Corpus de 1986-7		Corpus de 1997-2001	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Forma pronominal obrigatória	225/409=55%	0.63	192/292=65%	0.73
Forma pronominal opcional	61/381=16%	0.32	65/368=17%	0.33
Complemento	69/96=71%	0.65	77/138=55%	0.41
Expressão	2/2=100%	-	4/6=67%	0.36
Total	357/888=40%		338/804=42%	

Tabela 16: frequência e peso relativo de realização de acordo com o estatuto gramatical do pronome (BORBA, 1991)

Em ambos os *corpora*, vemos que a forma pronominal obrigatória tende a ser realizada (pesos relativos de 0.63, 0.73), ao passo que a forma pronominal opcional tende a ser omitida (0.32, p.33).

O contexto em que o pronome tem a função de complemento apresenta resultados diferentes: favorecendo o uso no *corpus* de 1986-7 (peso relativo: 0.65) e desfavorecendo-o no *corpus* de 1997-2001 (peso relativo 0.41). Lembremos que os verbos que Borba inclui

nesta categoria são, em sua maioria, de ação-processo, contexto que condiciona a realização¹⁵². Todavia, também estão incluídos, nesta categoria, verbos de ação, que exigem um complemento indireto, tais como *brigar*. É possível que a diferença nos resultados se deva, portanto, aos reflexivos indiretos comentados no item anterior, os quais, como vimos, apresentam um padrão de realização diferente nos dois *corpora*.

A categoria “expressão” da tabela 16 engloba as poucas ocorrências em que o pronome é entendido como parte de uma expressão. Exemplos:

- (290) Sabe que eu **fiquei** trespassada. Quando eu cheguei que eu vi a mamãe eu lembro que eu vi mamãe na hora que eu entrei né? Quando eu **voltei em si** já fazia umas hora que eu tava ali (I.f,p.16)
- (291) Inf. e é como mexe com mexe com a mente da gente o aborto (...)/ Doc. Mexe com a mente por que?/ Inf. eu não sei é uma coisa tão terrível mas tão terrível mexe com a mente da gente. Não sei se é depois que a gente **cai na gente** (I.r,p.12)
- (292) fiquei uma semana no Sara... e lá eu//Doc. Onde é o Sara?/Inf. aí no hospital Arlindo Sara... aí não viu o que que era hospital ruim/ Doc. certo/ Inf. quase morri... saí de lá... de man/ saí de tarde... me deram alta pra morrer em casa... cheguei aqui eu vi entrar ... mas sair eu não vi mais... quando eu fui **dar conta** assim **de mim** já fazia três dias que eu tava no hosp/ no/ no na USP... me levaram morta pra lá... me puseram no carro que não vi... não vi me vestirem... não vi nada (I.P’ .p.17-18)
- (293) O motorista diz “ah! Eu vou esperar?” “Então não trabaia meu fio porque aqui você é obrigado a esperar o passageiro a subí direito ou descer direito, principalmente uma pessoa deficiente ou de idade, se já subiu direito, se já sentou, se vai descer, se já desceu direito”. Já duas vezes que o ônibus já ia me machucar, já ia subí quando me agarrei, não **dei conta**. Nesse dia, a minha fia tava junto NOSSA senhora ...ela marcou a cara dele e no outro dia ela foi e chamou ele “Não faça uma coisa dessas::: Nunca a gente movimenta o ônibus se no ônibus as pessoa não estão sentada:::” (I.Z.p.8)

Note-se que uma expressão, por definição, deveria ser cristalizada, mas não é isto que ocorre nestes exemplos, que abrangem generalização de *se*, uso do pronome forte onde se espera o clítico e omissão do pronome.

¹⁵² O índice de realização do pronome com verbos de ação-processo é de 65% no *corpus* de 1986-7 e de 59% no de 1997-2001.

6.5.3 Paralelismo

Ao examinar o *corpus*, reparamos que ocorrências em série apresentavam, muitas vezes, comportamento semelhante, isto é, formas marcadas (com realização do pronome) tendiam a ser seguidas de outras igualmente marcadas, e zeros tendiam a ser seguidos de zeros. Trata-se do fator paralelismo, cuja relevância já foi constatada em estudos sobre a concordância verbal e nominal (cf SCHERRE; NARO, 1993). Não esperávamos, porém, que este fosse um dos fatores mais relevantes da análise.

O fator paralelismo se compõe de três categorias: (i) primeira ocorrência de uma série, ou ocorrência isolada, (ii) ocorrência antecedida por forma verbal marcada e (iii) ocorrência antecedida por zero. Consideramos em série as ocorrências separadas por até 20 orações, com ou sem mudança de turno. Exemplos:

- (294) Tem até o barzinho na esquina ali que é o ponto dos artista chama Bar dos Artista né? Fica na esquina da Paissandú com a São João Então (...) eles **se reúne** toda segunda fera só segunda né? Então eles **reúne** lá assim e então eles procura bailes shows tudo quanto é artista né? (I.w,p.15)
- (295) Aí eu falo pra ele sempre eu falo pra ele “eu vô saf” né? como agora tô de férias né? Mas depois eu penso que eu já **costumei** com a chefe né? já **costumei** com o serviço né? já **costumei** com o meu horário né? que eu chego aqui cinco e meia né? (I.b,p.6)
- (296) Inf. Era pra matá mesmo. Nós fomo pra matá mesmo ((a esposa interfere)) Era pra matá porque ele não foi matá ele? Então nós ia matá ele também/ Doc. Tá louco/ Inf. Tinha que matá ele também / Doc. E sua mulher fica tranquila com você brigando desse jeito?/ Inf. ela não **importa** não/ Doc. Não? / Inf. A mulher não **importa** não a mulhé não **importa** ((a esposa interfere)) (I.m,p.7-8)
- (297) e eu fiquei doente mesmo porque também eu acho que eu fazia demais () sei lá. Bastava atrasá um dia pra mim eu já ia lá e era dinheiro lá pra mulher né? (...) Tem hora que ela examina a gente e sabe que não é / Doc. Que horror/ Inf. Mas ela qué o dinheiro. E a pessoa é assim que nem o cigarro a gente vai **se matando** aos poco. Cada veis que a gente vai num negócio desses é a mesma coisa de tá **se matando** tá **se matando** tá **se matando** a gente não percebe (I.r,p.15)

- (298) eu trabalho em dobro aqui, tanto com o corpo como com a cabeça né? porque eu **me preocupo** com filho, eu **me preocupo** com genro, eu **me preocupo** com neto né? Ó () uma veis vejo a casa cheia de neto aí, eu arrumo a casa (I.9,p.12)
- (299) Inf. “Tal canto assim assim?” “É em tal canto” né? porque a gente não pode adivinhá, com as pessoas dizendo onde é não há dificuldade a gente tá “me ensina por favô etcétera” não há dificuldade pra isso/ Doc. É de fato é ()/ Inf. Porque eu não acho São Paulo uma cidade () que **se perca**, não não tem condições São Paulo não tem condições pra ninguém **se perdê**. A não sê que queira **se perdê**. Mas não é isso mesmo? ?/ Doc. É mas não é muito fácil heim?/ Inf. **Se perdê** aqui em São Paulo?/ Doc. É não sei lá (I.5,p.14)
- (300) e também lançamo aquela comunidade o jardim Damaceno né? o Jardim Damaceno ali fizemo ali a comuni/ do Jardim Damaceno também **se entrosamo** com a comunidade do (Cova) no Vista Alegre né? do Recanto aí em cima / Doc. Como é que chama do Vista Alegre?/ Inf. É do Vista Alegre o Cova certo? e **se introsamo** aí em cima e fomo pro Recanto também **se introsamo** e continuamo a comunidade certo? (I.d,p.2)
- (301) Meu marido trabalhando pertinho aqui que era quinze minuto daqui de casa pra í no serviço dele de a pé né? Aí tô indo bem tô indo bem, foi até que ele acismô comigo que queria **desquitá** mas eu não queria porque treis criança cê imagine. Falei “não eu não quero **desquitá** não por causa das criança”. Ele falô “nóis vai **desquitá** porque eu não quero você mais, ocê tá velha pra mim tá feia então eu não te quero”. Eu falei “não não. Aí tudo bem, mas eu não vô **desquitá**”. Então ele falô , aí quando foi um dia ele falô pra mim assim “então se você não quisé **desquitá** eu vô embora porque eu arrumei uma mulher bem melhor que você”(I.f,p.1)

Analisamos a ocorrência na fala da documentadora como um antecedente da forma presente na fala do informante, como exemplificado a seguir:

- (302) Doc. Dona Maria conta da festa lá no Bem Estar. Como é que foi? ((risos)) A senhora *se divertiu* né? / Inf. É, eu **diverti** (I.u,p.1)
- (303) Doc. Então conte de Recife mais coisas boas de Recife. Do que que a senhora lembra de lá? Do que que a senhora *lembra* lá de Recife?/ Inf. **me lembro** das minhas (idas) pra cidade **me lembro** das minhas colegas que eu dexei minhas amizades/ Doc. A senhora ia na casa delas?/Inf. Bastante todas elas né?/Doc. ahn ahn/ Inf. **me lembro** de tudo/Doc. ahn ahn. Como é que era quando a senhora ia visitá as amigas? (I.4,p.10)

Grande parte das ocorrências compreendem um item lexical idêntico, como nos exemplos citados. Entre as construções reflexivas, itens lexicais completamente diferentes não foram considerados em conjunto. Em (304), por exemplo, *casar-se* foi classificada como forma isolada, ainda que esteja no meio de uma série de ocorrências marcadas de *divertir-se*. Itens lexicais com sentido próximo, no entanto, foram considerados uma só seqüência, como em (305).

- (304) Inf. Era cinema à noite/ Doc. Ahn ahn. A senhora ia sozinha?/Inf. Não, ia mais minha família, mais minha avó minha mãe/ Doc. ahn ahn/ Inf. Não saía só não, passeava, **me divertia** muito. Sempre **me diverti** agora depois que *me casei* foi que foi () mais né? que a pessoa casada nunca é como soltera né? Mas **me diverti** muito (uma delícia)/ Doc. ahn ahn/ Inf. Lá no Norte a minha vida era melhor (I.4,p.7)
- (305) E aqui em São Paulo, dona Nininha, a senhora *acostumô* logo?/Inf. Aqui em São Paulo ainda não **me acostumei**. /Doc. Não?/Inf. Não/ Doc. A senhora tá há quanto tempo aqui? déis anos já?/ Inf. Déis ano/ Doc. E não *acostumô*? / Inf. Não **me acostumei** não, porque não **me dô** aqui, minha fia (I.9,p.12)

Já entre as construções recíprocas e passivas, não levamos em conta o item lexical, isto é, consideramos em série também as ocorrências que compreendem itens lexicais distintos. Este critério se justifica na medida em que, nestes casos, a seqüência tem em comum ou o sentido passivo, ou o de reciprocidade. Exemplos:

- (306) Doc. Ah por isso que o marginal vinha pra cá. Ficava escondido aqui/ Inf. É porque era coito é era coito. Aí então a insegurança aqui é muita. Aqui **se mata** muita gente. Aqui **se se se roba** muito aqui **se faz** tudo quanto exagero. (I.5,p.5)
- (307) Doc. E como foi a sua infância assim com os seus irmãos?/Inf. Bom, foi normal. Foi só momento feliz assim. Só que nós sofremo, todos junto/ Doc. Mas vocês brincavam, como é que é?/Inf. Nós **brincava**, nós **brigava**, mais nós mais **brigava** do que **brincava**/ Doc. é?/Inf. acho graça hoje/ Doc. que é coisa de irmão né?/ Inf. Mais também quando nós **brigava**, nossa tia colocava um de castigo com o outo. Aí, batia e dizia: “Agora **se beija um com o outo**”. Nós apanhava e depois **se beijava**. **Saía beijano um no rosto do um**. “Cê são irmão”. E falava assim “São irmão! Ói quando sua mãe morreu, quem tomô conta de vocês foi eu” (I.J’,p.64)

Como dissemos anteriormente, o fator paralelismo foi um dos mais relevantes da análise. Em muitas das correlações entre os fatores, ele disputou o primeiro lugar com status informacional, sendo selecionado como estatisticamente significativo nos dois *corpora*. As tabelas a seguir exibem os resultados:

<i>Corpus de 1986-7</i>		
Paralelismo	Freqüência	Peso relativo
Primeira ocorrência de uma série, ou isolada	241/579=41%	0.50
Forma verbal precedida por forma marcada	99/119=83%	0.85
Forma verbal precedida por zero	17/190=8%	0.24
Total	357/888=40%	

Tabela 17: freqüência e peso relativo de realização conforme o paralelismo (*corpus* de 1986-7)

<i>Corpus de 1997-2001</i>		
Paralelismo	Freqüência	Peso relativo
Primeira ocorrência de uma série, ou isolada	244/555=43%	0.54
Forma verbal precedida por forma marcada	77/101=76%	0.69
Forma verbal precedida por zero	17/148=11%	0.23
Total	338/804=42%	

Tabela 18: freqüência e peso relativo de realização conforme o paralelismo (*corpus* de 1997-2001)

Vemos que as instâncias de forma isolada, ou primeira de uma série, apresentam um índice muito próximo da média geral de realização encontrada no *corpus* (41%, 43%). Quando comparamos os contextos forma precedida de forma marcada (0.85, 0,69) e forma

precedida de zero (0.24, 0.23), porém, vemos que é marcante a diferença tanto na frequência quanto no peso relativo de expressão do pronome. Este constitui um achado de nosso estudo: embora o fator paralelismo seja amplamente conhecido na literatura lingüística, não temos notícia de que estudos anteriores tenham constatado sua relevância para explicar a variação no uso do pronome reflexivo.

6.5.4 Pessoa do discurso

Examinamos as ocorrências encontradas nos *corpora*, de acordo com a pessoa do discurso, para verificar se este fator teria influência na variação de uso dos pronomes.

Como visto no capítulo 2, Dik (1989) propõe a seguinte hierarquia de pessoa:

$\{1^a, 2^a\} > 3^a$, ou *participante da interação > não-participante*

Esta hierarquia é explicada em termos da natureza egocêntrica da comunicação lingüística: quanto mais próximo estiver o falante de uma entidade, mais importante ela será e mais prioridade vai ter. Falante (1ª pessoa) e ouvinte (2ª pessoa) ocupam posição central no universo pragmático e têm prioridade sobre não-participantes da interação verbal (3ª pessoa).

Com base nesta hierarquia, estabelecemos a hipótese de que a frequência de realização do pronome reflexivo seria maior entre as instâncias de 1ª e 2ª pessoas, do que nas de 3ª pessoa.

Tal fator foi selecionado somente no *corpus* de 1997-2001.

Pessoa do discurso	Corpus de 1986-1987	Corpus 1997-2001	
	Frequência	Frequência	Peso relativo
1ª PESSOA			
<i>Eu</i>	129/333=38%	148/337=43%	0.57
<i>A gente</i>	35/73=47%	35/73=47%	0.59
<i>Nós</i>	18/34=52%	15/44=34%	0.43
2ª PESSOA			
<i>Você/o senhor/ Tu</i>	13/39=33%	13/40=32%	0.43
<i>Vocês</i>	1/2=50%	4/5=80%	0.90
3ª PESSOA			
<i>Ele/Ela</i>	118/307=38%	97/248=39%	0.41
<i>Eles/Elas</i>	43/100=43%	26/57=45%	0.40
Total	357/888=40%	338/804=42%	

Tabela 19: frequência e peso relativo de realização segundo a pessoa do discurso

Os pesos relativos desta tabela mostram que a realização do pronome reflexivo é ligeiramente favorecida quando o sujeito corresponde à primeira pessoa do singular (*Eu*) (0.57), ou à 1ª pessoa representada pelo pronome *a gente* (0.59). Exemplos:

- (308) Doc. mas mesmo assim a senhora ainda consegue ir à igreja/ Inf. vô: :: /Doc. ajudar fazer faxina/ Inf. vô::: ... peg/ pego minha bengalinha e saio por aí tudo... Todo mundo fica bobo eles fala “meu Deus ess/ essa véia é o (in)ferno” eu digo “por que?”... el(e)s fala “ó/ a s(enh)ora é/ é/ é peROba mesmo” que eu digo é/ eu digo é/ () quando Deus me de(r) força d’eu anda(r) () eu vou por aí TUdo ...agora é que eu tô **entregando** mais a idade vai chegan(d)o a gente vai **se entregan(d)o** né? / Doc. mas a senhora fica sempre aqui pelo BAIrro .../ Inf. não no bairro / Doc. () ônibus.../ Inf. só no bairro (I.1’,p.11)

Muitas instâncias de *A gente* têm como referente exclusivamente a primeira pessoa do singular, como no exemplo (308). Isto também ocorre com *nós*, como demonstrado no exemplo (309) a seguir. Todavia, este contexto não segue a mesma tendência, ao menos no

corpus de 1997-2001, no qual favorece a omissão (34%,0.43). Já no *corpus* de 1986-7, a frequência de uso do pronome, entre as ocorrências de sujeito representado por *nós*, é relativamente alta (52%).

- (309) Doc. De onde você é mesmo Ana?/ Inf. Do mesmo local dele é Jequié / Doc. De Jequié?/ Inf. Ahn ahn. Só que eu nasci na () meu município de nascimento é () / Doc. Ahn ahn/ Inf. Agora acabemo de **se criá** assim () andando né? (I.t,p.3)

Analisando os pesos relativos encontrados na segunda pessoa, vemos que o sujeito representado por *vocês* também favorece a realização (0.90), embora o pequeno número de ocorrências não nos permita fazer uma afirmação segura a este respeito. Já o sujeito representado por *você/ o senhor* apresenta a tendência contrária (0.43).

- (310) se num fosse minhas cocadinha num sei o que será da minha vida... um tem dia tem dia queu vendo cinco... tem dia queu vendo quatro real tem dia queu vendo dez tem dia queu vendo quinze e assim... e vô gritano “ó cocadinha gostosinha deliciosa gostosinha gente pode comprá gente cês num **se arrepende** não aqui é cocada casera gostosinha uma delícia” (I.4’,p.5)

- (311) Não. Eu falo direto na minha cunhada quando eu fô, vô de avião (...) Só em pensá só em pensá na estrada que dá, seis em seis hora tem que pará::: deis em seis hora tem que pará::: cê **deita**, vai e senta e dorme um lado, descansa do otro (I.X’.p.185)

A terceira pessoa constitui um contexto que tende a inibir o uso da forma explícita, em consonância com nossa hipótese. Isto ocorre tanto na 3ª pessoa do singular (0.41), quanto do plural (0.40).

- (312) Doc. ele era do pensionato?/ Inf. era do pensionato... aí depois ele **casô** não antes dele **casá** ele **mudô** de lá foi morá no apartamento sozinho ... e ele me convidô pra í trabalhá com ele daí () / Doc. de onde ele é?/Inf. ele é baiano também e eu peguei saí de lá do pensionato e fui trabalhá pra ele depois ele **casô** eu continuei trabalhano com ele ... fiquei um tempo... tav/ a depois de casado ele teve uma fi/ uma u casô teve filhos uma filha (I.5’,p.10)

- (313) Inf. E ele trazia aqueles caminhão de PORco aqui pra São Paulo né?/ Doc. é/ Inf. e/ e vendia aqui em São Pau/ aq/ trazia na () embarcava no no... trazia até uma artura daí tinha aquele trem que/ aquele vagão que (eles mandam por) PORco boi (sempre que vinha) do interior... aquele tempo né?... agora nem sei como é que'les **vira**... mas deve ser a mesma coisa né?... porque: :: não vai de certo trazê uma boiada um um a/ porco assim vai trazê pra tem que ter () tudo tem que vim... depois () eles falava lá no no no no NOR/ norte do Paraná eles falava safrista quem mexia com porco (I.1',p.4)

6.5.5 Polaridade

Com base em Hopper e Thompson (1980), procuramos medir o peso do fator grau de transitividade do verbo, na construção em que ele é utilizado. O grau de transitividade foi estabelecido conforme os parâmetros propostos pelos autores (cf. quadro 8, página 215). Foi atribuído um valor para cada ocorrência, conforme este conjunto de parâmetros, mas o fator acabou não sendo relevante. Não esperávamos, porém, que um desses parâmetros, a polaridade, seria selecionado pelo programa estatístico, no *corpus* de 1986-7.

Vejamos primeiramente os resultados:

Polaridade	<i>Corpus de 1986-7</i>		<i>Corpus de 1997-2001</i>
	Frequência	Peso relativo	Frequência
Afirmativo	301/763=39%	0.47	294/715=41%
Negativo	56/125=44%	0.66	44/89=49%
Total	357/888=40%		338/804=42%

Tabela 20: frequência e peso relativo de realização segundo a polaridade

Ainda que o *corpus* contenha um número reduzido de estruturas na forma negativa, a tabela 20 mostra que a frequência de realização do pronome tende a ser um pouco maior neste contexto. Os pesos relativos dos dados de 1986-7 igualmente indicam que o uso da forma explícita é favorecido nas estruturas negativas (0.66), se comparadas com as afirmativas (0.47). Por que será que uma estrutura negativa favorece a realização do pronome reflexivo?

A prosódia parece não ser um fator influente. Questões rítmicas podem explicar a tendência de realização em ocorrências como (314), em que o pronome evita que duas sílabas acentuadas (em itálico) ocorram em seqüência:

- (314) mas eu tenho esperança que a gente um dia ainda pode né? possuí uma casinha que a gente pode saí daqui né? que eu não tenho vontade de ficá aqui não entendeu? Ma no momento assim que eu tô aqui eu *não me sinto* muito mal (I.b,p.3)

No entanto, ocorrências como (314) são raras no *corpus*. O mais comum é que o verbo se inicie com uma sílaba átona, como em (315). Note-se que, neste contexto, a inserção do pronome resulta em duas sílabas átonas em seqüência.

- (315) Inclusive eu já tive duas criança lá há dois anos atrais um ano e tanto há dois anos atrais eu tive umas criança lá. Bom as criança não *se sentiu* bem, não sei se já era por causa da comida sei que foi forçado eu recolhê tirá das creche que elas adoecia todo dia tava doente (I.j,p.63)

Examinando as estruturas negativas, percebemos que elas abrangem muitos itens lexicais que favorecem decisivamente a realização da anáfora. Este é o caso de *dar-se* (com qualquer sentido: ‘relacionar-se bem’, ‘sair-se’, ‘ocorrer’, etc.), *sentir-se*, *preocupar-se*, *conhecer-se*, *interessar-se*, *enganar-se*, *divertir-se*, *unir-se*. Exemplos:

- (316) Inf. Tando em casa até os irmão mariozinho olha / Doc. e eles gostavam da creche? / Inf. Ela gostava mais ele não **se deu** bem. Todo dia era uma diarréia que ele tinha que e/ que era uma coisa um horrô (I.t,p.2)
- (317) Inf. Se caiu aqui nesse passeio () nem que você teje lá dentro mais cê chega (se vê) cê sabe onde ele caiu/ Doc. É verdade/ Inf. Você não **se preocupa** (I.t,p.12)
- (318) Inf. uns pode comprá um barraco como agora mesmo a minha filha vendeu o barraco pra ele / Doc. E não sabe pra quem que é. / Inf. E foi embora. Nós não conhecemo a pessoa. Vendeu pra um senhor ele tem família aqui já mais a gente não **se conhece** pode sê gente boa e pode sê gente ruim. Ele pode sê bom mas pode tê uma família que é ruim vem e coloca junto com ele né? (I.L,p.1)
- (319) Que elas faltu demais e é uma coisa que atrasa muito o aluno né? Outras que não passa lição pras criança em casa inclusive mesmo o meu menino menó(r) a professora não passa lição pra casa só fais di/ criança () é uma coisa que não **se interessa** muito né? E às veis a minha menina passa lição aqui que eu vejo que não tem eu faço a meni/ eu mando a menina passá lição pra ele e ela não gosta né? Ela fala que “Favô não passá lição”. Eu aí eu pedi “então a senhora passa” porque eu a/ ele é muito preguiçoso esse menor meu é o caçula né? (I.3,p.13)
- (320) Doc. E vendem o que na nas barraquinha? / Inf. Ah vende bastante coisa vende pra vendê pra () cestinho vende bastante coisa / Doc. E quem é que faz? / Inf. Ah se não **me engano** é as criança mesmo que faz isso que elas fica ensinando né? (I.o,p.11)
- (321) eu vô pra igreja sempre as menina a as crente vem aqui me chamá eu vô quando não vem eu também fico em casa não saio pra canto nenhum ((barulho de crianças e de marteladas)) minhas filha desde que chegaru aqui não **se diverte** não passeia nem nada lá elas se divertia porque podia chegá qualqué hora não tinha impercilho nenhum. E aqui se (a gente) chegá mais de meia noite é perigoso () a senhora aqui encontra maus maus () maus pessoas maus elementos (I.4,p.4)
- (322) Inf. ah porque se o pessoal é mais unido tem mais força. Então o pessoal é meio descansado eles qué um terreno ((fala da esposa)) eles qué o terreno mais qué que venha na mão dele. Então tudo o que a gente qué tem que corrê atrais/ Doc. Tem que í buscá. / Inf. né? Se *nóis* não **se uni** nós nunca vai tê nada. Óia uma uma conclusão, a senhora vê, nós temo um estado aqui no no nosso Brasil que é unido, o estado do Acre (I.0,p.1)

Já entre os itens lexicais que desfavorecem a realização, a estrutura negativa parece não ser um fator influente. Este é o caso de *lembrar-se*, *esquecer-se*, *casar-se*. Exemplos:

- (323) Inf. não tem mais matinê. Nós tinha um cinema cinema aí na Brasilândia não tem mais. / Doc. É cinema / Inf. Agora é um supermercado / Doc. Qual supermercado?/Inf. Eu não **lembro** / Doc. É o Freddy? Não? (I.z,p.10)
- (324) É ...o Anderson tá... aonde eu tô ele tá do lado ((ruído)). Ele é muito estudioso, sabe? gosta muito de contá história... assim sabe? As pessoas falum uma coisa pra ele, ele... ele não **esquece**. Ele fica assim na expectativa assim “mãe, fulano disse isso assim assim” sabe? (2000 I.W.p.80)
- (325) Inf. Marido tive um só não tive mais, nunca. Pai do meu filho foi embora fique de quatro meis de barriga, ele sumiu até hoje. Criei o menino sozinha, trabalhando (...)/ Doc. E não casô?/ Inf. não **casei** mais () fui mãe soltera (I.z,p.14)

Outros verbos que condicionam decisivamente a omissão – como *cansar*, por exemplo, cujas duas únicas ocorrências marcadas estão na forma negativa – deixam margem para a possibilidade de que seja a estrutura negativa, e não o item lexical, o fator que está favorecendo a forma anafórica explícita. De qualquer forma, outros estudos se fazem necessários para que se possa confirmar a relevância deste fator.

- (326) ela ficô deitada de costa pra cima no escuro olhando pra olhando pro nada pra podê descansá. Porque depois daí ela levantô e foi tomá banho foi jantá e tudo e eu fiquei olhando pra cara dela e eu pensei “meu deus do céu como a gente se engana” né? Eu queria que minha filha trabalhasse com a caneta pra não **se cansá** mais ela cansa aqui ((apontando a cabeça)) (...) Ela cansa aqui (I.x,p.104)

6.6 FATORES DISCURSIVOS

6.6.1 Status informacional do referente

Através deste fator, procuramos verificar se a identidade, entre o referente do sujeito e outro referente da mesma oração, equivale a informação dada ou nova.

Sob a perspectiva discursiva, há ocorrências nas quais esta identidade nitidamente constitui *informação dada*: a ausência do reflexivo não prejudica a informação, e a sua presença é redundante, seja porque o verbo normalmente é empregado com sentido reflexivo, seja porque o entorno discursivo esclarece que se trata de um reflexivo.

- (327) ela falava assim “Eu não aguento meu Deus do céu eu não aguento vê Aninha nesse sofrimento meu Deus sorrindo desse jeito”. Eu falei assim “Ô Chica o que eu eu hei de fazê?” Quando eu **lembro** meu coração dói (I.p,p.11)
- (328) É a gente sofre muito né? sem mãe porque o pai cê já viu né? meu pai **casô** de novo, hoje tem mais cinco filho (I.e,p.12)
- (329) eu comecei pensá “será que eu fosse pra São Paulo agora mais velha será que não seria melhor será que eu trabalhava e mandava sabe? um dinheiro aqui pro pai e tudo”. Aí ponhei aquilo na cabeça aí falei pro meu pai o pai disse “Ó você qué í você vai mas só que o menino não vai” (.....) E eu deixei ele lá e vim mas não foi melhó do que da otra veiz não, foi pió/ Doc. Puxa vida / Inf. Foi foi pió foi pió que eu **me arrependi** tanto (I.r,p.3)

Para aqueles verbos que normalmente não se empregam reflexivamente, ou que podem ou não ser usados na forma reflexiva, a presença de um complemento (que não o pronome), ou predicativo, pode tornar o sentido reflexivo *informação dada*.

- (330) Eles vem chega a veis não qué nem a jantá otra hora não qué almoçá porque chega tudo com as barriguinha cheia né? eu acho que isso pra mim eu **sinto** *bem* né? porque eles não não tenho nada que reclamá né? (I.b,p.4)
- (331) eu ficava sozinha, é que entrava gente aqueles caipira, entrava muita gente saía, uns fazia baldeação, eu **divertia** *ali*, () mais tinha aquelas coisa de (...) (I.z,p.17)
- (332) a gente vivia muito mal naquela época () mal né? aí meu meu primero filho tomô a tomô mamadera até só de maizena com água né? (...) uma lata de leite dava pra quinze dias eu botava uma colherinha só assim ficava bem ralinho né? mas engrossava com a maizena ou então com a farinha de arroz né? e inclusive ele é bem magrinho mas hoje ele **alimenta** *bem*. A otra não foi mais forte (I.e,p.6)
- (333) Doc. Pra onde a senhora gostaria de mudá? / Inf. Ó eu diretamente eu gostaria de **mudá** assim *pro interiô* mais bem perto de uma cidade entendeu? que meus filho podia tê o mesmo conforto que eles tem aqui de estudo né? de escola e tudo né? Eu queria **mudá** né? (I.b,p.5)
- (334) Se eu tivesse um emprego que desse pra eu pegá por exemplo de seis ou sete às sete por exemplo por dia como eu eu **interesse** *trabalhá* porque eu nasci me criei foi trabalhando não tem precisão de meus filho í pra creche não. O que eu ganhava dava pra eu minha mulhé meus filho passá. (I.j,p.64)
- (335) Não gostava aquele tinha aqueles fogão a ou elétrico ou a carvão, a gente sofria na cozinha fazê aqueles () dia de domingo a gente queria saí do emprego cedo não saía. Acabava a cozinha quatro hora da tarde, até limpá aquelas gordura tudo / Doc. Trabalhava todo fim de semana?/Inf. Eu sempre trabalhei desde **que** eu **entendi** *por gente* de idade de déis ano pra () até uns seis anos atrais. Trabalhava sempre não tinha domingo nem feriado nem nada.(I.z,p.14)
- (336) Inf. Nós daqui buscava água lá na mina na Matarazo na cabeça... pra beber pra lavar a roupa ... e::: nós sofremos demais aqui... Nossa Senhora... depois que aquele: :: aquele prefeito:::... eu tinha o nome dele meu Deus... eu sei que foi o::: Maluf e o outro Ronaldo de Barros... foi seu Ronaldão é... que passou a tomar conta aqui né?... que endireitou isso aqui/ Doc. é/Inf. asfaltô:::... pnhou esgo:::to pnhou luz/ Doc. ahan/ Inf. pro povo da favela não custou um tostão... foi tudo de graça... pnhou esgoto pnhou luz (água a gente) tudo tudo... deu água ligada... não deu um tostão de ninguém... mas nós sofremos demais aqui ... viu?... hoje em dia nós pode **considerar** *rico*/ Doc. é verdade/ Inf. é... tem água tem luz dentro de casa (I.P'.p.16)

O discurso é analisado como um processo e não como um produto. Se o sentido reflexivo só é esclarecido em orações posteriores, então o referente constitui *informação nova*.

- (337) Andando tem que andá né? Só fazia pra andá eu só fazia pra andá. Daí depois que o eu **mudei eu fui pro Piabiru** daí os menino chegô (I.m,p.6)
- (338) Inf. e a gente tá aqui esse tempo todo / Doc. E você acostumô aqui?/ Inf. Costumei mais tenho tanta vontade de saí daqui não por mim pelo meus filho sabe? Eu não quero que eles **cria** cê vê né? era pra gente vim ficá um ano dois ano vai fazê cinco ano e meio que a gente tá aqui/ Doc. Bastante tempo/ Inf. Então eu tive dois filho aqui. Ave Maria não quero que *eles cria aqui* não (I.y,p.29)
- (339) Inf. A fera é boa. Eu comprava num senhor ali vô largá né? e agora **apertei** fais vai fazê dois meis que *eu não dô dinheiro pra ele*. Eu não comprava nada nós não comia nada pagava setecento seiscentos cruzero / Doc. Puxa ()/ Inf. É uma quitandinha que tem aí pra baxo / Doc. É a filha da dona Nininha? Ou não? O filho da / Inf. não, da dona, é, não é Nininha não, ele chama Seu Osvaldo (I.z,p.12)
- (340) A senhora vê por isso é que tá difícil por isso é as coisa tá difícil né? porque esse povo correu tudo pra cidade né? Agora na cidade quem é costumado trabalhá na roça na cidade não não **dá** né? Não *se dá não se dá bem* né? Não tem jeito de trabalhá na cidade (I.k,p.91)
- (341) Eu fui até sem ele sabê. Ele saiu pra trabalhá a menininha caçula já tinha treze tinha quatorze ano já trabalhava também eu ficava sozinha. Eles **arrumaru saíru pra trabalhá** eu fechei a casa e fui pro Hospital São Paulo (I.L,p.5)
- (342) Eu que num ligo pra aparência não. Ligo é pro caráter das pessoa... então eu falo é... às veze a irmã fala que eu sou muito chata. Num é chata a pessoa tem que **dá** valô. *Num é qualque carinha que mexe que deve ficá derreteno pra ele*. (I.9',p.36)

Há instâncias em que a identidade, entre o referente do sujeito e outro referente da mesma oração, constitui informação totalmente inesperada, de um ponto de vista discursivo (*informação nova*). Tanto que, elas teriam passado despercebidas, se não estivessem marcadas. Note-se que se aplicarmos, às ocorrências a seguir, o teste que consiste em extrair o pronome, a leitura *não-reflexiva* é favorecida.

- (343) Inf. eu não não sô eu sô um eu sô o seguinte sô um torcedô, mais não sô um torcedô fanático. Porque ((grito da filha)) inxiste inxiste o torcedô fanático né? /Doc. É, realmente / Inf. O fanático é esse que sai daqui com chuva com sol ele vai lá discutí / Doc. e com radinho né? / Inf. É, esse é o fanático, então esse aí é capais de **se matá** por aquilo ali, mais eu não sô um fanático. (I.2,p.12)
- (344) Como é que eu posso tá perdendo a mentalidade? Eu não vô eu não vô fazê um mal (no) corpo humano que nem o meu. Como é que eu tô perdendo a mentalidade? Ah eu não vô **se jogá** debaxo de um carro não é? Então acho que a pessoa que tá perdendo a mentalidade ele pensa tudo isso (I.g,p.1)
- (345) Inf. Então qué dizê que nesse ponto assim não precisa de governo do estado então? / Doc. É uma dedução lógica. Então não precisa o que que tá fazendo esse governo aí? Não precisa / Inf. Não precisa de governo do estado então? Então cada um que se que **se domine por conta própria**? Puxa (I.j,p.74)
- (346) Não sentí medo porque a gente é muito fechado a gente vem do interior que principalmente quem viveu na roça tudo a gente parece que a gente a gente fica tá sempre assim. Hoje em dia não ando assim. Eu **gosto de mim** eu gosto do que faço gosto do que sô gosto da minhas patroa sabe? É tenho a aquela amizade de de cuidá de sê cuidada sabe? (I.x,p.110)
- (347) Doc. Não não não tem problema sério porque eu ouvi muita gente falando de problema da favela/ Inf. Não, antigamente tinha né? mas agora não tem mais/ Doc. Que problema que tinha? / Inf. Ah antigamente andava muito marginal por aí né? mas agora deru sumiço em tudo ((risos)) / Doc. Mas quem é que dava deu sumiço/ Inf. Os cara **mata uns ao outro** aí/ Doc. ah que horror e polícia não não / Inf. Não, não é polícia nada bandido contra bandido mesmo/ Doc. E e e os bandidos são daqui mesmo? (I.v,p.3)

Muitas dessas ocorrências de *informação nova* são gramaticalmente marcadas como Foco, isto é, informação saliente.

- (348) Inf. O governo não queria, não queria reabrir a escola parece. Depois abriu mais eles ficaru um meis sem aula (...) É bom o prezinho uma gracinha () foi televisionado/ Doc. É?/ Inf. Então, **a gente mesmo via a gente** lá na na televisão. Ah foi tão linda lá a festa (I.z,p.2)
- (349) o outro barraco era um cômodo só e quem fez foi eu e meu irmão porque a gente morava de aluguel e o pai das criança tava meio meio loco de tanto bebê (...) Vô te falá, eu trouxe esse troço tudo na cabeça minha filha, lá de baxo praqui e ele não queria nem sabê. Falava “Que nada **cê que se lasque**” (...) Ele me dexô de mim uma vez voltou, depois deixô me deixô de mim umas quatro vez depois voltô e eu aceitei (I.a,p.12)

- (350) eu fiquei internada duas vez com pneumonia. Aí eu falei “Sabe duma coisa? Eu **vô cuidá é de mim**”, de vez em quando eu vô lá “dotor tá doendo aqui tá doendo aqui”. Paga INPS então tem direito de í né? (I.f,p.9)
- (351) Aí os médico tudo muito bom ali conversando com a gente i andô dando uns calcinante eu melhorei. **Era eu mesmo que tinha que me virá** tinha que í lá nos cafundó do juda pedí caxão porque não podia comprá mesmo né? (I.f,p.16)
- (352) Agora por que que eu passo no mercado eu compro ou num bar ou num emporiozinho eu compro em um preço. A senhora passa naquele otro já compra por otro. A senhora chega telefona e (disca) vai pra lá. Eu compro não ligo azar com aquilo ali. Otro compra não liga azar com aquilo ali. Tá adiantando pra senhora o que? (...) Se é pra levantá é tudo, gente. Nós tudo somo uma nação só. Se nós somo brasileiro nós tudo somo uma nação só. Nós tudo tem que trabalhá praquilo ali. Nós tudo temos que trabalhá pra () respeite aquilo ali ((gritos de criança)) Se é praquilo ali não é nós não tamo fazendo não é pra governo nem pra presidente não. **Nós tamo fazendo são pra nós**. Por que é que nós não liga? (I.j,p.68)
- (353) Doc. O senhor não escreve então//Inf. É. Isso foi quando eu fui menino né? Isso foi quando eu fui menino/ Doc. ahn ahn / Inf. Aí bom passô passô passô foi quando eu tava com mais ou meno uns quinze ou dezeseis ano aí meu pai morreu tinha morrido e bom e e ante disso aí dexando para trais o o o meu pai falô disse assim “como é que é você não vai estudá mais?” Eu disse assim “Não senhô não vô mais não”. Assim “ah então cê não vai estudá então cê vai pra roça trabalhá” “Tudo bem” (...) Mais aí continuei na roça. Foi indo foi dando foi dando foi cansando chegô essa parte de eu de de quinze dezeseis ano **eu eu mesmo me interessei por mim**. Ele já tinha morrido. Aí tinha uma moça que ela tava quase em dia de casá mais () e eu pensei assim “a escola é de noite né?” Eu digo “bom você sabe que eu vô estudá um poquinho? Vô estudá um poquinho” (I.7,p.2)
- (354) Bom mais pelo meno eu assinei meu nome né? durante esses três meis. Não foi grande coisa não. Aí conforme eu se eu tivesse continuado a escola? Tudo bem mais é que eu não continuei. Comecei aí comecei trabalhá mesmo firme larguei a escola pra lá isso aí foi tempo que chegô a vinte e dois ano eu fui aproveitá casá e me casei pronto aí acabô aí não não () / Doc. Fez falta a escola? /Inf. É Bom feis falta mais eu não me aquexo de me/ meu pai não senhora não me aquexo do meu pai não, me **aquexo de mim mesmo**. (I.7,p.2)
- (355) Inf. Eu moro aqui há nove ano, nove ano que eu moro aqui. Nunca fui assaltado, nunca um bandido bateu aqui na minha cerquinha e nunca eu mexi com ninguém./ Doc. E por que outros têm esse tipo de problema?/ Inf. É porque não tem amo(r) a ninguém, certo? Joga pedra em todo mundo qué dizê, **pra ele, interessa só ele**, pra ele () no mundo. / Doc. Mais recebe de volta né?/Inf. Se o vizinho ali é bandido o problema é dele, não tenho nada a vê com isso. “Bom dia, boa tarde, tudo bem? Deus lhe ajude” (saio a pé) vamo trabalhá () Agora, se ele não qué não tem problema. Eu tenho amô a ele né? não quero vê ele preso, não quero vê ele sofrendo né? (I.0,p.11)

- (356) Doc. O senhor jogando no futebol... o senhor lembra quem?/Inf. eu não lembrou ninguém não... **lembrou eu mesmu** ((risos))/ Doc. mas por que? o senhor é boleiro ou é ruim de bola? (I.L'.p.54)
- (357) Doc. a senhora se espelha assim... em alguma artista pra estar se arrumando? Mulher de televisão?/ Inf. não.../ Doc. tem alguma pessoa que a senhora acha bonita?/ Inf. não... eu mi **ispelhu im mim mesma** (I.N'.p.102)

Incluimos nos dados algumas ocorrências ambíguas, com o intuito de capturar os zeros que estão faltando (“*zeroes missing*”) mencionados por Labov (1994), isto é, os zeros que normalmente escapam do analista, justamente por não serem marcados (cf. capítulo 1, item 1.7). Entendemos que, nas ocorrências (358-363) a seguir, a identidade referencial constitui *informação nova*. Na verdade, elas contêm referentes em competição (em itálico, quando explicitados no discurso) e podem ser entendidas tanto como reflexivas, quanto como compreendendo dois referentes distintos.

- (358) Mais eu eu nessa hora eu nem sabia que (pode) que que eu fazia. Ela “acode mãe que a nenê *se machucô* a nenê caiu da cama”. Eu pensei na hora que eu peguei a menina que vi lavada de sangue eu pensei () a menina que bateu *a cabeça* na perna da cama e **tinha cortado**. Que eu peguei ela a coitadinha tava até sem fala ((ri)) (...) aí elas danô a gritá “ô (marido) a nenê **cortô** olha pra nenê” e eu comecei também ficá desesperada de vê tanto sangue num nenenzinho (I.t.p.13)
- (359) Doc. E ninguém fala nada de de precisá saí daqui / Inf. Não, de ve is em quando eles conversa aí uma hora fala que vai loteá pros moradô né? paga uma taxa () outra hora eles fala que é pra **organizá** e (tê) cooperação e eu não sei () a gente tá indo né? (a gente tá na espe/) tem um advogado em faz reunião pra vê se libera o terreno pra gente né? (I.k,p.84)
- (360) Aí ele me obedeceu e fomos pra lá mas ele não acertô ele ficô seis meis só veio embora () voltô pra cá e eu fiquei eu fiquei um ano com a menininha caçula e ele voltô. Aí depois de um ano eu voltei pra cá ele me buscô de novo, chegô aqui ele *se colocô* de novo **arrumô** de novo *arrumô casa* e foi me buscá (I.L,p.5)
- (361) Doc. Eles gostam da escola? / Inf. Gosta, os menino gosta da escola / Doc ahn ahn / Inf. Esse aí, dá na hora de í pra escola já fica **arrumando** desde cedo, fica doido pra í pra escola. Ele gosta (I.n,p.10)

- (362) Inf. não, esse aí não foi eu que fiz não mais a gente pinta isso aí / Doc ahn ahn e e/ Inf. Fazia mais era era pintava mais pano de prato, fazia *cadás coisinha bonita* que as muié **admirava** “Ah mais óia, dona Geralda () tá fazendo cada *trem bonito*, fazia aquelas florona bacana” ((ri)) Elas *se admirava* / Doc.Gostoso. E a senhora não fais pra vendê assim? (I.n,p.11)
- (363) Doc. Eu nunca vi, a minha mãe gosta ela diz que vê ela mora no interior né? vê o namoro na tv eu não vejo. E como é que é esse namoro na tv? / Inf. Ah diz que é os cara quando gosta da menina né? escreve manda *foto* aí eles **vê se conhece** pra vê se qué mesmo ou não. Se qué eles já sai vão passeá ((risos)) (I.v,p.11)

O fator status informacional foi selecionado nos dois conjuntos de inquiridos. Ele foi um dos mais relevantes da análise, junto com paralelismo. Vejamos os resultados encontrados:

Status Informacional	Corpus de 1986-7		Corpus de 1997-2001	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Dado	209/720=29%	0.38	228/681=33%	0.40
Novo	148/168=88%	0.88	110/123=89%	0.88
Total	357/888=40%		338/804=42%	

Tabela 21: frequência e peso relativo de realização de acordo com o status informacional

A tabela 21 indica que a variação pronominal é decisivamente influenciada pelo fator status informacional. Confirma-se nossa hipótese de que o falante tende a realizar o pronome quando este veicula informação nova no discurso (peso relativo 0.88).

A maioria das ocorrências encontradas no *corpus*, porém, corresponde a informação dada. Neste contexto, em que a presença do pronome é redundante, predomina a não-realização (0.38, 0.40). Tais achados corroboram a idéia de que é a necessidade de comunicar que governa o discurso, como propõem os funcionalistas (cf. capítulos 1 e 2).

6.7 FATORES SOCIAIS

6.7.1 Procedência

O fator social procedência do informante só foi selecionado como estatisticamente significativo no *corpus* de 1986-7. Neste conjunto de dados, ele foi um dos fatores mais relevantes da análise, junto com status informacional e paralelismo.

Procedência	Corpus de 1986-7	
	Frequência	Peso relativo
São Paulo (capital)	59/167=35%	0.40
Noroeste do estado de São Paulo e Norte do Paraná	14/47=29%	0.37
Norte de Minas Gerais e Sul da Bahia (até Jequié)	137/472=29%	0.39
Nordeste (Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Ceará)	147/202=72%	0.80
Total	357/888=40%	

Tabela 22: frequência e peso relativo de realização segundo a procedência do informante (*corpus* de 1986-7)¹⁵³

A tabela 22 mostra que são os informantes provenientes do Nordeste os que mais realizam os pronomes reflexivos (frequência: 72%; peso relativo: 0.80). Na verdade, eles se contrapõem aos informantes provenientes das outras três regiões, os quais tendem a omitir o pronome em sua fala.

¹⁵³ As quatro regiões desta tabela foram estabelecidas com base no estudo de Rodrigues (1987).

No *corpus* de 1997-2001, os informantes nordestinos também empregaram os pronomes com uma maior frequência (47%) do que os informantes provenientes de outras regiões; contudo, a diferença não foi tão significativa, como demonstra a tabela a seguir.

<i>Corpus de 1997-2001</i>	
Procedência	Frequência
São Paulo (capital)	24/69=34%
Noroeste do estado de São Paulo	39/98=39%
E Norte do Paraná	
Norte de Minas Gerais e Sul da Bahia (até Jequié)	68/205=33%
Nordeste (Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Ceará)	207/432=47%
Total	338/804=42%

Tabela 23: frequência de realização segundo a procedência do informante (*corpus* de 1997-2001)

É possível que esta diferença, entre os dois conjuntos de inquiridos, se deva ao tempo de permanência dessas pessoas em São Paulo e à sua interação com falantes de outras variedades.

Os dados da primeira tabela (*corpus* de 1986-7) apontam para a hipótese de que haveria uma tendência de retenção de *se* na região nordeste do país e de seu apagamento na região sudeste. É importante notar que a maioria desses informantes nordestinos possuía, à época, pouco tempo de residência em São Paulo.

Grande parte dos informantes de 1997-2001 é nordestina, mas muitos vivem em São Paulo há mais de 20 anos. Retomando aqui a idéia de que a interação seria o lugar da mudança lingüística, é possível formular a hipótese de que eles tenham sido influenciados pelos informantes da região sudeste, aumentando os casos de apagamento do pronome em sua fala.

6.7.2 Escolaridade

Outro fator social, selecionado apenas nos dados de 1986-7, foi a escolaridade. A tabela a seguir expõe os resultados:

<i>Corpus de 1986-7</i>		
Escolaridade	Frequência	Peso relativo
Nula	163/462=35%	0.42
Até a 4ª série	194/426=45%	0.57
Total	357/888=40%	

Tabela 24: frequência e peso relativo de realização segundo a escolaridade do informante (*corpus* de 1986-7)

O falante que passa pela escola, ainda que permaneça nela por poucos anos, tende a empregar o pronome com uma maior frequência e probabilidade do que o informante de escolaridade nula. Tais resultados corroboram os de outros estudos, que igualmente atestam a influência da escolaridade em fenômenos variáveis do português do Brasil¹⁵⁴.

¹⁵⁴ Paradoxalmente, no *corpus* de 1997-2001, este fator não foi relevante, e os informantes que cursaram algumas séries do primário apresentaram frequência de realização praticamente idêntica à dos analfabetos (respectivamente, 42% e 41%).

6.7.3 Favela

O fator social favela foi inspirado no estudo de Labov (2001). O autor propõe a noção de *bloco* – um conjunto de casas de frente umas para as outras ao longo de uma rua residencial – para dar conta da diferenciação lingüística entre comunidades. O bloco constitui o primeiro ponto onde se localizam as redes sociais.

Muitos de nossos informantes têm residência fixa, isto é, moram nestas favelas há muitos anos. Apesar de todos eles terem um padrão de vida muito semelhante, levantamos a hipótese de que a comunidade onde residem exerceria influência na frequência de uso do pronome reflexivo. Cada uma tem suas próprias especificidades, e, pelo menos em tese, o grau de interação entre pessoas da mesma favela é maior do que seu contato com pessoas de outras comunidades.

O fator social favela foi selecionado em ambos os conjuntos de dados. Examinemos primeiramente os resultados relativos ao *corpus* de 1986-7.

Corpus de 1986-7		
Favela	Frequência	Peso relativo
Carombé	82/288=28%	0.40
Jardim Paulistano	275/600=45%	0.54
Total	357/888=40%	

Tabela 25: frequência e peso relativo de realização segundo a favela onde reside o informante (*corpus* de 1986-7)¹⁵⁵

¹⁵⁵ Há 12 informantes do Jardim Carombé e 24 do Jardim Paulistano.

A relevância deste fator, no *corpus* de 1986-7, é surpreendente. Ainda que muito próximas, as comunidades do Carombé e do Jardim Paulistano (ambas na zona norte da cidade de São Paulo) apresentam um comportamento diferenciado. A segunda tende a empregar o pronome com uma maior freqüência e probabilidade do que a primeira. Isto confirma a diferenciação natural da língua, que, como nota Labov (1994), pode atingir pessoas que residem na mesma região e têm um padrão de vida idêntico (cf. capítulo 1).

Vejamos os resultados do *corpus* de 1997-2001:

Corpus de 1997-2001		
Favela	Freqüência	Peso relativo
Grupo 1		
Campo Limpo	19/31=61%	0.81
Capão Redondo	19/92=20%	0.27
Cidade Ipava	34/68=50%	0.59
Engenheiro Marcilac	14/34=41%	0.61
Vila São José	35/58=60%	0.78
Grupo 2		
São Remo (Butantã)	15/50=30%	0.34
Buraco Quente (Brooklin)	14/37=37%	0.48
Buraco do Sapo (Aeroporto)	7/27=25%	0.34
Vila Santa Catarina (Jabaquara)	32/65=49%	0.57
Heliópolis	31/90=34%	0.35
Grupo 3		
Jardim D’Abril	17/38=44%	0.40
Guaianazes	22/43=51%	0.58
São Miguel Paulista	24/31=77%	0.86
Grupo 4		
Guarulhos	55/140=39%	0.42
Total	338/804=42%	

Tabela 26: freqüência e peso relativo de realização segundo a favela onde reside o informante (*corpus* de 1997-2001)

As designações da tabela 25 se referem ora ao bairro, ora ao nome da favela onde reside o informante¹⁵⁶.

No grupo 1 estão as favelas situadas no extremo sul da cidade de São Paulo (Campo Limpo, Capão Redondo, Cidade Ipava, Engenheiro Marcilac e Vila São José). Examinando os pesos relativos, vemos que há, em geral, uma tendência de realização do pronome reflexivo na fala das pessoas que moram nestas comunidades. A única exceção são os informantes da favela do Capão Redondo, que apresentam a tendência de omissão.

O grupo 2 abrange as favelas que são relativamente próximas do centro (São Remo, no Butantã; favela do Buraco Quente, no Brooklin; favela do Buraco do Sapo, no Aeroporto; Vila Santa Catarina, no Jabaquara; e Heliópolis). Os pesos relativos mostram que, na fala das pessoas destas comunidades, há a tendência de não-realização do pronome. Mais uma vez, há uma exceção: a favela de Vila Santa Catarina, que apresenta a tendência oposta.

No grupo 3 estão as comunidades da zona leste, na qual encontramos novamente um comportamento diferenciado. Enquanto os informantes de Guaianazes e São Miguel Paulista são mais propensos a empregar o pronome, os do Jardim D'Abril tendem a omití-lo.

O grupo 4, por fim, abrange os únicos informantes que não residem na cidade de São Paulo, mas no município de Guarulhos. Na fala deles, também é baixa a probabilidade de realização.

Entendemos que um estudo muito mais detalhado seria necessário para comprovar a influência da comunidade lingüística em fenômenos lingüísticos variáveis, tais como a realização x não-realização de *se*. Tal estudo – que vai além dos objetivos da presente pesquisa – teria de levar em conta a interação entre fatores sociais (procedência, idade, escolaridade, etc.), bem como a história de cada favela e a história pessoal de cada informante, como Labov (2001) vem fazendo em seus trabalhos mais recentes.

¹⁵⁶ O *corpus* de 1997-2001 é muito mais heterogêneo do que o de 1986-7, já que compreende informantes de várias favelas de São Paulo. Para cada favela, há no mínimo 2, e no máximo 4 informantes. A única exceção é a favela do Campo Limpo, na qual contamos com apenas 1 informante.

O fato de este fator social ter sido selecionado em ambos os *corpora* aponta para a relevância de se estudar outros fatores sociais, além dos já tradicionalmente contemplados na literatura sociolingüística.

6.7.4 Idade

O fator idade não foi selecionado, mas apresentaremos os seus resultados, para examinar a questão da mudança.

	<i>Corpus de 1986-7</i>	<i>Corpus de 1997-2001</i>
Idade	Frequência	Frequência
1ª faixa etária (20-35 anos)	75/201=37%	137/258=53%
2ª faixa etária (36-50 anos)	97/297=32%	114/273=41%
3ª faixa etária (mais de 50 anos)	185/390=47%	87/273=31%
Total	357/888=40%	338/804=42%

Tabela 27: frequência de realização conforme a idade do informante

A tabela 27 exhibe resultados diferentes para os dois *corpora*. Nos anos de 1986-7, eram os falantes de terceira faixa etária os que mais realizavam os pronomes reflexivos (47%). Já nas entrevistas de 1997-2001, eram os adultos jovens os que apresentavam maior frequência de realização (53%).

A diferença no índice de realização entre primeira e terceira faixa etária é mais acentuada no *corpus* de 1997-2001 (22%), do que no de 1986-7 (10%). Naquele, a frequência de uso aumenta progressivamente, partindo dos falantes de terceira faixa etária (31%), para os de segunda (41%) e de primeira (53%).

Tais dados apontariam para duas tendências de mudança opostas: nos anos de 1986-7, em direção à perda dos pronomes; e nos anos de 1997-2001, em direção à sua aquisição.

Examinando estes resultados à luz do quadro 1 (página 48), formulado com base em Labov (1994), vemos que nossos resultados de tempo aparente não se encaixam no modelo de gradação etária. Lembremos que este pressupõe que os mesmos valores encontrados nas diversas faixas etárias num ponto de tempo real t1 se repetem em outro ponto de tempo real t2. Nossos dados, porém, mostram um padrão diferente de realização dos pronomes conforme a idade, nos dois pontos de tempo real (1986-7 x 1997-2001).

Utilizando outro modelo, o de mudança na geração, podemos fazer algumas estimativas sobre o padrão de realização conforme a idade. Vejamos: o indivíduo que pertencia à primeira faixa etária em 1986-7, pode, em tese¹⁵⁷, ter passado para a segunda faixa etária em 1997-2001. Este indivíduo, que empregava o pronome com uma frequência de 37% quando jovem, passou a empregá-lo com uma frequência de 41% quando atingiu a meia idade, ou seja, ele praticamente não alterou seu padrão de realização pronominal.

Comparando a frequência encontrada entre os indivíduos pertencentes à segunda faixa etária de 1986-7 àquela verificada entre os indivíduos de terceira faixa etária de 1997-2001, vemos que o índice de uso do pronome se manteve praticamente igual, respectivamente 32% e 31%. Se esta estimativa estiver correta, podemos assumir que alguns indivíduos não mudaram sua frequência de realização pronominal.

Esta hipótese, porém, não invalida o que dissemos anteriormente: a diferença no padrão de uso pronominal, em tempo aparente, verificada entre um *corpus* e outro, aponta para a possibilidade de mudança na direção da mudança (i.e. de *perda* para *aquisição* dos pronomes reflexivos). Como visto no capítulo 1, a mudança pode, de fato, alterar a sua direção, ou até mesmo interromper-se, conforme a atuação de fatores lingüísticos e sociais.

¹⁵⁷ Não dispomos da idade exata de todos os informantes. Além disto, devemos lembrar que os informantes de 1986-7 não são os mesmos de 1997-2001.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos, no capítulo 4, que muitos estudos postulam a existência de uma mudança em direção ao desaparecimento dos pronomes reflexivos no português brasileiro. A presente pesquisa partiu desta hipótese, para estudar a variedade popular falada na cidade de São Paulo. Examinamos dois conjuntos de dados, separados por dez anos, tempo considerado suficiente para verificar a velocidade e o ritmo de uma mudança (LABOV, 2004).

O que se comprovou foi que a média geral de realização dos pronomes reflexivos se manteve praticamente a mesma nos dois conjuntos de inquéritos (40% e 42%). Não houve, pois, mudança significativa nesses dois pontos de tempo real.

No entanto, tudo é possível quando tratamos de variação e mudança lingüísticas. Os dados apontam para várias possibilidades: (i) mudança num ritmo lento, (ii) mudança na direção da mudança e (iii) variação estável.

É possível que esta mudança em direção ao desaparecimento se dê num ritmo tão lento, que dez anos sejam tempo insuficiente para detectá-la. Recordemos que Labov (1994, 2001) menciona que a mudança diminui a sua velocidade quando está perto de completar-se, podendo ainda abranger longos períodos sem chegar a um termo.

Examinando os dados de tempo aparente à luz dos dados de tempo real, vimos que, se é verdade que a comunidade como um todo não mudou, houve sim mudança na distribuição da variável conforme a idade. Em outras palavras, o padrão de realização entre os falantes das três faixas etárias do *corpus* de 1986-7 não é o mesmo do de 1997-2001. Se naquele, os dados apontavam para uma mudança em direção à perda dos pronomes, estes apontam, ao contrário, para uma mudança em direção à sua aquisição.

Não podemos deixar de levantar também a seguinte questão: será mesmo que os pronomes reflexivos estão desaparecendo? Ou, ao contrário, tratar-se-ia de uma variação estável? Lembremos que a variação não necessariamente implica mudança lingüística.

Os pronomes parecem estar de fato desaparecendo junto a verbos que são lexicalizados como reflexivos, tais como os que denotam movimento do corpo (*sentar, levantar*), ou um evento mental (*lembrar, esquecer*). Mas, mesmo nestes contextos, a mudança não se completou, isto é, o uso do pronome continua sendo uma regra variável.

Se, por um lado, confirmamos a hipótese de que os falantes da variedade popular tendem a omitir os pronomes reflexivos, nos contextos em que gramáticas e dicionários os prescrevem, por outro, vimos que todos os informantes, com exceção de um, mostraram variação em sua fala, fato que também aponta para uma variação estável, ou para uma mudança que não está perto de completar-se.

Nossa pesquisa comprovou ainda que há contextos que resistem à tendência de omissão, nos quais encontramos altos índices de realização. Confirma-se, portanto, nossa hipótese de que a variação não é aleatória, já que o uso do pronome explícito é decisivamente condicionado pelas suas funções semânticas (reflexivo verdadeiro, reflexivo recíproco, média de emoção), sintáticas (argumento, afixo) e discursivas (informação nova, Foco). Além disto, o pronome tende a ser utilizado quando representa categorias semântico-cognitivas, tais como Agonist/Antagonista, Subject/Self e Undergoer. Se há realmente uma mudança em direção à perda dos pronomes, tais fatores entram em jogo, inibindo esta tendência e barrando esta mudança.

Curiosamente, os fatores estatisticamente mais importantes foram paralelismo e status informacional. O uso do pronome reflexivo se mostra governado por duas forças tradicionalmente vistas como antagônicas, sob uma perspectiva funcional, respectivamente: a redundância e a preservação da informação.

Os fatores de natureza cognitiva nos mostram que o uso dos pronomes reflexivos pode ser governado por estruturas conceptuais altamente abstratas, empregadas inconscientemente na vida diária, tais como a metáfora da divisão da psique.

Outros fatores, relativos às características sociais dos informantes, confirmam que a interação tem um papel central na difusão da variação e mudança. Os nossos resultados sugerem que os nordestinos que vivem há muito tempo em São Paulo teriam diminuído a frequência de uso dos pronomes em sua fala, devido ao seu contato com informantes da região sudeste. Vimos, ainda, que a favela, onde reside o informante e onde se estabelece sua primeira rede social, também tem influência nesta variação.

Tal variação não se restringe a zero x *se*: nossa pesquisa comprovou que o falante pode empregar – ainda que com menor frequência – outras estratégias para expressar a noção de reflexividade, tais como o uso de um pronome tônico ou de um nome lexical. Confirmando outra de nossas hipóteses, a generalização de *se* tende a ocorrer com *nós*, mas não com *eu*, contexto no qual ainda predomina o uso de *me*. Casos de hipercorreção, por fim, também podem ser constatados no português popular.

Esperamos, assim, ter contribuído para uma análise alternativa – já que funcionalista, sociolinguística e cognitivista – da variação no uso dos pronomes reflexivos no português do Brasil. A partir dos resultados encontrados, podemos fazer algumas sugestões para futuros estudos. A análise da combinação de fatores sociais – tais como escolaridade, idade, procedência, tempo de residência na comunidade urbana e favela onde reside o informante – pode ser uma estratégia válida para explicar fenômenos variáveis do português popular, como a realização x não realização do pronome reflexivo. O exame de fatores de natureza cognitiva também constitui um caminho para lançar novas luzes à questão da variação e da mudança no uso destes pronomes. Caberá a outros estudos confirmar (ou não) a relevância dos fatores aqui analisados, bem como a hipótese da mudança linguística.

REFERÊNCIAS

- ARCE-ARENALES, M.; AXELROD, M.; FOX, B. (1994). Active Voice and Middle Diathesis: A Cross-Linguistic Perspective. In: FOX, B.; HOPPER, P.J. (eds.). *Voice: Form and Function*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Co.
- ASSIS, R. M. (1988). Variações lingüísticas e suas implicações no ensino do vernáculo: uma abordagem sociolingüística. In: LIRA, S.; VANDRESEN, P. (eds.) *Ilha do Desterro* 20, p.59-81.
- BAKKER, E.J. (1994). Voice, Aspect and Aktionsart: Middle and Passive in Ancient Greek. In: FOX, B.; HOPPER, P.J. (eds.). *Voice: Form and Function*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Co.
- BECHARA, E. (1980). *Moderna Gramática Portuguesa*. 25ª edição. São Paulo, Editora Nacional.
- BECHARA, E. (2001). *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª edição. Rio de Janeiro, Ed.Lucerna.
- BENVENISTE, E. (1995). *Problemas de Lingüística Geral I*. 4ª ed. Campinas, Pontes.
- BOGARD, S. (2006). El clítico *se*. Valores y evolución. In: COMPANY, C.C. (dir.). *Sintaxis histórica de la lengua española. Primera parte: La frase verbal*. Vol 2. México, FCE, UNAM.
- BORBA, F. da Silva (coord. 1991). *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo*. São Paulo, Ed. da UNESP.
- CAMACHO, R. G. (2003). Em Defesa da Categoria de Voz Média no Português. *Delta*, 19:1, p.91-122.
- CARAVEDO, R. (1999). Problemas conceptuales y metodológicos de la Lingüística de la Variación. (Texto de la conferencia leída em Blaubeuren en el marco del seminario organizado por las Universidades de Munich y Tubinga, 4-5 de dic. 1999).
- CASTILHO, A. T. de (1997). A Gramaticalização. In: *Estudos Lingüísticos e Literários [UFBA]* 19: março de 1997, p.25-63.

CASTILHO, A. T. de (2001a). Para um programa de pesquisas sobre a história social do português de São Paulo. In: MATTOS E SILVA, R. V. (org.). *Para a História do Português Brasileiro: Volume II: Primeiros Estudos*. Tomo II. São Paulo, Humanitas/ FAPESP, P. 337-369.

CASTILHO, A. T. de. (2001b). Introdução à Lingüística Cognitiva, ms. Inédito.

CASTILHO, A.T.de. (2006). Proposta Funcionalista de Mudança Lingüística. Os processos de lexicalização, semanticização, discursivização, e gramaticalização na constituição das línguas. In: LOBO,T.; RIBEIRO,I.; CARNEIRO,Z.; ALMEIDA, N. (orgs.) *Para a História do Português Brasileiro. Volume VI: Novos Dados, Novas Análises*. Salvador, EDU/FBA.

CHRISTIANO, M.E.A. (2000). O verbo como eixo central para análise das estruturas em português. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (eds.). *Estudos de Gramática Portuguesa (II)*. Frankfurt am Main: TFM.

COSTA, S. D. (1987). A partícula *se* em português: algumas funções e pseudo-funções. *Letras & Letras*, Uberlândia 3 (1):11-23.

CROFT, W. (1994). Voice: Beyond Control and Affectedness. In: FOX, B.; HOPPER, P.J. (eds.). *Voice: Form and Function*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Co.

CUMMINS, R. (1995). *Meaning and Mental Representation*. Cambridge, Massachusetts; London, England, The Mit Press.

CUNHA, C. (1975). *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte, Ed. Bernardo Álvares S.A.

CYRINO, S.M.L. (1993). Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Ed. da Unicamp, pp.163-184.

D'ALBUQUERQUE, A.C.R.C. (1984). A perda dos clíticos num dialeto mineiro. *Tempo Brasileiro* 78 79, p.97-121.

DIK, S. C. (1989). *The Theory of Functional Grammar. Part 1: The Structure of the Clause*. Dordrecht Holland/ Province RI:USA:Foris Publications.

DIK, S. C. (1997). *The Theory of Functional Grammar. Part 2: Complex and Derived Constructions*. Berlin/ New York, Mouton de Gruyter.

DIVER, W. (1986). The Latin Precursors of the Romance Reflexive. In: JAEGGLI, O.; SILVA CORVALÁN, C. (eds.). *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht-Holland/Riverton-USA, Foris Publications.

DUARTE, M.E.L. (1986). Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, F (org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Pontes, Campinas.

DUARTE, M.E.L. (2002). Construções com *se* apassivador e indeterminador em anúncios do século XIX. In: ALKMIM, T. M. (org.). *Para a História do Português Brasileiro. Volume III: Novos Estudos*. São Paulo, Humanitas/Unicamp-USP, P.155-176.

DUARTE, M.E.L.; LOPES, C.R.S. (2002). Realizaram, realizou-se ou realizamos...? As formas de indeterminação do sujeito em cartas de jornais do século XIX. In: DUARTE, M.E.L.; CALLOU, M.I. (orgs.). *Para a História do Português Brasileiro. Volume IV: Notícias de corpora e outros estudos*. Rio de Janeiro: UFRJ-Letras/Faperj.

DUTRA, R. (1981). Considerações sobre o *se*: o pronome camaleão. In: MAGRO, M. C.; DUTRA, R. (orgs.). *Ensaio de Lingüística – Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura (UFMG) no. 5*.

FAUCONNIER, G. (1997). *Mappings in Thought and Language*. Cambridge, Cambridge University Press.

FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (1996). Cognitive Links and Domains: Basic Aspects of Mental Space Theory. In: FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (eds.). *Spaces, Worlds and Grammar*. Chicago and London: The University of Chicago Press, p.1-28.

FERREIRA, A.B. de H. (1986). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira.

GALVES, C. (1986). A interpretação 'reflexiva' do pronome no Português do Brasil. *Delta* vol. 2, no. 2, p. 249-264.

GALVES, C. (2001). *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas, SP, Ed. da Unicamp.

GARCIA, E. (1986). Reflexivity turned back on itself. In: JAEGGLI, O.; SILVA-CORVALÁN, C. (eds.). *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht-Holland/Riverton-USA, Foris Publications.

GARDNER, H. (1995). *A Nova Ciência da Mente: Uma História da Revolução Cognitiva*. São Paulo, Edusp, Trad. de Cláudia M. Caon.

GRIMSHAW, J. (1988). On the lexical representation of Romance reflexive clitics. In: BRESNAN, J. (ed.). *The mental representation of grammatical relations*. Cambridge, Massachusetts; London, England, The Mit Press.

GROPPI, M. (2004). O clítico *se* em uma variedade da região nordeste do Brasil: Fortaleza, século XX. Comunicação apresentada no VI Seminário do Projeto para a História do Português Brasileiro.

GUY, G. R. (1981). *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of phonology, syntax and language history*. University of Pennsylvania. PhD Thesis.

HAIMAN, J. (1983). Iconic and Economic motivation. *Language*:59:781-819.

HALLIDAY, M. A. K. (1987). *Language as social semiotic – the social interpretation of language and meaning*. Great Britain, Edward Arnold.

HALLIDAY, M. A. K. (1994). *An Introduction to Functional Grammar*. Great Britain, Edward Arnold.

HEINE, B (1997). *Cognitive Foundations of Grammar*. New York, Oxford University Press.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. (1991). *Grammaticalization: A Conceptual Framework*. Chicago and London, The University of Chicago Press.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S.A. (1980). Transitivity in grammar and discourse. *Language* 56, no. 2, Junho 1980, p.251-299.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. (1993). *Grammaticalization*. Cambridge, Cambridge University Press.

ILARI, R.; FRANCHI, C.; NEVES, M.H.M. (1996). Os pronomes pessoais do português falado: Roteiro para a análise. In: CASTILHO, A.T. de; BASÍLIO, M. (orgs.). *Gramática do Português Falado. Volume IV: Estudos Descritivos*. Campinas-SP, Ed. da Unicamp.

JACKENDOFF, R.S. (1972). *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, Massachusetts e London, England. The Mit Press. Capítulo 4: Pronouns and Reflexives, p.108-177.

JACOB, D. (2004). A reflexividade no português brasileiro: entre gramaticalização e lexicalização. Comunicação apresentada no *VI Seminário do Projeto para a História do Português Brasileiro* (PHPB), 2004.

KATO, M.A.; TARALLO, F. (1986). Anything you can do in Brazilian Portuguese. In: JAEGGLI, O.; SILVA CORVALÁN, C. (eds.). *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht-Holland/Riverton-USA Foris Publications.

KEMMER, S. (1993). *The Middle Voice*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company.

KEMMER, S. (1994). Middle Voice, Transitivity, and the Elaboration of Events. In: FOX, B.; HOPPER, P.J.(eds.). *Voice: Form and Function*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Co.

LABOV, W. (1975). On the use of the present to explain the past. In: HEILMANN, L. (ed.). *Proceedings of the 11th International Congress of Linguistics*. Bologna:II Mulino, p.825-851.

LABOV, W. (1972/1991). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 11^a ed, 1991.

LABOV, W. (1994). *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford-UK/Cambridge-USA, Blackwell Publishers, vol 1.

LABOV, W. (1995). The case of the missing copula: The interpretation of zeroes in African-American English. In: GLEITMAN, L.R.; LIBERMAN, M. (eds.). *An Invitation to Cognitive Science. Volume 1: Language*. Cambridge, Massachusetts; London, England, The Mit Press, p. 25-54.

LABOV, W. (2001). *Principles of Linguistic Change: External Factors*. Cambridge/Philadelphia, Blackwell Publishers, vol 2.

LAKOFF, G. (1996). Sorry, I'm not myself today: The metaphor system for conceptualizing the Self. In: FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (eds.). *Spaces, Worlds and Grammar*. Chicago and London: The University of Chicago Press, p.91-123.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago and London, The University of Chicago Press.

LANGACKER, R. W. (1987). *Foundations of Cognitive Grammar. Volume 1: Theoretical Prerequisites*. Stanford, California, Stanford University Press.

LEMLE, M. (1985). Pronomes, anáforas, zero: observações sobre uma mudança lingüística. *Delta*, vol. 1, no. 1-2, p. 121-124.

LIMA HERNANDES, M. C. (2004). O processamento das funções de base comparativa: Proposta de análise funcional. Comunicação apresentada nos Seminários de Lingüística Funcional, USP, 2004.

LUCCHESI, D. (1994). Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolingüística do português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, no. 12, dezembro de 1994, p.17-28.

LYONS, J. (1987). *Linguagem e Lingüística: Uma Introdução*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara Koogan.

MATTOS E SILVA, R. V. (1998). Idéias para a história do português brasileiro: fragmentos para uma composição posterior. In: CASTILHO, A. T. de (org.). *Para a História do Português Brasileiro. Volume I: Primeiras Idéias*. São Paulo, Humanitas/FAPESP.

MATTOS E SILVA, R. V. (2001). De fontes sócio-históricas para a história social lingüística do Brasil: em busca de indícios. In: MATTOS E SILVA, R.V. (org.). *Para a História do Português Brasileiro. Volume II: Primeiros Estudos*. Tomo I e Tomo II. São Paulo, Humanitas/FAPESP.

MATTOS E SILVA, R. V. (2002). Para a história do português culto e popular brasileiro: Sugestões para uma pauta de pesquisa. In: ALKMIM, T. M. (org.). *Para a História do Português Brasileiro. Volume III: Novos Estudos*. São Paulo, Humanitas/Unicamp-USP, p.443-464.

MATTOS E SILVA, R. V. (2004). *“O português são dois...”: Novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo, Parábola Editorial.

MAURER JR., T.H. (1951). *Dois problemas da Língua Portuguesa – o infinito pessoal e o pronome se*. São Paulo, Ind. Graf. José Magalhães.

MICHELETTI, H. (2000). *A indeterminação do sujeito: um estudo do pronome de terceira pessoa do plural*. São Paulo, USP, Dissertação de Mestrado.

MIRA MATEUS, M.H. et. al. (1983). *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra, Livraria Almedina.

NARO, A.J. (1976). The genesis of the reflexive impersonal in Portuguese. A study in syntactic change a surface phenomenon. *Language* 52, p.779-810.

NEVES, M.H.M. (2000). *Gramática de usos do português*. São Paulo, Ed. Unesp.

NUNES, J. (1991). *Se* apassivador e *se* indeterminador: O percurso diacrônico no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 20, p.33-58.

NUNES, J. (1993). Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Ed. da Unicamp, p.207-222.

NUNES, J. (1995). Ainda o famigerado *se*. *Delta*, vol. II, no.2, p.201-240.

OLIVEIRA, M. (2006). Nós *se* cliticizou-se? In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (orgs.) *Para a História do Português Brasileiro. Volume VI: Novos Dados, Novas Análises*. Salvador, EDU/FBA.

OSHERSON, D. N. (1995). The study of Cognition. In: GLEITMAN, L.R.; LIBERMAN, M. (eds.). *An Invitation to Cognitive Science. Volume 1: Language*. Cambridge, Massachusetts; London, England, The Mit Press.

PEREIRA, D.C. (2004). *Concordância verbal na língua falada nas trilhas das bandeiras paulistas*. São Paulo, USP, Dissertação de Mestrado.

PEREIRA, D. C. (2006). Passivas Reflexivas no português brasileiro popular. *Estudos Lingüísticos* XXXV. Campinas, São Paulo, Gel.

REICH, U. (2006). O morro é feito de samba: gramaticalização, prosódia e o cada vez mais famigerado *se*. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (orgs.). *Para a História do Português Brasileiro. Volume VI: Novos Dados, Novas Análises*. Salvador, EDU/FBA.

REINHART, T.; REULAND, E. (1993). Reflexivity. *Linguistic Inquiry*, vol. 24, no. 4, p.657-720.

ROBERTS, I. (1993). O português brasileiro no contexto das línguas românicas. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Ed. da Unicamp, p.409-425.

RODRIGUES, A.C.S. (1987). *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. São Paulo, USP, Tese de Doutorado.

RODRIGUES, A.C.S.; PEREIRA, D.C. (2004). Reflexivos no Português Brasileiro Popular. Comunicação apresentada no VI Seminário do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB), 2004.

RODRIGUES, A.C.S.; PEREIRA, D.C. (2006). Pronomes reflexivos no português popular brasileiro. In: VALENCIA, A. (ed.) *XIV Congresso Internacional de la ALFAL*. Monterrey (México). Cópia em CD.

RODRIGUES, A.C.S.; PEREIRA, D.C. (no prelo). Pronomes clíticos anafóricos e expressão da passiva reflexa no português popular brasileiro. Resumo aceito no IV Congresso Internacional da *Abralin*, realizado em 2005.

SAID ALI, M. (1966). *Dificuldades da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 6ª ed. O pronome *se*, p. 89-101.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. (1993). Duas dimensões do paralelismo formal a concordância verbal no português popular do Brasil. In: *Delta*, vol.9, n.1, 1993, p.1-14.

SCHMIDT-RIESE, R. (2002). Sobre mudanças e variedades no espanhol quinhentista: O caso das construções com *se*. In: ALKMIM, T. M. (org.). *Para a História do Português Brasileiro. Volume III: Novos Estudos*. São Paulo, Humanitas/Unicamp-USP, p.247-78.

SILVA, A. S. da (2004). Introdução: Linguagem, Cultura e Cognição, ou a Lingüística Cognitiva. In: SILVA, A. S. da; TORRES, A.; GONÇALVES, M. (orgs.). *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Lingüística Cognitiva*. Vol. 1, Coimbra, Almedina, p.1-18.

TALMY, L. (2003a). *Toward a Cognitive Semantics. Volume I: Concept Structuring Systems*. Cambridge, Massachusetts/ London, England, The Mit Press.

TALMY, L. (2003b). *Toward a Cognitive Semantics. Volume II: Typology and Process in Concept Structuring*. Cambridge, Massachusetts/ London, England, The Mit Press.

TARALLO, F. (1993). Diagnosticando uma gramática brasileira: O português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Ed. da Unicamp, p.69-106.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. (1968). Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (eds.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin & London, University of Texas Press.